



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

**IMIGRAÇÃO, RITUAIS E IDENTIDADE**

**ESTUDO EXPLORATÓRIO COM DESCENDENTES DE IMIGRANTES  
CABO-VERDIANOS**

Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de  
Mestre em Ciências da Família, especialização em Orientação e Mediação Familiar

por

SUMITRA CORREIA TAVARES HERBERT

Faculdade de Ciências Humanas, Instituto de Ciências da Família



Agosto 2012





UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

**IMIGRAÇÃO, RITUAIS E IDENTIDADE**

**ESTUDO EXPLORATÓRIO COM DESCENDENTES DE IMIGRANTES  
CABO-VERDIANOS**

Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de  
Mestre em Ciências da Família, especialização em Orientação e Mediação Familiar

por

SUMITRA CORREIA TAVARES HERBERT

Sob Orientação de  
Professor Doutor Wolfgang Lind

Faculdade de Ciências Humanas, Instituto de Ciências da Família



Agosto de 2012



## RESUMO

A integração social dos descendentes de imigrantes tem sido um desafio da sociedade contemporânea a nível mundial e Portugal não é exceção. A luta por uma afirmação/aceitação social a passos com uma identidade cultural dividida entre o país dos seus ascendentes e o país onde nasceram é constante.

Vários autores já escreveram sobre as inúmeras problemáticas relacionadas com a população de origem cabo-verdiana (Cardoso, 2006; Rosales, Jesus & Parra, 2009; Vala, 2003), nomeadamente a sua integração social e o seu sentido de pertença a Portugal; mas continuam a existir imensas fragilidades nesta sociedade de acolhimento que ainda os define como “Imigrantes de segunda geração”, já os excluindo por aí, não os considerando parte da nação portuguesa.

Neste estudo pretende-se contribuir para um melhor conhecimento dos descendentes de imigrantes cabo-verdiano (filhos e netos de imigrantes cabo-verdianos residentes em Portugal), procurando perceber qual a sua identidade cultural e se no seio destas famílias existem “vestígios” da cultura cabo-verdiana, tendo em vista contribuir para uma melhor compreensão da cultura, das rotinas e rituais familiares desta população; analisar os fatores de risco que casualmente se encontrem nestas famílias, que possam impedir uma melhor integração social e elaborar pistas gerais para poder melhor intervir/mediar junto destas famílias.

Através de um estudo exploratório qualitativo, com uma amostra constituída por filhos de imigrantes cabo-verdianos, residentes na área metropolitana de Lisboa (n=20), utilizou-se um guião de entrevista semiestruturado composto por 41 perguntas e um questionário sociodemográfico. Importa referir que muitas das perguntas eram reportadas aos filhos dos entrevistados.

Os resultados sugerem que os descendentes de imigrantes são detentores de novas identidades, que se propagam para além da pertença étnica, operando como elo de ligação entre os modelos de socialização propostos pela sociedade portuguesa e as referências identitárias das origens culturais dos seus antepassados, reinventando e reinterpretando as suas referências identitárias.

**Palavras – chave:** *Imigração; Identidade Cultural; Educação.*



## ABSTRACT

### *Immigration, Rituals and Identity - Exploratory Study with Descendants of Cape Verdean Immigrants*

The social integration of children of immigrants has been a challenge of contemporary society in the world and Portugal is no exception. The struggle for a affirmation / social acceptance grappling with a cultural identity divided between the country of their ancestors and the birthplace is constant.

Several authors have written about the many issues related to the population of Cape Verdean origin (Cardoso, 2006; Rosales, Jesus & Parra, 2009; Vala, 2003), particularly on their social integration and sense of belonging to Portugal, but there are still numerous weaknesses in this host society which still defines them as "second-generation immigrants", which by itself, is a way of exclusion and do not consider them as part of the Portuguese nation.

This study aims to contribute to a better understanding of the descendants of Cape Verdean immigrants, sensing their cultural identity and if within these families are "traces" of Cape Verdean culture in order to contribute to a better understanding of their culture, routines and family rituals, analyze the risk factors that are casually found on these families, which may prevent a better social integration in order to develop general clues for a better intervention / mediation with these families.

Through a quantitative exploratory study with a sample of children of Cape Verdean immigrants living in the Lisbon metropolitan area (n = 20), we used a semi-structured interview guide with 41 questions and a socio-demographic questionnaire. It should be noted that many of the questions were reported to the children of the participants.

The results suggest that the descendants of immigrants are holders of new identities, which spread beyond ethnicity, operating as a link between socialization models proposed by the Portuguese society and the references to the cultural identity origins of their ancestors, reinventing and reinterpreting their identity references.

**Keywords:** *Immigration, Cultural Identity, Education.*





*“Cabo Verde e os cabo-verdianos constituem  
Avenidas de Comunicação com o resto do Mundo (...)  
Ser descendente de cabo-verdianos constitui uma vantagem!”*  
(Cardoso, 2006: 8)



## AGRADECIMENTOS

Àquele que está presente em todos os momentos da minha vida, que me dá forças e me sustenta a cada segundo. A quem, acima de todas as coisas, agradeço pelo ar que respiro, pela alegria de viver e por ter tantas pessoas que me amam ao meu redor. Não poderia deixar de agradecer em primeiro lugar a Deus. Obrigada Senhor, pelas vezes que me Deste forças quando a estrada parecia longa e difícil.

Obrigada à mulher da minha vida, minha mãe, minha amiga e minha companheira. Obrigada por seres uma lutadora, um exemplo de mulher africana, sem ti nada disto seria possível.

Agradeço à minha família e aos amigos que sempre depositaram em mim confiança, sem vocês o meu mundo seria um lugar triste e vazio.

O meu muito obrigado ao meu orientador, Professor Doutor Wolfgang Lind, pela paciência e compreensão.

A toda a Equipa da Associação “Olho Vivo” e principalmente à Presidente Flora Silva, que tanto têm lutado pelo reconhecimento dos direitos dos imigrantes em Portugal, que estiveram sempre disponíveis fazendo uma ponte entre mim e alguns entrevistados, os meus sinceros agradecimentos. Sem a vossa ajuda não seria possível realizar este trabalho.

Não posso deixar de agradecer a todos aqueles que disponibilizaram um pouco do seu tempo para serem entrevistados. Que abriram as portas de suas casas, sem conhecerem quem nelas batia, demonstrando a simpatia e a simplicidade do povo cabo-verdiano.

Dedico este projeto àquele que é e sempre será uma inspiração na minha vida, João do Nascimento de Burgo Correia Tavares, mais conhecido por Papá Jones, meu avô, meu pai, a pessoa que mais admiro neste mundo.



## Índice

INTRODUÇÃO .....	1
PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....	6
CAPÍTULO 1. Migrações .....	8
1.1. Migrações.....	9
1.2. O Caso Português.....	11
1.3. A História da Emigração Cabo-verdiana .....	14
1.4. Comunidade cabo-verdiana em Portugal .....	18
CAPÍTULO 2. IDENTIDADE CULTURAL .....	24
2.1. Cultura.....	24
2.2. Família .....	26
2.2.1. Família Cabo-verdiana .....	29
2.2.2. Os Filhos e Netos de Imigrantes Cabo-verdianos – Identidade .....	32
2.3. Rituais e Rotinas Familiares .....	38
2.4. Língua – Identidade de um Povo .....	42
CAPÍTULO 3. MEDIAÇÃO .....	46
3.1. Mediação Familiar .....	46
3.1.1. Perguntas, uma Ferramenta de Trabalho.....	51
3.1.2. A Linguagem Não-Verbal.....	54
3.2. Mediação Intercultural .....	56
PARTE II - ESTUDO EMPÍRICO .....	60
CAPÍTULO 4. CONCEPTUALIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA .....	62
4.2. METODOLOGIA .....	64
4.2.1. Desenho da Investigação.....	64
4.2. 2. Amostra.....	65
4.2.3. Procedimento de Recolha de Dados.....	71
4.2.4. Instrumentos.....	73
4.2.4.1. Questionário Sócio – demográfico.....	73
4.2.4.2. Entrevista Semi-estruturada .....	73
4.2.5. Metodologia de Análise de Dados .....	74
CAPÍTULO 5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS .....	76
5.1. Identidade Cultural.....	76
5.2. Referências Culturais Relativas a Cabo-Verde .....	80

5.3. O Crioulo .....	83
CAPÍTULO 6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	86
CAPÍTULO 7. PISTAS PARA MEDIAR ESTAS FAMÍLIAS .....	95
CAPÍTULO 8. CONCLUSÃO .....	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	105
ANEXOS .....	113
ANEXO A - FORMULÁRIO DE CONSENTIMENTO INFORMADO .....	114
ANEXO B - QUESTIONÁRIO SÓCIO - DEMOGRÁFICO .....	116
ANEXO C - GUIÃO DE ENTREVISTA .....	119
ANEXO D - CRONOGRAMA .....	124

## Índice de Figuras

Figura 1. Tipos de Abordagem em Mediação .....	51
--	----

## Índice de Quadros

Quadro 1 - Cabo-verdianos no Estrangeiro no Final dos Anos 80, em Três Continentes, de acordo com Dois Critérios .....	17
Quadro 2- Tipos de Perguntas .....	53
Quadro 3 - Sexo, Idade e Estado Civil da Amostra .....	66
Quadro 4 - Nível de Escolaridade, Situação Profissional e Grupo Profissional da Amostra .....	67
Quadro 5- Origem do Companheiro .....	68
Quadro 6 - Número e Idade dos Filhos .....	69
Quadro 7- Nacionalidade .....	70
Quadro 8 - Conhece Cabo-Verde .....	71
Quadro 9 - Identidade Cultural .....	76
Quadro 10 - <i>Identidade Cultural (relativamente às referências existentes)</i> .....	767
Quando 11 - <i>Identidade Cultural vrs Conhece Cabo-Verde (o próprio)</i> .....	767
Quadro 12 - Identidade vrs Nacionalidade (o próprio) .....	78
Quadro 13 - Identidade vrs Origem do Companheiro .....	79
Quadro 14 - Origem dos Amigos .....	79
Quadro 15 - Tipos de Música .....	80
Quadro 16 - Programas de TV .....	81
Quadro 17 - Os filhos Sabem Dançar? .....	81
Quadro 18 - Ceia de Natal .....	82

Quadro 19 - Comidas Preferidas .....	82
Quadro 20 - Transmissão da Cultura Cabo-verdiana vrs Escolaridade .....	83
Quadro 21 - Entendimento do Crioulo.....	84
Quadro 22 - Identidade vrs Utilização do Crioulo na Relação com os Filhos .....	84





## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como finalidade contribuir para um melhor conhecimento da população descendente de imigrantes cabo-verdianos; analisar os fatores de risco que casualmente se encontrem nestas famílias, que possam impedir uma melhor integração social e elaborar pistas gerais para poder melhor intervir/mediar junto destas famílias. Trata-se de um estudo exploratório com base numa metodologia qualitativa. Tendo como população-alvo os filhos de imigrantes cabo-verdianos o objetivo consiste em averiguar se na rotina das suas famílias e na educação dada aos filhos (netos de imigrantes), está presente a cultura, os costumes e os rituais do país de origem. Se o facto de serem descendentes de cabo-verdianos influencia a sua maneira de estar, viver e principalmente a sua identidade.

Nas sociedades contemporâneas, os movimentos migratórios têm vindo a ganhar um carácter de complexidade e heterogeneidade, sendo este um desafio para grande parte dos países. Estes englobam diferentes causas e diferentes estatutos do migrante, aspetos que acabam por determinar o tempo de residência no país de acolhimento, assim como as condições da migração (WHO, 2003). O impacto do fenómeno migratório vai depender da capacidade das infraestruturas dos países de destino e das condições de acolhimento. O desenvolvimento de processos que envolvem as populações imigrantes e a sociedade de acolhimento que motivam a adaptação, integração, assimilação, separação ou marginalização, durante a migração, vão determinar o tipo de relação entre as populações nacionais e imigrantes; procurando diminuir o choque cultural que as populações imigrantes possam sentir pela potencial diferença entre culturas, normas, hábitos e língua. O que muitas vezes pode constituir uma barreira à sua integração nas sociedades de acolhimento (Bourhis, Moise, Perreault e Senécal, 1997).

As autoras Rosales, Jesus e Parra (2009), defendem que os descendentes de imigrantes constituem uma população complexa e multifacetada e que necessita ser melhor conhecida. É importante que estes se sintam bem no meio onde vivem e que exista um esforço intercultural e pessoal para conviverem com os seus pares, sejam eles nativos ou de grupos socioculturais minoritários.

É no sucesso da integração dos descendentes diretos dos imigrantes que se avalia a eficácia da política de acolhimento e os valores de fraternidade existentes na cultura majoritária. A falência dos processos de integração dos descendentes de imigrantes dá origem a conflitos sociais de rua, dificilmente controláveis.

A identidade cultural destes descendentes de imigrantes cabo-verdianos, tal como o sentido de pertença a Portugal, têm sido tema de estudo de vários autores. Vala (2003), no estudo realizado com jovens descendentes de imigrantes, constatou que apesar destes jovens possuir a nacionalidade portuguesa, apenas uma minoria identifica-se como portugueses.

Em contexto multicultural os fatores sociais são o resultado do (des)encontro das culturas, dando-se importância às características da cultura de origem dos imigrantes, tendo em conta que as atitudes e os comportamentos destes, nos contextos de acolhimento, estão fortemente ligados a essa especificidade (Grassi & Évora, 2007).

Neste estudo, procura-se ver a cultura, não como uma propriedade do indivíduo, mas como algo que interage com um contexto mais amplo (*Teorias ecossistémicas*, com origem no modelo ecossistémico de Bronfenbrenner, 1977, 1979a, 1979b, 1986, Bronfenbrenner & Evans, 2000). Tendo em conta esta abordagem, pretendemos investigar se a cultura cabo-verdiana está presente na vida e na educação dos filhos e netos de imigrantes cabo-verdianos e de que forma isso vai influenciar as identidades daqueles que têm Portugal como país da sua naturalidade.

As famílias são efetivamente, agentes privilegiados da transmissão de valores humanos e da cultura de um povo. «*A realização dos rituais familiares, não só envolve a família no seu todo, como revela também a cultura de onde são provenientes. Por outro lado, o conhecimento ou desconhecimento de uma língua está ligada à comunicação intra e extra familiar*» (Lind, 2008: 81).

Existem variações culturais nos rituais familiares que ajudam a perceber como as famílias são diferentes consoante a sua cultura. As rotinas e os rituais permitem-nos uma análise mais profunda sobre em que medida a cultura afeta a regulação familiar. Permite-nos perceber como a vida familiar pode afetar a adaptação e o

ajustamento do indivíduo e também como as perspetivas e características individuais podem afetar toda a família.

A tese apresenta-se organizada em duas partes: a primeira consiste no enquadramento teórico que incide na revisão de literatura sobre as principais teorias e definições conceptuais sobre o tema em análise; a segunda parte foca-se no estudo empírico, integrando os principais objetivos, as questões de investigação e a metodologia utilizada, seguindo-se a apresentação e análise dos resultados, a discussão destes, para antes das principais conclusões, dar algumas pistas de como mediar estas famílias.

A primeira parte é composta por 3 capítulos:

O primeiro capítulo, *Migrações*, apresenta uma breve síntese sobre as migrações a nível mundial, passando pelo caso português e posteriormente, faz-se uma breve abordagem da história da emigração cabo-verdiana e os seus principais contornos. Para finalizar, caracterizamos a comunidade cabo-verdiana residente em Portugal, esta que é atualmente, uma das maiores comunidades estrangeiras residentes no nosso país.

O segundo capítulo, *Identidade Cultural*, apresenta conceitos como: cultura, família, rituais e rotinas familiares; conceitos que servirão de base para este estudo. É nesta parte do trabalho que iremos abordar as questões da língua e da identidade cultural, caracterizando também os filhos e netos dos imigrantes cabo-verdianos em Portugal, sendo estes o objeto da nossa investigação.

O terceiro capítulo, *Mediação*, introduz o tema da mediação através da apresentação dos conceitos de *Mediação Familiar e Mediação Intercultural*. Duas das inúmeras vertentes da Mediação, em que os mediadores adotam procedimentos diferentes tendo em conta que a temática, o ambiente em que intervêm e o público-alvo, são completamente destintos. Achamos que a conjugação destes dois tipos de Mediação poderá ser o caminho para atingir o objetivo delineado.

A segunda parte é composta por 5 capítulos:

O quarto capítulo, *Conceptualização da Investigação Empírica*, refere-se à fundamentação conceptual do estudo empírico. No seguimento do enquadramento teórico, este capítulo apresenta uma conceptualização da investigação empírica com uma breve delimitação do problema de investigação, sistematização dos objetivos do estudo para posteriormente descrever e caracterizar a metodologia adotada.

No quinto capítulo, *Apresentação e Análise dos Resultados*, pretende-se reportar os principais resultados deste estudo relativamente às questões de investigação anteriormente levantadas. Os resultados apresentados foram sujeitos a uma análise de conteúdo através do programa NVivo 8 tendo em conta os objetivos e as características das variáveis em estudo.

No sexto capítulo, *Discussão dos Resultados*, apresenta-se a reflexão e discussão dos resultados obtidos, tendo em conta as questões iniciais desta investigação que decorreram da revisão de literatura. Ambiciona-se fornecer os elementos essenciais para a compreensão da dinâmica destas famílias com vista a um melhor entendimento da identidade cultural dos descendentes dos imigrantes cabo-verdianos.

O sétimo capítulo, *Pistas para Mediar estas Famílias*, tem como objetivo dar algumas pistas aos profissionais da Mediação Familiar, de como mediar e/ou intervir com estas famílias. Tendo como base os conceitos de Mediação Familiar e Mediação Intercultural, visando uma intervenção que respeita a identidade cultural, por parte dos profissionais que interagem com esta população.

No oitavo e último capítulo, *Conclusão*, apresenta-se as principais linhas de orientação e conclusões deste estudo. Além disso, são mencionados, algumas limitações e contributos desta investigação, assim como pistas para futuros estudos.



## **PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO**



## **CAPÍTULO 1. Migrações**

Emigração/A dor da Partida  
(...)

Partes com o desejo de aventura  
Tantos sonhos a realizar  
Mas a realidade te amargura  
Sentes tuas esperanças gelar  
Como uma papoila ressequida  
A esperança renasce na alma  
Como uma gaivota perdida  
Ides em busca de uma vida melhor!

Tentas tudo para te integrares  
neste novo mundo desconhecido  
Aprendes a língua, para melhor comunicares  
E colorir um pouco o sonho vivido.  
Ah, irmão, e no entanto choras por dentro  
Dos cheiros, da família e do País  
Cruel sorte de todos aqueles  
Que têm que partir para ser feliz!

Os anos passaram e já esqueces-te  
As incertezas dos primeiros anos  
No fundo valeu pelo que cresces-te  
Ter atravessado os oceanos.

Sãozinha - Vony Ferreira (2008)



Este capítulo apresenta uma breve síntese sobre as migrações a nível mundial, passando pelo caso português e posteriormente, com vista a um melhor entendimento deste estudo, achamos que seria imprescindível fazer uma breve abordagem da história da emigração cabo-verdiana e os seus principais contornos. Para finalizar, caracterizamos a comunidade cabo-verdiana residente em Portugal, essa que é atualmente, a terceira maior comunidade estrangeira residente no nosso país.

### **1.1. Migrações**

Os movimentos migratórios têm vindo a ganhar um carácter de complexidade e heterogeneidade, sendo este um desafio para grande parte dos países. Graças à globalização, nos últimos anos, tem-se assistido a uma redefinição dos “mapas da migração”, uma vez que têm surgido novas rotas com diferentes destinos, locais de origem e trânsito. Nesse contexto, importa referir que a migração internacional é um processo que envolve, tanto o país de origem, o de destino e retorno como o de trânsito.

Estima-se que aproximadamente 3% da população mundial não vive, permanente ou temporariamente, no seu país de origem. A Europa é a principal região de destino ou de trânsito para os imigrantes internacionais, ficando à frente da Ásia, América do Norte e África (GCIM, 2005; IOM, 2005; UN, 2006).

Não existe uma definição consensual de “migrante”. Segundo a IOM (2004), o termo engloba a generalidade dos casos em que o indivíduo, sem pressão de fatores externos, decide abandonar o seu país de origem para residir noutro. Para a OMS, “migrante” é a pessoa que abandonou o seu país por razões políticas, económicas, sociais ou ambientais, tendo em vista melhores condições de vida. Já para as Nações Unidas, qualquer pessoa que vive, permanentemente ou temporariamente, num país no qual não nasceu e no qual criou relações, é considerado “migrante” (Dias & Rocha, 2009).

Quando falamos de migração, podemos referir-nos à migração voluntária ou forçada. Migração voluntária é aquela em que o indivíduo migra por decisão própria com vista à obtenção de melhores condições de vida. Nesse grupo, estão incluídos os migrantes laborais, os estudantes e familiares de imigrantes que migram para reagrupamento. No segundo caso, os migrantes são forçados a deslocarem-se do seu país, devido a fatores como: o ambiente (catástrofes naturais, ou químicas); fome; questões políticas (guerras civis). Não existindo motivação própria para abandonar o país de residência, a migração constitui assim um meio para fugir de uma situação de ameaça, prisão, violência ou morte. Existem ainda migrações regulares e irregulares, ou seja, migrantes regulares são todos aqueles cuja permanência no país é permitida pelas autoridades oficiais. Caso o migrante entre e/ou permaneça no país sem autorização legal, encontra-se numa situação de migração irregular.

As migrações provocam impacto tanto nos países de origem, como de trânsito e de acolhimento. A emigração da população pode significar perda de população ativa e qualificada. Desse modo, a emigração desses profissionais poderá constituir uma perda de recursos económicos e humanos, por parte dos governos que investiram na formação profissional (WHO, 2003).

Para os países de acolhimento, o impacto da imigração pode verificar-se a nível cultural, demográfico, legislativo, laboral e económico. A imigração pode ser o sinónimo de aumento de mão-de-obra disponível, no entanto o aumento do número de trabalhadores, muitas vezes pouco qualificados tem implicações para o mercado de trabalho, para além de poder incentivar o trabalho ilegal, em condições precárias ou de exploração (Dias & Rocha, 2009).

O impacto do fenómeno migratório vai depender da capacidade de infraestruturas dos países de destino e das condições de acolhimento. O desenvolvimento de processos que envolvem as populações imigrantes e a sociedade de acolhimento como a adaptação, integração, assimilação, separação ou marginalização, durante a migração, vão determinar o tipo de relação entre as populações nacionais e imigrantes. Procurando diminuir o choque cultural que as populações imigrantes possam sentir pela potencial diferença entre culturas, normas, hábitos e língua, o

que muitas vezes pode constituir uma barreira à sua integração nas sociedades de acolhimento (Bourhis, Moise, Perreault & Senécal, 1997).

Em termos gerais, a migração internacional tem sido considerada como a movimentação física de pessoas entre países diferentes e por períodos variados de tempo (IOM, 2003; WHO, 2003). Esta engloba diferentes causas e diferentes estatutos do migrante, aspetos que acabam por determinar o tempo de residência no país de acolhimento, assim como as condições da migração (WHO, 2003).

## **1.2. O Caso Português**

*“O imigrante, antes de ‘nascer’ para a imigração, é primeiro um emigrante”.*

(Abdelmalek Sayad, 1991: 18)

Portugal, até à década de 60 do século XX, foi um país predominantemente marcado pela emigração. Os fluxos migratórios em Portugal, registavam um saldo claramente negativo originado pela saída de cidadãos nacionais, designadamente com destino às então províncias ultramarinas e ao resto da Europa. Com a revolução de 25 de Abril de 1974 e a consequente independência dos atuais Países Africanos de Língua Portuguesa Oficial (PALOP's), dá-se o regresso massivo de cidadãos provenientes daqueles territórios (SEF, 2010; Malheiros, 2002). Juntamente com a descolonização, sucedeu-se a abertura de mercados que levou ao desenvolvimento económico que transformaram Portugal num país de imigração, à semelhança de outros países da Europa (Dias & Rocha, 2009). Factores que contribuíram para que em 1980, a população estrangeira residente legalmente em território nacional, representasse 0,5% da população total, sendo que em 1960 não ultrapassava os 0,3% (SEF, 2006).

O início da década de 80 foi marcado por um aumento exponencial do número de estrangeiros residentes em Portugal, tendo em conta que, muitos que outrora eram cidadãos portugueses tinham agora estatuto de estrangeiro. O que ocorreu mais significativamente com a comunidade cabo-verdiana residente. No decorrer dos anos 90, assiste-se a um crescimento e consolidação da população estrangeira residente, destacando-se a comunidade brasileira e comunidades oriundas dos

países africanos de expressão portuguesa (Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe).

Durante muitos anos, Portugal recebia, essencialmente, cidadãos das antigas colónias mas com a entrada na União Europeia e com as novas políticas de imigração, temos visto chegar ao nosso país cidadãos das mais diferentes nacionalidades como ucranianos, chineses, paquistaneses, etc. (SEF, 2010). Portugal, após a consolidação da imigração dos PALOP's e/ou de uma imigração europeia, passa a atrair imigrantes laborais ou económicos de múltiplas origens, inclusive de países com os quais não possuía laços privilegiados. Foi possível confirmar as mudanças na imigração em Portugal e atestar a emergência de comunidades imigrantes, anteriormente pouco significativas do ponto de vista quantitativo, através das autorizações de permanência concedidas ao abrigo do Decreto-Lei 4/2001 de 10 de Janeiro. Em apenas um ano (2001), e ao abrigo do artigo 55 do Decreto-Lei 4/2001, foram concedidas 126.901 autorizações de permanência a trabalhadores estrangeiros que se encontravam ilegalmente em território português. Pela primeira vez, imigrantes moldavos, ucranianos, romenos ou russos, surgem no topo das estatísticas em Portugal.

Segundo os dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, a 31 de Dezembro de 2011 o total da população estrangeira residente em território nacional era de 436.822 cidadãos, o que representa um decréscimo de -1,90% face ao ano transato. As nacionalidades estrangeiras mais expressivas em Portugal são: brasileira (111.445), ucraniana (48.022), cabo-verdiana (43.920), romena (39.312), angolana (21.563) e guineense (18.487), as quais representam assim, 64.7% dos imigrantes com permanência regular em território português. Importa referir que estes dados são obtidos através do número de autorizações de residência concedidas pelo governo português, portanto ficam de fora todos os imigrantes que se encontram numa situação ilegal.

Tendo em conta o panorama migratório português, é possível agrupar a população estrangeira residente em território nacional em quatro grupos distintos:

1º Grupo – Imigrantes originários dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP's), Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S.

Tomé e Príncipe. Grupo que apresenta características comuns e que na sua maioria são migrantes laborais (Baganha 1996, 1998b cit. por Góis, 2006);

2º Grupo – Imigrantes de origem brasileira que tal como os pertencentes ao primeiro grupo, são na sua maioria migrantes laborais mas podendo ser divididos em dois subgrupos, o dos migrantes altamente qualificados e o dos trabalhadores não qualificados ou pouco qualificados (Peixoto, 1998);

3º Grupo – Imigrantes originários de Países da União Europeia, que tal como acontece com o grupo anterior, poderá ser dividida em dois subgrupos distintos: o dos migrantes reformados, e o dos indivíduos altamente qualificados (Góis, 2006);

4º Grupos – Este grupo, relativamente mais recente do que os demais grupos é composto por migrantes sem qualquer ligação com Portugal, escolhendo o nosso país num contexto de passagem ou de destino final. Pertencem a este grupo tanto migrantes altamente qualificados, quer trabalhadores não qualificados. Estes podem ser indianos, zairenses, chineses, etc. (Machado, 1997: 11 cit. por Góis, 2006).

A população imigrante tende a concentrar-se nos grandes centros urbanos, sendo assim os distritos de Lisboa (188.259 cidadãos), Faro (68.953 cidadãos) e Setúbal (475.158 cidadãos), aqueles onde reside um maior número de imigrantes (SEF, 2011).

Em 2010, Portugal, através da avaliação pelo MIPEX III, foi classificado em primeiro lugar no ranking das políticas de reagrupamento familiar e em quarto no acesso dos imigrantes a autorização de residência permanente.

*«O crescimento sustentado dos estrangeiros residentes em Portugal verificado na última década foi quebrado nos anos de referência de 2005 e de 2010. (...) está associado à ocorrência simultânea de diversos fatores, designadamente o aumento da atribuição de nacionalidade portuguesa (desde a última alteração à lei da nacionalidade), a crise económica e financeira que Portugal enfrenta (redução do investimento e do emprego), bem como a alteração dos processos migratórios em alguns países de origem (nomeadamente o Brasil e Angola)» (SEF, 2010: 18).*

### 1.3. A História da Emigração Cabo-verdiana

*“Quando o homem foi à Lua, ao chegar lá encontrou um cabo-verdiano.”*

(Piada popular cabo-verdiana)

Para que se possa compreender o fenómeno da emigração cabo-verdiana, e as suas características peculiares, é necessário conhecer a história do arquipélago e as suas condições naturais adversas.

O arquipélago de Cabo-Verde, localizado na costa Ocidental da África, foi descoberto pelos portugueses nos anos 1460. Tendo sido a ilha de Santiago a primeira ilha a ser povoada, em 1462 com a chegada de António de Noli e a sua comitiva constituída pela família e por portugueses do Algarve e do Alentejo (Andrade, 1995).

*«Era intenção dos Portugueses proceder a um povoamento branco, tal como nos Açores e na Madeira; contudo, os rigores do clima e a falta de cereais, base da alimentação dos Europeus na altura, dificultaram o povoamento. O povoamento de Cabo Verde tornou-se possível através da concessão de uma carta de privilégios na qual D. Afonso V oferecia ao infante D. Fernando uma espécie de jurisdição em matéria civil e criminal sobre todos os mouros, brancos ou negros, livres ou escravos que fossem cristãos. Atribuía-se ainda aos habitantes de Cabo Verde o direito perpétuo de fazer o comércio e o tráfico de escravos em todas as regiões da Guiné, à exceção da feitoria de Arguim, cuja exploração estava reservada à Coroa. Foi, portanto, a autorização concedida aos senhores portugueses para praticarem o tráfico de escravos que determinou o povoamento destas ilhas. Assim, no povoamento de Cabo Verde houve escravos e negros livres que acompanhavam os comerciantes, os mercenários e os capitães dos navios, e todas as etnias existentes na Costa da Guiné participaram, em proporções diversas, na constituição do povo cabo-verdiano. A mestiçagem deste povo resultou essencialmente das relações senhor branco/negra escrava ou dos membros do clero e suas “concubinas negras”» (Amaral, 1964; Andrade, 1995; Batalha, 2004; Lobban, 1995 cit. por Grassi & Évora, 2007: 26 e 27).*

Desde cedo, a instrução da população ficou a cargo da igreja, espécie de transmissora dos valores ocidentais. O que veio a contribuir para que a ascensão social dos negros não fosse acompanhada de uma valorização de sua cultura, mas

sim, numa tentativa de ocultação do passado de escravidão. A assimilação cultural era vista como meio para facilitar a mobilidade vertical e o branqueamento social (Fernandes, 2002). Dessa forma, deu-se o aparecimento de uma elite letrada, fundamental na divulgação dos ideais e valores da metrópole no arquipélago. Essa elite viria a exercer cargos antes desempenhados por proprietários de terra, na mediação com as autoridades e estava incumbida de auxiliar Portugal a “civilizar” aqueles que eram considerados nativos. Uma espécie de “segundos colonizadores” que exerciam cargos na administração colonial em São Tomé, Guiné-Bissau, Angola e Moçambique. Mas ao mesmo tempo, os cabo-verdianos eram enviados para São Tomé e Príncipe, para realizar trabalhos esforçados nas plantações de cacau e café. (Anjos, 2002).

A história da migração dos nativos cabo-verdianos tem o seu início no século XV. Uma emigração forçada, para trabalho escravo que só no século XVIII-XIX passa a ter outros contornos, passando a ser uma emigração de forma espontânea devido à situação adversa do arquipélago (ANH, 1998 cit. por Góis, 2006). Uma história marcada por abandono e repovoamentos. O movimento para fora do arquipélago foi sempre visto, pelos cabo-verdianos, como uma necessidade (Sobrero, 1998). Para os jovens cabo-verdianos, emigrar para Portugal, para os Estados Unidos ou para a Holanda é encarado como inevitável, há mais de um século. Para o cabo-verdiano é perfeitamente natural, ponderar opções de movimento a nível geográfico global. Podendo-se constatar que, para estes, os países da diáspora são vistos como parte da comarca da nação cabo-verdiana, sem qualquer fronteiras físicas delimitadas às ilhas do arquipélago (Grassi & Évora, 2007). Esta dispersão da nação cabo-verdiana durante vários séculos originou a formação de comunidades, em cerca de 40 países por todo o mundo.

Até à década de 80 a emigração era essencialmente masculina. Como recorda Sobrero (1998), no mercado brasileiro de escravos, os homens valiam mais do dobro das mulheres. Os movimentos migratórios femininos, normalmente, limitavam-se às viagens inter-ilhas onde se dedicavam ao comércio agrícola (Furtado, 1999). Podemos apontar o caso da emigração cabo-verdiana para a Itália iniciada no século XIX, uma exceção na medida em que é uma emigração maioritariamente feminina.

Numa fase posterior os homens embarcavam nos grandes navios americanos de pesca à baleia ou eram *contratados* nas roças de São Tomé. É a partir da independência que a emigração começa a significar para os jovens de classes mais modestas uma ocasião para organizarem a própria vida perto dos familiares que já se encontravam no exterior, sobretudo em termos de formação (Grassi & Évora, 2007).

Segundo autores como Pereira (1998) e Góis (2006), a emigração cabo-verdiana contemporânea pode ser dividida em três ciclos migratórios:

1º Ciclo - decorreu do final do século XIX até o início do século XX e foi marcado por migrações para as antigas colónias portuguesas (Angola, Guiné-Bissau e S. Tomé e Príncipe) e simultaneamente para o continente Americano, sobretudo para os EUA;

2º Ciclo – este ciclo vai dos anos 20 até ao final da segunda Guerra Mundial. Neste período permanecem as migrações para outras províncias do império colonial português, mas observa-se tanto um desvio da corrente emigratória para outros países como a Argentina, Brasil, Gâmbia e Senegal; assim como dá-se uma quebra no fluxo emigratório;

3º Ciclo – o terceiro ciclo, que permanece até à atualidade, tendo tido o seu início com o final da II Grande Guerra é marcado pela emigração para os países do continente europeu: Portugal, França, Holanda, Espanha, etc... É também neste período que dá-se uma retoma da rede migratória de ciclos migratórios anteriores.



*Quadro 1 - Cabo-verdianos no Estrangeiro no Final dos Anos 80, em Três Continentes, de Acordo com Dois Critérios*

	<b>Indivíduos com pelo menos um antepassado cabo-verdiano</b>	<b>Indivíduos participantes na cultura cabo-verdiana</b>
<b>América (Norte e Sul)</b>	255.000-305.000	85.000-92.000
<b>Europa</b>	92.800-102.300	50.000-65.000
<b>África</b>	67.900-76.200	35.000-43.000
<b>Total</b>	414.700-482.500	170.000-200.000

Fonte: Bundeskanzleramt, Áustria 1993 (Góis, 2006: 36)

Devido à complexidade de considerar quais os indivíduos possíveis de serem considerados emigrantes/imigrantes cabo-verdianos, no quadro anterior, o autor considerou todos os indivíduos com pelo menos um antepassado cabo-verdiano e aqueles que mantêm, de certa forma, a cultura cabo-verdiana.

Nota: Importa referir, que quando se trata de números relacionados com as migrações cabo-verdianas, existe uma grande dificuldade uma vez que as estatísticas não são fidedignas, na medida em que cada organismo apresenta números distintos.

De um modo geral, as principais causas das migrações internas e externas do povo cabo-verdiano, têm sido os problemas económicos do país, muitos deles devido às suas condições geoclimáticas. A irregularidade das chuvas e a carência de terras áridas devido à natureza vulcânica das ilhas, “obrigaram” os cabo-verdianos a procurar outras formas de sobrevivência, daí o recurso à emigração (AHN, 1998 cit. por Góis, 2006). Nos últimos anos, a emigração cabo-verdiana tem vindo a diminuir, contudo não dá sinais de ter cessado. Segundo dados recolhidos pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, em 2011 deu-se um decréscimo no número de imigrantes cabo-verdianos residentes em Portugal, esse número era de 43.979 cidadãos em 2010, passando para 43.920 cidadãos residentes em 2011 (SEF, 2011). Este fenómeno deve-se ao crescimento que Cabo-Verde tem tido nos últimos anos, ou será pelo facto de ter mudado de estratégia e assumido outros percursos alternativos com vista a atingir os seus tradicionais destinos

migratórios? Aqui foi demonstrado, que quer contemporaneamente, quer historicamente, as migrações cabo-verdianas têm-se desenvolvido em torno do Atlântico, tanto horizontalmente (Sul-Sul), tanto verticalmente (Sul – Norte) e ocasionalmente Norte-Sul com as migrações para São Tomé e Príncipe. De um modo geral, apesar de haver uma variação nos destinos e na intensidade dessas migrações, os principais destinos têm sido constantes no último século (Góis, 2006).

*«Há muito mais cabo-verdianos residentes fora das ilhas do que os que ali vivem. Desde a independência, tem havido um reconhecimento crescente do governo de Cabo Verde da importância do papel que estes emigrantes desempenham na vida cultural e económica da nação. A lei cabo-verdiana reconhece oficialmente o estudo dos emigrantes residentes nas comunidades por todo o mundo, referindo-se a eles como a “comunidade internacional”, nas ilhas (...) Tanto o Governo como o banco nacional definem um cabo-verdiano como sendo alguém nascido nas ilhas ou tendo um progenitor ou avô ali nascido.» (Góis, 2006:162)*

*«Pode afirmar-se que o cabo-verdiano já nasceu (e)migrante ou, dito de outro modo, que a emigração é um dos fenómenos mais antigos e estáveis da sociedade cabo-verdiana, antecedendo em muitas décadas a independência do país que ocorreu em 1975. Neste sentido, Cabo Verde é um exemplo, talvez único, de um Estado que nasce já transnacionalizado. De uma nação que no momento da criação do Estado estava dispersa por um conjunto de territórios.» (Góis, 2006: 23).*

#### **1.4. Comunidade cabo-verdiana em Portugal**

È a partir da década de 60 do século passado, que a emigração cabo-verdiana passa a ter o continente europeu como destino principal. A escassez de mão-de-obra na Europa do pós-guerra faz com que muitos cabo-verdianos emigrem à procura de trabalho. No final da década de 60, Roterdão e Lisboa são as principais cidades de imigração dos cabo-verdianos na Europa (Góis, 2006).

A política colonial portuguesa e a pressão económica levaram muitos portugueses a fugir para não cumprirem o serviço militar. Perante esse facto e para responder à necessidade de mão-de-obra, o Governo português, aliciava os cabo-verdianos à emigração, com promessas de uma fácil instalação no país. Eram sobretudo

homens que haviam deixado as suas famílias em Cabo-Verde ou solteiros. Maioritariamente de comunidades rurais, muitas vezes permaneciam temporariamente na cidade local mais próxima, a fim de adquirirem o dinheiro suficiente para fazer o percurso migratório. Muitos apenas tinham a escolaridade básica incompleta (2.º ou 3.º anos do 1º ciclo), ou eram analfabetos. (Grassi & Évora, 2007; Batalha, 2004).

O facto de existirem referências históricas e sociais, vão condicionar os imigrantes na escolha dos seus destinos migratórios, no caso cabo-verdiano, isso é claramente um fator condicionante, como explica Jackson (1991), num estudo realizado com imigrantes cabo-verdianos: «*(Porque emigram para Portugal?) Quer dizer, dada as relações entre Portugal e os PALOP, em princípio, é muito mais fácil chegar até Portugal, e depois prosseguir o caminho daqui para o estrangeiro*» (Jackson, 1991 cit. por Góis, 2006: 89).

«*Os primeiros fluxos migratórios foram exatamente para aqui, embora entre os cabo-verdianos tenham um número razoável noutros estados membros [da UE]. Vêm para, Portugal porque também há muitos, e em Portugal sempre se fala português. Acho que a língua e também todos os antecedentes históricos*» (Jackson, 1991 cit. por Góis, 2006: 89).

È importante referir, que a cada ilha de Cabo-Verde correspondem destinos de emigração diferentes: a Portugal chegam essencialmente cabo-verdianos da ilha de Santiago, por sua vez, os ilhéus procedentes da Brava e do Fogo emigram sobretudo para os Estados Unidos.

De facto existe, até aos dias de hoje, um número significativo de cabo-verdianos a escolherem Portugal como país de acolhimento. No entanto, devido sobretudo à complexidade de situações em que estes imigrantes se encontram, dificulta o apuramento total do número de cidadãos cabo-verdianos a residirem em Portugal. As dificuldades existentes no controlo da entrada de cidadãos estrangeiros, criando bolsas de imigrantes em situação ilegal que não são contabilizados nas estatísticas oficiais dos vários organismos responsáveis (SEF, INE, Embaixadas,

etc.) é também outro fator que torna a apresentação desses dados algo complexo (Grassi & Évora, 2007).

Os cabo-verdianos residentes em Portugal encontram-se dispersos, formando assim, pequenas comunidades diferentes. Isso não significa que estes não partilhem uma identidade comum, em termos globais e gerais, entendida como “cabo-verdiana”(Batalha, 2004).

Inicialmente, apenas um pequeno grupo de cabo-verdianos residia na “metrópole”. Tratava-se principalmente de estudantes que vieram para Portugal por falta de condições em Cabo-Verde e que após os estudos, conseguiram colocação compatível. Formou-se assim uma “elite” de pessoas instruídas que pouco ou nada se identificava com os seus conterrâneos que chegavam à procura de novas oportunidades de trabalho. Mas, podemos dizer, que apesar de esta “elite” ter conseguido integrar-se facilmente na sociedade portuguesa, preservava uma identidade coletiva “cabo-verdiana”, algo comum aos dois grupos. *«Estes “portugueses cabo-verdianos” são agora uma pequena minoria de apenas algumas centenas que vive sobretudo na Área Metropolitana de Lisboa. Vivem em bairros de classe média, onde compraram ou alugaram casa, alguns casos, há mais de trinta anos. A maioria dos seus filhos e netos nada tem a ver com Cabo Verde ou com “ser cabo-verdiano”»* (Batalha, 2004:29).

Estes trabalhadores cabo-verdianos, embora tivessem de se ajustar à nova condição social, mantiveram as representações sociais e os valores fundamentais da sociedade rural de onde eram provenientes. Com o passar dos anos, estes imigrantes foram reconstruindo as suas vidas, constituindo família e assim dando origem a uma nova geração de imigrantes, aqueles que devido às adversidades da vida, nasceram não no país dos seus pais mas no país que estes escolheram como segunda pátria. Estes, como refere Luís Batalha (2004:25): *«cresceram numa espécie de limbo social: por um lado, não se identificaram com o mundo dos pais, mas, por outro, também não ganharam um espaço social satisfatório na sociedade portuguesa pós-colonial.»*

Na década de 1990, o governo português financiado por fundos Europeus, deu início à construção de “bairros sociais”, onde na atualidade reside a maior parte

dos imigrantes cabo-verdianos e suas famílias. População que anteriormente vivia em condições adversas em “bairros de lata” localizados na Área Metropolitana de Lisboa, a maioria nos concelhos de Amadora, Cascais, Lisboa, Loures, Oeiras e Setúbal. Os imigrantes construíam “barracas” com materiais que recolhiam dos estaleiros de construção civil onde trabalhavam. Esses “bairros sociais” são zonas de isolamento social, onde os descendentes dessas famílias, nasce e cresce sem sair daquele espaço, a não ser para frequentar a escola e/ou para trabalhar. (Smith, 2006).

À semelhança de outros fluxos migratórios, inicialmente, a migração cabo-verdiana era sobretudo de homens. Só uns anos mais tarde, quando os homens já estavam instalados é que as mulheres começaram a chegar. Nos anos de 1970-80 era habitual encontrar famílias inteiras de imigrantes cabo-verdianos, instaladas em alguns bairros de Lisboa como São Bento e Estrela (Batalha, 2004). As mulheres cabo-verdianas começaram por trabalhar como vendedoras ambulantes, fazendo concorrência às peixeiras tradicionais. Só nos finais dos anos 80 e de 90 e devido às regras de comercialização impostas pela CEE (atual UE) que as impedia de vender peixe na rua, é que passaram então a dedicar-se ao sector das limpezas, quer em empresas, quer em casas de famílias portuguesas. Hoje em dia, esse trabalho é dividido por cabo-verdianas (e outras mulheres africanas), cidadãs do leste da Europa (ucranianas, moldavas e romenas) e também brasileiras.

*«Muitas famílias portuguesas preferem agora uma “empregada de leste” ou uma “brasileira” a uma “cabo-verdiana”. No fundo, as cabo-verdianas são objeto do racismo não assumido da “classe média” portuguesa e preteridas em favor de “ucranianas” e “brasileiras”, vistas como “racialmente” e “culturalmente” mais próximas. Toda esta concorrência contribui para manter baixos os salários no sector das limpezas, o que torna a vida das famílias cabo-verdianas (e das mulheres em particular) cada vez mais difícil.»* (Batalha, 2004: 34 e 35)

Mas essa competição não acontece apenas com as trabalhadoras migrantes cabo-verdianas, os homens cabo-verdianos também têm-se deparado com a concorrência de imigrantes de leste e de brasileiros. Apesar de terem migrado para o nosso país a menos tempo, os brasileiros e ucranianos sujeitam-se a salários

mais baixos e horários mais longos. Até os próprios cabo-verdianos que se tornaram pequenos subempreiteiros angariadores de mão-de-obra, referem preferir os trabalhadores do leste. Perante esse facto, constatamos que o número de imigrantes cabo-verdianos a trabalhar na construção tem vindo a diminuir (Batalha, 2004).

Como se pode verificar, esta população tem uma forte representatividade no nosso país. Não se podendo ignorar os contributos que a mesma tem dado para o crescimento económico português.



## CAPÍTULO 2. IDENTIDADE CULTURAL

Neste capítulo são apresentados alguns conceitos importante que servem de base para este estudo, tais como: o conceito de cultura, de família e de rituais e rotinas familiares. É nesta parte do trabalho que iremos abordar as questões da língua e da identidade cultural, caracterizando também os filhos e netos dos imigrantes cabo-verdianos em Portugal, estes que são o objeto da nossa investigação.

### 2.1. Cultura

É fundamental que exista um conhecimento aprofundado das culturas, para se ultrapassar as análises etnocêntricas que tendem a superiorizar uma ou outra cultura. Em contexto multicultural os fatores sociais são o resultado do (des)encontro das culturas, dando-se importância às características culturais da cultura de origem dos imigrantes, tendo em conta que as atitudes e os comportamentos destes, nos contextos de acolhimento, estão fortemente ligados a essa especificidade (Grassi & Évora, 2007).

Existem inúmeras definições do conceito de cultura. A palavra em si provem do latim e inicialmente significava apenas, agricultura. Posteriormente foram-lhe atribuídos outros significados, como: *Cultura temporis* (cultura dos tempos ou épocas), *cultus litterarum* (cultivo da literatura) e *cultura animi* (cultura da alma e do espírito) (Peters, 1970 cit. por Lind, 2008). McGoldrick (1982 cit. por Lind, 2008), considera a etnicidade o conceito mais específico da cultura e entende a mesma, como sendo uma religião, “raça”, origem geográfica ou nacionalidade, tendo em conta que preenche a necessidade psicológica profunda, presente no ser humano, de um sentido de continuidade histórica e de identidade. Unindo os que se identificam como semelhantes, em relação a um passado comum, seja ele real ou fictício.

Existe no entanto, uma concordância entre os autores, ao entenderem a cultura como elementos que ao serem partilhados fornecem os modelos para as crenças, avaliação e comunicação, que vão atuar entre aqueles que compartilham a mesma



localização geográfica, a mesma história e a mesma língua. Elementos que refletem o que funcionou num dado momento histórico e são transmitidos e modificados de geração em geração (Triandis, 1996).

Na literatura, encontramos várias teorias sobre a cultura, entre as quais, estão as sete teorias mencionadas por Cooper e Denner (1998, cit. por Lind, 2008), que interligam a cultura com a Psicologia:

1. *A cultura como valores centrais sociais. Teorias acerca do individualismo-coletivo.* Defendidas por psicólogos sociais tais como Triandis (1996);
2. *A cultura como contexto: Teorias ecossistêmicas.* Teorias com origem no modelo ecossistêmico de Bronfenbrenner (1977, 1979a, 1979b, 1986) e Bronfenbrenner e Evans (2000);
3. *A cultura como classe social: Teorias ecoculturais da adaptação em sociedades estratificadas.* Presentes em obras como as de Ogbu (1991, 1993);
4. *A Cultura como relação inter-grupais: teorias da identidade social.* Teorias com origem nos estudos de Tajfel sobre a categorização social e dos intra-grupos;
5. *A cultura como ferramenta universal adaptativa. Teorias ecoculturais e sócio-culturais.* Teorias presentes em obras de autores como Harkness.
6. *A cultura como recursos: teorias da estrutura, dos meios e dos recursos sociais;*
7. *A cultura como negociação das fronteiras: teorias de mundos múltiplos* (Cooper & Denner, 1998 cit. por Lind, 2008).

Neste estudo, parece-nos que a abordagem ecossistémica é a que melhor se enquadra nos objetivos delineados. Tendo em conta que esta abordagem não vê a cultura como uma propriedade do indivíduo, mas como algo que interage com um contexto mais amplo, algo construído. Pretendemos investigar se a cultura cabo-verdiana, está presente na vida e na educação dos filhos e netos de imigrantes cabo-verdianos e de que forma isso vai influenciar as identidades daqueles que têm Portugal como país da sua naturalidade.

## **2.2. Família**

Segundo Hespanha (1993), na sociedade do Antigo Regime «*Todos tinham uma família. E, para além disso, todos a tinham como um facto natural, isto é, fundada em relações e sentimentos que pertenciam à própria natureza das coisas. Relações e sentimentos que, por isso mesmo, eram iguais em todas as famílias, porque eram independentes da vontade dos seus membros.*» (Hespanha, 1993: 951). Neste sentido, predominava a ideia de que a família criava uma sociedade naturalmente auto-organizada.

Logo à partida torna-se necessário definir o conceito de “família”, quando integrado no intervalo cronológico que vai, *grosso modo*, dos finais do século XV aos finais do século XVIII. De facto este conceito, nesta época, é substancialmente diferente daquele que temos atualmente, uma vez que no grupo familiar são englobados indivíduos que não possuem laços de parentesco (como é o caso dos criados). Este conceito de “família alargada” é utilizado durante toda a modernidade, tratava-se de um grupo ainda não completamente consciente do conceito de privacidade e bastante aberto ao ambiente exterior, para a rua e para o grupo de vizinhança.

Atualmente entende-se por Família, num sentido lato, “*o conjunto de pessoas ligadas entre si pelo casamento ou pela filiação*”; ou ainda “*a sucessão de indivíduos que descendem uns dos outros*”; num sentido restrito, mais comum, família designa “*as pessoas aparentadas que vivem sob o mesmo teto*”, mais particularmente o pai, a mãe e os filhos. (Flandrin, 1994);

No Antigo Regime a legislação era clara quanto ao papel que a família deveria desempenhar na criação dos seus filhos. Cabia-lhe a ela educar, alimentar e vestir, fossem os filhos legítimos ou não. Pode-se dizer que tal ambiente familiar e doméstico se insere num universo de afetividade que, por sua vez, abrange o discurso social e político da sociedade do Antigo Regime. Mas não eram apenas os pais que tinham obrigações para com os filhos, os filhos por sua vez deviam aos pais obséquios, obediência e gratidão; «*O dever de gratidão obrigava os filhos, ainda que naturais ou espúrios, a ajudar os pais necessitados, quer em vida, ministrando-lhes o auxílio de que carecessem, quer depois de mortos, fazendo-lhes as exéquias e dando-lhes a sepultura, de acordo com a sua qualidade, e assegurando missas por suas almas.*» (Hespanha, 1993: 959)

Estamos aqui a descrever uma sociedade que era regida por um conceito de universalidade, ou seja, onde o pensamento político e social é dominado pela ideia de existência de uma ordem universal (cosmos), abrangendo os homens e as coisas, que orientava todas as criaturas para um objetivo último, que o pensamento cristão identificava com o próprio Criador. Nesse contexto, as leis que regiam a família, o casamento e até mesmo a sociedade, eram leis fortemente ligadas à Igreja, aos conceitos cristãos.

A família tinha a sua origem num ato de carácter voluntário. Deveria ser concebido através de um consentimento verdadeiro e não fictício. Segundo a teologia cristã, a partir daí, os cônjuges tinham a obrigação de se entregarem um ao outro, gerando uma unidade em que ambos se transformam em carne de uma só carne. O casamento tinha as seguintes finalidades: a mútua fidelidade e sociedade nas coisas domésticas; a comunhão espiritual dos cônjuges; mas acima de tudo, a procriação e educação dos descendentes. Nesse contexto, a sexualidade apenas era tida como natural se visasse a procriação, sendo declaradas *contra natura* todas e quaisquer práticas sexuais que visassem apenas o prazer. A teologia moral da época regulamentava a sexualidade matrimonial, definindo o que era errado e até punindo os casais incumpridores.

Na sociedade do Antigo Regime, as relações entre marido e mulher estão desenhadas segundo a antropologia moderna do amor conjugal, um amor que é ao mesmo tempo igual e desigual. Ou seja, está baseado numa promessa comum e

recíproca de fidelidade, de ajuda e de vida em comum; mas que se torna desigual em virtude da diferente natureza do homem e da mulher, não se desdobrando em sentimentos iguais e recíprocos. Exemplo disso é o adultério, onde apesar de censurável em ambos os casos, no caso da mulher é visto com mais gravidade, uma vez que este irá pôr em causa a paternidade dos filhos.

O marido tinha o poder de dirigir a mulher, de a defender, sustentar e de a corrigir ainda que moderadamente, o que a mulher estava privada de fazer. O domínio do homem sobre a mulher estava até no ato sexual, onde a própria expressão dos corpos deveria evidenciar a posição dominante do homem e se entendia que a perfeição do ato sexual se dava com o orgasmo masculino, sendo dispensável o feminino.

No que se refere aos bens e ao trabalho, estes também estavam fortemente ligados à família. Existiam deveres de cooperação de todos na valorização do património da família, tais como: os filhos tinham o dever de prestar ajuda e trabalho gratuito ao pai (dever de obséquio). Só o pai era titular de direitos e obrigações, adquirindo para si os ganhos patrimoniais dos filhos (Hespanha, 1993).

Com a crescente quebra do domínio da Igreja sobre os povos, as progressivas emancipações económica, social e jurídica femininas, o casamento e a sexualidade têm sido encarados de uma forma totalmente diferente e até mesmo dissociadas uma da outra. De igual modo, a sociedade atual, já não vê a mulher apenas como um elemento necessário para a continuidade da família. O homem já não é tido como a figura de superioridade, antes o casamento é um terreno em que ambos os cônjuges são de igual importância, onde o amor do pai e da mãe são igualmente necessários para que os filhos cresçam de uma maneira saudável. A mulher tem vindo a conquistar o seu lugar de destaque não só na família como na sociedade em si.

Ora, esse conceito que parece ser tão simples e está presente na vida dos Seres Humanos desde sempre, nos tempos que correm, já não é tão fácil definir ou apontar um modelo único de família. Embora com os seus múltiplos modelos (famílias monoparentais, famílias alargadas, etc.), todas elas têm algo em comum, nasceram da experiência do amor conjugal, prolongando-se no amor que os pais e

os filhos sentem uns pelos outros, no amor fraterno, nas relações com os amigos e nas relações intergeracionais.

A família é imprescindível para que a pessoa cresça na sua condição pessoal, se aperfeiçoe e para que seja verdadeiramente pessoa (Cunha, 2009).

A família é a base da sociedade, é através da mesma que se organizam as sociedades. Ao longo da história, sempre se atribuiu à família, funções variadas tais como: religiosa, política, económica e procracional. Com a evolução que tem sofrido, a função económica perdeu o sentido, pois a família – para o que era necessário o maior número de membros, principalmente filhos – não é mais unidade produtiva e nem seguro contra a velhice, cuja atribuição foi transferida para a previdência social. As progressivas emancipações económica, social e jurídica femininas, contribuíram para a perda dessa função, juntamente com a drástica redução do número médio de filhos das entidades familiares (Lôbo, 2004).

Atualmente, não é mais a família, mas seus membros o centro das atenções. Como salienta Fachin (1992), *«não é o indivíduo que existe para a família e para o casamento, mas a família e o casamento existem para o desenvolvimento pessoal do indivíduo, em busca de sua aspiração à felicidade»* (Fachin, 1992: 25).

A família está fundamentada na afetividade. Deste modo, enquanto houver afeto haverá família, unida por laços de responsabilidade e de liberdade e desde que consolidada na colaboração, na simetria e na comunhão de vida não hierarquizada (Lôbo, 2004).

### **2.2.1. Família Cabo-verdiana**

As redes sociais cabo-verdianas são baseadas sobretudo na família e enquanto na Europa o conceito de família abrange apenas a família nuclear, para os cabo-verdianos está bem vincado o conceito de família alargada, que vai resultar no que muitos autores citam como “comunidade”. Muitas vezes, os laços de sangue não são o fator mais importante quando se apela à entreatuda e à solidariedade entre conterrâneos. Os “familiares” são, muitas vezes, indivíduos que não têm laços de

consanguinidade mas com os quais existem obrigações de reciprocidade no seio das redes de apoio no estrangeiro, e que por vezes, são mais fortes do que aquelas que se criam com a família mais próxima (Grassi & Évora, 2007).

Na organização familiar cabo-verdiana, as mulheres, ocupam uma posição dominante no que diz respeito à reprodução simbólica e material da sociedade. Segundo autores como: Meintel, (1984) e Grassi, (2003), na cultura cabo-verdiana as mulheres são as responsáveis pela continuação da unidade familiar, sendo assim a estrutura da família cabo-verdiana, a chamada estrutura matrilinear. A matrilinearidade, em Cabo-Verde, assume um valor simbólico e cultural que se revela nas múltiplas implicações identitárias difundidas pelo processo de criouliização cultural que, desde o seu povoamento, caracteriza o arquipélago. Para a compreensão da cultura cabo-verdiana importa perceber que naquela sociedade é atribuída à mulher a responsabilidade da reprodução e do sustento do agregado. Dessa forma, as mulheres emigrantes levam consigo esta responsabilidade, que vai estruturar as relações sociais nos contextos de acolhimento e com a qual elas se auto-identificam.

Em Cabo-Verde, o laço entre mães e os seus filhos superam, muitas vezes, a fragilidade dos laços entre marido e mulher, tendo em conta que, a relação entre uma mulher e o pai do seu filho é bastante volúvel, sobretudo nos estratos mais baixos da sociedade, onde os parceiros masculinos são efémeros e um elevado número de crianças não é educada pelos seus progenitores. O laço mãe-filho reflete claramente os ideais da nação cabo-verdiana acerca das relações de género e os modelos de obrigação para com as mães, sobretudo à medida que estas vão envelhecendo.

*«Ser pai de uma criança em Cabo Verde, apesar das tentativas do estado pós-colonial para mudar crenças e práticas, não é ainda visto como produto de um relacionamento onde as responsabilidades sejam partilhadas por ambos os progenitores. Entretanto em fronteiras de parentesco flexível e no fenómeno migratório, Cabo Verde possui uma elevada taxa de agregados familiares geridos por mulheres, em que uma mulher e os seus filhos vivem e sobrevivem frequentemente sem qualquer apoio parental masculino.»*  
(Grassi & Évora, 2007: 130)

Acreditamos que a relação entre mulheres submissas e homens dominantes é o que melhor pode explicar as desigualdades de género e a pobreza dos agregados familiares em Cabo-Verde.

Como foi dito anteriormente, existe um elevado número de crianças em agregados dirigidos por mulheres e é comum, existirem lares onde nenhum dos progenitores está presente. Mas, dificilmente encontramos homens, tanto em Cabo-Verde como na diáspora, que sozinhos gerem um agregado. Não é por acaso que, enquanto categoria de análise no contexto cabo-verdiano, não existem agregados encabeçados por homens. Mesmo quando migram e adquirem independência económica, as mulheres continuam a suportar um peso desproporcional na educação das crianças, o que não acontece no caso dos pais (Grassi & Évora, 2007).

Em Cabo-Verde, o casamento é muitas vezes celebrado depois do nascimento dos filhos, e 62% de todas as uniões não são baseadas em casamentos formais mas em uniões de facto (INE, 1998).

*«Entre os pobres, o casamento pode nunca vir a ser formalizado e é muito comum encontrar mulheres com mais do que um «pai d'fidju», sem no entanto terem um casamento formal pela igreja ou pelo civil. Esta tem sido uma prática constante na história de Cabo Verde. Apesar das práticas sexuais e da aceitação geral da união de facto, os ideais católicos de monogamia continuam a ser cruciais na organização e estruturação de argumentos morais em situações de disputa marital.»* (Grassi & Évora, 2007: 135)

As mães cabo-verdianas, investem afeto e tempo nos rapazes, sacrificando o presente em função de um futuro, pois os filhos representam segurança na velhice e especialmente para as mães solteiras, asseguram proteção face a outros homens e respeito social.

Em Cabo-Verde, frequentemente durante a meia-idade, as mães transformam-se em avós, o que se traduz, num novo ciclo de obrigações familiares para as mulheres. Muitas vezes, já num período de reforma, acolhem os netos enquanto os pais e as mães lutam para poupar tendo em vista constituir um agregado familiar independente (Grassi & Évora, 2007).

A flexibilidade do agregado familiar cabo-verdiano tem sido a principal característica da sobrevivência em Cabo-Verde e nas comunidades da diáspora. Essa característica aparece como resposta à pobreza, às tendências migratórias e a outras vulnerabilidades. A composição do agregado familiar está sujeita a expandir-se ou contrair-se para acolher os parentes que carecem de apoio, familiares que são convidados temporários ou os migrantes retornados.

*«Este processo de reprodução tem implicações a nível dos planos de retorno a Cabo Verde, pois nos casos das famílias que se encontram de tal forma dispersas no exterior que não podem contar com membros que, no país de origem, assegurem o tipo de reprodução social acima descrito, as ligações com origem vão-se tornando frágeis e o retorno mais facilmente adiado.»* (Grassi & Évora, 2007: 94)

### **2.2.2. Os Filhos e Netos de Imigrantes Cabo-verdianos – Identidade**

*“Os descendentes de imigrantes não são imigrantes e, por isso, não devem ser considerados estrangeiros nos países onde nascem e vivem! (...) O corpo é o suporte e o espelho da nossa identidade”* (Cardoso, 2006).

No início desta investigação, tínhamos como objetivo estudar os “imigrantes cabo-verdianos de 2ª e 3ª geração”. Posteriormente, após muitas leituras e alguma reflexão, optámos por nos debruçar sobre os filhos e netos dos imigrantes cabo-verdianos em Portugal. Com o decorrer da investigação foi possível perceber, que embora pareça ser o mesmo “objeto de estudo”, a expressão utilizada faz toda a diferença. Rotular aqueles que nasceram em solo português e muitas vezes nunca avistaram, sequer, o mar que banha o Arquipélago de Cabo-Verde, de imigrantes de 2ª e 3ª geração é à partida, negar que estes pertencem ao país que os viu nascer e uma forma de os manter sempre à margem da sociedade. Afinal, quantas gerações são necessárias para que o cidadão nascido em Portugal possa ser identificado como cidadão português?

*«Já houve, nomeadamente, tempo suficiente para que as primeiras gerações chegadas reproduzissem uma “segunda geração” que, efetivamente, já não é imigrante, na medida*



*em que é formalmente nascida e integralmente socializada no contexto da sociedade portuguesa.»* (Vala, 2003: 26).

Tendo em conta os dados estatísticos do Instituto Nacional de Estatística, em 2011 nasceram em território português 86.853 nados vivos cujas mães eram estrangeiras (INE, 2011).

Segundo as autoras Rosales, Jesus e Parra (2009), descendentes de imigrantes constituem uma população complexa e multifacetada e que necessita ser melhor conhecida. É importante que estes se sintam bem no meio onde vivem e que exista um esforço intercultural e pessoal para conviverem com os seus pares, sejam eles nativos ou de grupos socioculturais minoritários.

É no sucesso da integração dos descendentes diretos dos imigrantes que se avalia a eficácia da política de acolhimento e os valores de fraternidade existentes na cultura maioritária. A falência dos processos de integração das “segundas gerações” dá origem a conflitos sociais de rua, dificilmente controláveis como se observou, não há muitos anos, na região parisiense.

Ninguém escolhe o país ou a terra onde vai nascer! Portanto, constitui um direito natural, pertencer ao país em que nascemos. Os descendentes de imigrantes nascem com determinados direitos, pelo facto de terem nascido nos países onde vivem. Como naturais, sujeitos de direitos, cidadãos e atores sociais, têm legitimidade de lutar pelo respeito e reconhecimento dos seus direitos! Os filhos de imigrantes cabo-verdianos, antes de serem cabo-verdianos, portugueses, espanhóis ou outros, são cidadãos dos países onde nascem (Cardoso, 2006). Infelizmente, não nos foi possível apurar os números que correspondem à população descendente de imigrantes cabo-verdianos. Esta dificuldade prende-se, essencialmente, com o facto de, a sua maioria, já possuir a nacionalidade portuguesa e de não termos conhecimento de estudos que declarem esses dados.

Vala (2003), no estudo realizado com jovens de “segunda geração”, constatou que apesar desta população, na sua maioria, possuir a nacionalidade portuguesa, a verdade é que apenas uma minoria refere sentir-se português e identifica-se com os símbolos da identidade portuguesa. Os descendentes de imigrantes, na sua

maioria, manifesta dificuldades no processo de construção da sua identidade individual, independentemente do seu lugar de nascimento.

*“Os cabo-verdianos em Portugal têm a sua identidade organizada em torno de representações sociais de “raça”, etnicidade, educação e classe, que combinadas definem a sua posição social dentro da sociedade portuguesa e, nas próprias comunidades locais, entre eles mesmos.”* (Batalha, 2004 cit. por Góis, 2008:25).

Vala (1997) e Amâncio (2000), consideram que existem duas dimensões analíticas da identidade: identidade social, que sucede através da associação entre o eu e categorias sociais de pertença; e a identidade pessoal. A identidade social pode abranger variadas dimensões, como por exemplo: identidade de género, identidade nacional, identidade profissional, identidade religiosa, etc. As identidades sociais são reestruturadas e reinventadas em função dos contextos sociais, são criações coletivas. Ajudam a objetivar a cultura e a construir a história, não são concretizações de tradições culturais ou cargas históricas.

A dimensão de identidade que pretendemos estudar é aquela que é construída no cruzamento da memória do “país de origem” e da presença em Portugal. Jorge Vala (2003), parte do pressuposto que, *«nesse cruzamento, uns criam uma identidade nacional como referente fundamental (por exemplo, “sou angolano” apesar de se poder ter a cidadania portuguesa), outros criam uma identidade racial (por exemplo, “sou de raça negra”), outros, ainda, uma identidade cultural (para alguns autores, uma identidade étnica porque assente numa dimensão cultural e referida a um grupo dominante – por exemplo, “sou africano”; “sou luso-africano”), etc.»* (Vala, 2003:10).

A aculturação dá-se no choque das duas culturas, seguindo-se uma estratégia com vista a integrar, na identidade pessoal, a descontinuidade cultural. Podendo assim optar, por um dos seguintes modelos: modelo de Assimilação (Malgesini e Giménez, 2000), ou seja, optar pela cultura dominante, o que implicara a perda de toda a riqueza da cultura do país de origem, materna; modelo de Separação, que consiste na coexistência de ambas as identidades culturais, delimitando os respetivos espaços de expressão, sem interligações entre elas, organizando-se numa espécie de dupla identidade; ou ainda, optar por uma estratégia de Coexistência, integrando as duas culturas (Juliano, 2003), o que se verifica extremamente difícil de realizar. Importa referir, que qualquer que seja a

estratégia a adotar implicará sempre uma perda, seja da cultura dominante da sociedade na qual se vive, seja da cultura do país de origem. Para que os descendentes de imigrantes, possam construir uma identidade sólida, que englobe de modo positivo os dois sistemas culturais a que pertencem, é necessário construir canais que permitam aos descendentes intercomunicar e internacionalizar os dois mundos nos quais vivem.

Thomson e Crul (2007), são da opinião que a integração de descendentes de imigrantes, não deve ser medida apenas através dos indicadores estatísticos do sucesso económico mas também através da “raça”, cultura, identidade étnica e/ou religiosa. Diz ainda que para isso torna-se necessário repensar a perspetiva “assimilacionista” clássica de forma a conhecer-se a multiplicidade de estratégias e formas de integração existentes.

Várias organizações, desde o Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI), a Associações de Imigrantes, fazem as mais diversas atividades para a inclusão dos imigrantes na sociedade portuguesa e lutam incansavelmente para que estes alcancem os seus direitos. Mas será que todos estes esforços têm obtido os resultados esperados? Será que os descendentes de imigrantes sentem-se verdadeiramente acolhidos no país onde nasceram? A sociedade portuguesa depara-se assim com uma nova realidade, até então, pouco ou nada conhecida. Como lidar com esta população? Como fazer com que estejam integrados na sociedade? Afinal, são cabo-verdianos ou portugueses?

Jorge Vala (2003), no seu estudo com jovens negros em Portugal, constatou que apesar de 42% dos jovens entrevistados possuírem a nacionalidade portuguesa e 28% desses serem de naturalidade portuguesa, apenas 2% dizem serem considerados portugueses pelos portugueses brancos.

A perceção dessa discriminação de que é alvo, faz com que o negro, ainda que nascido em Portugal, continua a ser visto como estrangeiro e a identificar-se como estrangeiro.

Enquanto produtora de identidade, a comunicação social, ajudou a criar uma imagem negativa dos descendentes de imigrantes cabo-verdianos em Portugal. É frequente ouvir-se nas notícias, quando se referem a esta população: “Cabo-

verdianos nascidos em Portugal”; ou “português de origem cabo-verdiana”; ou simplesmente “Português”; dependendo do teor da notícia, se esta for negativa ou positiva! Outrora os pais eram descritos como “trabalhadores explorados”, “bons trabalhadores” e “pobres mas honestos”, por sua vez, os filhos são vistos como “delinquentes juvenis” e “vítimas do insucesso escolar”. Para os jovens de origem familiar cabo-verdiana que se sentem desintegrados e marginalizados, a sociedade “tuga” é a principal responsável pela situação de “marginalidade” em que vivem. Grande parte destes jovens desvaloriza a educação escolar, não considerando que este é um veículo de ascensão social. Consideram que estudar não vale a pena, já que os melhores empregos serão destacados para os portugueses brancos.

Estes jovens têm elevadas taxas de desistência e reprovação no ensino básico. Muitos são os que abandonam a escola antes de completarem o 9º ano, por terem ultrapassado o limite de idade para estudar no regime normal de ensino. Poucos são aqueles que conseguem voltar à escola para o completar no ensino noturno. Ainda assim, podemos dizer que, grande parte dos que completam o 9º ano de escolaridade são “analfabetos funcionais”, os quais estão destinados a empregos mal remunerados e de pouco prestígio social (Batalha, 2004 cit. por Góis, 2008).

Tendo em conta que a sociedade portuguesa é uma sociedade em que o poder de compra é um veículo fundamental da inserção social e da identidade, muitos jovens vêem-se “atraídos” para a prática de atividades marginais, com vista à inserção numa economia informal.

Os jovens de naturalidade portuguesa de pais de origem imigrante são, muitas vezes, conotados como causadores de confusão e distúrbios nos bairros, por seu lado, os jovens sem naturalidade portuguesa, são vistos como menos ‘conflituosos’ e/ou ‘reivindicativos’ que os primeiros, com uma maior tendência a seguir até mais tarde os estudos ou a fixarem-se mais facilmente no mercado de trabalho (Rocha, 2003).

Atualmente deparamo-nos com um novo facto, estes filhos de imigrantes, são hoje pais de crianças e adolescentes também estes, nascidos em território Luso. Como questionámos anteriormente, quantas gerações são necessárias, para que o cidadão nascido em Portugal possa ser identificado como cidadão português? Ora, os pais destas crianças e adolescentes, nasceram em Portugal; muitos deles só ouvem

falar de Cabo-Verde sem nunca lá terem estado; como são vistos na sociedade portuguesa, como é que eles se sentem? Neste estudo, tentamos perceber qual a identidade cultural destas crianças e jovens, através de questões colocadas aos pais, uma vez que se trata de uma população bastante jovem para refletir sobre estas questões. Provavelmente, serão essas as razões, de não termos identificados estudos que abrangem os netos dos imigrantes cabo-verdianos.

Segundo Contador (2001:32), a juventude negra portuguesa, vive numa tensão entre “*o que se é*” e “*o que se quer ser*”; o “*ser negro*” e “*ser português*” e o “*ser negro em geral*”.

Nos seus estudos, Contador (1998 e 2001), revela que os descendentes de imigrantes PALOP são detentores de novas identidades, que se propagam para além da pertença étnica. Operando como elo de ligação entre os modelos de socialização propostos pela sociedade portuguesa e as referências identitárias das origens culturais dos seus antepassados, reinventando e reinterpretando as suas referências identitárias de base e assim colaborando para a criação do que o autor chama de “*ficção das origens*”, recriada através dos rituais, nas celebrações, festas e reconfigurada pelo contacto com outros referências culturais, divulgadas pelos media. Segundo o autor, a identidade dos jovens descendentes de imigrantes dos PALOP é uma identidade ambivalente, em constante tensão. A coexistência de dois códigos culturais não favorece uma identidade singular, tendo em conta que a vivência de ambos permite o desenvolvimento de um sentimento de não pertença cultural.

Para Vala (2003), no interior da identidade social cabo-verdiana, existem várias caboverdianidades, ou seja, fala-nos de uma “*caboverdianidade dual*” na diáspora, que vai diferenciar os recém-chegados (mais “*crioulizados*”), dos que chegaram há mais tempo (mais “*assimilados*”).

*“Num contexto de múltipla inserção social, estes transmigrantes constroem múltiplas identidades sociais de referência e, embora possam construir a sua socialização maioritária ou preferentemente dentro dos limites de um espaço social, os transmigrantes ou migrantes transnacionais e seus descendentes recusam confinar a sua identidade exclusivamente às referências sociais do espaço em que se inserem (...) Estes migrantes e/ou seus descendentes influenciam a mudança (em ambas) as comunidades ou locais de*

*pertença não só através das suas remessas, sociais e económicas, mas igualmente através das práticas políticas transnacionais, práticas culturais transnacionais ou práticas sociais transnacionais (...)*” (Góis, 2004:10).

O autor refere ainda que: *“A existência de uma identidade múltipla é ou constitui, para estes imigrantes e seus descendentes, uma vantagem competitiva que lhes permite, em caso de necessidade transferir o capital político, social ou económico de um sistema político para outro se quando necessário. Esta opção leva a que os transmigrantes tentem moldar as suas identidades adaptando-se ou resistindo às necessidades do sistema mundial, enquanto cultivam dependências múltiplas (...) os indivíduos participantes nesta realidade são frequentemente bilingues; movem-se em culturas diferentes; frequentemente mantêm casas em dois países, e prosseguem interesses económicos, políticos e/ou culturais que requerem a sua presença em múltiplos países (...)*” (Góis, 2004:10 e 11).

Como nos diz Cardoso (2006), a localização geográfica de Cabo-Verde no atlântico, a imagem deste país no mundo e os seus valores culturais só engrandecem e beneficiam os emigrantes cabo-verdianos e seus descendentes, que pela lei cabo-verdiana, são também cabo-verdianos, com direitos, liberdades e garantias. Dessa forma, o autor considera que ser descendente de cabo-verdianos constitui uma vantagem.

*“Cabo Verde e os cabo-verdianos constituem «Avenidas de Comunicação com o resto do Mundo». Ser descendente de cabo-verdianos constitui uma vantagem!”* (Cardoso, 2006: 8).

### **2.3. Rituais e Rotinas Familiares**

*«A realização dos rituais familiares, não só envolve a família no seu todo, como revela também a cultura de onde são provenientes. Por outro lado, o conhecimento ou desconhecimento de uma língua está ligada à comunicação intra e extra familiar»* (Lind, 2008: 81).

As rotinas e os rituais familiares estão embebidos no contexto cultural e ecológico da vida da família. Eles envolvem vários elementos da família e assim, dão sentido às atividades de grupo.

Existem variações culturais nos rituais familiares que ajudam a perceber como as famílias são diferentes consoante a sua cultura. As rotinas e os rituais permitem-nos uma análise mais profunda sobre em que medida a cultura afeta a regulação familiar. Permite-nos perceber como a vida familiar pode afetar a adaptação e o ajustamento do indivíduo e também como as perspetivas e características individuais podem afetar toda a família.

Os rituais há muito que são objeto de estudo de ciências como a antropologia e a sociologia, enfatizando a perspetiva sociocultural. Sempre se ouviu falar dos rituais de passagem, tradições e cerimónias, onde membros de tribos pintam e se enfeitam, cantando e dançando à volta da fogueira. Rituais que parecem tão distantes da nossa cultura, e extremamente exóticos que esquecemos que na cultura ocidental também possuímos formas ritualizadas, que aos povos longínquos na África, Ásia e América do Sul, também podem parecer estranhos. No entanto, a sociedade ocidental, está a sofrer uma progressiva “perda” das rotinas e rituais familiares. Autores como Douglas (1981, cit. por Lind, 2008), apontam o “perda” dos rituais na nossa sociedade atual, como um dos maiores problemas da atualidade (Douglas, 1981 cit. por Lind, 2008).

Inicialmente, o conceito *ritual* estava apenas associado às práticas religiosas. A palavra ritual vem do latim *ritualis* cujo significado é “referente aos costumes religiosos” (Hermann, 1982, p. 422 cit. por Lind, 2008). Só mais tarde é que a Sociologia, a Etnologia e a Antropologia, vão estudar os rituais enquanto fenómenos de outras culturas. Para a sociologia, os rituais são um determinado padrão de comportamento individual e coletivo, que se revela de forma estandardizada e evocativa (Digel & Kwiatkowski, 1987, cit. por Lind, 2008).

É na segunda metade do século XX, que se inicia o estudo dos rituais familiares. Bossard e Boll (1950, cit. por Lind, 2008), nos seus estudos qualitativos e sistemáticos, vão definir, pela primeira vez, os rituais familiares como objeto de estudo para a Psicologia da Família, através da análise de 186 famílias, não patológicas, com base em entrevistas e textos (diários, autobiografias e cartas). Concluíram que os rituais familiares são elementos poderosos para a estrutura da

vida familiar, proporcionando estabilidade ao funcionamento familiar em situações de *stress* (Bossard & Boll, 1950, cit. por Lind, 2008).

Os autores, observaram também as mudanças nos rituais familiares para a segunda metade do século XX, concluindo que:

- 1) os rituais familiares são cada vez mais seculares e menos religiosos;
- 2) são cada vez mais realizados por pequenos grupos e menos pela comunidade, o que os torna instáveis;
- 3) são dirigidos mais em função das crianças;
- 4) tornam-se cada vez mais idiossincráticos, à medida que as famílias criam a sua esfera privada.

Os autores, consideraram os rituais como um importante transmissor de atitudes, valores e metas familiares. É a partir destes estudos, que começam a surgir, trabalhos inicialmente mais teóricos, sobre os rituais familiares (Bossard & Boll, 1950 cit. por Lind, 2008).

Imber-Black (2002), refere-se aos seres humanos como *fazedores de rituais* (“*ritual makers*”), afirmando que “todas as famílias e culturas criam, estabelecem, alteram e mantêm rituais ao longo do tempo” (Imber-Black, 2002: 445 cit. por Lind, 2008). Ou seja, os rituais familiares fazem parte da rotina familiar de todos nós, são parte fundamental das nossas vidas. Os rituais foram considerados importantes para criar coesão e fortalecer os relacionamentos familiares, troca emocional e estabilidade, a fim de manter o contato familiar (Meske et al., 1994).

Existem seis aspetos importantes dos rituais:

- 1) *A repetição*: não só na ação, mas também no conteúdo e forma;
- 2) *A ação*: dizer, pensar ou fazer algo;



- 3) *O comportamento especial ou estilização*, que é diferente do comportamento usual;
- 4) *A ordem*: com princípio e fim;
- 5) *O estilo evocativo*, que pretende apresentar algo;
- 6) *A dimensão coletiva*, com um significado social (Lind, 2008).

Segundo Wolin e Bennett (1984), as famílias organizam a vida coletiva à volta de várias atividades que favorecem a identidade familiar, essas atividades agrupam-se em três categorias: celebrações, tradições e padrão de interação no seio familiar.

Neste estudo, pretendemos abordar os conceitos de rotinas familiares e rituais familiares, conceitos que por vezes levantam uma certa confusão. Fiese e Park (2002), distinguem claramente esses dois conceitos. Os autores afirmam que os rituais familiares possuem um significado simbólico para os participantes, indo para além do desempenho de uma breve tarefa rotineira. Os rituais revelam “quem somos enquanto grupo”. Os autores defendem que quando as rotinas são suspensas instala-se uma confusão, mas quando os rituais são suspensos, a coesão do grupo é ameaçada. As rotinas, normalmente, envolvem uma comunicação instrumental, utilizando uma informação do que é necessário ser feito. Envolvem um empenho de tempo momentâneo e uma vez completadas, pouco ou nada sobra. São repetidas durante algum tempo e são reconhecidas pela sua continuidade no tempo. Qualquer rotina tem potencial de transitar para um ritual, desde que se passe de um ato instrumental para um simbólico. Os rituais, por outro lado, envolvem comunicação simbólica e isso é o que nos identifica como um grupo. Existe um empenhamento afetivo, que leva com que o indivíduo tenha um sentido de pertença ao grupo. Os rituais também proporcionam uma continuidade e um sentido de geração em geração, essa será a maneira de dar continuidade à família. Para Wolin e Bennett (1984), as rotinas e os rituais sofrem

mutações com o tempo cabendo às gerações mais novas, a responsabilidade de os transmitir ao longo do tempo.

Autores como Nucci e Smetana (1996), indicam que quando se é criança dá-se maior importância às rotinas da vida familiar e conforma-se vai crescendo, vai-se dando maior importância aos rituais. Os responsáveis pela transmissão/manutenção das tradições/rituais familiares são as gerações intermédias, os indivíduos entre os 40 e os 59 anos de idade (Leach & Braithwaite, 1996). As crianças até à adolescência estão mais recetíveis às rotinas familiares. Por sua vez, o sentido associado aos rituais, aparece mais quando estes se tornam pais. A prática dos rituais parece servir como uma ligação entre as gerações, favorecendo a continuidade e fortalecendo as famílias. A cultura tem um importante papel nas rotinas e rituais; as políticas que sejam sensíveis a essas diferenças, devem ser favorecidas. A diferença entre rotinas e rituais familiares consiste mais no grau do significado simbólico e no investimento afetivo atribuído, pelos membros da família, às diversas atividades familiares, não existindo uma diferenciação clara dos dois conceitos.

Os rituais familiares ligam o ser humano ao seu passado, definem a vida presente e apontam caminhos para o futuro, quando se evoca tradições dos antepassados, quando se herdamos objetos e símbolos dos ascendentes. Desse modo, os rituais familiares são importantes reguladores e alimentadores da nossa cultura (Fiese & Parke, 2002), que permitem a transmissão dos nossos hábitos, valores e formas de estar, de geração em geração.

Segundo Roberts (1988), os rituais facilitam a transmissão de valores e crenças, essa é uma das mais importantes funções inerentes à realização dos rituais (Roberts, 1988 cit. por Lind, 2008)

#### **2.4. Língua – Identidade de um Povo**

*“Podemos considerar uma língua como um espelho da cultura ou, ainda, como uma porta de entrada para a respetiva cultura”* (Fiese & Parke, 2002).

Segundo Walter Mignolo (2003), as línguas não são apenas fenómenos culturais onde os povos encontram a sua identidade; elas são também o lugar onde o conhecimento está inscrito. Tendo em conta que as línguas não são algo que os seres humanos possuem, mas algo que os seres humanos são.

A situação linguística cabo-verdiana caracteriza-se pela coexistência hierarquizada da língua cabo-verdiana e da língua portuguesa. À semelhança do que acontece noutras sociedades crioulas, o crioulo cabo-verdiano tem sido limitado ao domínio privado. Este é considerado língua materna, da oralidade e das situações informais de comunicação (ex.: comunicação na família); por sua vez, a língua portuguesa constitui a língua do domínio público, uma vez que é a língua oficial do país é a que se ensina nas escolas, a língua das situações formais de comunicação e dos meios de comunicação social (Fishman, 1972 cit. por Monteiro & Barrena, 2008). Ferguson (1959), atribuiu o nome de diglossia a este tipo de situações que caracteriza a maior parte das sociedades crioulas, assim como os contextos em que as línguas vernáculas (sem tradição de escrita) se encontram excluídas de alguns círculos sociais em detrimento das línguas de prestígio.

Após a independência, surgiram várias “movimentos” com vista à valorização da cultura e da identidade cabo-verdianas, nos quais o crioulo cabo-verdiano era o expoente máximo. No entanto, não se quebrou com um certo tipo de diglossia existente na sociedade cabo-verdiana, o que implica a exclusão do livre exercício de cidadania ao povo, tendo em conta que este não domina a língua oficial imposta pelo Estado-Nação.

Segundo Fanha (1987), as manifestações culturais possuem um papel pedagógico e garantem a transmissão das tradições entre as gerações. Essas manifestações culturais foram responsáveis pela transmissão de experiências e conhecimentos, com base na oralidade, sobre as suas realidades socioculturais. Durante muito tempo, essas manifestações culturais, foram e ainda são, importantes ferramentas na luta pela preservação do crioulo cabo-verdiano. Na medida em que são importantes meios de socialização, principalmente para as crianças e para os jovens, que herdam a cultura cabo-verdiana, através da língua, tanto em Cabo-Verde como na diáspora. Em Portugal, o crioulo cabo-verdiano, está entre as

línguas mais faladas pelos alunos estrangeiros na escola e em casa, juntamente com o crioulo da Guiné- Bissau e o quimbundo (um dos dialetos angolanos).

Em parceria com a tradição oral e a produção literária (escrita), também a música tem desempenhado um papel importante no processo de afirmação do crioulo cabo-verdiano. A música cabo-verdiana é hoje respeitada e aclamada no panorama internacional, nomes como Cesária Évora e Mayra Andrade são referências da cultura cabo-verdiana em todo o Mundo.

Deste modo, o povo cabo-verdiano tem lutado pela afirmação da língua cabo-verdiana enquanto elemento cultural e, por conseguinte, pela preservação de outros conhecimentos que fazem parte da sociedade cabo-verdiana. Segundo Paula Meneses, a extinção de uma língua leva consigo a memória cultural do grupo de origem. Para a autora, o desaparecimento de uma língua significa a perda cultural da diversidade humana, na medida em que se perdem saberes ancestrais, filosofias, perspetivas sobre o espaço e sobre o tempo (Meneses, 2003).



## CAPÍTULO 3. MEDIAÇÃO

Este capítulo apresenta os conceitos de Mediação Familiar e Intercultural. Duas das inúmeras vertentes da Mediação, em que os mediadores adotam procedimentos diferentes tendo em conta que a temática, o ambiente em que intervêm e o público-alvo, são completamente distintos.

### 3.1. Mediação Familiar

*“ A mediação familiar é uma modalidade extrajudicial de resolução de conflitos surgidos no âmbito de relações familiares, em que as partes com a sua participação pessoal e direta e, auxiliadas pelo mediador familiar, visam alcançar um acordo”.*

*“ O Mediador Familiar é um profissional habilitado pelo Ministério da Justiça a quem compete conduzir as reuniões com independência de modo a ajudar as partes em conflito a chegarem por si só a um acordo” (<http://www.mj.gov.pt/>).*

A Mediação Familiar é um processo em que, apesar do mediador exercer um papel fulcral, os mediados são os elementos chave para que se possa alcançar o objetivo que é um acordo. O mediador tem aqui o papel de auxiliar as partes na resolução dos conflitos, conflitos esses que muitas vezes existem devido à falta ou falha de comunicação.

Segundo um dos axiomas da comunicação dos autores Watzlawick, Beavin e Jackson (1984), no Livro *Pragmática da Comunicação Humana – um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação*; é impossível não comunicar, ou seja, por mais que o indivíduo se esforce, é-lhe impossível não comunicar. Tendo em conta que tudo possui um valor de mensagem (silêncio ou palavras, atividade ou inatividade), podendo influenciar os outros, que por sua vez podem não responder a essas comunicações e reagindo, estão eles mesmo a comunicar. De igual modo, não podemos dizer que a “comunicação” só acontece quando ocorre uma compreensão mútua, ou seja, só acontece quando é propositado, consciente ou bem-sucedida. Na comunicação humana, importa perceber a relação existente entre o conteúdo e a relação da comunicação. O primeiro transmite os “dados” da

comunicação, o segundo diz-nos como é que essa comunicação deve ser entendida, ex.: “*Isto é uma ordem*” ou “*Estou só a brincar*”. Comunicação sobre comunicação, ou seja a meta-comunicação, essa relação também pode ser feita de modo não-verbal, através de um sorriso ou de um grito, por exemplo.

Ao falar de família é inevitável falarmos de comunicação. A comunicação é o elo que liga ambos os elementos do casal. É através dela que se dá a expressão dos afetos, a resolução de problemas, a transmissão da educação e dos valores, àqueles que são o fruto dessa união, os filhos. A comunicação tem um papel muito importante na vida de uma família.

No que diz respeito aos conflitos conjugais, pensar que se pode salvar o casamento aprendendo a comunicar de uma forma mais sensível é provavelmente o equívoco mais amplamente fundido sobre os casamentos felizes. Na realidade, conseguir que os casais discutam de uma maneira mais “civilizada”, poderá diminuir os seus níveis de *stress* enquanto discutem, mas na maioria das vezes, isso não é o suficiente para trazer de volta a vida dos seus casamentos (Gottman & Silver, 2001).

A origem etimológica da palavra conflito encontra-se no termo latino *conflictus*, que significa luta. Desacordo, guerra, batalha, choque, colisão, são alguns dos sinónimos para este termo. Dessa forma, estar em conflito com alguém significa envolver-se numa batalha com uma pessoa. No conflito, normalmente uma das partes fica a “ganhar” e a outra a “perder”. Podemos considerar quatro possíveis reações face ao conflito:

- Resposta violenta;
- Demissão;
- Procura de soluções satisfatórias para ambas as partes;
- Negação (Barbosa, 2002).

Conflitos violentos podem originar receios profundos e são causadores de muito sofrimento. O conflito em si, não é nem negativo nem positivo, é uma força natural necessária para crescer e mudar, de outra forma, a vida sem conflito seria estática. O importante é saber gerir um conflito, ou seja, se o conflito for gerido

cuidadosamente, a energia que é produzida pode ser canalizada construtivamente em vez de destrutivamente, nesse caso, as relações podem ser mantidas e até reforçadas. As sociedades humanas organizaram maneiras sofisticadas para tentar resolver conflitos, onde estão incluídas a negociação e a mediação.

No processo de mediação, o mediador assume uma posição central e equilibrada entre as partes. Pode ajudá-las a canalizar e a conciliar as suas energias procurando encontrar soluções em vez de se hostilizarem, aceitando ou recusando compromissos que deixam muito a desejar.

O termo “mediação” vem do latim “*medius, médium*”, que significa “no meio”. A mediação é um processo no qual duas ou mais partes em litígio são ajudadas por uma terceira parte imparcial (o mediador), com o objetivo de comunicarem entre elas e chegarem à sua própria solução, mutuamente aceite, com respeito à resolução dos problemas em disputa. O mediador ajuda as partes a explorar as opções disponíveis e, se possível, a atingir decisões que agradem a todas as partes envolvidas. (Parkinson, 2008)

O mediador é alguém que caminha ao lado dos mediados durante uma parte do processo, não se trata de alguém que simplesmente intervém do lado de fora (Bouché e Hidalgo, 2008).

Nesse contexto, a comunicação é algo a que se deve dar muita importância, pois é uma ferramenta que o mediador tem que saber utilizar e interpretar.

Um dos principais meios de comunicação é a linguagem e como comunicadores que são, os mediadores necessitam de possuir capacidades específicas nesse campo de maneira a poderem utilizar a linguagem de uma forma útil, precisa e positiva. A linguagem é também um instrumento poderoso para evocar imagens e despertar bons ou maus sentimentos. As palavras que utilizamos no nosso dia-a-dia fazem parte de associações pessoais, culturais e históricas, conscientes e inconscientes; que regulam a maneira como vemos o mundo à nossa volta e as nossas reações aos acontecimentos e às pessoas. Elas podem, apaziguar, excitar, confundir, irritar.

Pessoas que estão angustiadas e zangadas facilmente ficam confusas se utilizarmos frases compridas ou termos especializados. Se captamos uma



expressão de dúvida o nosso interlocutor, provavelmente será por não nos estarmos a explicar de uma forma suficientemente clara. Quem procura a mediação, pode pertencer a uma gama muito extensa de culturas e a sua linguagem pode ser diferente da do mediador. O uso de uma linguagem clara, ajuda-os a perceber e a sentir que estão a ser tratados como iguais. O mediador deve ter a capacidade de explicar a mediação com clareza, de modo a que até uma criança de cinco anos a compreenda e quando for preciso recorrer a termos técnicos é vantajoso prestar alguns esclarecimentos (Parkinson, 2008).

Existem várias técnicas dentro da comunicação que podem ser utilizadas pelo mediador, com vista à resolução de conflitos da melhor maneira possível. É importante referir que o mediador não pode tomar partido de nenhuma das partes (Princípio da Imparcialidade), e nem pode aconselhar nem dar instruções sobre o que se deve fazer.

- O mediador deve utilizar uma linguagem positiva, deve filtrar as palavras acusatórias e os rótulos incriminatórios. Quando um casal está em conflito, é útil empregar uma linguagem positiva falando “*dos vossos planos para o futuro*” no lugar de referir que “*vocês encontram-se em litígio*”;

- Olhar para o futuro – As perguntas orientadas para o futuro ajudam os mediados a deixar as mágoas e as acusações para trás e a pensarem como querem que seja o futuro. Os mediadores têm tendência a olharem desde o início para o presente e para o futuro, sem procurarem muita informação sobre o passado, embora existam coisas do passado que podem ser relevantes e que precisam de ser conhecidas;

- Parafraseando e resumindo, o que cada pessoa disse, usar palavras que elas usaram é bastante importante em mediação, uma vez que mostra que se está a ouvir atentamente, dando à pessoa a possibilidade de o corrigir se necessário e ainda um curto resumo, feito pelo mediador, pode ajudar a planear o próximo passo;

- Filtrar os aspetos negativos – o mediador tem de mostrar respeito e compreensão mútua, usando como já foi referido, tanto quanto possível uma linguagem positiva. Num litígio é frequente os mal-entendidos; cabe ao mediador procurar

uma informação específica e não fazer um julgamento global baseado em declarações emocionalmente distorcidas;

- Escutar atentamente com postura centrada – através da sua postura, contacto visual, expressão facial e pelas suas palavras, o mediador manifesta que está atento ao que é dito. É necessário que a postura do mediador transmita calma e atenção. Se o mediador estiver convenientemente centrado, pode manter contacto visual com ambas as partes, olhando de um para o outro, observando como cada um está a reagir e tomando nota das suas posturas e linguagem corporal. Alguns mediadores preferem ouvir atentamente sem se manifestarem, outros por sua vez, fazem entoações de vozes do género “sim, sim, estou a ver”;

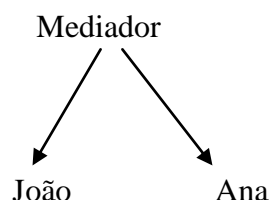
- Cada uma das partes deve ter oportunidade de falar e de ser ouvido. Essa regra deve ser “imposta” logo no início do processo de mediação e cabe ao mediador fazer com que ela seja cumprida, acalmando-os e facultando-lhes uma estrutura na qual cada um possa falar e ser ouvido;

- Encorajar cada pessoa a falar por si própria. É frequente uma das partes falar do outro na terceira pessoa, mesmo quando o outro se encontra presente. O mediador deve procurar que os mediados falem por si próprios e expliquem o que pretendem na primeira pessoa;

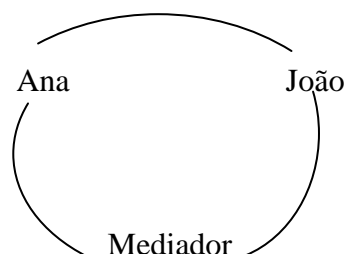
- Ajudar os casais a falarem um com o outro e não com o mediador - este é um dos principais objetivos da mediação, ajudar os casais a falarem mais facilmente um com o outro, vai torná-los mais capazes de tratar futuras situações por si próprios. O mediador pode solicitar a uma das partes que explique algo à outra parte e não ao mediador. Isso irá permitir que a discussão seja circular em vez de linear e rígida. A conversa irá fluir entre ambas as partes e o mediador. O mediador ajudará as pessoas a falarem umas com as outras, talvez pela primeira vez, depois de um longo período sem se falarem.

*Figura 1. Tipos de Abordagem em Mediação*

**Abordagem Linear**



**Abordagem Circular**



- Atuar como árbitro se uma das partes está a monopolizar a conversa, não deixando a outra parte falar, ou com palavras que demonstrem superioridade, tentando atrair a atenção do mediador com vista a conseguir um aliado. O mediador tem que, da maneira mais construtiva possível, mostrar que ambas as partes estão a receber igual atenção e nenhuma poderá dominar a conversa. Isso pode ser feito através dum contacto visual igual, dando tempo a cada parte, reforçando as regras básicas. Mas se uma das partes usar uma linguagem ameaçadora ou ofensiva, o mediador tem de ser firme e deixar claro que, para que a mediação continue, isso tem que acabar (Parkinson, 2008).

Estas são algumas das regras de comunicação utilizadas num processo de mediação. É extremamente importante que o mediador se encarregue de as fazer cumprir, pois caso contrário a mediação poderá estar comprometida.

### **3.1.1. Perguntas, uma Ferramenta de Trabalho**

As perguntas devem ser uma ferramenta de trabalho, para o mediador, assim como a mangueira é para o bombeiro e o bisturi para o cirurgião (Whatling, 1994). Estas têm de ser equilibradas, convenientemente focadas e apresentadas com sensatez, sem interrogar os mediados e sem formular questões que entrem na

área da terapia. Várias pesquisas concluíram que uma boa utilização desta técnica está associada a resultados positivos (Parkinson, 2008).

Ao fazer determinada pergunta, quem a coloca está a transmitir determinada ideia para quem vai responder. Quando o mediador recorre apenas a perguntas abertas para explorar o assunto em questão, assim como as necessidades e as posições das restantes partes, está consequentemente a transmitir um conjunto de valores e princípios.

As perguntas abertas são indispensáveis para o cumprimento das tarefas do mediador, o mediador que já possui uma formação profissional (ex. Assistente Social, Advogado), pode sentir uma certa dificuldade em adotar estes valores e estilos de perguntas. Acontece que os mediados têm a expectativa constante de obter aconselhamento e ajuda para resolver os seus problemas. Por outro lado existe o problema de limite de tempo, mais uma certa satisfação do profissional por poder ajudar as pessoas com as suas próprias ideias. Deste modo, torna-se particularmente difícil distinguir onde é que acabam as informações e as ideias e começa o aconselhamento sobre como resolver os problemas da melhor forma possível (Whatling, 1994).

As perguntas ajudam a evitar armadilhas tais como fazer observações desajustadas ou dar soluções (Parkinson, 2008). O principal objetivo de uma pergunta aberta é fazer as pessoas pensarem por si próprias e sobre si próprias. Por sua vez, uma pergunta fechada requer que a pessoa pense apenas o suficiente para poder responder “sim” ou “não”. Estas acarretam o risco de o inquirido atribuir uma série de significados à escolha do “sim” ou do “não”, podendo ser influenciado por aquilo que pensa que o entrevistador gostaria de ouvir. O inquirido desvia-se daquilo que é mais importante, ou seja, explorar e pensar em voz alta sobre a sua situação específica. Ao fazer esse tipo de pergunta, o inquiridor recebe pouca informação e pode correr o risco de não perceber inteiramente, quer a perspetiva do inquirido, quer o contexto particular do seu problema (Whatling, 1994). Perguntas abertas permitem dar respostas espontâneas, mas corre-se também o risco de se obter respostas descontroladas.

Fazer perguntas orientadas para um determinado assunto, ajuda o mediador a manter a estrutura e o controlo. Uma pergunta banal, exemplo “Pode explicar-me

qual a sua situação atualmente?”, convida as pessoas a falar à vontade, pois muitas delas estão extremamente nervosas quando vão à mediação.

Segundo Kressel e colegas (1989), os mediadores tendem a utilizar uma estrutura identificada com o tipo de questões que colocam e com o momento em que as aplicam. Essa estrutura é parecida com uma pirâmide, ou seja, à medida que a mediação progride, as perguntas, que inicialmente eram amplas, tornam-se gradualmente mais precisas. O quadro que se segue mostra como as perguntas podem ser usadas para estruturar o processo de mediação e para concentrar a atenção no presente, no futuro e no passado (Kressel et al., 1989) .

*Quadro 2- Tipos de Perguntas*

<b>Tipo de Perguntas</b>	<b>Finalidade</b>	<b>Exemplo</b>
Aberta	Convida a uma resposta genérica ou espontânea	“Portanto, quais são as suas maiores preocupações ao vir à mediação?”
Fechada	Limita a informação que pode ser dada em resposta. Mantém o controlo do processo	“Que tipo de hipótese é que tem?”
Indireta	Pode ser respondida por qualquer das partes	“Quais são as combinações em curso?”
Direta	Dirigida a uma das partes, normalmente uma de cada vez	“Já olhou para o preço das casas, Ana?... João, já deu uma olhada...?”
Orientada para o passado	Recolhe informação sobre o passado, quando necessário	“Utilizou o dinheiro do apartamento para comprar a casa?”
Orientada para o presente	Clarifica as medidas em curso	“Quantas vezes vê os filhos nesse momento?”
Orientada para o futuro	Centra a atenção no futuro	“Como é que gostaria que isso funcionasse no próximo ano?”

(Parkinson, 2008)

Nota: Este quadro não apresenta uma listagem completa de perguntas. Existem inúmeros tipos de perguntas que podem ser utilizados por um mediador num processo de mediação, como as que vão testar a realidade; as de clarificação; reflexão; circulares; etc. Mas devido às características deste documento, não serão aprofundadas.

O mediador envolve ambos os mediados de igual modo, colocando a mesma pergunta a cada um, uma vez que é provável obter respostas distintas.

Importa referir que, qualquer que seja o objetivo da pergunta, o significado é-lhe atribuído pelo inquiridor. Só quando obtém a resposta é que este sabe como o inquirido interpretou a pergunta. O mediador nunca deve fazer afirmações imperativas em relação ao conteúdo ou ao desfecho das negociações, as frases imperativas só deveram ser utilizadas pelo mediador, para explicar o processo das negociações.

Dada a importância das perguntas, tanto pelas declarações de valores que transmitem como para o processo de resolução de problemas, cabe aos mediadores adquirirem um bom conjunto destes instrumentos de trabalho, compreenderem a sua função específica, saberem quando e como as empregar com uma intenção e objetivo específico, praticarem e desenvolverem capacidades adequadas à sua função. A mediação, deve ser um processo que envolve a seleção da pergunta certa para um determinado fim, com uma boa compreensão, da qual serão esperados bons resultados (Whatling, 1994)

### **3.1.2. A Linguagem Não-Verbal**

Os seres humanos comunicam digital e analogicamente. Watzlawick, Beavin e Jackson (1984), afirmam que virtualmente, a comunicação analógica é toda a comunicação não-verbal. Estes sustentam que o termo analógica, deve abranger a postura, gestos, inflexão de voz, sequência, ritmo, cadência das palavras, expressão facial, enfim, toda e qualquer manifestação não-verbal de que o organismo seja capaz.

*“A linguagem corporal é um reflexo para o exterior do estado emocional de uma pessoa. Cada gesto ou movimento pode constituir um indicador valioso de uma emoção que se experimenta no momento”* (Allan & Pease, 2006: 32).

No contexto da mediação, é necessário que o mediador desenvolva um “terceiro sentido”, a fim de captar e decodificar mensagens codificadas, ou “meta-mensagem”, uma mensagem oculta que transmite uma instrução ou informação sobre as relações e atitudes do casal. Muitos casais não se confrontam abertamente, fazem-no através deste tipo de mensagem. Esse tipo de mensagem pode ser mais perigosa do que um ataque frontal, especialmente se tem como objetivo destruir o parceiro através do sarcasmo ou pelo ridículo.

Sentimentos de raiva, tristeza bem como de carinho, são muitas vezes transmitidos por olhares ou gestos entre o casal. Alguns géneros de linguagem corporal em mediação podem obrigar a uma resposta do mediador, ao passo que outros são irrelevantes.

Mas não são só os mediados que transmitem informações através da linguagem corporal. O contacto visual, expressão facial, movimentos das mãos, a maneira de estar sentado do mediador, também transmite sinais de que este necessita estar consciente (Parkinson, 2008).

Seguidamente iremos dar alguns exemplos de pequenos sinais que podem ser uma mais-valia, quando bem interpretados:

- Braços dobrados à volta do peito, punhos cerrados ou pernas firmemente cruzadas, podem ser posições defensivas indicadoras de vulnerabilidade, raiva contida ou medo de ataque. Os mediados podem manter os olhos baixos e evitar olhar para os outros, podem ainda, deslocar as cadeiras e afastá-las dos demais;
- Postura indolente, deitada para trás na cadeira com as pernas esticadas, pode ser indicador de superioridade;
- Manter os olhos fechados, pode manifestar tédio ou falta de vontade de colaborar, mas também podem ser máscaras da ansiedade e do receio sentidos;
- Sobrancelhas franzidas, olhar feroz, lábios trémulos, uma mão a tapar a cara, todas estas expressões precisam de ser observadas e respondidas. Sorrir,

normalmente convida a um sorriso em resposta. Os mediadores que se concentram a fundo, por vezes esquecem-se de sorrir um pouco.

O silêncio é um “elemento” muito presente em mediação, este pode ser pensativo ou altamente emocional. O mediador deve aceitar o silêncio e não se apressar em preenche-lo, mas se o ambiente for ameaçador e pesado, é importante reconhecer e discutir as tensões (Parkinson, 2008).

O Homem é o único organismo conhecido que usa essas duas formas de comunicação (digital e analógica). Podemos concluir que os dois modos de comunicação não só existem lado a lado, como se podem complementar nas mensagens ou não (Watzlawick, Beavin & Jackson, 1984).

### **3.2. Mediação Intercultural**

*“O desafio é a da sociedade multicultural, a do convívio de culturas, na amizade, respeito, solidariedade e unidade.” (Costa 1998:75)*

Tendo em conta que este estudo tem como base o tema da imigração, achamos pertinente incluir a mediação intercultural nesta reflexão, visando evidenciar as suas potencialidades, como técnica ampla de promoção do diálogo, contribuindo para a promoção da integração e coesão social. Iremos facultar ao leitor um enquadramento da temática mediação intercultural, de recente implantação no nosso país.

A mediação intercultural surge aliada à necessidade de combater a exclusão social em que se encontram muitos imigrantes que chegam ao nosso país. O conceito de exclusão ocorre pelo predomínio de um conjunto de perdas, tais como: autoestima, autoconfiança, identidade social, perspectivas de futuro e que apesar de interdependentes, podemos também concebe-las em simultâneo. No entanto, importa evidenciar que existem diversos graus de exclusão, sublinhando a ideia de que nem toda a forma de exclusão representa falta de acesso aos sistemas sociais básicos.



*“No caso das minorias étnicas, o isolamento verificado entre estes grupos e a sociedade em geral, deve-se à barreira linguística, a qual constitui um forte entrave à integração social, pois não dominando a língua, a tendência destes grupos é para se isolarem, resultando na segregação espacial, relacional, comunicacional. Todavia, como existe um forte sentimento de pertença destes indivíduos à sua comunidade, as fortes redes de solidariedade que se criam, quase que “substituem” a relação com o resto da sociedade.” (Ricardo, 2006:14)*

Embora ocorra mais em relação aos imigrantes recém-chegados, esta situação de precariedade linguística, não é provisória ou transitória. Para muitos emigrantes já instalados, a situação de precariedade tem-se arrastado.

Atualmente privilegia-se o contacto de culturas, uma sociedade multicultural. Outrora a integração social pressupunha que os imigrantes abandonassem a sua cultura e interiorizassem a do país de acolhimento. Procura-se um diálogo interativo onde cada cultura reconheça as diferenças sem fazer juízos de valor, onde se respeite as diferenças de cada povo (Ricardo, 2006).

Em Portugal, a aplicação da mediação intercultural é bastante recente remontando à década de 90, esta tem sido um recurso elementar para o desenvolvimento social dos países com uma matriz cultural diversa, procurando uma reconceptualização adaptada a este contexto, visando o contacto intercultural por via da comunicação. A mediação intercultural tem vindo a ser acolhida e implementada por uma série de instituições que operam no terreno da intervenção social. No entanto, de acordo com Oliveira e Galego (2005) a execução desta técnica tem ficado ao critério dos que a aplicam, sem que existam referenciais comuns.

Por fim, importa referir aquelas que são consideradas as competências e deveres do mediador intercultural:

- A promoção do diálogo intercultural, estimulando o respeito e o aprofundamento da diversidade cultural;

- A colaboração na prevenção e resolução de conflitos socioculturais e na definição de estratégias de intervenção social;
- A colaboração ativa com todos os intervenientes dos processos de intervenção social e educativa;
- A facilitação da comunicação entre profissionais e utentes de origem cultural diferente;
- A assessoria dos utentes na relação com profissionais e serviços públicos e privados;
- A promoção da inclusão de cidadãos de diferentes origens sociais e culturais em igualdade de condições;
- O respeito da natureza confidencial da informação relativa às famílias, populações abrangidas pela sua ação.

Iremos abordar novamente o tema da Mediação, na II Parte deste estudo, no Capítulo 7, ao falarmos das *Pistas para Mediar estas Famílias*. Após a análise dos resultados da presente investigação e com base na literatura de referência, iremos dar pistas de como os profissionais que pretendem intervir/mediar famílias de origem imigrante, devem fazê-lo, o que devem ter em conta e o que poderá ser uma mais-valia para essa intervenção.



## **PARTE II - ESTUDO EMPÍRICO**



## **CAPÍTULO 4. CONCEPTUALIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA**

No seguimento do enquadramento teórico, este capítulo apresenta uma conceptualização da investigação empírica com uma breve delimitação do problema de investigação, sistematização dos objetivos do estudo para posteriormente descrever e caracterizar a metodologia adotada.

### **4.1. Delimitação do Problema de Investigação e Objetivos**

A multiculturalidade das sociedades contemporâneas, fruto das migrações e da globalização, são objeto de estudo de vários investigadores (Rosales, Jesus e Parra, 2009). As comunidades PALOP's no geral ou a comunidade cabo-verdiana em particular fazem parte da história de Portugal e hoje deparamo-nos com um novo desafio que são os descendentes dessa comunidade imigrante. A chamada “2ª geração de imigrantes”, que aqui preferimos referir apenas como filhos de imigrantes uma vez que estes não devem ser considerados imigrantes como nos diz Cardoso (2006).

Os filhos de imigrantes, têm sido alvo das mais variadas pesquisas, onde se procura caracterizá-los e se buscam “fórmulas” para a sua integração na sociedade portuguesa (Batalha, 2009 Rocha, 2003 & Vala, 2003).

Com o passar dos anos, estes filhos de imigrantes, nascidos em Portugal, cresceram e constituíram as suas próprias famílias. Daí aparece uma nova geração de descendentes de imigrantes. Não uma “3ª geração de imigrantes”, mas uma 2ª geração de descendentes de imigrantes. Pensamos que, o facto de pouco ou nada se falar dessa população, estar relacionado com a prematuridade da mesma.

Neste sentido, o presente trabalho tem como objeto de estudo os filhos e netos dos imigrantes cabo-verdianos, explorar empiricamente a Educação, a Cultura e a Identidade Cultural, nas famílias de descendentes de cabo-verdianos.

*Os objetivos desta investigação são os seguintes:*

Os objetivos gerais deste estudo consistem em: caracterizar, a nível cultural, a(s) identidade(s) dos imigrantes cabo-verdianos de segunda geração e suas famílias; contribuir para uma melhor compreensão da cultura, das rotinas e rituais familiares desta população; analisar os fatores de risco que casualmente se encontrem nestas famílias, que possam impedir uma melhor integração social; elaborar pistas gerais para poder melhor intervir/mediar junto a estas famílias.

*Especificamente pretende-se:*

- Averiguar se na rotina destas famílias e na educação dada aos filhos (netos de imigrantes cabo-verdianos), está presente a cultura, os costumes e os rituais do país de origem dos seus pais;
- Averiguar o sentimento de pertença, desta população, a Portugal.

*Questões de investigação:*

*1ª Questão - Será que nestas famílias existe apenas uma identidade cultural, portuguesa ou cabo-verdiana?*

Objetivo: Averiguar qual o sentido de pertença, dos inquiridos e dos seus filhos, quanto a Portugal e/ou a Cabo-Verde. Se a identidade cultural destas famílias é cabo-verdiana ou portuguesa, ou estamos perante uma identidade que advém da mistura destas duas culturas?

*2ª Questão - Será que na rotina destas famílias e na educação dada aos filhos, está presente a cultura, os costumes e os rituais do país de origem dos pais?*

Objetivo: Analisar se existem referências culturais, do país de origem dos pais e como é que estas são transmitidas aos filhos (netos de imigrantes).

*3ª Questão - Entendem e falam a língua materna dos seus pais?*

Objetivo: Saber se a língua materna dos pais (o crioulo), é entendida e falada no seio da família, não apenas pelos filhos, mas também pelos netos.

## **4.2. METODOLOGIA**

### **4.2.1. Desenho da Investigação**

Tendo em conta que a presente investigação decorre de uma abordagem empírica, que insere no Paradigma Pós-Positivista. Considerando a complexidade do objeto de estudo e as características do investigador, consideramos que apesar da existência de uma realidade ‘real’, esta é apenas suscetível de ser apreendida de modo imperfeito e probabilístico. Admitimos a hipótese da obtenção de resultados que revelam como uma suposta realidade é percecionada pelos participantes.

Trata-se de um estudo exploratório, ou seja, o investigador não irá intervir, apenas solicitar informações da população em estudo (descritivo). Os sujeitos serão inquiridos apenas num único momento, sendo assim um estudo transversal.

Este estudo é composto por variáveis sócio-demográficas como: Sexo, Idade, Nacionalidade, Escolaridade, Profissão, Estado Civil, Origem do Companheiro, Número de Filhos, Idade dos Filhos, Agregado Familiar, Área Onde Trabalha; que irão ser obtidas através da aplicação de um Questionário Sócio-demográfico, a todos os participantes. As restantes variáveis: Identidade Cultural, Rituais Culturais, Se Conhece Cabo-Verde, Rituais / Rotinas Familiares, Língua, Sentimento de Pertença; obtidas através da realização de entrevistas semi-estruturadas. Irá ser utilizada uma abordagem qualitativa, abordagem mais indicada quando se pretende apresentar “histórias” ricas em detalhes, explicar a experiência humana, explicar a diversidade, preservar condições históricas, culturais e gerar teorias sobre processos que se vão alterando ao longo do tempo. Para Bogdan e Biklen (1994), a metodologia qualitativa diferencia-se da quantitativa, pelo facto do investigador centrar a sua atenção no processo e não essencialmente nos resultados, onde a fonte de dados é o ambiente natural em que o investigador assume um papel fundamental.



Assim iremos utilizar o método qualitativo, uma vez que se procura a subjetividade dos fenómenos, a sua globalidade e a compreensão, analisando a perceção da realidade sem a descontextualizar. A metodologia qualitativa procura estudar os temas no seu “*setting natural tentando dar sentido ou interpretar fenómenos em termos do significado que as pessoas lhes atribuem*” (Denzin & Lincoln, 1994: 14).

#### **4.2. 2. Amostra**

A amostra do presente estudo (N=20) foi recolhida através da Instituição de Solidariedade Social -Associação “Olho Vivo”, e através do processo “bola de neve”, ou seja, ao falarmos com um indivíduo, foi solicitado que este indicasse outro possível inquirido (para que o estudo não fica condicionado a apenas um nível socioeconómico). Dessa forma, trata-se de uma amostra de conveniência ou não probabilística (Hill & Hill, 2002).

Foram realizadas entrevistas individuais a filhos de imigrantes cabo-verdianos, residentes na grande Lisboa, entrevistas essas que decorreram entre os meses de Fevereiro e Abril de 2011.

##### *Crítérios de inclusão*

- Descendentes de imigrantes Cabo-verdianos;
- Filhos de pai e mãe cabo-verdianos;
- Que tenham filhos em idade escolar;
- Que sejam os responsáveis pela educação dos seus filhos;
- Maiores de 18 anos.

O Quadro 3 que se segue apresenta uma caracterização geral da amostra deste estudo quanto às variáveis sexo, idade e estado civil.

*Quadro 3 - Sexo, Idade e Estado Civil da Amostra*

	Frequência	Frequência relativa
<b>Sexo</b>		
Masculino	3	15%
Feminino	17	85%
Total	20	100%

<b>Idade</b>	M	DP	Min.	Máx.
	30,85	3,92	22	36

**Estado Civil**

Solteiro(a)	11	55%
União de Facto	4	20%
Casado(a)	5	25%

Os elementos da amostra são maioritariamente do sexo feminino 85%. Esta é composta por indivíduos entre os 22 e os 36 anos, sendo que a maioria dos indivíduos é solteiro (55%).

*Quadro 4 - Nível de Escolaridade, Situação Profissional e Grupo Profissional da Amostra*

	Frequência	Frequência Relativa
<b>Nível de Escolaridade</b>		
4ª Classe	7	35%
9º Ano	7	35%
12º Ano	5	25%
Ensino Superior	1	5%
<b>Situação Profissional</b>		
Doméstica	2	10%
Estudante	1	5%
Trabalhador	13	65%
Desempregado	4	20%
<b>Grupo Profissional</b>		
Grupo 1 (Quadros Superiores de Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas).	2	15%
Grupo 3 (Técnico e Profissionais de Nível Intermédio)	3	10%
Grupo 4 (Pessoal Administrativo e Similares)	2	10%
Grupo 5 (Pessoal dos Serviços e Vendedores)	1	5%
Grupo 9 (Trabalhadores não Qualificados)	6	30%

Relativamente ao nível de escolaridade, os indivíduos com a 4ª classe e os indivíduos que completaram o 9º ano de escolaridade, correspondem à maioria do

universo da amostra, com 35% em cada grupo. Seguindo-se o grupo dos indivíduos que têm o 12º ano (25%) e por último, correspondendo a 5% da amostra, apenas 1 indivíduo concluiu o ensino superior.

No que diz respeito à situação profissional, verifica-se um grande desequilíbrio uma vez que 65% da amostra exerce atividade profissional, ou seja, encontra-se a trabalhar e 20% encontra-se desempregado. Dos 65% de trabalhadores, quando se questiona o grupo profissional a que pertencem, os trabalhadores não qualificados apresentam a maior percentagem (30%) seguindo-se o grupo 1 que corresponde aos Quadros Superiores de Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas com 15%.

*Quadro 5- Origem do Companheiro*

	Frequência	Frequência relativa
<b>Origem do Companheiro</b>		
Portuguesa	3	15%
Cabo-verdiana	13	65%
Outra	2	10%

Quanto à origem dos(as) companheiros(as) dos entrevistados, verificou-se que a maioria é de origem cabo-verdiana, 13 elementos o que corresponde a 65% da amostra, contra 15% de companheiros(as) de origem portuguesa.

*Quadro 6 - Número e Idade dos Filhos*

	Frequência	Frequência relativa
<b>Idade dos Filhos</b>		
0-2 Anos	6	13.6%
3-5 Anos	8	18.2%
6-10 Anos	16	36.4%
>10 Anos	14	31.8%
<b>Total</b>	<b>44</b>	<b>100%</b>

	Frequência	Frequência relativa
<b>Número de Filhos</b>		
1	6	30%
2	7	35%
3	5	25%
4	1	5%
5	1	5%

<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>Min.</b>	<b>Max.</b>
2,2	1,1	1	5

A amostra tem entre 1 a 5 filhos, sendo que a maior percentagem corresponde aos entrevistados que declararam ter 2 filhos (35%). Relativamente à idade dos filhos, no topo da lista com 16 participantes, está o grupo com filhos entre os 6 e os 10 anos de idade (36.4%), seguindo-se os participantes, que tem filhos com mais de 10 anos de idade (31.8%). Tendo em conta que os indivíduos entrevistados situam-se entre os 22 e os 36 anos, podemos constatar que trata-se de uma população muito jovem e com muitos filhos. Será que estamos perante uma questão cultural ou estes números estão ligados a outros fatores como a falta de formação e/ou informação?

*Quadro 7- Nacionalidade*

	Frequência	Frequência Relativa
<b>Tem Nacionalidade Portuguesa</b>		
Sim	15	75%
Não	5	25%
<b>Gostaria de Ter Nacionalidade Cabo-verdiana</b>		
Sim	11	55%
Não	4	20%

75% da amostra, são indivíduos portadores da nacionalidade portuguesa, do lado oposto, estão os 25% que apesar de terem nascido igualmente em território português, continuam sendo de nacionalidade cabo-verdiana, pelas mais variadas razões.

Dos 75% de portadores de nacionalidade portuguesa, apenas 55% manifestaram vontade em adquirir a nacionalidade cabo-verdiana, ficando assim com dupla nacionalidade.

#### Quadro 8 - Conhece Cabo-Verde

	Frequência	Frequência Relativa
<b>Conhece Cabo-Verde</b>		
Não	13	65%
Sim	7	35%

Finalizamos esta análise com um dado muito importante para a nossa pesquisa, o facto dos entrevistados conhecerem ou não o país de origem de seus pais, Cabo-Verde. É importante referir que mais de metade da nossa amostra (65% que corresponde a 13 indivíduos), não conhece Cabo-Verde e apenas 35% da amostra declara já ter ido de férias a Cabo-Verde.

#### 4.2.3. Procedimento de Recolha de Dados

Inicialmente ponderou-se a realização de *focus groups*, mas devido às características da amostra e à possibilidade de os inquiridos conhecerem-se entre si (podendo assim interferir na veracidade das respostas recolhidas), optou-se pela utilização de entrevistas semi-estruturadas individuais, pois tratando-se de uma metodologia qualitativa, pareceu-nos o instrumento mais indicado para o estudo que pretendemos realizar.

Primeiramente foram realizados dois pré-testes do guião, a dois indivíduos do sexo feminino, com as características da amostra pretendida. Com base na informação recolhida dos pré-teste foram detetadas algumas lacunas no guião de entrevista, obrigando à sua reformulação.

Posteriormente foram enviados *e-mails* para várias Instituições de Solidariedade Social, explicando os objetivos do estudo e solicitando a colaboração das mesmas, no sentido de podermos entrevistar os seus utentes. Das três Instituições que

foram contactadas, apenas obtivemos resposta da Associação “Olho Vivo”. Através desta associação (que tem a sua sede no centro Comercial de Queluz Belas, linha de Sintra), foi-nos possível entrevistar 5 descendentes de imigrantes cabo-verdianos, todos do sexo feminino. Quatro dessas entrevistas foram realizadas na sede da associação e apenas uma, na residência da participante (devido à indisponibilidade desta de se deslocar à sede da associação).

Para a realização deste estudo, foram contactados 44 indivíduos e apenas 20 responderam positivamente à solicitação. Os indivíduos foram contactados presencialmente ou telefonicamente. Três dos entrevistados fazem parte do círculo de amigos do investigador, 12 foram indicados pela Associação “Olho Vivo”, 8 foram indicados por conhecidos do investigador e os restantes foram através do processo de bola de neve.

Dos 20 entrevistados realizadas, 13 são moradores de bairros sociais, da grande Lisboa, onde existe uma forte concentração de imigrantes cabo-verdianos: Cova da Moura - Damaia, Bairro da Boba - Amadora, Pendão – Queluz e Bairro das Campinas – Idanha /Belas.

Importa referir, que 3 dos entrevistados exercem funções em Instituições que trabalham com a comunidade cabo-verdiana.

Na maior parte dos casos, o investigador deslocou-se à residência dos entrevistados, para que assim (uma vez que a situação era mais confortável para os entrevistados), a adesão ao estudo fosse maior.

A cada participante, foi pedido um consentimento por escrito, para que as entrevistas fossem gravadas em formato áudio. Documento esse que se encontra no Anexo A.

Antes de cada entrevista, era explicado aos indivíduos os contornos da investigação e o facto de esta ser de carácter anónimo. Como foi referido anteriormente, para a realização do presente estudo, o investigador utilizou um questionário sócio-demográfico de 14 questões e realizou entrevistas semi-estruturadas com base num guião que contém 49 perguntas, na sua maioria abertas, construídas através da literatura que serviu de base para este estudo (Anexos B e C). As entrevistas tiveram uma duração média de 30 minutos.



#### **4.2.4. Instrumentos**

Neste estudo os dados recolhidos junto da amostra seguiu a metodologia de entrevistas semi-estruturadas, tendo-se baseado em dois instrumentos desenvolvidos para esse efeito: um questionário de caracterização sócio-demográfica e um guião de apoio às entrevistas semi-estruturadas. Os instrumentos foram construídos com base na revisão de literatura, nas questões de partida iniciais e nos objetivos delineados.

##### **4.2.4.1. Questionário Sócio – demográfico**

As 14 questões relativas às informações demográficas foram recolhidas antes do início das entrevistas. O questionário continha variáveis demográficas como: a idade; o sexo; o estado civil; a origem do companheiro; a nacionalidade; a escolaridade; o nº e a idade dos filhos; nº de elementos do agregado familiar; a profissão e sector de atividade; zona em que trabalha e se conhece Cabo-Verde (ver Anexo B).

##### **4.2.4.2. Entrevista Semi-estruturada**

A fim de se construir o corpo da investigação, optamos por utilizar a entrevista semi-estruturada para a recolha de dados. Na entrevista semi-estruturada existe um guião que dá à entrevista alguma estrutura, ajudando a manter o foco nas questões – chave, mas tem um carácter flexível e suscetível de pequenas mudanças ou esclarecimentos. O guião é composto por questões semi-abertas, permitindo que o entrevistado relate experiências e vivências pessoais, da mesma forma que, dá ao investigador a possibilidade de introduzir questões adicionais não planeadas (Francisco, 2009).

As questões foram elaboradas com base na revisão de literatura, através da consulta de vários estudos que abordavam os temas da imigração, cultura e

identidade cultural. Houve, no entanto, a preocupação de que as questões formuladas fossem muito simples, claras, curtas e diretas para a população alvo em questão.

#### **4.2.5. Metodologia de Análise de Dados**

Neste estudo utilizou-se a *Análise de Conteúdo*: este tipo de análise incide sobre mensagens tão variadas como artigos de jornais, documentos oficiais, obras literárias, que vão servir de fontes de informação através das quais o investigador vai construir um conhecimento. Através da utilização deste método, vai ser possível ao investigador interpretar os dados de forma imparcial, sem que tome como referência os seus próprios valores. Este fator aparece como uma das grandes vantagens deste método, obrigando o investigador a manter uma distância em relação a interpretações espontâneas. Tendo em conta que tem por objetivo uma comunicação com base num suporte material, que permitirá, posteriormente, um melhor controlo e ou avaliação do trabalho de investigação (Marques & Mendes, 1992).

A análise da informação recolhida foi realizada com recurso ao *software* de investigação qualitativa NVivo 8. Após a transcrição das entrevistas, a informação foi analisada através deste *software* que permitiu a categorização dos dados, num processo de codificação sucessiva. Ao longo da transcrição das entrevistas, iam surgindo as categorias nucleares ou categorias mãe, onde se integram as subcategorias ou categorias filhas (Flick, 2005). No entanto, podemos dizer que as primeiras categorias surgiram através da delimitação das variáveis em estudo, a partir daí e com o avançar da análise, foram surgindo categorias de análise mais específicas (subcategorias).



## CAPÍTULO 5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo visa reportar os principais resultados deste estudo relativamente às questões de investigação anteriormente levantadas. Os resultados aqui apresentados foram sujeitos a análise de conteúdo através do programa NVivo 8, tendo em conta os objetivos e as características das variáveis em estudo.

### 5.1. Identidade Cultural

Sendo esta uma das principais questões deste estudo, foram elaboradas várias perguntas que perspectivavam perceber qual a Identidade Cultural destes descendentes de imigrantes cabo-verdianos e seus filhos. Perguntas como: *Quando está fora de Portugal e alguém lhe pergunta de onde é, o que responde?*; *Se houver um jogo de futebol, Portugal vrs Cabo-Verde, vai torcer por quem?*; foram algumas das perguntas feitas aos entrevistados e reportadas também aos filhos destes. Os resultados serão apresentados em duas vertentes diferentes, o primeiro quadro diz respeito aos resultados obtidos através da primeira questão supracitada; o segundo quadro, dá-nos a identidade cultural dos entrevistados, dos seus filhos e da família no geral, tendo em conta todas as referências alusivas a Cabo-Verde ou a Portugal.

*Quadro 9 - Identidade Cultural*

Identidade Cultural	Próprio	%	Filhos	%
Cabo-verdiana	3	15%	0	0%
Portuguesa	11	55%	18	90%
Indeciso	2	10%	1	5%
Portugueses descendentes de cabo-verdianos	4	20%	1	5%
Total	20	100%	20	100%

Através da análise deste quadro, verificamos que 11 entrevistados, o equivalente a 55% da amostra, identificam-se como portugueses, contra 15% que dizem ser cabo-verdianos. É interessante verificar que 4 elementos referem que quando questionados sobre a sua origem, respondem ser portugueses descendentes de cabo-verdianos. Em relação aos filhos dos entrevistados, importa referir que 18 (90%) dos inquiridos dizem que os filhos se identificam como portugueses e apenas 1 (5%) declara que o filho diz ser português descendente de cabo-verdianos.

Quadro 10 - *Identidade Cultural (relativamente às referências existentes)*

	Cabo-verdiana	%	Indecisão ou outros	%	Portuguesa	%
Próprio	234	61%	44	59%	109	49%
Filhos	89	23%	20	27%	75	34%
Família	61	16%	11	15%	38	17%
Total	384	100%	75	100%	222	100%

Quanto às referências alusivas a Portugal ou a Cabo-Verde, tendo em conta todas as questões colocadas, foi possível apreender que existe um maior número de referências a Cabo-Verde em todos os elementos (o entrevistado, filhos ou família no geral). Estas foram 384 contra 222 referências a Portugal ou à cultura portuguesa.

Ainda com o intuito de perceber a Identidade Cultural da amostra, achamos pertinente cruzar essa variável com variáveis como: Conhece Cabo-Verde; Nacionalidade e Origem do Companheiro. Como podemos verificar nos quadros que se seguem.

Quando 11 - *Identidade Cultural vrs Conhece Cabo-Verde (o próprio)*

Identidade Cultural	Conhece Cabo-Verde	%	Não conhece Cabo-Verde	%
Cabo-verdiana	0	0%	3	21%
Portuguesa	3	50%	8	57%
Indeciso	2	33%	0	0%
Portugueses descendentes de cabo-verdianos	1	17%	3	21%
Total	6	100%	14	100%

Verifica-se que nenhum dos elementos da amostra que se identifica como cabo-verdiano, conhece o país de origem dos seus pais e que dos 11 que se identificam como portugueses, apenas 3 declararam já conhecer Cabo-verde.

Quadro 12 - *Identidade vrs Nacionalidade (o próprio)*

Identidade Cultural	Nacion.Portuguesa	%	Nacion. Cabo-verdiana	%
Cabo-verdiana	3	20%	0	0%
Portuguesa	6	40%	5	100%
Indeciso	2	13%	0	0%
Portugueses descendentes de cabo-verdianos	4	27%	0	0%
Total	15	100%	5	100%

Achamos que seria pertinente cruzar estas duas variáveis a fim de se perceber se existe alguma relação entre a Identidade Cultural e o facto de o indivíduo possuir ou não, a Nacionalidade do país onde nasceu, neste caso a Nacionalidade Portuguesa. Pois sabemos que, devido às constantes mudanças das leis da imigração, ainda existem bastantes descendentes de imigrantes, que apesar de já terem nascido em território português, possuem apenas a nacionalidade do país dos seus pais. Foi interessante observar que dos 11 entrevistados que se identificam como portugueses, 5 não são detentores da nacionalidade portuguesa e ainda foi possível constatar que tanto os que se identificam como sendo cabo-verdianos, portugueses descendentes de cabo-verdianos, ou até mesmo aqueles que não se conseguem posicionar, todos eles possuem a nacionalidade portuguesa.

*Quadro 13 - Identidade vrs Origem do Companheiro*

Identidade Cultural	Origem cabo-verdiana	%	Origem Portuguesa	%	Outras Origens	%	Sem companheiro	%
Cabo-verdiana	2	10%	1	5%				
Portuguesa	7	35%	2	10%	1	5%	1	5%
Indeciso		0%		0%	1	5%	1	5%
Português descendente de cabo-verdianos	3	15%	1	5%				
Total	12	60%	4	20%	2	10%	2	10%

O Quadro 13 revela que 60% dos companheiros dos entrevistados são de origem cabo-verdiana. Os companheiros de origem cabo-verdiana estão em maioria mesmo quando os entrevistados se identificam como portugueses.

O quadro que se segue mostra-nos a origem dos amigos dos entrevistados e dos seus filhos. Ainda que estes dados não tenham sido cruzados com a Identidade Cultural dos mesmos, achamos importante para esta reflexão.

*Quadro 14 - Origem dos Amigos*

Amigos	Próprio	%	Filhos	%
Mistos	5	25%	6	30%
Origem cabo-verdiana	12	60%	9	45%
Origem portuguesa	3	15%	5	25%
Total	20	100%	20	100%

Verificamos que tanto os entrevistados como os seus filhos têm maioritariamente amigos de Origem Cabo-verdiana (Próprio 60% - Filhos 45%). Isto justifica-se tendo em conta que a maioria dos amigos dos filhos são os filhos dos amigos dos pais. A categoria “Mistos” aparece quando os entrevistados referem que os seus amigos ou os amigos de seus filhos, não são maioritariamente de Origem Cabo-verdiana nem Portuguesa, estando divididos. Ou ainda, quando referem ter amigos não só dessas origens como de outras diferentes (Próprio 25% - Filhos 30%).

## 5.2. Referências Culturais Relativas a Cabo-Verde

Para que nos fosse possível perceber se na rotina destas famílias e na educação dos filhos, está presente a cultura, os costumes e os rituais de Cabo-Verde, tentamos apreender quais são os hábitos e costumes destas famílias; se se transmite a cultura cabo-verdiana aos filhos; o que se come na Ceia de Natal; entre outras questões cujos resultados serão apresentados nos quadros que se seguem. Antes de mais, importa referir que alguns destes dados foram recolhidos através das referências feitas pelos entrevistados em relação a cada item, como por exemplo: um indivíduo pode fazer referência à música cabo-verdiana ou aos outros estilos de música, várias vezes.

*Quadro 15 - Tipos de Música*

Tipo de Música	Família	%
Música cabo-verdiana e ou africana	15	58%
Música portuguesa	2	8%
Vários estilos de música	9	35%
Total de Referências Mencionadas	26	100%

No Quadro 15, pode observar-se que existem mais referências à Música Cabo-verdiana e/ou Africana (58%) do que à Música Portuguesa que aparece



mencionada apenas 2 vezes (8%), como sendo o estilo de música de eleição para estas famílias.

*Quadro 16 - Programas de TV*

Programas de TV	Família	%
Outros programas	17	65%
Programas relacionados com Cabo-Verde ou África	9	35%
Total de Referências Mencionadas	26	100%

No que diz respeito aos programas de TV que estas famílias preferem, podemos constatar que os programas relacionados com Cabo-Verde ou com África no geral são pouco vistos (35%).

Cada indivíduo foi questionado ainda, se os seus filhos sabem dançar e quais os estilos que estes dançam. Os resultados dizem-nos que os pais fazem referência a que os filhos sabem dançar danças tradicionais cabo-verdianas ou africanas no geral 14 vezes, o que equivale a 56% da amostra.

*Quadro 17 - Os filhos Sabem Dançar?*

Danças	Filhos	%
Não sabem dançar	2	8%
Sabem danças relacionadas com CV ou África	14	56%
Sabem outros estilos	9	36%
Total de Referências Mencionadas	25	100%

A alimentação também diz muito da cultura e identidade de um povo, por esse motivo, os entrevistados foram questionados sobre o que é costume comerem na

Ceia de Natal e quais são as suas comidas preferidas. Os resultados serão apresentados nos Quadros 18 e 19.

*Quadro 18 - Ceia de Natal*

Ceia de Natal	Família	%
Comida cabo-verdiana	7	28%
Comida portuguesa	18	72%
Geral	0	0%
Total de Referências Mencionadas	25	100%

*Quadro 19 - Comidas Preferidas*

Comidas preferidas	Próprio	%	Filhos	%
Comida cabo-verdiana	3	15%	2	10%
Comida portuguesa	5	25%	4	20%
Geral	12	60%	14	70%
Total	20	100%	20	100%

Ao analisarmos estes dois quadros, podemos verificar que na mesa destas famílias, na Ceia de Natal predomina a comida tradicional portuguesa (72%), embora 28% dos entrevistados referem optar por pratos tradicionalmente cabo-verdianos. Quanto às comidas preferidas pelos entrevistados e pelos seus filhos, as comidas que não são tradicionalmente de nenhuma destas duas culturas estão em vantagem na preferência tanto dos pais (60%) como dos filhos (70%).

A fim de percebermos se existe alguma relação entre a transmissão da cultura do país de origem (Cabo-Verde) e a escolaridade dos inquiridos, achamos pertinente cruzar estas duas variáveis.

*Quadro 20 - Transmissão da Cultura Cabo-verdiana vrs Escolaridade*

Transmissão da Cultura CV	Escolaridade							
	4º Ano	%	9º Ano	%	12º Ano	%	Ensino Superior	%
Não	2	10%	1	6%	0	0%	0	0
Sim	4	21%	6	31%	5	26%	1	6%
Total	6	31%	7	37%	5	26%	1	6%

Antes de mais, importa referir que apenas 19 indivíduos responderam às questões que tiveram na base deste quadro. Ao cruzarmos essas duas variáveis, podemos concluir que são os indivíduos com menos escolaridade, aquele que declararam não achar importante a transmissão da cultura cabo-verdiana aos filhos, o que equivale a 10% da amostra. 78% dos inquiridos acham importante falar da cultura cabo-verdiana aos seus filhos.

### 5.3. O Crioulo

O crioulo é a língua materna do povo cabo-verdiano. Apesar de Cabo-Verde ter como língua oficial o português, este é falado apenas nos ambientes formais. Como a identidade de um povo é o elo de ligação entre os que permanecem no país de origem e os que estão na diáspora, a língua é um elemento muito importante que não poderia ser esquecido neste estudo. Procuramos saber se no seio destas famílias se fala crioulo, se os entrevistados para além de perceberem e falarem esta língua vernácula, a utilizam na relação com os seus filhos.

*Quadro 21 - Entendimento do Crioulo*

Entendimento do Crioulo	Próprio		Filhos	
Entendo e falo	16	80%	8	40%
Entendo mas não falo.	4	20%	11	55%
Não falo e não entendo.	0	0%	1	5%
Total	20	100%	20	100%

A maior parte dos inquiridos entende e fala crioulo (80%). Nenhum declarou não o entender e não o falar. No que diz respeito aos seus filhos, 5% destes não entendem e não falam crioulo, sendo que a maioria (55%), entende mas não sabe falar a língua da terra dos seus avós. Será que estes dados nos indicam que estes descendentes de cabo-verdianos estão cada vez mais distantes da sua cultura de origem?

*Quadro 22 - Identidade vrs Utilização do Crioulo na Relação com os Filhos*

Utilização do Crioulo	Cabo-verdiana	%	Indecisos ou outros	%	Portuguesa	%
Não	0	0%	1	4%	11	41%
Sim	7	26%	1	4%	7	26%
Total	7	26%	2	8%	18	56%

Estes dados revelam que todos os indivíduos que se identificam como cabo-verdianos utilizam a língua crioula na relação com os seus filhos (26%), já a maioria dos de identidade cultural portuguesa não utilizam o crioulo para comunicarem com os filhos (41%). É interessante constatar que apesar de 56% da amostra se identificar como portugueses, desses 56%, 26% fala crioulo com os seus filhos.

Estes resultados são fruto de uma longa pesquisa e de uma análise de conteúdo minuciosa. Assim, foi-nos possível perceber a dinâmica destas famílias e um pouco da identidade destes filhos e netos de imigrantes cabo-verdianos, o que será clarificado e discutido no capítulo que se segue.



## CAPÍTULO 6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo visa apresentar a discussão dos resultados obtidos, tendo em conta as questões iniciais desta investigação que decorreram da revisão de literatura. Ambiciona-se fornecer os elementos essenciais para a compreensão da dinâmica destas famílias, com vista a um melhor entendimento da identidade cultural dos descendentes dos imigrantes cabo-verdianos.

Os principais objetivos propostos para esta investigação foram, o de averiguar se na rotina destas famílias e na educação dada aos filhos (netos de imigrantes cabo-verdianos), está presente a cultura, os costumes e os rituais do país de origem; e ainda averiguar o sentimento de pertença desta população a Portugal, caracterizando, a nível cultural, a(s) identidade(s) dos descendentes de imigrantes cabo-verdianos. Dessa forma, pretende-se contribuir para uma melhor compreensão da cultura, das rotinas/rituais familiares e culturais desta população, analisando os fatores de risco que casualmente possam existir, impedindo uma melhor integração social destes indivíduos e elaborar pistas gerais para melhor intervir/mediar junto destas famílias.

*Será que nestas famílias existe apenas uma identidade cultural, portuguesa ou cabo-verdiana?*

Os resultados obtidos neste estudo revelaram que no universo da nossa amostra são poucos os indivíduos que ao serem questionados sobre a sua identidade, se identificam como cabo-verdianos ou fazem alusão à sua ascendência. Quando reportamos a mesma pergunta aos filhos, esse número desce ainda mais. Apesar de no nosso estudo os entrevistados fazerem mais referências a Cabo-Verde do que a Portugal, como podemos verificar através do quadro nº 10, ficou claro que a grande maioria afirma identificar-se como português (quadro nº 9). O facto de existirem mais referências relacionadas com Cabo-Verde, ou seja: referências à comida, música, cultura e tradição cabo-verdiana; poderá ser um indicador de que a cultura cabo-verdiana ainda está bastante presente no ceio destas famílias. Questão que iremos abordar mais adiante.

Achamos pertinente sublinhar que alguns elementos declaram ser portugueses dependendo da ocasião, por uma questão de afirmação não pelo facto de se sentirem realmente portugueses.

*“Agora normalmente digo que sou português, porque tenho que afirmar que nasci cá. Digo que sou português epá porque nasci cá, mas orgulho-me por ser filho de cabo-verdianos.” (Entrevista nº10)*

Esses dados vão contrariar o que disse Vala (2003), no estudo realizado com jovens de “segunda geração”, onde o autor constatou que apesar desta população, na sua maioria, possuir a nacionalidade portuguesa, a verdade é que apenas uma minoria refere sentir-se português. Khan e Vala (1999), referem que a identidade de português entre os “jovens negros” de nacionalidade portuguesa “é quase invisível”. Os autores dizem que isso poderá estar relacionado com o facto desses jovens sentirem que os portugueses não os consideram portugueses, de se sentirem excluídos da sua nacionalidade na vida quotidiana.

Vários estudos realizados com descendentes de imigrantes, revelam que o facto de estes indivíduos não serem detentores da nacionalidade do país onde nasceram, torna-se um fator de “rejeição” dessa identidade. Por esse motivo, achamos que seria pertinente cruzar estas duas variáveis a fim de perceber se existe alguma relação entre a Identidade Cultural e a Nacionalidade. Contrariamente ao esperado, todos os indivíduos que, por várias razões a nível burocrático, ainda não possuem a nacionalidade portuguesa, identificam-se como portugueses. O facto de alguns possuírem a nacionalidade portuguesa, não os faz sentir portugueses: “(...) *aqui eu não me sinto bem é a terra onde eu nasci e lá, que é a terra que eu não conheço, que é a terra dos meus pais, tenho a certeza mesmo não nascendo lá... ah eu seria aceite (...) é totalmente diferente.*” (Entrevista nº1)

Não podemos deixar de sublinhar, a fragilidade deste estudo, uma vez que a nossa amostra é apenas de 20 elementos.

Outro dado interessante, ainda relacionado com a nacionalidade, é a questão da obtenção da nacionalidade cabo-verdiana. Questionámos os indivíduos detentores de nacionalidade portuguesa se gostariam de adquirir a nacionalidade cabo-verdiana, ficando assim com dupla nacionalidade. Verificamos que dos 75% que

têm nacionalidade portuguesa 55% gostaria de adquirir a nacionalidade cabo-verdiana, apesar de mais de metade da amostra (13 indivíduos), ter declarado ainda não conhecer Cabo-Verde: *“Quem me dera! Hei-de conhecer se Deus quiser, eu, eu acho que vou, vou adiando, adiando porque acho que um dia que for para Cabo-Verde fico lá e não volto. De certeza, tenho a certeza.”* (Entrevista nº1)

Estes indivíduos não mantêm um contacto regular com Cabo-Verde. São poucos aqueles que comunicam telefonicamente ou via Internet, com os familiares que residem nas ilhas. Dessa forma, o país de seus pais e a realidade da vida e da cultura cabo-verdiana vai ficando cada vez mais distante e apenas no imaginário destes filhos de imigrantes.

Ao cruzarmos a Identidade Cultural com variáveis como a origem do companheiro e a origem dos amigos, verificamos que a maioria dos entrevistados tem companheiros de origem cabo-verdiana, mesmo nos casos em que os inquiridos se identificam como portugueses. O mesmo acontece com os amigos destes e de seus filhos. *“A situação é igual à minha: pais africanos mas nasceram cá, situação exatamente igual à minha.”* (Entrevista nº1)

*“Acha que existem diferenças entre uma família de origem cabo-verdiana e uma família portuguesa?”*. Esta foi uma das questões colocadas aos indivíduos e a maioria reconhece existirem diferenças significativas entre uma família de origem cabo-verdiana e uma família portuguesa. As principais diferenças apontadas são a humildade e união dos cabo-verdianos:

*“Nós somos muito amigos dos nossos filhos (...) Acho que o português preocupa-se mais em ter o terreno para dar aos filhos e juntar para os filhos. Nós, para nós nada disso é importante. Para nós o que é importante é o amor, o carinho o afeto é... sem comparação...”* (Entrevista nº1)

*“ (...) família para mim é a minha mãe os meus irmãos e o meu filho e praticamente acabou. Mas eu vejo pelos meus amigos cabo-verdianos, eles não, eles são muito unidos é aquela coisa tipo: o bairro é uma família, eles têm muita família, lidam com muita gente.”* (Entrevista nº3)



*“Acho que nós os africanos somos mais sentimentalistas, somos mais unidos, gostamos mais de estar a conviver, ter a casa cheia de vez em quando. E acho que eles já não são assim, mais frios se calhar.”* (Entrevista nº4)

Estes indivíduos, ainda que na sua maioria se identifiquem como portugueses, não acham que a sua família é idêntica a uma família portuguesa, por muitos costumes que se tenham perdido, existem valores da “cultura africana” que ainda persistem e que vão diferenciar a sua família das famílias portuguesas.

Se relacionarmos a Identidade Cultural e os Hábitos e costumes destas famílias, iremos observar que existem várias ambiguidades, como são os casos que serão apresentados no ponto que se segue. Os resultados dizem que na Ceia de Natal, predominam as comidas tradicionais portuguesas, mesmo em casa dos que se identificam como cabo-verdianos e o facto da Música cabo-verdiana e/ou Africana ser a predileta para ambos os grupos.

*Será que na rotina destas famílias e na educação dada aos filhos, está presente a cultura, os costumes e os rituais do país de origem?*

Os resultados revelaram que na rotina destas famílias, no que diz respeito aos hábitos e costumes familiares, a cultura cabo-verdiana tem uma forte presença. Na educação que estes filhos de imigrantes dão a seus filhos, estão presentes muitos valores da cultura cabo-verdiana.

A cultura cabo-verdiana está presente no dia-a-dia destas famílias através da comida, da música e danças tradicionais. A música cabo-verdiana e/ou africana, aparece como o estilo de música de eleição dos entrevistados e suas famílias: *“(...) eu também prefiro a música cabo-verdiana do que a música portuguesa, se me perguntarem.”* (Entrevista nº6). Mesmo identificando-se como portugueses, os netos dos imigrantes cabo-verdianos, na sua maioria sabem dançar os estilos africanos.

Apesar de muitos declararem que, pouco ou nada têm para contar sobre Cabo-Verde, por não conhecerem e também porque os pais nunca falaram muito sobre a sua terra, a esmagadora maioria dos entrevistados acha importante transmitir a cultura cabo-verdiana aos seus filhos. Contrariamente ao que se poderia pensar

são os indivíduos com menos escolaridade os que dão menos importância à transmissão da cultura dos seus pais.

*“Eu não tenho muito para falar, a avó é que fala assim com eles, mais, eu não posso falar muito porque não tenho.”* (Entrevista nº4)

*“Acho que isso é muito importante... em primeiro lugar é um enriquecimento cultural deles próprios, terem o conhecimento de duas culturas, tanto esta, a portuguesa como a cabo-verdiana. Eu acho que sobretudo é um enriquecimento pessoal deles também. E saberem as origens dos pais, dos avós isso.”* (Entrevista nº2)

As famílias são efetivamente, agentes privilegiados da transmissão de valores humanos, da comunidade histórica e da identidade cultural. Portanto, a sua função educativa ganha um papel essencial no desenvolvimento de cada geração (Marques, 2008).

Como referimos anteriormente, os valores, alguns rituais e costumes da cultura cabo-verdiana, continuam presentes nestas famílias. Algo que foi referido por vários entrevistados, é o facto de os cabo-verdianos cuidarem dos seus idosos e ser impensável colocá-los em Lar de Idosos. O valor do respeito pelos mais velhos, a humildade e união familiar foram os mais destacados: *“Isso é a mesma coisa que me perguntarem: Então quando a sua mãe for idosa, onde é que você vai colocar a sua mãe? Se for o português se calhar é logo num lar. Eu jamais! A minha mãe pode chegar aos 100 anos, pode ser chata e tudo, mas vai estar sempre comigo. Mas é verdade, é raro veres um idoso africano em lares, não vês, é raríssimo.”* (Entrevista nº1)

Também em questões de rituais familiares, o “Guarda Cabeça” e também chamado “Cristão”, “Primeiro Batismo” ou “Sete” (por se realizar no sétimo dia após o nascimento da criança), é um ritual que ainda está bastante presente no seio dos descendentes cabo-verdianos. Para além da descrição das festas em que se convida a família e os amigos, os entrevistados descreveram esta tradição cabo-verdiana (também existente em outros países africanos como a Guiné-Bissau), que muitos praticam ainda que, apenas, no nascimento do primeiro filho.

*“(...) fizemos o Cristão dela, o Sete, como nós dizemos. (...) O Sete é a primeira bênção que a criança tem em nome de Deus, a primeira coisa que nós dizemos. Entregar a*

*criança a Deus. (...) A maioria das pessoas faz mesmo ao sétimo dia. (...) Vem uma pessoa experiente, que reza e depois vêm os padrinhos e os pais que metem o dedo na água com sal e fazem o sinal da cruz na testa da criança. E depois é festa.” (Entrevista nº5)*

Alguns estudos sobre grupos minoritários e étnicos têm mostrado que os indivíduos com estatuto menos elevado são os que mais se auto-categorizam em termos da origem dos seus antepassados. Saint-Maurice (1997), no seu estudo sobre as identidades cabo-verdianas em Portugal, verificou que as práticas culturais ligadas a essa cultura, que servem como afirmação da identidade cabo-verdiana, são mais frequentes nos estratos sociais mais baixos. No presente estudo, devido à sua natureza e à nossa amostra reduzida, não foi dada relevância ao estrato social, nem relacionamos a identidade cultural com a zona de residência dos entrevistados. No entanto, no Quadro 20, ao cruzarmos as variáveis *Transmissão de Cultura Cabo-verdiana* com a *Escolaridade* dos entrevistados, verificámos que: são os indivíduos com menos escolaridade, aqueles que declararam não achar importante a transmissão da cultura cabo-verdiana aos filhos, o que equivale a 10% da amostra. Estes dados são curiosos quando nos deparamos com o facto de que os indivíduos que cresceram, vivem e/ou viveram no seio da comunidade cabo-verdiana, nos chamados bairros de lata ou bairros sociais, são os que declararam ter mais práticas culturais ligadas à cultura cabo-verdiana. Será que o facto de viverem ou terem vivido no seio da comunidade cabo-verdiana, nos bairros pobres dos arredores da cidade de Lisboa, com todas as dificuldades que isso acarreta, não significa que tenham baixa escolaridade? Será que estes descendentes de imigrantes cabo-verdianos estão a quebrar o ciclo de insucesso escolar de que tanto falam as estatísticas?

*“Olhe, eu nasci num bairro aqui de Lisboa, nos arredores de Lisboa, aqui nas Portas de Benfica, como é que ei de dizer, era tipo Cabo-Verde. O pouco, a cultura que havia em Cabo-Verde, no meu bairro vivia-se.” (Entrevista nº10)*

Através dos resultados obtidos, podemos confirmar ainda que, como referiu Lind (2008), os rituais familiares são cada vez mais realizados por pequenos grupos e menos pela comunidade, o que os torna instáveis; são dirigidos mais em função

das crianças; e tornam-se cada vez mais idiossincráticos, à medida que as famílias criam a sua esfera privada.

*Entendem e falam a língua materna dos seus pais?*

Mais uma vez os resultados do estudo demonstram a ambiguidade existente nesta população, ao constatar que a maior parte dos inquiridos entende e fala crioulo, nenhum elemento da amostra declarou não entender nem falar a língua dos seus pais. Quanto aos filhos, estes na sua maioria apenas entende mas não fala a língua crioula. Foi possível constatar ainda, que mesmo identificando-se como portugueses, a maioria utiliza o crioulo na relação com os filhos, ou seja, comunicam com os filhos em crioulo ainda que estes respondam em português. Os diálogos destas famílias são muitas vezes bilíngues, os pais falam crioulo entre eles e com os filhos, mas estes respondem em português. Estes pais temem que os filhos ao falarem crioulo possam ter dificuldade na aprendizagem do português.

*“Falo muito o crioulo com eles. Eles percebem tudo, mas respondem em português. Há dois que falam também, o mais pequeno e o do meio falam também o crioulo, lá fora na rua sei que eles falam, às vezes com a avó também dizem umas coisas. Mas como ainda dão uns erros no português, não gosto que eles ainda falem o crioulo, quando souberem definir bem, aí tudo bem.”* (Entrevista nº4)

A língua aparece como uma mais-valia ou constituir um elo de ligação entre as gerações mais velhas e a mais novas, sem falar que é, muitas vezes, o instrumento que vai permitir o diálogo entre familiares que residem em Cabo-Verde ou em países como a Holanda, França, EUA, etc.

*“Eu vejo porque os meus pais nasceram em Cabo-Verde, não é? E não prenciam muito bem o português e eu incentivando a minha filha a conhecer e a dialogar também com eles é uma mais-valia para a comunicação entre eles. E para ela conhecer também as origens dela.”* (Entrevista nº5)

A língua tem um enorme poder simbólico como marcador visível da identidade e da diferença, por permitir uma comunicação histórica entre as gerações, estabelecendo uma comunidade e uma continuidade entre vivos e mortos. Permite ainda pensar, nomeadamente entre os doutrinadores nacionalistas, que cada língua está ligada a visões do mundo próprias (Edwards, 2001).

Como foi referido anteriormente, em parceria com a tradição oral e a produção literária (escrita), também a música tem desempenhado um papel importante no processo de afirmação da língua cabo-verdiana.

Como refere Joshua Fishman, «[...] as línguas não se limitam a simbolizar as culturas que lhes estão associadas (sendo o principal sistema simbólico da nossa espécie, simbolizam obviamente os povos e as culturas que as utilizam) [...] o que é realmente único e básico na relação entre língua e cultura é o facto de em imensas áreas da vida real a língua ser a cultura e nem a lei, a educação, a religião, o governo, a política e a organização social seriam possíveis sem ela» (Fishman, 2001, 444-445). A língua é um elemento de identidade fundamental, ela está ligada à vida emotiva dos que a falam, ao seu passado, à sua experiência, à sua comunidade. A posse de uma língua própria foi tida como uma das colunas do sentido de grupo (étnico, nacional), muito embora, não seja necessário ter uma língua exclusiva, para a existência de identidade nacional distintas - o português e o inglês são línguas maternas e/ou oficiais, de várias nações (Edwards, 2001).



## CAPÍTULO 7. PISTAS PARA MEDIAR ESTAS FAMÍLIAS

Este capítulo tem como objetivo dar algumas pistas aos profissionais da Mediação Familiar, de como mediar e/ou intervir com estas famílias. Visando este objetivo, no Capítulo 3, falámos sobre os conceitos de Mediação Familiar e Mediação Intercultural, pois achamos que a conjugação destes dois tipos de Mediação, poderá ser o caminho para atingir o objetivo delineado.

Tendo em conta que a Mediação Familiar ainda está em desenvolvimento no nosso país, e são poucos os que têm conhecimento sobre esta prática, no guião de entrevista estavam presentes algumas perguntas que procuraram perceber se os indivíduos têm conhecimento da Mediação Familiar questionando-os sobre quais os principais conflitos do casal, como resolvem os seus problemas e se acham necessário algum “apoio extraconjugal”: “Que tipo de desacordos, desentendimentos ou conflitos costuma haver entre si e o seu companheiro? E pensa em algum tipo de apoio, ou alguma vez pensou, para resolver esses problemas?”

Os ciúmes, desentendimentos pelo facto do parceiro ser “mulherengo” e a educação das crianças, são os principais motivos de desentendimento entre os entrevistados e os seus parceiros. Mas quando questionados, sobre se alguma vez pensaram em solicitar apoio para resolver esses problemas, os indivíduos, na sua maioria, declaram não achar necessário uma “ajuda extraconjugal” ou referem que esse apoio vem da parte dos elementos mais velhos que fazem parte da família alargada. Essa prática é comum nas comunidades africanas, onde as pessoas idosas são uma espécie de anciãos, muito respeitados pela sua experiência de vida.

*“Não, nós resolvemos entre nós”* (Entrevista nº 18).

*“Eu não, ele é que quando nos chateávamos ia falar com as pessoas mais velhas da família, eu não sou assim”* (Entrevista nº 19).

O facto de estas famílias não terem por hábito procurar apoio profissional para resolver os seus problemas e estarem integrados numa cultura em que se dá muita

importância à opinião dos mais velhos, é algo que o profissional terá de ter em consideração numa primeira abordagem.

*“Gostaria que se tivesse em conta e que se respeitasse, a sua cultura de origem (língua materna, hábitos alimentares, rituais familiares), quando se dirige a um serviço público (hospitais, escolas, etc.), ou até mesmo no seu trabalho?”*

Esta questão pareceu-nos pertinente, na medida em que o facto dos imigrantes e os seus descendentes não se sentirem respeitados, vai dificultar a integração social dos mesmos. Partindo do princípio que a “conexão” destas duas culturas será uma mais-valia tanto para os imigrantes como para a cultura do país de acolhimento. A maior parte dos inquiridos, declararam que gostariam que se levasse em conta a sua cultura de origem. Alguns chegam a referir que isso seria muito importante, principalmente para as pessoas mais velhas, que muitas vezes não dominam a língua portuguesa.

*“Sim, sim, sim. Eu falo pela comunidade cabo-verdiana, falo pelas pessoas que talvez sejam mais velhas do que eu. Falo, por exemplo, na minha mãe que tem alguma dificuldade em expressar-se em português, talvez sim, talvez sim acho que as repartições públicas deveriam ter um pouco de atenção e existissem mediadores, como já existem em algumas repartições públicas, da saúde por exemplo. Que tomem em conta isso porque, a barreira linguística às vezes não se consegue ultrapassar sem, sem uma mediação”* (Entrevista nº2).

Tal como refere o entrevistado número 2, este trabalho já é desenvolvido no nosso país por Mediadores Interculturais espalhados por várias instituições e repartições públicas. Mediadores que têm funções como: Facilitar a comunicação entre profissionais e utentes de origem cultural diferente; assessorar os utentes na relação com profissionais e serviços públicos e privados; como foi referido no capítulo 3.

*“Sim gostaria, porque uma vez que muitos cabo-verdianos vivem em Portugal. Se bem que há sítios que existem pessoas para nos ajudar, muitas associações que dão apoio, acho que sim”* (Entrevista nº 12).

Para a nossa reflexão, a barreira linguística não é a principal barreira para a integração social destas famílias, uma vez que a nossa amostra é representativa de



uma população que domina a língua portuguesa. Aqui os fatores que consideramos que possam interferir na relação entre mediadores e mediados, São:

- O facto de estes indivíduos serem oriundos de uma cultura diferente, onde se pensa e vive a família de uma forma destinta;
- Serem “fechados” no que diz respeito aos problemas familiares e terem uma certa resistência à intervenção exterior;
- O conceito de família ser o conceito de família alargada;
- Os costumes, rotinas e hábitos familiares serem diferentes dos europeus;
- A forma de expressar os sentimentos e a linguagem utilizada, ainda que seja feita em português, por vezes é feita de forma diferente com conotações associadas à cultura cabo-verdiana;
- Como foi referido anteriormente, na cultura cabo-verdiana a mulher tem a responsabilidade de sustentar a família e grande parte destas famílias são monoparentais femininas.

Com este estudo, foi-nos possível perceber um pouco da cultura cabo-verdiana e da dinâmica das famílias descendentes dos imigrantes cabo-verdianos em Portugal. Pensamos que, perante estas famílias o Mediador Familiar não deverá esquecer que se trata de famílias com uma cultura diferente e que não poderão ser mediadas segundo os padrões culturais portugueses ou europeus. É extremamente importante que o Mediador se consiga distanciar dos seus padrões culturais e/ou familiares, para que essa intervenção seja bem-sucedida, ou seja, para que (ainda que inconscientemente), não faça juízos de valor que poderão transformar-se em obstáculos à intervenção/mediação. Ter em conta os itens referenciados anteriormente, fará com que (ainda que o Mediador não conheça a cultura cabo-verdiana, não fale o crioulo), ultrapasse os obstáculos que possam aparecer e que a sua intervenção/ mediação seja bem-sucedida.



## CAPÍTULO 8. CONCLUSÃO

Neste capítulo serão apresentadas as principais linhas de orientação e conclusões deste estudo, seguidas de algumas limitações e propostas futuras de investigação nesta área.

Um estudo exploratório como o realizado por esta investigação, permite conhecer a realidade de um universo reduzido de indivíduos. Tendo em conta que a amostra constitui apenas 20 indivíduos, os resultados apresentados não poderão ser generalizados a toda a população descendente de imigrantes cabo-verdianos.

Os principais objetivos eram: averiguar se na rotina destas famílias e na educação dada aos filhos (netos de imigrantes), está presente a cultura, os costumes e os rituais do país de origem, averiguando o sentimento de pertença, desta população, a Portugal; o que se julga ter sido atingido. A estratégia metodológica escolhida, nomeadamente os instrumentos de recolha de dados utilizados, terão permitido um conhecimento da problemática em estudo.

As questões de investigação procuravam saber se nestas famílias existe apenas uma identidade cultural, portuguesa ou cabo-verdiana; se nas rotinas familiares e na educação dada aos filhos, está presente a cultura, os costumes e os rituais do país de origem e se entendem e falam a língua materna dos seus ascendentes.

Com vista a facilitar o entendimento da problemática deste estudo e posterior melhor interpretação dos dados recolhidos, achámos pertinente fazer uma breve abordagem da história da emigração cabo-verdiana, assim como, procuramos caracterizar, ainda que de uma forma sucinta, a comunidade cabo-verdiana residente em Portugal e a sua cultura, partindo do princípio que a identidade de um povo não pode ser analisada de uma forma isolada da sua história.

Sobral e Vala (2010), quando escreveram sobre a identidade nacional, inclusão e exclusão social, num livro com esse título, referiram que os sentimentos de pertença não são necessariamente fixos a um território único e definitivo. Se compararmos as sociedades contemporâneas com as sociedades do antigamente, verificamos que atualmente as sociedades são mais intercomunicativas e

migrantes o que as torna mais complexas. São realidades multiculturais e multiétnicas que dificultam uma estandardização monolítica das consciências.

Billig (1995), define identidade nacional como sendo algo *«mais do que um estado íntimo psicológico ou uma autodefinição individual: é uma forma de vida vivida diariamente»* (Billig, 1995: 69).

*«A identidade com um país é um dos processos através dos quais as pessoas constroem uma identidade coletiva, partilhada com outras crenças, memórias e projetos»* (Sobral & Vala, 2010: 191).

Segundo estes autores para se ser «verdadeiramente português», implica desde logo, reconhecer a nação como uma realidade indiscutível. A nação é uma entidade que existe para além do indivíduo e da sua memória. É no seio da família que a pertença a uma nação é aprendida, assim como na escola e na vida diária. *«Desse aprendizado faz parte o do conjunto de lugares-comuns ou estereótipos que participam na construção da similitude entre os seus naturais e que os distinguem de quem é estrangeiro em termos de atitudes e comportamentos e que permitem a concretização do sentir-se (...) Mas, além disso, «sentir-se» representa experiências emocionais de identificação com algo que até pode ser difícil de definir»* (Sobral & Vala, 2010: 90).

Os resultados deste estudo confirmam a teoria de Contador (1998 e 2001), ao afirmar que os descendentes de imigrantes PALOP são detentores de novas identidades, que se propagam para além da pertença étnica. Operando como elo de ligação entre os modelos de socialização propostos pela sociedade portuguesa e as referências identitárias das origens culturais dos seus antepassados, reinventando e reinterpretando as suas referências identitárias de base e assim colaborando para a criação a que o autor chama de “ficção das origens”, recriada através dos rituais, nas celebrações, festas e reconfigurada pelo contacto com outras referências culturais, divulgadas pelos media. Vimos assim confirmar o que diz Contador (1998 e 2001), quando refere que onde coexistem duas culturas o indivíduo poderá desenvolver um sentimento de não pertença cultural.

Os descendentes de imigrantes, vivem em dois mundos, deparam-se constantemente com duas realidades e culturas diferentes, a portuguesa e a cabo-

verdiana, o que vai influenciar não só a forma como encaram a vida quotidiana, como também a forma como educam os seus filhos.

A alma destes, vagueia entre os dois países não encontrando pouso certo. Residem no país onde nasceram, onde construíram as suas vidas e criaram laços, “um porto seguro”, mas parte deles não é daí, não pertencem àquela forma de estar e de pensar a vida. Parte deles está do outro lado do Mundo, onde as suas raízes estão cada vez mais fracas; no país do seu imaginário, pois muitos só ouvem falar dele, mas “a terra os chama” e não se podem esquecer dela.

O facto de não se sentirem verdadeiramente portugueses nem cabo-verdianos, mas sim portadores de uma cabo-verdianidade que misturada com a cultura portuguesa se traduz numa identidade nova, pode ser um fator de risco para a integração social destes descendentes de imigrantes cabo-verdianos. Existe de igual modo, o risco de que essa cabo-verdianidade seja perdida com o surgimento das novas gerações.

Neste estudo, ficou claro que na educação que os filhos dos imigrantes dão a seus filhos (netos de imigrantes), ainda estão presentes, de certa forma, os valores e a cultura cabo-verdiana, mas esta já não ocupa um lugar de destaque, uma vez que os descendentes pouco ou nada sabem sobre o país e a cultura dos seus pais.

Os rituais culturais têm um importante papel na preservação da cultura de origem nas famílias de imigrantes. Falicov fala da necessidade dos rituais da cultura de origem serem restabelecidos para que estes possam lidar com o que a autora chama de “perda indefinida”, à semelhança do que acontece quando não se sabe do paradeiro de um ente querido, ou é negado a um dos pais o contato com os filhos. Foram identificados sentimentos semelhantes em muitos imigrantes. Estes sentem que “perderam” locais e pessoas que estimam, os seus hábitos e costumes, ou seja, a sua cultura. A fim de aumentar a resiliência dos imigrantes, procurando dar-lhes uma continuidade cultural, a autora propõe um restabelecimento dos rituais culturais tais como: festejos tradicionais e eventos importantes da sua cultura, jogos populares, decoração da casa, a preparação de pratos tradicionais, entre outros (Falicov, 2002, cit. por Lind, 2008).

A língua é também um importante veículo de transmissão da cultura de origem. Vimos que esta está bastante presente no quotidiano dos nossos entrevistados, tanto por ser a língua utilizada nas relações familiares, como através da música crioula, que aparece como sendo o estilo de eleição pela maior parte da amostra. Ainda que, na sua maioria, os netos dos imigrantes cabo-verdianos, não falem a língua dos seus avós, entendem e isso torna possível a comunicação entre estes e familiares que só falem crioulo.

Importa perceber melhor esta problemática e todas as questões adjacentes à identidade cultural. É indispensável, a todos os profissionais que de uma maneira ou de outra, trabalham com esta população, perceber as suas dinâmicas; de que forma a cultura do país de origem interfere nas suas vivências; para que assim se possa obter resultados positivos ao interagir com a mesma. Achamos que os resultados desta investigação podem contribuir para o desenvolvimento de estratégias de intervenção e promoção em populações imigrantes e seus descendentes.

O presente estudo realça a necessidade de moldar as intervenções de forma a lidar com as necessidades específicas e as diferenças desta população. As pistas dadas no capítulo 7 poderão conduzir a intervenções mais congruentes, criando uma maior aceitação por parte dos descendentes de imigrantes e suas famílias, com vista ao aumento da eficácia das ações implementadas.

Os resultados deste estudo devem ser interpretados tendo em conta as limitações subjacentes à investigação. Uma das principais limitações prende-se com o fato de se ter utilizado uma amostra reduzida e intencional. Apesar dos indivíduos, na sua maioria, terem respondido às questões na sua “zona de segurança” (em suas casas), foi perceptível a inibição em responder a certas questões. As questões que eram reportadas aos filhos dos entrevistados eram respondidas pelos pais, o que de certa forma, pode não corresponder ao que realmente sentem estas crianças e jovens. Outra das principais limitações do presente trabalho, prende-se com as próprias características da metodologia qualitativa.

Face ao exposto, seria interessante incluir, na realização de futuros estudos com a utilização da metodologia quantitativa, amostras mais alargadas e entrevistar também os netos dos imigrantes cabo-verdianos. Achamos pertinente, a realização

de um estudo quantitativo que se proponha generalizar alguns dos resultados obtidos neste estudo qualitativo.

Os filhos de imigrantes, tais como os seus pais, são vistos como problemas sociais, faz-se uma relação entre o grupo social e uma série de problemas sociais, como por exemplo: a integração dos filhos dos imigrantes; o abandono escolar dos filhos dos imigrantes; os imigrantes e o desemprego.

Será que os netos dos imigrantes também constituem ou irão constituir um problema social? Quando é que a sociedade vai olhar para os portugueses descendentes de imigrantes, os portugueses de “pele mestiça”, como irmãos da mesma Pátria? Quantas gerações mais, terão que nascer para que estes possam deixar de ser rotulados como estrangeiros, como “(...) homens de outro lugar, de um lugar para o qual deverão voltar mais cedo ou mais tarde...” (Sayad, 1991: 62-63) e sintam verdadeiramente que estão no seu país?

Estas e muitas outras questões serão respondidas não apenas com a realização de estudos exploratórios, mas com o decorrer dos anos e a evolução das gerações.





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Allan & Pease, B. (2006). *Linguagem Corporal – porque é que os homens coçam a orelha... e as mulheres mexem na aliança*. Lisboa: Editorial Bizâncio.
- Amâncio, L. (2000). Identidade Social e relações intergrupais. In J. Vala & M. B. Monteiro (Coords.), *Psicologia Social* (4ª ed., pp. 387-409), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Andrade, E. (1995). *As Ilhas de Cabo Verde da «Descoberta» à Independência Nacional (1460-1975)*. Paris: L'Harmattan.
- Anjos, J.C. (2002), *Intelectuais, literatura e poder em Cabo Verde: lutas de definição da identidade nacional*. Porto Alegre: UFEGRS.
- Barbosa, M. J. (2002). *Como Gerir Conflitos Familiares – Um guia para casais em crise* (Vol.10). Queluz: Presença.
- Batalha, L. (2004). *The Cape Verdean Diaspora in Portugal – Colonial Subjects in a Post-colonial World*. Oxford: Lexington Books.
- Batalha, L. (2009). *Cabo-verdiana(s): As múltiplas faces da imigração cabo-verdiana*, Pedro Góis (org.). Lisboa: ACIDI, 25-36.
- Billig, M. (1995). *Banal Nationalism*. Londres: Sage.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Bouché, J. H. & Hidalgo, F. J. (2008). *Mediación y Orientación Familiar* (2 Vols.). Madrid: Dykinson.
- Bourhis, R., Moise, L., Perreault, S. & Sénechal, S. (1997). Towards an interactive acculturation model: A social psychological approach. *International Journal of Psychology*, 32, 369-386.
- Bronfenbrenner, U. (1977). Toward an experimental ecology of human development. *American Psychologist*, 32, 513-531.
- Bronfenbrenner, U. (1979a). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge: Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U. (1979b). Contexts of child rearing: Problems and prospects. *American Psychologist*, 34, 844-850.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: research perspectives. *Developmental Psychology*, 22, 723-743.

- Bronfenbrenner, U, & Evans, G. W. (2000). Developmental science in the 21 century: Emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. *Social Development*, 9, 115-125.
- Cardoso, J. (2006). *Migrações Cabo-verdianas, Novos Movimentos Sociais Transnacionais e «Localismos»* - Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Contador, A. C. (1998). Consciência de geração e etnicidade: Da segunda geração aos novos luso-africanos. *Sociologia: Problemas e Práticas*, 26, 57-83.
- Contador, A. C. (2001). *Cultura juvenil negra em Portugal*. Oeiras: Celta.
- Costa, B. (1998). *Exclusão Social*. Lisboa: Gradiva.
- Cunha, Duarte (2009), *Apontamentos da 1ª aula de Antropologia e Teologia da Família*, no âmbito do Mestrado em Ciências da Família – Orientação e Mediação Familiar. Faculdade de Ciência Humanas da Universidade Católica de Lisboa.
- Denzin, N.K. & Lincoln Y.S. (1994). Entering the Field of Qualitative Research. In Denzin; N.K. & Lincoln Y. S., (Eds.). *Handbook of Qualitative Research* (pp. 1-22). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Dias, S.F. & Rocha, C.F. (2009). *Saúde sexual e reprodutiva de mulheres imigrantes africanas e brasileiras: Um estudo qualitativo*. Lisboa: ACIDI.
- Diário da República - Decreto-Lei 4/2001 de 10 de Janeiro
- Edwards, J. (2001). «Language and nation» In *Encyclopaedia of Nationalism*, A. S. Leoussi (Ed.). New Brunswick e Londres: Transaction Publishers.
- Fachin, L. (1992). *Estabelecimento da Filiação e Paternidade Presumida*. Porto Alegre: Sérgio A. Fabris.
- Fanha, D. (Ed.). (1987). *Aspetos de contacto entre o português e o de crioulo Cabo Verde*. Lisboa: Instituto de Cultura e língua Portuguesa.
- Ferguson, C. (1959). “Diglossia” in *AFRICANA STUDIA*, nº11, 129-159. Porto: Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto.
- Fernandes, G. (2002). *A diluição da África: uma interpretação da saga identitária cabo-verdiana no panorama político (pós) colonial*. Florianópolis: Editora da UFSCF.
- Ferreira, S. (2008). *Emigração/A dor da partida*. Consultado em 10 Janeiro de 2011 através de <http://www.lusopoemas.net/modules/news/article.php?storyid=65317>
- Fiese, B. H., & Parke, R. D. (2002). Introduction to the special section on family routines and rituals. *Journal of Family Psychology*, 16, 379-380.

- Fishman, J. A. (2001). Concluding comments. In J. A. Fishman (Ed.), *Handbook of Language and Ethnic Identity* (pp.444-454). Oxford e Nova Iorque: Oxford University.
- Flandrin, Jean Louis (1994). *Família. Parentesco, casa e sexualidade na sociedade antiga*, col. Nova História. Lisboa: Estampa.
- Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor
- Francisco, R. (2009). *Aulas de Metodologia de Investigação em Ciências – Mestrado em Ciências da Família no âmbito do Mestrado em Ciências da Família – Orientação e Mediação Familiar*. Faculdade de Ciência Humanas da Universidade Católica de Lisboa.
- Furtado, A. (1999). *Imigração Cabo-Verdiana*. Consultado em 1 Fevereiro de 2011 através de [http://www.geocities.com/pipeline/valley/4926/imig\\_cv.html](http://www.geocities.com/pipeline/valley/4926/imig_cv.html).
- GCIM – Global Commission on International Migration (2005). *Migration in an interconnected world: New directions for action*. Switzerland: SRO-Kundig.
- Góis, P. (org.), (2004). *As Múltiplas Faces da Imigração Cabo-verdian*. Lisboa: ACIDI.
- Góis, P. (2006). *Emigração cabo-verdiana para (e na) Europa e a sua inserção em mercado de trabalho locais: Lisboa, Milão, Roterdão*. Lisboa: ACIDI.
- Gottman, J., Silver, N. (2001). *Os sete Princípios do Casamento*. Lisboa: Pergaminho.
- Grassi, M. (2003). *Rabidantes, comércio espontâneo transnacional em Cabo Verde*. Lisboa, Spleen, Praia: ICS.
- Grassi, M. e Évora, I. (Org.) (2007), *Género e Migrações Cabo-Verdianas*, Lisboa: ICS.
- Hespanha, M.J. (1993). *Para além do Estado: a saúde e a velhice na sociedade-providência*. In *Portugal: Um Retrato Singular*, ed. Boaventura de Sousa Santos. Porto: Afrontamento, 315-335.
- Hill, M. M., & Hill, A. (2002). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edição Sílabo.
- INE – Instituto Nacional de Estatísticas (1998). Lisboa: Instituto Demográfico de Saúde Reprodutiva.
- INE - Instituto Nacional de Estatísticas (2011).

- Imber-Black, E. (2002). Family rituals- From research to the consulting room and back again: Comment on the special section. *Journal of Family Psychology*, 16, 445- 446.
- IOM – International Organization for Migration (2003). *World Migration 2003, Managing Migration – Challenges and Responses for People on the Move*, Switzerland: IOM.
- IOM – International Organization for Migration (2004). *Glossary on Migration*. Geneva: IOM.
- IOM – International Organization for Migration (2005). *World Migration 2005, Costs and Benefits of International Migration*. Switzerland: IOM.
- Juliano, D. (2003). La escuela y las interacciones entre ellos y nosotros, In F. Checa, A. Arjona, & J.C. Checa (org.), *La Integración Social de los Imigrantes*, 189-206. Barcelona: Icaria.
- Khan, S. & Vala, J. (1999). Traços negros: Aculturação e identidades de jovens de origem africana. In Pais, J. (Coord.). *Traços e riscos de vida. Uma abordagem qualitativa a modos de vida juvenis*. Lisboa: Âmbar, 143-169.
- Kressel, K., Butler-Defreitas F., Forlenza, S., Wilcox, C. (1989). in Parkinson, L. (2008). *Mediação Familiar*. Lisboa: Agora Comunicação.
- Leach, M. S., & Braithwaite, D. O. (1996). A binding tie: Supportive communication of family kinkeepers. *Journal of Applied Communication Research*, 24, 200-216.
- Lind, W.R. (2008). *Casais Biculturais e Monoculturais: Diferenças e Recursos*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Lisboa.
- Lôbo, P. L. N., (2004). *A repersonalização das relações de família*. Consultado em 17 de Janeiro de 2011 através de [www.jus.com.br](http://www.jus.com.br)
- Malgesini, G., & Giménez, C. (2000). *Guia de Conceptos sobre Migraciones, Racismo e Interculturalidade*. Madrid: Los Libros de la Catarata.
- Malheiros, J. (2002). *Portugal seeks balance of emigration, immigration. Country Profiles Information Source*. Washington DC: Migratory Policy.
- Marques, J. & Mendes, M. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. (1th.ed.). Gradiva – Publicações. (Tradução do original em língua francesa Manuel de Recherche en Sciences Sociales, 1988. Paris: Bordas.
- Marques, S.O. (2008). Culturas Familiares e Diferenças Éticas. *Portugal, Percursos de Interculturalidade – contextos e dinâmicas*, II, 315-368.
- McGoldrick, M. (1982). Normal families: An ethnic perspective. In F. Walsh (Ed.), *Normal Family Processes*. New York: Guilford Press, 399 - 424.

- Meintel, D. (1984). Emigração em Cabo Verde: Solução ou problema. *Revista Internacional de Estudos Africanos*, 4, 93-120.
- Meneses, M. (2003). Sobre as línguas e a sua situação de subalternização. *Working Paper*. São Paulo: 1-7.
- Meske, C., Sanders, G., Meredith, W.H., & Abbott, D. A. (1994). Perceptions of rituals and traditions among elderly persons. *Activities, Adaptation & Aging*, 18, 13-26.
- Mignolo, W. (2003). *The Darker Side of the Renaissance: Literacy, Territoriality & Colonization*. Michigan: University of Michigan Press.
- Monteiro, E. & Barrena, I. (2008). Língua, Poder e Conhecimento: Breve Esboço Sobre a Diversidade Linguística e Epistémica no Contexto Cabo-verdiano. *AFRICANA STUDIA*, nº11, 129-159. Porto: Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto.
- Nucci, L., & Smetana, J. G. (1996). Mother's concepts of young children's areas of personal freedom. *Child Development*, 67, 1870-1886.
- Ogbu, J. U. (1991). Minority coping responses and school experience. *Journal of Psychohistory*, 18, 433-456.
- Ogbu, J. U. (1993). Differences in cultural frame of reference. *International Journal of Behavioral Development, Special issue: International roots of minority child development*, 16, 483-506.
- Oliveira, A. & Galego, (2005). *A mediação Sócio-Cultural: um puzzle em construção*. Lisboa: Observatório da Imigração - ACIME.
- Parkinson, L. (2008). *Mediação Familiar*. Lisboa: Agora Comunicação.
- Peixoto, J. (1998). *As Migrações dos Quadros Altamente Qualificados em Portugal – Fluxos Migratórios Inter-Regionais e Internacionais e Mobilidade Intra-Organizacional*, Lisboa, Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), Universidade Técnica de Lisboa. (policopiado).
- Pereira, D. (1998). A Cultura caboverdiana no processo de integração das comunidades emigrantes, *Cultura*, 2, 77-83.
- Pereira, D.A. (2005). Cabo Verde Tinta Anos de Independência Nacional. *Africa Studia*, 8, 99-108.
- Ricardo, S. (2006). *A mediação intercultural na sociedade portuguesa: Especificidades deste Contexto*. Trabalho realizado no V Curso de pós-Graduação em mediação Intercultural Aplicada ao Serviço Social, Lisboa.
- Rocha, J. (2003). *Relatório da comunidade cabo-verdiana - Comunidade caboverdiana em Portugal*. Praia: IC.

- Rosales, M. V., Jesus. V. C. & Parra, S. (2009). *Crescer fora de água? Expressividades, posicionamento e negociações na região metropolitana de Lisboa*. Lisboa: ACIDI, I.P.
- Saint-Maurice, A. (1997). *Identidades reconstruídas. Cabo-verdianos em Portugal*. Oeiras: Celta.
- Sayad, A. (1991). *A imigração*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (2010). *Relatório de Atividades 2010 – Imigração, Fronteiras e Asilo*. Lisboa: Departamento de Planeamento e Formação do SEF.
- SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (2011). *Relatório de Atividades 2011 – Imigração, Fronteiras e Asilo*. Lisboa: Departamento de Planeamento e Formação do SEF.
- Smith, A. (2006). Ethnicity and nationalism. In eds. Gerard Delanty e Krishan Kumar *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*. Londres : Sage, 169-181.
- Sobral, J.M., Vala. J. (Org.). (2010). Identidade nacional, Inclusão e Exclusão Social. *Atitudes Sociais dos Portugueses*, 11, 33-194.
- Sobrero, A. (1998). *Hora di Bai*. Mnemoyne, Lecce: Argo.
- Thomson, M. & Crul, M. (2007). The Second Generation in Europe and the United States: How is the Transatlantic Debate Relevant for Further Research on the European Second Generation? *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 33, 1025-1041.
- Triandis, C. (1996). The psychological measurement of cultural syndromes. *American Psychologist*, 51, 407- 415.
- UN – United Nations (2006). *Trends in total migrant stock: The 2005 revision*. Consultado em 1 Fevereiro de 2011 através de [http://www.un.org/esa/population/publications/migration/UN\\_Migrant\\_Stock\\_Documentation\\_2005.pdf](http://www.un.org/esa/population/publications/migration/UN_Migrant_Stock_Documentation_2005.pdf)
- Vala, J. (1997). Representações sociais e perceções intergrupais. *Análise Social*, 140, 7-29.
- Vala, J. (Coord.). (2003). *Simetrias e Identidades. Jovens negros em Portugal*. Oeiras: Celta Editora.
- Watzlawick, P., Beavin, J., & Jackson, D. (1997/1981). *Pragmática da comunicação humana - um estudo dos padrões, patologias, e paradoxos da interação* (tra.bras.). São Paulo: Cultrix.
- Whatling, T. (1994, Verão). O que os seis homens honestos têm para oferecer. *Jornal de Mediação do Reino Unido*.

WHO – World Health Organization (2003a), *International Migration, Health and Human Rights*, Health and Human Rights Publication Series. 2, 7-29.

Wolin, S. J., & Bennett, L. A. (1984). Family rituals. *Family Process*, 23, 401-420.

### **Webgrafia**

<http://www.mj.gov.pt/>

<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=5201>





## **ANEXOS**

**ANEXO A - FORMULÁRIO DE CONSENTIMENTO  
INFORMADO**

## Formulário de Consentimento Informado

Este Projeto de Investigação está a ser realizado no âmbito do Mestrado em Ciências da Família – Mediação e Orientação Familiar.

**Título:** Imigração, Rituais e Identidade

Estudo Exploratório com Descendentes de Imigrantes Cabo-verdianos – Como Mediar Estas Famílias?

**Investigador Responsável:** Sumitra Herbert

**Instituição:** Universidade Católica de Lisboa – Instituto da Família.

Muito obrigado por se ter disponibilizado em participar neste estudo. A sua assinatura neste formulário de consentimento mostra que foi informado acerca das condições de participação neste projeto.

1. A sua participação é voluntária. Pode abandonar o estudo em qualquer altura, por qualquer razão, sem nenhuma penalização.
2. Não são conhecidos riscos com a participação neste estudo. Na transcrição da sua entrevista não será utilizado o seu nome, mas sim um número de código que lhe será atribuído, de forma a garantir o anonimato das suas respostas. Apenas os investigadores e assistentes do projeto de investigação terão acesso à transcrição.
3. Quaisquer dúvidas acerca da sua participação no estudo podem ser dirigidas ao Investigador Responsável, através dos contactos acima referidos.
4. Agradecemos a sua participação no estudo. Pensamos que este estudo poderá contribuir para apurar ideias para futuras pesquisas na área da Imigração e Identidade Cultural.

**Assinatura**

---

**Data:**

## **ANEXO B - QUESTIONÁRIO SÓCIO - DEMOGRÁFICO**

## Questionário Sócio - demográficos

É muito importante que leia atentamente e **responda individualmente a todas as questões do questionário**. Deixar questões em branco inutiliza todo o questionário.

**Quando não tiver a certeza acerca de um valor ou resposta, por favor, responda com dados aproximados.**

**1. Idade:**

\_\_\_\_\_

**2. Sexo:**

Feminino ☐ Masculino ☐

**3. Estado Civil:**

Solteiro(a) ☐ União de Facto ☐ Casado(a) ☐ Separado(a) ☐

Divorciado(a) ☐ Viúvo(a) ☐

**4. O meu companheiro(a) é de origem:** Portuguesa ☐ Cabo Verde ☐

Outra (diga qual): \_\_\_\_\_

**5. Tem Nacionalidade Portuguesa?** Sim ☐ Não ☐

**5.1. Se respondeu sim, gostaria de possuir também a Nacionalidade Cabo-verdiana?**

Sim ☐ Não ☐

**6. Indique o nível de escolaridade mais elevada que completou:**

Menos que a 4ª classe ☐ 4ª classe ☐ 9º ano ☐ 12º ano ☐

Ensino superior ☐ Mest./Dout. ☐

**7. O seu agregado familiar é constituído por quantos elementos?**

\_\_\_\_\_

**8. Quantos filhos tem?**

\_\_\_\_\_

**9. Indique o nº de filhos que coabitam consigo e que têm as idades compreendidas entre:**

(0-2 anos)\_\_\_\_\_ (3-5 anos)\_\_\_\_\_ (6-10 anos)\_\_\_\_\_ (>10 anos)\_\_\_\_\_

**10. Indique a que grupo pertence.**

Doméstica   ☐   Estudante   ☐   Trabalhador   ☐   Desempregado   ☐   Reformado   ☐

**11. Se trabalha, indique apenas um grupo onde se enquadra a sua profissão.**

☐ Grupo 1 (Quadros Superiores de Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas);

☐ Grupo 2 (Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas);

☐ Grupo 3 (Técnico e Profissionais de Nível Intermédio);

☐ Grupo 4 (Pessoal Administrativo e Similares);

☐ Grupo 5 (Pessoal dos Serviços e Vendedores);

☐ Grupo 6 (Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pesca);

☐ Grupo 7 (Operários, Artífices e Trabalhadores Similares);

☐ Grupo 8 (Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores de Montagem);

☐ Grupo 9 (Trabalhadores Não Qualificados).

**12. Trabalha na área de residência, bairro ou comunidade local em que habita?**

Sim   ☐   Não   ☐

**13. Conhece Cabo Verde?**

Não   ☐ ; Sim vivi lá \_\_\_\_ anos/meses; Sim passei lá \_\_\_\_ vez(es) em férias.

## **ANEXO C - GUIÃO DE ENTREVISTA**

## GUIÃO DE ENTREVISTA

	Objetivos específicos	Questões-tipo
<b>1. Identidade cultural</b>	<p>1. Caracterizar, a nível cultural, a(s) identidade(s) dos imigrantes cabo-verdianos de segunda geração e suas famílias; Compreender como é que a cultura dos seus pais é transmitida aos seus filhos; Se a língua materna é compreendida e falada no seio familiar.</p>	<p>2. Quando está fora de Portugal e alguém lhe pergunta de onde é, o que responde?</p> <p>3. E o(s) seu(s) filho(s) o que acha que responderia(m)?</p> <p>4. Se houver um jogo de futebol, Portugal <i>vs</i> Cabo-verde, vai torcer por quem?</p> <p>5. E por quem acha que torceria(m) o(s) seu(s) filho(s)?</p> <p>6. Quando os seus pais lhe falavam do país de origem, que características lhe apontavam?</p> <p>7. Conhece Cabo-verde?</p> <p>8. Se respondeu não, gostaria de conhecer?</p> <p>9. Acha que o(s) seu(s) filho(s) gostaria(m) de conhecer?</p> <p>10. Quando pensa em Cabo-verde, o que lhe vem à cabeça?</p> <p>11. Fala das suas origens ao(s) seu(s) filho(s)?</p> <p>12. Se respondeu sim, o que costuma dizer?</p> <p>13. Em que língua fala com o(s) seu(s) filho(s)?</p> <p>14. Entende crioulo?</p> <p>15. Fala crioulo?</p> <p>16. Os seu(s) filho(s) fala(m) crioulo?</p> <p>17. Que tipo de música se ouve em casa?</p> <p>18. Que programas de TV costumam ver?</p> <p>19. Está ligado a alguma</p>



		<p>Associação cultural cabo-verdiana?</p> <p>20. Se sim, em que tipo de atividades participa?</p> <p>21. Se houvesse um incêndio em sua casa, o que levaria?</p> <p>22. Com que objeto da sua casa acha que o(s) seu(s) filho(s) mais se identifica?</p> <p>23. Vê alguma vantagem em transmitir os valores da sua cultura de origem aos seus filhos?</p> <p>24. Fale-me de uma figura Histórica. Alguém que, na sua opinião, fez algo de muito importante?</p>
<b>2.Rituais /Rotinas</b>	<p><b>25.</b> Apreender quais os rituais e rotinas que fazem parte do quotidiano destas famílias, se existem rituais/rotinas alusivas ao país de origem ou não.</p>	<p>26. Como é que festejou o nascimento do seu(s) filho(s)?</p> <p>27. Costuma fazer muitas festas?</p> <p>28. Conte-me uma festa que tenha feito, quem convidou, o que comeram, se dançaram?</p> <p>29. O(s) seu(s) filho(s) sabe(m) dançar?</p> <p>30. Se sim, que tipo de dança gosta(m) mais?</p> <p>31. Como festejam os anos do(s) seu(s) filho(s)?</p> <p>32. O que lhe(s) oferece?</p> <p>33. O que costumam comer na Ceia de Natal?</p> <p>34. O que é para si um bom jantar?</p> <p>35. E o(s) seu(s) filho(s) o que gosta(m) mais de comer?</p> <p>36. Alguma vez usou trajes tradicionais?</p> <p>37. E o(s) seu(s) filho(s)?</p> <p>38. Que atividades de tempos livres tem o(s)</p>

		seu(s) filho(s)?
<b>3.Laços Afetivos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Perceber se existem vínculos com Cabo-verde; e os laços afetivos destas famílias, quem faz parte do seu quotidiano (amigos).</li> </ul>	<p>39. Os seus amigos são maioritariamente portugueses?</p> <p>40. Se respondeu não, indique de que origens são?</p> <p>41. E os amigos do(s) seu(s) filho(s)?</p> <p>42. Que contacto é que tem com Cabo-verde?</p> <p>43. E o(s) seu(s) filho(s)?</p> <p>44. Ponha por ordem de importância os seus familiares, incluindo você.</p>
<b>4. Diferenças sentidas interior e exteriormente</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Procurar apreender se os participantes se sentem diferentes ou já foram tratados de forma diferente por serem de origem cabo-verdiana; E até que ponto essa diferença deve ser tida em conta (pistas para intervir/mediar estas famílias).</li> </ul>	<p>45. Acha que existem diferenças entre uma família de origem cabo-verdiana e uma família portuguesa?</p> <p>46. Se respondeu sim, para si, quais são as principais diferenças?</p> <p>47. Quando vai ao médico ou algum serviço público, sente que é tratado de forma diferente devido a sua origem?</p> <p>48. Alguma vez o(s) seu(s) filho(s) referiu ter sido tratado de forma diferente devido às suas origens?</p> <p>49. Gostaria que se tivesse em conta e que se respeitasse, a sua cultura de origem (língua materna, hábitos alimentares, rituais familiares), quando se dirige a um serviço público (hospitais, escolas, etc.), ou até mesmo no seu trabalho?</p>

<p><b>5. Conflitos e resolução de conflitos</b></p>	<p>50. Perceber quais os principais conflitos existentes na comunidade cabo-verdiana e entre os entrevistados e respetivos companheiros. E como resolvem esses conflitos.</p>	<p>51. Na sua opinião, quais são os principais conflitos na comunidade cabo-verdiana?</p> <p>52. Que tipo de desacordo, desentendimentos ou conflitos costuma ou costumava haver entre si e o seu(a) companheiro(a)?</p> <p>53. E que tipo de apoio sugere nessas situações de conflito?</p>
---	---	--

## **ANEXO D - CRONOGRAMA**

Objetivos Gerais	Objetivos Específicos	Tarefas	Cronograma				
<p>- Contribuir para uma melhor compreensão da cultura e dos rituais familiares desta população;</p> <p>- Perceber qual a identidade cultural dos imigrantes cabo-verdianos de segunda geração e suas famílias;</p> <p>- Analisar os fatores de risco que casualmente se encontrei nestas famílias, que impeçam a sua integração social;</p> <p>- Apurar ideias para futuras pesquisas na área da Imigração e Identidade Cultural.</p>	<p>- Saber se na educação dada aos filhos (netos de imigrantes), existem referências da cultura cabo-verdiana</p> <p>- Perceber o sentido de pertença, Portugal;</p> <p>- Elaboração de pistas que o Mediador Familiar, deverá ter em conta ao mediar estas Famílias.</p>	Pesquisa e Recolha Bibliográfica.	De OUTOBRO 2010 a MAIO de 2011				
		Recolha de Dados.		De JANEIRO de 2011 a ABRIL de 2011			
		Análise de Dados.			De MARÇO 2011 a JULHO 2011		
		Interpretação de Resultados e Conclusão.			De ABRIL 2011 a JULHO 2011		
		Redação da Versão Final da Tese.		De JANEIRO de 2012 a JULHO de 2012			
		Entrega Oficial da Tese.					Ago . 2012

## **ANEXO E - ENTREVISTAS**

## **Entrevista - 01**

- 1. Quando está fora de Portugal e alguém lhe pergunta de onde é, o que responde?**

**R.** Sou de Cabo-verde.

- 2. E o(s) seu(s) filho(s) o que acha que responderia(m)?**

**R.** Ele agora diz que é de Portugal.

- 3. Se houver um jogo de futebol, Portugal vrs Cabo-Verde, vai torcer por quem?**

**R.** Cabo-Verde.

- 4. E por quem acha que torceria(m) o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Portugal.

- 5. Quando os seus pais lhe falavam do país de origem, que características lhe apontavam?**

**R.** Não tem nada a ver com isto, é totalmente diferente não é? Que é totalmente diferente... tanto é que eles têm sempre na ideia um dia irem-se embora, quer dizer, eles e qualquer cabo-verdiano, só não vão porque não têm oportunidade.

- 6. Conhece Cabo-Verde?**

**R.** Não.

- 7. Gostava de conhecer?**

**R.** Quem me dera! Hei-de conhecer se Deus quiser, eu... eu acho que vou, vou adiando, adiando porque acho que um dia que for pra Cabo-verde fico lá e não volto. De certeza, tenho a certeza.

- 6. Acha que o(s) seu(s) filho(s) gostaria(m) de conhecer ou conhecem?**

**R.** Acho que sim, gostava, gostava.

**7. Quando pensa em Cabo-verde, o que lhe vem à cabeça?**

**R.** Humildade, as pessoas são super humildes, super educadas, é o contrário de Portugal. Cabo-verde acho que é tudo, tudo bom, é pobre...mas ainda bem, se calhar ainda bem sei lá. Mas ainda bem que é pobre, mas acho...O que penso de certeza é o contrário de Portugal, aqui eu não me sinto bem é a terra onde eu nasci e lá, que é a terra que eu não conheço, que é a terra dos meus pais tenho a certeza mesmo não nascendo lá... ah eu seria aceite e coiso, é totalmente diferente.

**8. Fala das suas origens ao(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Não... não.

**9. E porquê?**

**R.** Não há oportunidade, não... não, o Diogo ainda tá numa fase que ainda não... agora é que por acaso ele já tá naquela fase “mãe eu sou de onde, sou daqui de Portugal não é?” Tá nessa fase, por causa da escola. Mas por acaso não é, não tem havido aquele... pá não paramos pra falar sobre isso ainda, ainda não...

**10. Em que língua fala com o seu filho?**

**R.** Português, português.

**11. Entende crioulo?**

**R.** Sim.

**12. E fala crioulo?**

**R.** Não, não sei falar, tenho pena. Não sei.

**13. O seu filho também não?**

**R.** Não, também não.

**14. Que tipo de música se ouve em casa?**

**R.** Africana, música africana.



**15. Que programas de TV costumam ver?**

**R.** RTP África.

**16. Está ligado a alguma Associação cultural?**

**R.** Não, não, não.

**17. Com que objeto da sua casa mais se identifica?**

**R.** Não nota-se? (risos) Tudo que seja, tudo que seja paus africanos, a minha casa tem de ter tudo, tudo, tudo paus africanos. Visto que não conheço bem África, tento transformar a minha casa um pouco em África, é.

**18. Se houvesse um incêndio em sua casa, o que levaria?**

**R.** O meu filho.

**18.1.** Mas assim de material?

**R.** Material... não sei pá, não faço ideia. Acho que era... os meus documentos pessoais de certeza (risos), se eu os perdesse, depois para os conseguir outra vez tava tramada, eram os meus documentos pessoais (risos).

**19. Vê alguma vantagem em transmitir os valores da sua cultura de origem ao seu filho?**

**R.** Sim ahhh...sim. Ahh sim.

**19.1.** Que vantagens?

**R.** Sei lá, o que é que eu, pronto, as vantagens... Vamos por... os meus pais nunca, falavam na altura de Cabo-verde mas também tá, era a tal coisa, falava-se assim por alto não era? Era assim por alto nada. Mas visto que eu não conheço Cabo-Verde também não lhe posso falar muito mas do pouco que coiso... ele vamos supor, quando ele fala comigo, ah eu (ele é criança também não é culpado), mas eu detesto quando ele diz “ Ah mas eu sou de Portugal”. Eu tento lhe dizer: olha mas Cabo-verde é assim, é assado. Tendo lhe dizer, o pouco que eu conheço, da internet tento coiso. Gostava muito porque, visto que um dia quero me ir embora, quero...ele diga...pense...ok Cabo-verde deve ser melhor que isto, sei que é

provavelmente. Sei que é. Se isto pra nós é difícil, imagino pra eles que...  
prá geração deles não é? Sei lá...

**20. Fale-me de uma figura Histórica. Alguém que, na sua opinião, fez algo de muito importante?**

**R.** Em Cabo-Verde?

**E.** Uma figura.

**R.** O Amílcar Cabral.

**20.1. Fale-me um bocadinho de Amílcar Cabral, o que é que sabe?**

**R.** Sei lá...não, não, não. Não, não quero falar, fico emocionada, mas é Amílca...Amílcar Cabral (olha tas a ver já é...), é mesmo Amílcar Cabral (risos).

**E.** Mas porquê? Porquê que se emociona a..., faça de conta que eu não sei quem é q é Amílcar Cabral, quem foi.

**R.** Ahhh pá...

**20.2. Diga-me o que é que ele fez?**

**R.** Fez muita coisa. Ah tas a ver... posso dizer, então mais simples, aí aquele norte-americano até que o matara. Que... defendia-nos, a nós africanos, pronto. Só que ele é o Amílcar Cabral Cabo-verdiano, o outro era... aí pá **agora não...**

**E.** Martes Luter Quing

**R.** Exatamente. Pra mi...pra mi, será primeiro é o norte-americano e lá está, depois é o Amílcar Cabral, Amílcar Cabral porquê? Por ser mesmo Cabo-verdiano

**21. Como é que festejou o nascimento do seu(s) filho(s)?**

**R.** Como é que festejei? Ah foi...foi... como é que festejei? Eu não sei, fiz muitos chás de bebés, com o nascimento fiz muita festa porque eu tenho problemas em ficar grávida, foi muito bom, foi muito bom. E sempre que faz anos, é óbvio, tenho que dar uma grande festa, não é?

**22. Costuma fazer festas?**

**R.** Faço, para ele sim, tudo que seja para o Diogo, faço muitas, muitas festas.

**23. Conte-me uma festa que tenha feito, quem convidou, o que comeram, se dançaram?**

**R.** Uma festa assim, que foi marcante foi o primeiro aniversário do Diogo parecia mais um batizado. Por ser o meu primeiro filho, por eu ter problemas em ficar grávida. E convidei todos os meus amigos chegados porque... foi, não foi uma gravidez fácil, porque eu desde que fiquei grávida fui sempre mãe solteira, passei 9 meses sem o pai do Diogo aparecer. E então a primeira fé...ehhh... e o Diogo sempre... os médicos diziam que ia ser uma criança muito carente, eu passava a vida toda a chorar. Então tento compensar nessas festas, nisso tudo, mas foi, no primeiro aniversário dele convidei os meus amigos todos, os meus amigos chegados, que são muitos, que eu graças a Deus não conto pelos dedos, que eu sei os amigos que tenho, convidei-os todos, todos que perguntam pelo Diogo, querem saber do Diogo, todos estavam presentes. Todos que acompanharam a minha gravidez, todos que se preocuparam comigo, esses convidei-os todos. Agora para comer: era tudo só para crianças, não é? Era tudo para crianças, havia canja, mas não fiz nada de catchupa, não fiz nada dessas coisas. Fiz, foi uma festinha às quatro da tarde, com tudo que uma criança tem direito, foi, parecia mais um batizado mas foi.

#### **23.1) E Dançaram?**

**R.** Não, não nesse dia não, porque as músicas eram mais músicas para crianças, não era para nós africanos. Mas eles dançaram muito, divertiram-se muito.

#### **24. O seu filho sabe dançar?**

**R.** Agora sabe, sabe muito bem o funaná.

#### **25. O que costumam comer na Ceia de Natal?**

**R.** Na ceia de Natal... normalmente quem faz normalmente é a minha mãe, não é. Ahh é mais bacalhau com natas, o bacalhau com grão a couve. Peru não porque a gente detesta o peru, ninguém come peru, nada. E...carne de porco assada no forno e tudo o resto, doces: rabanadas, filhoses, tudo um pouco de tudo. Dos nossos doces, de Cabo-verde não, não temos usado muita coisa doce de Cabo-Verde. No dia-a-dia para sobremesa é que a minha mãe faz muito uma mousse de camóca, a mousse

de ananás, cuscuz (que é tão bom, adoro cuscuz), doce de coco, muitas coisas boas.

**26. O que é para si um bom jantar?**

**R.** Um bom jantar é eu estar rodeada de quem mais gosto, não é? Principalmente o meu filho tem que estar perto e o meu namorado e a minha mãe, que eu adoro a minha mãe.

**26.1) Mas assim para comer?**

**R.** Ah para comer! Para comer não sei, eu como sou muito comilona qualquer coisa, sou muito comilona. Ah eu adoro marisco, arroz de marisco, um grelhado de marisco, ai adoro. Se me meterem aqui, marisco, marisco, marisco, isso para mi já é um bom jantar.

**27. E o(s) seu(s) filho(s) o que gosta(m) mais de comer?**

**R.** O meu Diogo adora comer hambúrguer, massa com natas.

**28. Alguma vez usou trajes tradicionais?**

**R.** Tradicionais não, mas o que uso muito é... lenços na cabeça.

**29. E o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** O Diogo sim, que a minha mãe quando veio de Cabo-Verde trouxe-nos aquelas roupas típicas de África.

**30. Que atividades de tempos livres tem o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Agora de momento não tem nenhum. Mas a vai para a natação e para o futebol.

**31. Os seus amigos, são maioritariamente portugueses ou de outra origem?**

**R.** A situação é igual à minha: pais africanos mas nasceram cá, situação exatamente igual à minha.

**32. E os amigos do(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** É mista: portugueses, brasileiros, é mista.

**33. Que contacto é que tem com Cabo-Verde?**

**R.** Eu não tenho nenhum, quer dizer, tenho lá tios e ligo e tal. A minha mãe é que vai lá muitas vezes, a minha mãe vai lá sempre uma vez por ano, a intenção da minha mãe é ir para lá, espero bem que sim, assim já tenho onde ficar.

**34. E o teu filho não tem contacto?**

**R.** Não, não, o meu filho não.

**35. Ponha por ordem de importância os seus familiares, incluindo você.**

**R.** Os mais importantes são: o meu Diogo, sou eu, a minha mãe, o meu namorado, o meu irmão, os dois meus irmãos, a seguir o meu pai e a minha irmã que está fora.

**36. Acha que existem diferenças entre uma família de origem cabo-verdiana e uma família portuguesa?**

**R.** Completamente, claro que sim.

**37. Se respondeu sim, para si, quais são as principais diferenças?**

**R.** Nós somos muito amigos dos nossos filhos, não é que eles não sejam, mas nós somos completamente diferentes, nesse aspeto, nós africanos somos completamente diferentes. Percebes? Acho que o português preocupa-se mais em ter o terreno para dar aos filhos e juntar para os filhos. Nós, para nós nada disso é importante. Para nós o que é importante é o amor, o carinho o afeto é... sem comparação! Isso é a mesma coisa que me perguntarem: Então quando a sua mãe for idosa, onde é que você vai colocar a sua mãe? Se for o português se calhar é logo num lar. Eu jamais! A minha mãe pode chegar aos 100 anos, pode ser chata e tudo, mas vai estar sempre comigo. Mas é verdade, é raro veres um idoso africano em lares, não vês, é raríssimo.

**38. Na sua opinião, quais os principais conflitos na comunidade cabo-verdiana?**

**R.** É a integração, não é? Aqui em Portugal é a integração, não somos respeitados como seres humanos, é que não somos. Se calhar não sou a pessoa indicada, porque eu sou tão revoltada! Eu sou uma pessoa muito revoltada porque eu já passei por situações tão complicadas, num país onde eu nasci! Onde, praticamente todos os dias, mandam-me para a minha terra; onde no trabalho que eu faço, se calhar respeitavam-me muito mais se eu estivesse nas limpezas, porque o negro aqui em Portugal, nasceu para trabalhar nas limpezas! Porque o negro aqui em Portugal, desculpe a expressão, nasceu para andar a limpar a porcaria dos outros, não nasceu para ser um doutor, é triste. Porque o africano pode ser o que for mas o africano é humilde, é amigo, o português não, é sempre carrancudo. Parece que pedes qualquer coisa e estão sempre de trombas, parece que lhes debes alguma coisa.

**39. Que tipo de desacordos, desentendimentos ou conflitos costuma haver entre si e a sua companheira?**

**R.** Não, não, nós não éramos de ter conflitos. Os conflitos eram sempre mulheres, só porque fora isso a gente se dava bem, tinha os nossos problemas mas era isso, era mulheres e tal.

**39.1) O pai do teu filho era muito mulherengo?**

**R.** Mais ou menos isso. Pode-se dizer que sim.

**40. E pensa em algum tipo de apoio, ou alguma vez pensou, para resolver esses problemas?**

**R.** Não, não.

**40.1) Achas que era algo que vocês conseguiriam resolver sem apoio nenhum?**

**R.** Sim, isto é daqueles problemas, o que é que eu vou dizer? O meu marido tem outras mulheres, anda-me a trair, ajudem-me? Não, se eu não consigo resolver os problemas, são os outros que vão conseguir?! Há problemas e problemas, não é? Há problemas mais interessantes e mais graves do que este. Se calhar era capaz de ir bater a porta de uma instituição para me ajudarem (Graças a deus eu não preciso, mas isto é um exemplo), para me ajudarem a sustentar o Diogo, para me ajudarem a

pagar a renda, não é? Porque eu tenho o meu namorado mas eu é que pago as minhas despesas, não é? Uma coisa é ele estar a viver comigo, outra coisa é eu ser mãe solteira.

**41. Quando vai ao médico ou algum serviço público, sente que é tratado de forma diferente devido a sua origem?**

**R.** Exatamente. Por isso é que eu optei por ir... pago 60 euros, sem necessidade, porque eu faço descontos para a Caixa de 300 e tal euros. Não tenho médico de família, se quero uma consulta, tenho de lá estar às 6 da manhã mas já lá há gente na fila, não é? Optei por, ok é uma despesa, eu sei que sim, mas é muito complicado, ao menos sei que pago e o atendimento é outro. Agora, nos centros de saúde é: são as funcionárias que para te atenderem, parece que estão ali hooo, parece que estão a fazer-te um favor quando é o trabalho delas; fora os Médicos que estão a fazer-te a consulta e nem para a tua cara olham!

**41.1) Mas já sentiste essa diferença por seres de origem africana?**

**R.** Já, já, já. Eu não digo que seja por ser de origem africana, mas o médico que eu estou ali, nem me escuta, nem sabe o que eu estou ali a fazer e já está a receitar o que é que eu tenho que tomar, nem me olha! Não é normal!

**42. Gostaria que se tivesse em conta e que se respeitasse, a sua cultura de origem (língua materna, hábitos alimentares, rituais familiares), quando se dirige a um serviço público (hospitais, escolas, etc.), ou até mesmo no seu trabalho?**

**R.** Sem dúvida. Nas finanças, segurança Social, tudo que pertence ao Estado, principalmente esses todos que estão no Estado.

## Entrevista - 02

- 1. Quando está fora de Portugal e alguém lhe pergunta de onde é, o que responde?**

**R.** Português.

- 2. E o(s) seu(s) filho(s) o que acha que responderia(m)?**

**R.** Penso que a mesma coisa também.

- 3. Se houver um jogo de futebol, Portugal vrs Cabo-Verde, vai torcer por quem?**

**R.** Ahhh...isso é difícil...talvez...Portugal talvez.

**3.1. Talvez porquê? Qual é...porquê a dúvida?**

**R.** Não...por ter nascido cá e as raízes são todas cá e... cabo-verde é mero, uma questão cultural. Mas por afinidade, talvez Portugal sim.

- 4. E por quem acha que torceria(m) o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Ah Portugal.

- 5. Quando os seus pais lhe falavam do país de origem, que características lhe apontavam?**

**R.** Ahh há morabeza, há simpatia e...

**5.1. O que é isso de morabeza?**

**R.** Morabeza é simpatia, é... a simpatia das pessoas, uma terra pobre mas com muitos valores culturais. E sobretudo isso, a paisagem também, o mar, falavam muito do mar também.

- 6. Conhece Cabo-verde?**

**R.** Conheço sim

**6.1. Teve lá há muito tempo, pouco tempo?**

**R.** Tive lá há dois anos, vou voltar agora novamente.

**6.2. Férias?**

**R.** Sim de férias.



**7. Se respondeu não, gostaria de conhecer? -----**

**8. Acha que o(s) seu(s) filho(s) gostaria(m) de conhecer ou conhecem?**

**R.** Eles conhecem já.

**9. Quando pensa em Cabo-Verde, o que lhe vem à cabeça?**

**R.** ... A alegria talvez...

**10. Fala das suas origens ao(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Com certeza, falo sim.

**11. Se respondeu sim, o que costuma dizer?**

**R.** Digo-lhes de tudo que...falo-lhes do crioulo, não é que use o crioulo para me comunicar com eles mas falo, algumas palavras e falo-lhes um pouco de cabo-verde, falo-lhes da música, ah do povo de tudo.

**12. Portanto, não fala crioulo com eles?**

**R.** Não não.

**12.1. Mas percebe crioulo?**

**R.** Percebo perfeitamente e sei falar sim.

**13. E eles não?**

**R.** Eles não, mas percebem.

**14. Que tipo de música se ouve em casa?**

**R.** Ahh ouve-se de tudo um pouco, não é por se ter origem cabo-verdiana que só se ouve música africana ou cabo-verdiana, mas ouve-se de tudo um pouco.

**14.1. Diga assim algumas, algum tipo...**

**R.** Desde hip hop, desde música ligeira, desde música africana, do batuque, funaná, passando por jazz, bluss, ouve-se de tudo um pouco em casa.

**15. Que programas de TV costumam ver?**

**R.** Eles vêm mais...os...os meninos claro, os canais de animação né? Ehh sobretudo mais informação também.

**16. Está ligado a alguma Associação cultural?**

**R.** Estou sim, à Associação Aspas.

**16.1. E qual é a sua função, ou que tipo de ligação tem?**

**R.** Faço parte da direção e também sou formador na área da saúde.

**17. Se sim, em que tipo de atividades participa?**

**R.** Na associação?

**17.1. Sim.**

**R.** Dou, faço... Dou formação como disse, faço intervenção comunitária nos Bairros da Boba e do Casal da Mira na Amadora e...sobretudo... incide sobre a prevenção das DST's nos jovens.

**18. Com que objeto da sua casa acha que o(s) seu(s) filho(s) mais se identifica?**

**R.** Nunca pensei, sinceramente nunca pensei (risos). Não sei...talvez os sofás por estarem sempre sentados nos sofás.

**19. Se houvesse um incêndio em sua casa, o que levaria?**

**R.** O objet... acho que não levaria nenhum, pensava primeiro na segurança da minha família sinceramente nunca me passou pela cabeça.

**20. Vê alguma vantagem em transmitir os valores da sua cultura de origem aos seus filhos?**

**R.** Acho que isso é muito importante... em primeiro lugar é um enriquecimento cultural deles próprios, terem o conhecimento de duas culturas, tanto esta, a portuguesa como a cabo-verdiana. Eu acho que sobretudo é um enriquecimento pessoal deles também. E saberem as origens dos pais, dos avós isso.

**21. Fale-me de uma figura Histórica. Alguém que, na sua opinião, fez algo de muito importante?**

**R.** Por Cabo-verde? Ahh eu, eu? Lá está...agora vou para ...

**E. Pode ser a primeira que lhe venha à cabeça.**

**R.** O Amílcar Cabral talvez sim.

**21.1.Porquê?**

**R.** Ah pela história, pela revolução, por, por ter ajudado ahh... tanto Cabo-verde e Guiné a serem independentes de Portugal, pela luta que ele travou ... praticamente sem, sem matar ninguém né? Eu acho que sim, é uma figura histórica, pra mi.

**22. Como é que festejou o nascimento do seu(s) filho(s)?**

**R.** Ah com muita alegria, sem bebedeira (risos). Mas com muita alegria, com muito choro, com muitas lágrimas, mas com muita alegria sobretudo.

**23. Costuma fazer festas?**

**R.** simmmm, reuniões de fa... eu costumo dizer, reuniões de família/amigos sim.

**24. Conte-me uma festa que tenha feito, quem convidou, o que comeram, se dançaram?**

**R.** Ah sim, foi o último, foi o aniversário da minha... do meu filho em Novembro, chamamos a família toda: os pais, avós, tios e os primos. Ouve muita música, não houve comida africana, ahh e sim e tivemos até à meia-noite em casa.

**24.1) E que tipo de musica é que ouve? Dançaram?**

**R.** Ah dançou-se música... dos meninos né? Das festinhas e música africana sobretudo.

**25. O(s) seu(s) filho(s) sabe(m) dançar?**

**R.** Sabem, sabem.

**26. O que é que eles dançam?**

**R.** Dançam hip-hop.

**27. O que costumam comer na Ceia de Natal?**

**R.** Ah...O peru, o tradicional da... cultura portuguesa. O peru, o bacalhau, o cozido, sim. E os doces tradicionais: filhoses, rabanadas.

**28. O que é para si um bom jantar?**

**R.** O que é para mi um bom jantar é ficar satisfeito (risos).

Não quer dizer... não sei... um bom peixe, que eu gosto de peixe, por exemplo e... acho que sobretudo ficar satisfeito com aquilo que como. Não tenho assim grandes...

**29. E o(s) seu(s) filho(s) o que gosta(m) mais de comer?**

**R.** Ah eles adoram puré (risos), puré e arroz sobretudo, sim, nada de carne.

**30. Alguma vez usou trajes tradicionais?**

**R.** Não.

**31. E o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Os meus filhos sim, na festa, nas festas temáticas da escola sim. A minha filha levou um vestido africano porque em Cabo-Verde não há, não há uma roupa tradicional, existe um pano tradicional. E o meu filho também, quando fez uma festa, quando foi a uma festa de África e vestiu-se também com panos africanos.

**32. Que atividades de tempos livres tem o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Sobretudo eles têm os da escola né? E eles gostam muito de passear ao ar livre e jogar à bola sobretudo o meu filho. A minha filha gosta muito de andar de bicicleta. Aos fins-de-semana é sempre, se tiver bom tempo estamos sempre na rua.

**33. Os seus amigos, são maioritariamente portugueses ou de outra origem?**

**R.** Não, de outra origem, cabo-verdiana sobretudo.

**34. E os amigos do(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Dos meus filhos são portugueses.

**34.1. A maioria?**

**R.** A maioria.

**34.2. Portugueses mesmo ou descendentes?**

**R.** Não, portugueses mesmo, caucasianos.

**35. Que contacto é que tem com Cabo-Verde?**

**R.** Ah tenho...tenho, tenho o contacto das informações porque faço questão de todos os dias ahh...passar pelo... pelas informações que são dadas no, de Cabo-verde.

**35.1. As notícias?**

**R.** As notícias, sim, sim. Que são dadas tanto nos sítios na internet, como na Televisão, na RTP África. Tento-me manter informado... o mínimo.

**35.2. E familiares de lá, não tem contacto?**

**R.** Não, não tenho, não tenho.

**36. E o(s) seu(s) filho(s) também não?**

**R.** Não, não.

**37. Ponha por ordem de importância os seus familiares, incluindo você.**

**R.** Do meu seio familiar meu ou do, do geral?

**E. Da sua Família.**

**R.** Ah a minha mãe, a minha mãe, o meu pai, os meus irmãos...ahh...mas antes dos meus irmãos, os meus filhos. Sim. Os meus irmãos, a minha esposa.

**38. Acha que existem diferenças entre uma família de origem cabo-verdiana e uma família portuguesa?**

**R.** Eu Acho que sim, eu acho que sim.

**39. Se respondeu sim, para si, quais são as principais diferenças?**

**R.** A principal diferença acho que nós... cabo-verdianos somos mais **comunicativos**. Ehhh acho que estamos em permanência comunicação com os nossos filhos, eu acho que essa é a principal diferença entre a nossa, entre a minha família e a portuguesa.

**40. Na sua opinião, quais os principais conflitos na comunidade cabo-verdiana?**

**R.** Não sei, não sei dizer. Com... não sei talvez a nível da habitação, a nível social... não te sei dizer.

**41. E quais são os principais conflitos entre a família e a comunidade?**

**R.** Talvez, talvez a integração. Eu acho que a integração, sim a integração da comunidade cabo-verdiana talvez na... na comunidade de acolhimento, que é, que é a portuguesa né? Talvez há um bocadinho de... de falta de integração. Talvez, há muitas famílias que não se libertaram muito de Cabo-verde, do país, do país Cabo-verde. Vivem... a tradição só a tradição e não se... não alargam os horizontes para a, para a cultura de acolhimento. Talvez seja essa... a principal sim.

○ **E entre a família e a comunidade, sente que há, pode haver algum tipo de conflito ou...?**

**R.** Hoje em dia acho que não, antigamente talvez sim. Talvez as pessoas viviam em, em bairros degradados e só limitavam-se só àquele, só àquela periferia. Acho que agora não, as pessoas já vivem, vivem em habitações verticais e já estão inseridas dentro da comunidade, eu acho que já não.

**42. Que tipo de desacordos, desentendimentos ou conflitos costuma haver entre si e a sua companheira?**

**R.** Talvez um pouco a educação dos miúdos, talvez, talvez aí há um desacordo. Eu tento ser um pouco mais liberal ela...um pouco mais dura talvez.

**43. E pensa em algum tipo de apoio, ou alguma vez pensou, para resolver esses problemas?**

**R.** Não, não, são coisas que se resolvem com o diálogo não.

**44. Quando vai ao médico ou algum serviço público, sente que é tratado de forma diferente devido a sua origem?**

**R.** Não, de todo.

**45. E o(s) seu(s) filho(s) já refiram isso?**

**R.** Não, também não.

**46. Gostaria que se tivesse em conta e que se respeitasse, a sua cultura de origem (língua materna, hábitos alimentares, rituais familiares), quando se dirige a um serviço público (hospitais, escolas, etc.), ou até mesmo no seu trabalho?**

**R.** Sim, sim, sim. Eu falo pela comunidade cabo-verdiana, falo pelas pessoas que talvez sejam mais velhas do que eu. Falo, por exemplo, na minha mãe que alguma dificuldade em expressar-se em português, talvez sim, talvez sim acho que as repartições públicas deveriam ter um pouco de atenção e existissem mediadores, como já existem em algumas repartições públicas, da saúde por exemplo. Que tomem em conta isso porque, a barreira linguística às vezes não se consegue ultrapassar sem, sem uma mediação.

**47. Quer acrescentar alguma questão?**

**R.** Não.

**E.** Obrigada.

## **Entrevista - 03**

- 1. Quando está fora de Portugal e alguém lhe pergunta de onde é, o que responde?**

**R.** Portugal, sou portuguesa.

- 2. E o(s) seu(s) filho(s) o que acha que responderia(m)?**

**R.** Que é português.

- 3. Se houver um jogo de futebol, Portugal vrs Cabo-Verde, vai torcer por quem?**

**R.** Não tomo partido. Não tomo não, acho que não.

### **3.1) Porquê?**

**R.** Porquê?! Porque relativamente à 1ª pergunta, se eu estiver fora, perguntam-me de que país é que eu sou, eu respondo que sou portuguesa, mas na maioria, mesmo aqui em Portugal se me perguntam de onde é que eu sou, eu respondo que sou de Cabo-Verde. Eles perguntam-me: da onde? E eu respondo sempre: ah os meus pais é que são de lá, eu já nasci cá. Por isso, não tomava partido.

- 4. E por quem acha que torceria(m) o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Ah por Portugal, Portugal.

- 5. Quando os seus pais lhe falavam do país de origem, que características lhe apontavam?**

**R.** Eh falho mais da minha mãe não é, porque o meu pai... A minha mãe é sempre, tens que ir lá conhecer, aquilo é muito giro, agora está diferente. Ahh fala pronto das ilhas, mostra os vídeos, Caracterizas, mas pronto um país pobre, não deixa de ser um país pobre, uma país que para o qual também ela não quer voltar.

- 6. Conhece Cabo-Verde?**

**R.** Não.



**7. Gostava de conhecer?**

R. Sim.

**R. E Porque?**

7.1) Porque é a terra dos meus pais e também tenho curiosidade. E sei que um dia hei-de ir lá.

**8. Acha que o(s) seu(s) filho(s) gostaria(m) de conhecer ou conhecem?**

R. Sim, sim também.

**6. Quando pensa em Cabo-verde, o que lhe vem à cabeça?**

R. Boa vida, sem dúvida. Muitos passeios, muita praia, muita festa, muita alegria, principalmente isso.

**7. Fala das suas origens ao(s) seu(s) filho(s)?**

R. Não.

**8. E porquê?**

R. Não sei, porquê apesar de tudo os meus pais também não são muito ligados à terra, acho que é mais por isso. Se eles não me transmitiram esses valores, eu também não sinto necessidade de transmitir ao meu filho.

**9. Em que língua fala com o seu filho?**

R. Português.

**10. Entende crioulo?**

R. Entendo.

**11. E fala crioulo?**

R. Não.

**12. O seu filho também não?**

R. O meu filho não fala mas compreende um bocadinho.

**13. Que tipo de música se ouve em casa?**

**R.** Todo o tipo de música, claro que se ouve muita música cabo-verdiana, ouvimos hip hop, ouvimos kizomba, ouvimos tudo.

**14. Que programas de TV costumam ver?**

**R.** Música, series, telenovelas, tudo.

**15. Está ligado a alguma Associação cultural?**

**R.** Não.

**16. Com que objeto da sua casa o seu filho mais se identifica?**

**R.** Não sei, nunca pensei nisso.

**17. Se houvesse um incêndio em sua casa, o que levaria?**

**R.** O que é que eu levaria? Ai, as minhas roupas. Acho que eram as minhas roupas, os meus sapatos e os meus brincos.

**18. Vê alguma vantagem em transmitir os valores da sua cultura de origem ao seu filho?**

**R.** Ahh vantagens? Sim, é assim, para ele saber que tem origem africana, claro que sim, também acho que devemos passar isso aos nossos filhos. Isso ele tem em mente, mas que eu fale, não falo, ainda. Falamos esporadicamente, sei lá: a mãe é cabo-verdiana o teu pai é angolano, pronto.

**19. Fale-me de uma figura Histórica. Alguém que, na sua opinião, fez algo de muito importante?**

**R.** Por Cabo-verde?

**E.** Uma figura histórica, a primeira que te venha à cabeça.

**R.** Relacionado a Cabo-verde, Amílcar Cabral pronto.

**19.1) Fale-me um bocadinho de Amílcar Cabral, o que é que sabe?**

**R.** Ele foi o... teve a haver com a independência, de... foi de 4?! Não é 3 de Junho, exatamente, foi a pessoa que mais esteve ligada. Para mi é esse

aspeto não é, conseguiu fazer com que Cabo-Verde tivesse a sua independência.

**E. E acha que ele é importante?**

**R.** Claro nesse aspeto sim. Mas é assim, pouco sei também sobre ele, também é uma verdade.

**20. Como é que festejou o nascimento do seu(s) filho(s)?**

**R.** Fiquei contente, feliz. Foi um filho esperado, foi programado, foi tudo. Pronto sentia-me feliz, como até hoje ainda me sinto.

**21. Costuma fazer festas?**

**R.** Não, muitas não.

**22. Conte-me uma festa que tenha feito, quem convidou, o que comeram, se dançaram?**

**R.** Posso por exemplo falar da última, que fiz para o meu filho, 23 de Fevereiro fez 9 anos. Para além da festa da escola dele, fiz um bolinho aqui em casa, fizemos uma maçada de camarão. Quem é que eu convidei? Dos amigos dele só veio o filho de uma amiga minha. Houve mais pessoas adultas, porque ele já tinha festejado com os coleguinhas da escola. Ouvimos música, ligamos na MTV, o meu irmão ligou o computador, pôs música africana. Também foi dia de semana.

**22.1) Mas que tipo de pessoas é que convidaste, mais familiares?**

**R.** Sim e amigos, alguns amigos.

**23. O seu filho sabe dançar?**

**R.** Ahh não, nesse dia por acaso, disse-lhe “Fábio tens de aprender a dançar kizomba”, e agarrei nele e começamos a dançar, mas não sabe dançar.

**23.1) Nenhum outro tipo de música? Não tem de ser necessariamente kizomba.**

**R.** Outro tipo? Não posso dizer que sim. Tenta dar uns toques não é? Tem um bocadinho de ritmo, mas não, não sabe dançar ainda.

**24. O que costumam comer na Ceia de Natal?**

**R.** Bacalhau com grão, sempre. Eu é que já peço, às vezes, faz outro tipo de bacalhau: bacalhau com batatas a murro, bacalhau com natas; frango assado também é outra opção, mas sempre bacalhau.

**25. O que é para si um bom jantar?**

**R.** Um jantar que me saiba bem.

**25.1) Mas assim em termos de comida?**

**R.** Não, não para mi um bom jantar é eu ficar satisfeita, é eu gostar daquilo que estou a comer, pode ser até a comida mais simples.

**26. E o(s) seu(s) filho(s) o que gosta(m) mais de comer?**

**R.** Maça com atum, hambúrguer, por acaso também gosta muito de peixe.

**27. Alguma vez usou trajes tradicionais?**

**R.** Já.

**27.1) Em que situação?**

**R.** Para uma festa da Embaixada de Angola, foi a única vez que usei um traje tradicional.

**28. E o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Usou porque o pai tinha comprado e ele também usou, um fato tradicional de Angola também.

**29. Que atividades de tempos livres tem o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Neste momento, fora da escola não tem nenhum. Na escola tem inglês, tem educação física, tem música, essas três.

**30. Os seus amigos, são maioritariamente portugueses ou de outra origem?**

**R.** Não.

**30.1) De que nacionalidade são?**

**R.** São angolanos, portugueses, cabo-verdianos, basicamente essas três.

**31. E os amigos do(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Angolanos, portugueses, indianos, santomenses.

**32. Que contacto é que tem com Cabo-Verde?**

**R.** Pouco, quase nenhum. Uma prima, com quem troco mensagens muito esporadicamente; uma prima também que nem está lá, está na Holanda, com quem comunico; tenho tios, tenho primos mas não comunico com eles.

**33. E o teu filho não tem contacto?**

**R.** Não.

**34. Ponha por ordem de importância os seus familiares, incluindo você.**

**R.** É impossível eu fazer isso.

**34.1) Porquê?**

**R.** Porquê é assim, acima de tudo eu tenho que estar bem, pronto, posso ser a primeira, tenho que estar bem para eles estarem bem, para conseguir corresponder às necessidades deles, principalmente do meu filho. Mas de resto é tudo, é igual, não consigo dizer que um irmão é mais importante para mi do que outro, mas claro, é assim, se eu tiver que defender o meu filho, defendo com unhas e dentes, é contra irmãos, contra mãe, contra tudo não é?

**35. Acha que existem diferenças entre uma família de origem cabo-verdiana e uma família portuguesa?**

**R.** Existe, existe.

**36. Se respondeu sim, para si, quais são as principais diferenças?**

**R.** Acabam por ser diferenças culturais, um pouco. É assim, eu a minha família, apesar de tudo, está muito enraizada em Portugal e nós não temos aquela coisa, por exemplo: família para mi é a minha mãe, os meus irmãos e o meu filho e praticamente acabou. Mas eu vejo pelos meus amigos Cabo-verdianos, eles não, eles são muito unidos é aquela coisa tipo: o bairro é uma família, eles têm muita família, lidam com muita gente. É assim, eu não posso falar muito porque não vivo isso. Mas sei que há muita diferença mesmo na alimentação, na maneira de estar, na maneira de

viver, por exemplo: os africanos, os cabo-verdianos gostam muito de festas, uma coisa que os caracteriza é o ouro, gostam muito de demonstrar que têm posses, é o ouro. Os portugueses também, mas escondem mais. São maneiras diferentes de pensar, de estar, de agir.

**36.1) Mas em relação família mesmo?**

**R.** Os cabo-verdianos têm mais ligação e entreajudam-se muito mais.

**37. Na sua opinião, quais os principais conflitos na comunidade cabo-verdiana?**

**R.** Como se diz, são um povo de sangue quente, não toleram, são até às vezes considerados... são violentos, nesse aspeto. Mas eles aceitam-se uns aos outros, fazem parte todos da mesma comunidade, às vezes há aquela rivalidade entre os sampadjudos e os badios mas fora isso.

**38. Que tipo de desacordos, desentendimentos ou conflitos costuma haver entre si e a sua companheira?**

**R.** Ciúmes, nada que tenha a ver com a nossa diferença racial.

**38.1) Ele é caucasiano?**

**R.** É.

**39. E pensa em algum tipo de apoio, ou alguma vez pensou, para resolver esses problemas?**

**R.** Não.

**40. Quando vai ao médico ou algum serviço público, sente que é tratado de forma diferente devido a sua origem?**

**R.** Não, não mesmo. Nunca me senti diferenciada. Aliás, é assim, há aquela que à primeira vista dizem é preta, e às vezes dizer “tu não és preta”, por causa do meu tom de pele. É claro que isso irrita, eu acabo sempre por dizer que sou preta. Mas por eu ter um tom de pele claro, tratam-me de maneira diferente.

**41. E o teu filho já verbalizou ter sido tratado de forma diferente?**

**R.** Não.

**42. Gostaria que se tivesse em conta e que se respeitasse, a sua cultura de origem (língua materna, hábitos alimentares, rituais familiares), quando se dirige a um serviço público (hospitais, escolas, etc.), ou até mesmo no seu trabalho?**

**R.** Não, não.

## **Entrevista - 04**

### **1. Quando está fora de Portugal e alguém lhe pergunta de onde é, o que responde?**

**R.** Nunca estive fora de Portugal, mas normalmente quando as pessoas perguntão “de onde é que és”, sei que estão a perguntar as minhas origens e digo logo Cabo-verde.

### **2. E o(s) seu(s) filho(s) o que acha que responderia(m)?**

**R.** Ahh pelo menos o do meio, sabe que o pai é cabo-verdiano, que a avó é cabo-verdiana, que toda a nossa geração é cabo-verdiana. Temos um orgulho imenso, pelo menos as musicas quando gente ouve Cabo-Verde, fala o sangue n sei.

#### **2.1) Acha que ele diria que é cabo-verdiano?**

**R.** Pronto é português porque nascemos cá, mas sabemos que temos uma origem que é de lá, não é? Tem aquela música que o Gey canta e diz “nunca nos esquecemos daquilo que somos, nem de onde é que viemos”.

#### **2.2.) Mas o que acha que ele responderia?**

**R.** Pá não sei pronto. Eu digo sempre que sou cabo-verdiana, que a minha origem é cabo-verdiana, mas não sei, ele teria de falar por si.

### **3. Se houver um jogo de futebol, Portugal vrs Cabo-Verde, vai torcer por quem?**

**R.** É 50 – 50, é as duas coisas. É o sangue que é de Cabo-Verde e é Portugal porque eu nasci cá. É as duas bandeiras, uma numa mão e a outra na outra, é difícil de... as pessoas que nasceram cá, se calhar sentem como eu é difícil de dizer que sou portuguesa ou sou cabo-verdiana é difícil de escolher.

### **4. E por quem acha que torceria(m) o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Eles se calhar não tanto, porque eles não ouvem falar de Cabo-Verde como eu ouvi os meus pais a falarem, já não tenho para lhes falar, então



aquilo que eu tenho eles já não têm. Eles se calhar iam vibrar por Portugal, eu já é diferente.

**5. Quando os seus pais lhe falavam do país de origem, que características lhe apontavam?**

**R.** Sei lá: “a gente brincava assim, isto era assim”. Uma parte de nós põe-se lá.

**5.1.) Mas como é que descreviam Cabo-Verde, o que é que lhe diziam?**

**R.** Era o mundo deles, era tudo deles, era quem eles são. É uma felicidade enorme, não é? Vieram e nunca mais foram, o meu pai acabou por morrer cá, não há como descrever.

**6. Conhece Cabo-verde?**

**R.** Não.

**7. Gostava de conhecer?**

**R.** Sim, muito.

**8. Acha que o(s) seu(s) filho(s) gostaria(m) de conhecer ou conhecem?**

**R.** Sim, isso estão sempre a dizer. Quando alguém vai para Cabo-Verde eles estão sempre a dizer “ó mãe quando é que a gente vai a Cabo-verde, falo já foi e a gente nunca vai?!”

**6. Quando pensa em Cabo-Verde, o que lhe vem à cabeça?**

**R.** Normalmente não penso assim. Quando vejo as músicas na televisão, quando vejo aquelas imagens, quando vejo Cabo-verde, vejo que é um sítio que vale a pena conhecer. E quero conhecer a minha raiz, onde os meus pais brincaram, onde andaram na escola, sim isso sim.

**7. Fala das suas origens ao(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Eu não tenho muito para falar, a avó é que fala assim com eles, mais, eu não posso falar muito porque não tenho.

**7.1) E o que é que a avó fala?**

**R.** Ah fala muita coisa: “no meu tempo era assim, no meu tempo era assado”; principalmente a educação de hoje é muito diferente, a educação que eu também tive, não tem nada haver com a educação de hoje e eles ficam admirados. Não sabem o que é não ter, não ter, se calhar. E quando vemos as pessoas nas hortas, eu não sei fazer nada eles também muito menos, as pessoas ali na horta com a inchada aqui à frente, aquelas coisas que a gente não sabe fazer, é diferente.

**8. Em que língua fala com o seu filho?**

**R.** Falo muito o crioulo com eles. Eles percebem tudo, mas respondem em português. Há dois que falam também, o mais pequeno e o do meio falam também o crioulo, lá fora na rua sei que eles falam, às vezes com a avó também dizem umas coisas. Mas como ainda dão uns erros no português, não gosto que eles ainda falem o crioulo, quando souberem definir bem, aí tudo bem.

**9. Que tipo de música se ouve em casa?**

**R.** Muito crioulo, a música cabo-verdiana e claro, o que passa na TV normal, também gostamos muito de música portuguesa.

**10. Que programas de TV costumam ver?**

**R.** Eu por exemplo é o AXN, gosto muito. Gosto de ver uns bons filmes aos fins-de-semana. Eles gostam de ver as bonecadas, a Operação Triunfo, tudo que seja de música.

**11. Está ligado a alguma Associação cultural?**

**R.** Não. Temos uma associação aqui no bairro das Campinas e de vez em quando vamos ver quando organizam espetáculos.

**12. Com que objeto da sua casa o seu filho mais se identifica?**

**R.** A TV e o computador.

**13. Se houvesse um incêndio em sua casa, o que levaria?**

**R.** Ah não me diga isso! Tudo o que conseguisse tirar.

**14. Vê alguma vantagem em transmitir os valores da sua cultura de origem ao seu filho?**

**R.** Sim. Vantagens não sei, mas é eles saberem aquilo que somos, aquilo que são, de onde vieram, acho que é isso que a gente quer sempre transmitir para eles não se esquecerem que nasceram cá mas há uma origem que vem de três, todos nós temos uma origem e eles têm que saber isso.

**15. Como é que festejou o nascimento do seu(s) filho(s)?**

**R.** Com muita alegria porque tive dois abortos espontâneos e o primeiro nasceu de sete meses.

**15.1. Mas fez alguma festa?**

**R.** Sim, ao fim do sétimo dia fizemos aquela celebração o “sete”. Com os amigos, a família, a comunidade, o padrinho, a madrinha, a gente como e dança. É o primeiro batismo.

**16. Costuma fazer festas?**

**R.** Já fiz, agora não, só quando eles fazem anos, fazemos em casa, um bolinho, a mãe eles e a avó pronto.

**17. O seu filho sabe dançar?**

**R.** Acho que sabem, mas eles são um bocadinho envergonhados.

**17.1. Que tipo de dança é que acha que eles sabem?**

**R.** Acho que sabem um bocadinho de funaná, Hip hop.

**18. O que costumam comer na Ceia de Natal?**

**R.** É o normal, o Bacalhau e depois no dia 25 é um gizado de carne de cabra com mandioca. Os meus filhos adoram mandioca, saem à mãe.

**19. O que é para si um bom jantar?**

**R.** Eu desde que tenha comida. Não tenho preferências.

**20. E o(s) seu(s) filho(s) o que gosta(m) mais de comer?**

**R.** Gostam muito de Bacalhau com nada, arroz de pato ou de polvo.

**21. Fale-me de uma figura Histórica. Alguém que, na sua opinião, fez algo de muito importante?**

**R.** Mat.L. king. Ele marcou muito a História dos negros, deu um grande passo.

**22. Alguma vez usou trajes tradicionais?**

**R.** Já usei o lenço, quando era pequena usava muito o lenço na cabeça.

**23. E o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Trajes, acho que não.

**24. Que atividades de tempos livres tem o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Jogam à bola.

**25. Os seus amigos, são maioritariamente portugueses ou de outra origem?**

**R.** A maioria são cabo-verdianos.

**26. E os amigos do(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Acho que a maioria são filhos de cabo-verdianos.

**27. Que contacto é que tem com Cabo-Verde?**

**R.** Só quando os meus irmão telefonam.

**28. E o teu filho não tem contacto?**

**R.** Os meus filhos muito pouco, mais sou eu que falo.

**29. Ponha por ordem de importância os seus familiares, incluindo você.**

**R.** Os meus filhos, eu, a mãe, os meus irmãos, sobrinhas, primos.

**30. Acha que existem diferenças entre uma família de origem cabo-verdiana e uma família portuguesa?**

**R.** Acho que somos diferentes.

**31. Se respondeu sim, para si, quais são as principais diferenças?**

**R.** Acho que nós os africanos somos mais sentimentalistas, somos mais unidos, gostamos mais de estar a conviver, ter a casa cheia de vez em quando. E acho que eles já não são assim, mais frios se calhar.

**32. Na sua opinião, quais os principais conflitos na comunidade cabo-verdiana?**

**R.** Quando há festas são um pouco conflituosos. Não gostamos muito de “abusos”, “desaforos”, somos um pouco intolerantes.

**33. Que tipo de desacordos, desentendimentos ou conflitos costuma haver entre si e a sua companheira?**

**R.** Somos um pouco diferentes, eu sou um pouco teimosa e somos como a água e o azeite. Com o pai dos meus filhos era por ele ser muito mulherengo.

**34. E pensa em algum tipo de apoio, ou alguma vez pensou, para resolver esses problemas?**

**R.** Não.

**35. Quando vai ao médico ou algum serviço público, sente que é tratado de forma diferente devido a sua origem?**

**R.** Não, por acaso não.

**41. E o teu filho já verbalizou ter sido tratado de forma diferente?**

**R.** Não.

**36. Gostaria que se tivesse em conta e que se respeitasse, a sua cultura de origem (língua materna, hábitos alimentares, rituais familiares), quando se dirige a um serviço público (hospitais, escolas, etc.), ou até mesmo no seu trabalho?**

**R.** Não. Que me tratem como qualquer pessoa, como ser humano, com respeito e dignidade.

## **Entrevista - 05**

- 1. Quando está fora de Portugal e alguém lhe pergunta de onde é, o que responde?**

**R.** Que eu nasci em Portugal mas sou descendente de familiares Cabo-verdianos.

- 2. E o(s) seu(s) filho(s) o que acha que responderia(m)?**

**R.** A minha filha se calhar diria que é Portuguesa.

- 3. Se houver um jogo de futebol, Portugal vrs Cabo-Verde, vai torcer por quem?**

**R.** Ah Cabo-verde. Com certeza.

- 4. E por quem acha que torceria(m) o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Cabo-Verde.

- 5. Quando os seus pais lhe falavam do país de origem, que características lhe apontavam?**

**R.** Falavam-me da tradição de Cabo-Verde, falavam-me dos meus avós, tios, pessoas lá de Cabo-verde e explicavam-me mais ou menos como é que era, as coisas boas que tinham lá, as coisas bonitas.

**5.1) Diga-me algumas coisas.**

**R.** Da praia, do ambiente de lá, da dança, da maneira de comer as nossas comidas de lá, aqui nós comemos à base de adube e lá é tudo natural.

- 6. Conhece Cabo-verde?**

**R.** Conheço.

**6.1) Quando e que foi, foi de férias?**

**R.** Fui quando tinha 13 anos e fui de férias. Agora está tudo diferente e eu gostaria de lá voltar.

**7. E a sua filha conhece?**

**R.** A minha filha não conhece.

**8. Acha que o(s) seu(s) filho(s) gostaria(m) de conhecer ou conhecem?**

**R.** Gostava.

**9. Quando pensa em Cabo-verde, o que lhe vem à cabeça?**

**R.** Paz, paraíso.

**10. Fala das suas origens ao(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Falo. Apesar de ela não falar crioulo, de eu não incentivar muito para ela falar crioulo.

**10.1) E o que é que lhe costuma dizer?**

**R.** Das danças, de tudo que a minha mãe me transmitiu, eu transmito a ela também, tudo.

**10.2) Diga-me?**

**R.** Dela conviver connosco, de sermos um povo assim aberto e liberal e gostarmos de conviver entre nós e festas, tudo.

**11. Em que língua fala com a sua filha?**

**R.** Português.

**11. 1) E crioulo, sabe falar crioulo?**

**R.** Ela não sabe mas eu sei. Entendo e falo.

**11.2) E ela não fala?**

**R.** Ela não fala.

**11.3) E Porquê?**

**R.** Eu acho que como ela está a começar a estudar isso iria influenciar a linguagem dela. Porque normalmente as crianças misturam muito e depois falam o crioulo e o português, uma mistura assim muito *coiso* e é chato. Ela agora se quiser pode falar, porque ela agora fala bem o português.

**12. Que tipo de música se ouve em casa?**

**R.** É funaná, é batuque é tudo. É música africana.



**13. Que programas de TV costumam ver?**

**R.** Vemos muito a SIC, mas gostamos da RTP África.

**13.1.)** E o que é que costumam ver na RTP África?

**R.** O Telejornal, as músicas, aquelas festas que acontecem lá em Cabo-Verde também.

**14. Está ligado a alguma Associação cultural?**

**R.** Humm erra aqui no meu Bairro e em Rio-de-Mouro que tinha a ACAS que eu gosto muito. Mas entretanto com a vida, filhos...

**14.1) Mas o que é que faziam lá na ACAS?**

**R.** Dançava-mos, íamos para fora, conhecíamos outros grupos, fazíamos workshops. Já tive em Liverpool através da ACAS.

**14.2) E o que foram lá fazer?**

**R.** Dançar. Tinha um grupo de dança.

**14.3) E dançavam o quê?**

**R.** Funaná, rága, cola, tudo. Era “As Dinamites”.

**15. Com que objeto da sua casa o seu filho mais se identifica?**

**R.** Ehh sei lá. Eu acho que é mais TV mesmo.

**16. Se houvesse um incêndio em sua casa, o que levaria?**

**R.** O que é que eu levaria? Tirando a minha filha não é? Tirando o meu TLM também, o meu computador.

**17. Vê alguma vantagem em transmitir os valores da sua cultura de origem ao seu filho?**

**R.** Vejo. Eu vejo porque os meus pais nasceram em Cabo-Verde, não é? E não prenunciam muito bem o português e eu incentivando a minha filha a conhecer e a dialogar também com eles é uma mais-valia para a comunicação entre eles. E para ela conhecer também as origens dela.

**18. Como é que festejou o nascimento do seu(s) filho(s)?**

**R.** Com festa.

**19. Conte-me um bocadinho da festa, quem convidou, o que comeram, se dançaram?**

**R.** Dançamos, comemos, convidamos amigos e familiares, depois era a catchupada, era xerem, feijão pedra, canja, era tudo que é de Cabo-verde.

**19.1) Mas fez logo no dia em que ela nasceu ou foi depois?**

**R.** Não foi depois quando fizemos o Cristão dela, o Sete, como nós dizemos.

**19.2) E o que é o Sete?**

**R.** O Sete é a primeira bênção que a criança tem em nome de Deus, a primeira coisa que nós dizemos. Entregar a criança a Deus.

**19.3) Quanto tempo depois é que isso acontece?**

**R.** A maioria das pessoas faz mesmo ao sétimo dia.

**19.4) E o que é que se faz?**

**R.** Vem uma pessoa experiente, que reza e depois vêm os padrinhos e os pais que metem o dedo na água com sal e fazem o sinal da cruz na testa da criança. E depois é festa.

**19.5) E quem é que vem à festa?**

**R.** Toda a gente: Vizinhança, amigos, familiares, toda a gente.

**19.6) E doces?**

**R.** Ah doces, a maioria são doces daqui, mas também há pessoas que sabem fazer doces de Cabo-Verde que é o doce de papaia, doce de coco, cuscuz, tudo.

**20. Então costumam fazer festas?**

**R.** Muitas, então nos anos dela é sempre.

**21. E ela sabe dançar?**

**R.** Sabe, ela sabe e gosta.

**21.1) E que tipo de musica é que ela dança?**

**R.** Ela gosta de dançar o funaná que é para ela abanar o rabinho dela.

**22. O que costumam comer na Ceia de Natal?**

**R.** Nós normalmente seguimos a tradição do Bacalhau. Mas a minha mãe no dia a seguir, já faz assim uma coisa de Cabo-Verde: já tem o xerem, já tem a mandioca, carne de cabra.

**23. O que é para si um bom jantar?**

**R.** Bacalhau com natas.

**24. E o(s) seu(s) filho(s) o que gosta(m) mais de comer?**

**R.** Ehh ela é uma gulosa, ela até come coisas que eu nem gosto! Ela gosta de tudo.

**25. Fale-me de uma figura Histórica. Alguém que, na sua opinião, fez algo de muito importante?**

**R.** Uma figura histórica... Olha a Diana, a Princesa Diana.

**25.1) Fale-me um bocadinho dela?**

**R.** Do pouco que eu conheci, também era pequena não tinha muita noção, acho que ela era uma pessoa muito humilde e gostava de ajudar os outros e isso para mi é bom, porque infelizmente hoje o mundo que eu vivo, não é, nós não temos muito essa coisa de ajudar uns aos outros e é mau e perdemos uma pessoa que ajudava.

**26. Alguma vez usou trajes tradicionais?**

**R.** Muitas vezes, então para dançar era sempre.

**27. E o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Também. A minha mãe trazia de Cabo-verde para ela.

**27.1) E em que ocasiões é que ela usou?**

**R.** Ah mesmo para ir para a escola. Ela gostava tanto que até para ir para a creche ela levava.

**28. Que atividades de tempos livres tem o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Ela agora não tem porque a associação daqui fechou e depois tudo é muito longe. Mas quero ver se agora faz alguma coisa, para ver se não é só escola.

**29. Os seus amigos, são maioritariamente portugueses ou de outra origem?**

**R.** É tudo misto. É misto, eu tenho angolanos, cabo-verdianos, tenho guineenses, tenho portugueses, tenho tudo.

**30. E os amigos do(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Também, por causa da escola dela, tem muitos amigos.

**31. Que contacto é que tem com Cabo-Verde?**

**R.** Ah com os meus tios que estão lá, primos.

**31.1) Costumam ligar frequentemente?**

**R.** Sempre.

**32. E ela também fala?**

**R.** Fala e chora para ir.

**33. Ponha por ordem de importância os seus familiares, incluindo você.**

**R.** Eu, a minha filha, depois a minha mãe, o meu pai, o meu irmão, a minha irmã, os meus sobrinhos, o meu namorado agora, a minha madrinha...

**34. Acha que existem diferenças entre uma família de origem cabo-verdiana e uma família portuguesa?**

**R.** Eu acho que diferenças não, mas tipo, eu acho que a união só. É em termos de união, eu acho que o povo cabo-verdiano, não o Africano é mais unido que os portugueses, eles não são muito unidos.

**35. Na sua opinião, quais os principais conflitos na comunidade cabo-verdiana?**

**R.** Acho que é mais inveja. Inveja entre nós mesmo. A inveja do tipo, eu tenho, se ela tem eu tenho que ter, se ela faz eu tenho que fazer e eu tenho que pensar que se calhar ela tem porque ela pode, ou conseguiu. E não é eu focar-me naquilo só porque a pessoa fez.

**36. Que tipo de desacordos, desentendimentos ou conflitos costuma haver entre si e o seu companheiro?**

**R.** Mulher, ciúmes.

**38.1) E ele era mulherengo?**

**R.** Mulherengo.

**37. E pensa em algum tipo de apoio, ou alguma vez pensou, para resolver esses problemas?**

**R.** Não sei, porque eu acho que isso agora é geral. É como eu digo, cada doente é que sabe aquilo que tem, não é? Eu posso ir pedir ajuda a si, mas também você está sobrecarregada com o seu problema e também não pode ajudar muito também.

**37.1) Mas eu estava a falar no sentido de uma ajuda profissional.**

**R.** Ah pois sim, isso se calhar era melhor, porque só entre nós amigos, acho que não.

**38. Quando vai ao médico ou algum serviço público, sente que é tratado de forma diferente devido a sua origem?**

**R.** Não, por acaso não. Só uma vez que vi um anúncio e liguei para a senhora, que era para ir trabalhar como interna. E falei com a senhora ao telefone e ela disse “se você poder passar agora era o ideal porque nós estamos mesmo a precisar”. E eu achei tanta graça que eu nem respondi, quando toquei à campainha ela deu comigo e disse “ Ah você é de cor?!”; “Sim mas vocês já não aceitam ninguém de cor”, e ela disse “Ah não nós já não aceitamos ninguém de cor e você ao telefone expressa-se muito bem, nem parece de cor”.

**41. E o teu filho já verbalizou ter sido tratado de forma diferente?**

**R.** Não, por acaso não.

**43. Gostaria que se tivesse em conta e que se respeitasse, a sua cultura de origem (língua materna, hábitos alimentares, rituais familiares), quando se dirige a um serviço público (hospitais, escolas, etc.), ou até mesmo no seu trabalho?**

**R.** Gostaria muito, gostaria de ir a um restaurante e encontrar uma comida cabo-verdiana, gostaria de ir ao médico e encontrar um médico cabo-verdiano, ah tanta coisa. E gostaria que houvesse aprendizagem para a língua crioula, porque há muitos brancos que agora vão para Cabo-Verde e coitados também não percebem. E eu acho que seria bom eles aprenderem antes de lá irem.

## **Entrevista - 06**

- 1. Quando está fora de Portugal e alguém lhe pergunta de onde é, o que responde?**

**R.** Digo sempre que sou de origem de Cabo-Verde mas que sou portuguesa.

- 2. E o(s) seu(s) filho(s) o que acha que responderia(m)?**

**R.** O meu filho acho que é capaz de dizer que é português.

- 3. Se houver um jogo de futebol, Portugal vrs Cabo-Verde, vai torcer por quem?**

**R.** Muito difícil... mas Portugal.

- 4. E por quem acha que torceria(m) o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Portugal.

- 5. Quando os seus pais lhe falavam do país de origem, que características lhe apontavam?**

**R.** Falam mais da culinária, da música.

**5.1. O que é que lhe diziam?**

**R.** Culinária: sempre acharam que a comida deles era mais saudável, do que a nossa cá; a música claro, eu também prefiro a música cabo-verdiana do que a musica portuguesa, se me perguntarem.

- 6. Conhece Cabo-Verde?**

**R.** Não.

**6.1. Porquê, nunca teve curiosidade?**

**R.** Era para ter lá ido a uns anos atrás, mas depois aconteceram uns problemas e acabei por não ir.

- 7. Se respondeu não, gostaria de conhecer?**

**R.** Sim, porque é uma cultura diferente, penso que é mais alegre, são mais otimistas, gostava de lá ir, também tenho lá família não é?

**8. Acha que o(s) seu(s) filho(s) gostaria(m) de conhecer ou conhecem?**

**R.** Sim.

**9. Quando pensa em Cabo-Verde, o que lhe vem à cabeça?**

**R.** Muito calor, muita diversão, mais o quê? Alegria, sei lá, só coisas boas.

**10. Fala das suas origens ao(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Sim.

**11. Se respondeu sim, o que costuma dizer?**

**R.** Digo-lhe que sim, que ele é português mas para não se esquecer que tem origens cabo-verdianas.

**12. Em que língua é que fala com ele?**

**R.** Português.

**12.1. Mas fala crioulo?**

**R.** Não, muito pouco.

**12.2. Mas percebe?**

**R.** Claro que Sim.

**13. E ele percebe?**

**R.** Sim e ele vai falar.

**13.1. E Porquê que acha que ele vai falar?**

**R.** Porque na Escola hoje em dia já falam, não é?

**13.2. Os miúdos também descendentes?**

**R.** Sim e mesmo os portugueses mesmo de origem também falam. Ele demonstra interesse, ele quer aprender.

**14. Que tipo de música se ouve em casa?**

**R.** Africana, mais africana, também ouvimos alguma portuguesa. É todo o tipo.

**14.1. E dentro do africano o que ouve mais?**

**R.** Ahh selous, gosto de algumas mornas, gosto do Greice Évora...



**15. Que programas de TV costumam ver?**

**R.** National Geográfico, na Fox alguns filmes e programas de animais.

**16. Está ligado a alguma Associação cultural?**

**R.** Eu trabalho na associação cultural “Moinho da juventude”.

**17. E qual é a sua função, ou que tipo de ligação tem?**

**R.** Eu trabalho com crianças dos 2 aos 6 anos é uma formação parental que tem como objetivo incutir nos pais a parental idade, fazemos vários tipos de atividades, mas depois também tentamos que sejam os pais na fazer-las com os filhos.

16.1. E há atividades culturais?

**R.** Sim. Há intercâmbios, porque eles têm grupo de Colá, eles estão a formar agora um grupo com pessoal da Guiné de São Tomé.

**17. Com que objeto da sua casa acha que o(s) seu(s) filho(s) mais se identifica?**

**R.** Ele gosta muito do Homem Aranha, mas agora está mais voltado para as coisas do Recycling.

**18. Se houvesse um incêndio em sua casa, o que levaria?**

**R.** O meu filho, só o meu filho.

**18.1. E material?**

**R.** Levava algo de que o meu filho gostasse muito, alguns brinquedos, algumas fotos... umas roupinhas de quando ele era bebé.

**19. Vê alguma vantagem em transmitir os valores da sua cultura de origem aos seus filhos?**

**R.** Sim.

**19.1. E porquê que acha isso vantajoso?**

**R.** É sempre bom ter duas culturas, porquê penso que aprendes muito mais coisas.

Tem a ver também com o movimento corporal, as musicas, tem a ver também com a língua e também acho que é vantajoso porque temos muitos primos que estão fora, não nasceram em Cabo-verde mas vivem no Luxemburgo, eles aprenderam a falar crioulo, nós não falamos muito cá em casa, mas entendemos bem e sempre é bom para se comunicarem.

**20. Como é que festejou o nascimento do seu(s) filho(s)?**

**R.** Foi a coisa mais fantástica que eu já tive na minha vida.

**20.1. Fez alguma festa?**

**R.** Não, só quando ele tinha 7 dias, lembro-me que a minha mãe... mas não foi uma festa foi assim um jantarzinho. Mas nós não costumamos muito fazer isso, foi só para...

**21. Costuma fazer festas?**

**R.** No aniversário do Rafael, algumas vezes no meu e depois temos aquelas datas específicas: no Natal e assim.

**22. Conte-me uma festa que tenha feito, quem convidou, o que comeram, se dançaram?**

**R.** No aniversário do Ráfa tinha muita coisa mas não tinha comida típica. Tinha pratos muito fáceis tipo: pizza, camarão. Dançar, dançamos muito.

**22.1) E quem é que convidou?**

**R.** Muitos elementos da família, alguns amigos, amigos do Rafael também, porque tinha muitas crianças e os pais das crianças também.

**23. O(s) seu(s) filho(s) sabe(m) dançar?**

**R.** Sabem.

**24. O que é que eles dançam?**

**R.** Michael Jackson.

**25. O que costumam comer na Ceia de Natal?**

**R.** Mais é o Peru, também faço o bacalhau.

**26. O que é para si um bom jantar?**

**R.** O que é para mi um bom jantar? Desde que haja comida na mesa já é um bom jantar.

**27. E o(s) seu(s) filho(s) o que gosta(m) mais de comer?**

**R.** Frango e arroz.

**28. Fale-me de uma figura Histórica. Alguém que, na sua opinião, fez algo de muito importante?**

**R.** Lui Amestrong.

**28.1. Porquê?**

**R.** Porque foi importante para a cultura norte-americana, não sei... mas sei que ele lutava muito pelos direitos da igualdade.

**28.2. Estamos a falar de pessoas diferentes, Martin Luther King?**

**R.** Sim, Martin Luther King, confundo sempre os nomes é isso mesmo. Lá na Cova da Moura tem um grande moral a Cerca dele.

**29. Alguma vez usou trajes tradicionais?**

**R.** Eu não.

**30. E o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** O Rafael já.

**30.1. Em que ocasião?**

**R.** Era só para passear é fresquinho, aquelas calças e aquelas camisas são largas.

**31. Que atividades de tempos livres tem o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Ele não tem atividades de tempos livres, só às quintas-feiras é que tem atividades extracurriculares, fazem jogos, desenhos, têm computador.

**32. Os seus amigos, são maioritariamente portugueses ou de outra origem?**

**R.** Está dividido.

**32.1. Que nacionalidades?**

**R.** Sei lá, tem portugueses, tem cabo-verdianos, tenho alemã e belgas.

**33. E os amigos do(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Tem portugueses, tem e cabo-verdianos, estão divididos também.

**34. Que contacto é que tem com Cabo-Verde?**

**R.** Tenho com a minha avó, primos. Por telefone de mês a mês.

**35. E o(s) seu(s) filho(s) também não?**

**R.** Não o meu filho não.

**36. Ponha por ordem de importância os seus familiares, incluindo você.**

**R.** O Rafael, a minha irmã Andreia, o meu irmão Samuel, o meu irmão Lá, a minha irmã Vera, a minha mãe, eu, o pai do meu filho e depois o geral, o resto da família.

**37. Acha que existem diferenças entre uma família de origem cabo-verdiana e uma família portuguesa?**

**R.** Pá sim.

**38. Na sua opinião, quais os principais conflitos na comunidade cabo-verdiana?**

**R.** Acho que nós somos muito mais chegados uns aos outros. Não há aquela coisa de haver muita distância, imagina que eu estou aqui mas eu não passo um dia sem ver a minha mãe, eu vejo a minha mãe todos os dias. À exceção dos sábados e dos domingos, ela vem para cá ou para a casa dos meus irmãos, nós estamos sempre em contacto uns com os outros. Nós somos mais unidos.

**39. E quais são os principais conflitos entre a família e a comunidade?**

**R.** Eu nunca senti isso na pele por isso é mais difícil. Mas para alguns é a língua, à dificuldade de se inserirem no meio, porque é difícil virem de Cabo-verde e tentarem estabilizar-se, tentar travar conhecimentos, mais o quê? A nível também da documentação.

**39.1. Mesmo para aqueles que já nasceram cá?**

**R.** Sim, porque por exemplo eu não concordo com aquela lei que saiu, aquela de 83 que todas as crianças mesmo nascidas cá são...têm... eles têm cartão de residência, não têm BI.

**39.2. Que dificuldades é que acha que isso traz para a comunidade?**

**R.** Eu só acho, pronto eu não concordo porque acho que eles querem dar a entender que podemos ter nascido cá mas não somos portugueses, porque têm tendência mais de olhar para o tom da pele e isso para mi não tem significado nenhum.

**40. Que tipo de desacordos, desentendimentos ou conflitos costuma haver entre si e o seu companheiro?**

**R.** Só se for no modo de pensar, porque no geral... eu sou muito independente, não nasci lá, não tenho o tipo de hábitos das raparigas de Cabo-verde, só se for por aí.

**40.1. Que tipo de hábitos é que se está a referir?**

**R.** Eu não sou do tipo de mulher de chegar em casa e cozinhar e acho que se ele chegar a casa primeiro do que eu e não houver jantar feito, ou qualquer coisa para fazer, ele pode muito bem fazer, não tem de ficar à minha espera.

**40.2. E no entender dele as mulheres têm que fazer?**

**R.** Sim, mas ele já mudou muito.

**40.3. E acha que as raparigas em Cabo-Verde são desse tipo?**

**R.** Hum sim, são mais submissas, têm tendência em ser mais submissas.

**41. E pensa em algum tipo de apoio, ou alguma vez pensou, para resolver esses problemas?**

**R.** Não, porque eu não considero que isso seja um conflito porque nós conversamos e ele acaba sempre por perceber.

**42. Quando vai ao médico ou algum serviço público, sente que é tratado de forma diferente devido a sua origem?**

**R.** Não, eu nunca fui tratada de maneira diferente.

**43. E o(s) seu(s) filho(s) já refiram isso?**

**R.** Não.

**44. Gostaria que se tivesse em conta e que se respeitasse, a sua cultura de origem (língua materna, hábitos alimentares, rituais familiares), quando se dirige a um serviço público (hospitais, escolas, etc.), ou até mesmo no seu trabalho?**

**R.** Sim, porque já assisti várias vezes, quando as pessoas vão ou à escola ou ao centro de saúde, não sabem como se diz certas palavras, ou como começar uma conversa e as coisas tendem a complicar-se, porque a pessoa que está do outro lado a prestar o serviço por vezes é um pouco brusca e se a outra pessoa, nesse caso, por exemplo um cabo-verdiano, não tiver um apoio de outra pessoa é muito complicado para eles.

**45. Quer acrescentar alguma questão?**

**R.** Não.

**E.** Obrigada.

- 1. Quando está fora de Portugal e alguém lhe pergunta de onde é, o que responde?**

**R.** Por vezes respondo que sou cabo-verdiana, depende de onde eu estou não é? Se for em Cabo-Verde digo que sou cabo-verdiana, se for em Portugal, digo que sou portuguesa.

- 1.1. E se for em outro país da Europa?**

**R.** Normalmente digo sempre que sou portuguesa.

- 2. E o(s) seu(s) filho(s) o que acha que responderia(m)?**

**R.** Portuguesas também.

- 3. Se houver um jogo de futebol, Portugal vrs Cabo-Verde, vai torcer por quem?**

**R.** Acho que ia ficar muito dividida, não sei. Ia ser um problema muito grande, mas se calhar acabaria por optar por Cabo-Verde.

- 4. E por quem acha que torceria(m) o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Talvez iriam optar por Portugal. Eu vivo muito a cultura de lá e a vivência de lá e por vezes acabo por pensar que os meus traços são de lá do que de cá, também num modo geral, viver e conviver com as pessoas de lá, acabo por me sentir mais cabo-verdiana do que portuguesa.

- 4.1. Mas há circunstâncias em que diz que é portuguesa?**

**R.** Sim, quando há chatices, por exemplo: quando vamos nos transportes ou assim, em que as pessoas têm aquela tendência do racismo e provocações, acabo sempre por mostrar que não sou de Cabo-Verde, mas sou de cá, para impor um bocado de respeito, para não pensarem que eles é que podem dizer tudo o que querem e insultar as pessoas.

**5. Quando os seus pais lhe falavam do país de origem, que características lhe apontavam?**

**R.** Que é um país de respeito. Em tempos viveram com alguma dificuldade, mas acima de tudo sempre houve momentos de festa, mesmo não tendo muito para comer ou para vestir, nunca mostraram tristeza, sempre tentaram ultrapassar isso com alegria e com festas.

**6. Conhece Cabo-Verde?**

**R.** Sim.

**6.1. O que é que achou quando foi lá?**

**R.** Adorei, não sei bem explicar, mas foi uma alegria muito grande ver o modo como as pessoas vivem. Há aquela convivência enorme entre as pessoas, que por vezes não encontramos aqui, não é?

**7. Acha que o(s) seu(s) filho(s) gostaria(m) de conhecer ou conhecem?**

**R.** Acho que sim, elas estão curiosas para lá ir, mas ainda não há possibilidades.

**8. Quando pensa em Cabo-verde, o que lhe vem à cabeça?**

**R.** Muita coisa a simpatia das pessoas, a maneira como eles acolhem as pessoas, dão tudo: dão a alma, são a casa, podem não ter nada para dar, mas se for preciso saírem da cama deles para sermos nós a dormir; podem não ter dinheiro para ter uma boa alimentação em casa, mas rapidamente arranjam forma de ir comprar tudo para te agradar.

**9. Fala das suas origens ao(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Sim.

**10. Se respondeu sim, o que costuma dizer?**

**R.** E também acabam por viver alguma... Nós falamos e os meus pais também, elas estão muito próximas da minha mãe e acabam também por estar ligadas às origens de Cabo-verde. Tanto que, tenho uma família enorme, muitos não vivem cá mas vêm cá sempre (nas festas de Natal,



Ano novo, Páscoa), e acaba sempre por haver aquela rotina de lá de Cabo-Verde, ainda temos muito isso no seio da família.

#### **10.1. O quê por exemplo?**

**R.** Por exemplo, nas tardes de domingo, somos capazes de juntar a família e fazer um cuscuz e ficar a conversar sobre as coisas lá de Cabo-Verde e assim.

### **11. Em que língua é que fala com ele?**

**R.** Sempre português, mas se for junto da minha família, entre nós, falamos crioulo, mas se for para falar com eles é português.

#### **11.1. Mas fala crioulo?**

**R.** Sim e percebo tudo.

### **12. Mas elas não?**

**R.** Não digo que não falem, sabem falar mas eu é que disse para não falarem já já. Agora, para já acho que não iria ser bom, daqui mais para a frente até possam vir a falar crioulo, mas para já acho que não iria ser bom.

#### **12.1. Mas entendem tudo?**

**R.** Entendem tudo e sabem falar algumas coisas, até mesmo porque viram filmes de lá, de comédia que fazem lá, eu que achei que era muito difícil, elas conseguiram falar como eles falam, que não é um crioulo como o meu, e até conseguiram perceber alguma coisa.

### **13. Que tipo de música se ouve em casa?**

**R.** Principalmente música cabo-verdiana. Portuguesa posso dizer que nada, normalmente não oiço música portuguesa cá em casa, nada, nada, nada. A única coisa que oiço cá em casa, são músicas infantis portuguesas, de resto...

### **14. Que programas de TV costumam ver?**

**R.** Ah ai já é tudo, mas gosto muito de ver um filme, filmes de animação, canais de música, tudo.

**15. Está ligado a alguma Associação cultural?**

**R.** Neste momento trabalho na associação cultural “Moinho da juventude”.

**17. E qual é a sua função, ou que tipo de ligação tem?**

**R.** Normalmente trabalho com famílias africanas, dentro do bairro. Portanto o meu trabalho é formar famílias, no modo geral é ensinar quais os tipos de brincadeiras se devem fazer com uma criança, maneira de estar, inculcar-lhes muitas coisas que os pais vão esquecendo durante o dia. Chegam a casa e não têm tempo de perguntar ao filho: como é que foi o teu dia? Não são capazes de sentar, nem que sejam só 10 minutos, para ouvir uma história ou contar uma história ao seu filho. E é o trabalho que nós estamos a fazer no bairro, está a ser positivo, as famílias estão a gostar.

**16. Com que objeto da sua casa acha que o(s) seu(s) filho(s) mais se identifica?**

**R.** Neste momento mais os brinquedos delas e DVDs de músicas africanas.

**17. Se houvesse um incêndio em sua casa, o que levaria?**

**R.** Acho que primeiro iria recorrer logo às roupas que era para não ficar sem nada. Mas acho que levaria também os meus objetos de África que adoro muito.

**17.1. Que objetos são?**

**R.** São estas mulheres de madeira com os filhos às costas e tenho ali também dois de homens que não deixava ficar.

**18. Vê alguma vantagem em transmitir os valores da sua cultura de origem aos seus filhos?**

**R.** Vejo.

**19.1. E porquê que acha isso vantajoso?**

**R.** Por vezes pode não ser fácil, eles quando vão lá passar férias, integrarem-se. Eu já, de modo geral, consigo me integrar, não digo que

fosse capaz de viver em Cabo-verde, mas para já para eles não fosse tão fácil, chegar lá e passar umas férias normalmente. Pode ser difícil, podem não se adaptar, podem não se adaptar à comida que é feita lá. É começar desde já, fazer aqui alguns tipos de comida que são feitos lá, para se habituarem.

**19.2. E em termos de valores culturais?**

**R.** Sim, em termos de música, na minha família gostamos muito de dançar, dançamos alguns tipos de músicas que são típicas lá e elas agora começam a apreender, porque gostamos de estar em festa não é? Fazemos muitas festas, normalmente fazemos em casa dos meus pais e elas também gostam.

**19.3. Elas sabem dançar?**

**R.** Sabem e começam a apreender música cabo-verdiana.

**19. Conte-me uma festa que tenha feito, quem convidou, o que comeram, se dançaram?**

**R.** Foi em Setembro, no aniversário do meu pai. Foi uma festa surpresa, ele não sabia. Convidamos toda a família praticamente, alguns amigos nossos também. Convidamos um grupo que toca música cabo-verdiana ao vivo. Fizemos catchupa, bacalhau à Brás, uma canja para os miúdos e um guisado.

**19.1. E doces?**

**R.** Doces, fizemos os bolos não é? Encomendou-se o bolo com a fotografia do meu pai, pudins, mousses, não chegamos a fazer o cuscuz. E também posso dizer que não faltou grogo e pontchi.

**20. Como é que festejou o nascimento do seu(s) filho(s)?**

**R.** Já a primeira, foi feita aquelas coisas lá de Cabo-Verde que eles dizer “guarda cabeça”. A tal festinha do sétimo dia, que eles dizem que é para guardar a criança. Para proteger a criança para que nada a aconteça. Na primeira filha fizemos isso, mas na segunda já não fizemos nada.

**21. Como festejam o aniversário das suas filhas?**

**R.** Há sempre uma festinha, mesmo que não venham muitos adultos mas tenciono sempre que apareçam crianças.

**22. O que costumam comer na Ceia de Natal?**

**R.** Fazemos sempre as filhoses, fazemos fatias douradas. Há sempre bacalhau com grão, batata cozida e couves. Arranjamos sempre maneira de haver um leitãozinho e depois com batatas fritas.

**23. O que é para si um bom jantar?**

**R.** Eu acho que não é preciso ter grandes pratos, desde de que esteja com a família e tenha algo para comer, não precisa de ser coisas muito caras.

**23.1. Mas tem alguma coisa em especial que goste de comer?**

**R.** Não, eu normalmente gosto de tudo. Não gosto muito de feijão pedra, que é um feijão que tem uma unhazinha que não me agrada muito, mas como, mas se houver outro prato, como o outro prato.

**24. E o(s) seu(s) filho(s) o que gosta(m) mais de comer?**

**R.** Batatinha frita, hambúrguer, franguinho com arroz.

**25. Fale-me de uma figura Histórica. Alguém que, na sua opinião, fez algo de muito importante?**

**R.** Michael Jackson.

**25.1. Porquê?**

**R.** Acho que ajudou muita gente, mesmo com a música dele, mesmo com as músicas que fez para a UNISEF. O Ildo Lobo com as músicas que ele tem também, envolve o povo cabo-verdiano. Não esquecendo a Cesária Évora e quem mais?

**26. Alguma vez usou trajes tradicionais?**

**R.** Já, já vesti.

**26.1. Em que ocasião?**

**R.** Numa festa africana que eu organizei no colégio em que eu estava a trabalhar.

**27. E o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Elas têm normalmente quando a minha mãe vem traz sempre tecido e ela manda fazer.

**27.1. Em que ocasião?**

**R.** Na altura do carnaval e no verão, como aqueles tecidos são muito frescos.

**28. Que atividades de tempos livres tem o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** É assim, estando em casa, gostam de ver os DVDs de música africana e vamos passear para conviver com outras crianças. No verão costumamos sempre ir viajar.

**29. Os seus amigos, são maioritariamente portugueses ou de outra origem?**

**R.** Está equilibrado, tenho amigos cabo-verdianos, tenho também amigos angolanos e muitos amigos, colegas portuguesas que nos damos muito bem.

**30. E os amigos do(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Delas também está dividido, alguns portugueses, outros cabo-verdianos.

**31. Que contacto é que tem com Cabo-verde?**

**R.** Sim tenho alguns primos lá que a amizade é muito boa, telefonamos e trocamos msg's também.

**32. E o(s) seu(s) filho(s) também não?**

**R.** Não, agora não.

**33. Ponha por ordem de importância os seus familiares, incluindo você.**

**R.** Primeiro as minhas filhas, depois os meus pais, depois as minhas irmãs, depois vem os meus primos de ambos os lados, depois é que vêm os meus tios, avós, já não tenho, pronto é assim nessa ordem.

**34. Acha que existem diferenças entre uma família de origem cabo-verdiana e uma família portuguesa?**

**R.** Acho. É assim, nós somos muito ligados à família, vivemos para a família, tentamos sempre que haja festas, estamos com a família. Não sei, acho que estamos muito ligados, muito próximos, enquanto que, por exemplo há colegas minhas que contam-me algum historial da vida deles e não noto que isso aconteça. Não são muito unidos como nós, Acho que eu não conseguiria passar um Natal ou um ano novo sem ser com a minha família.

**35. Na sua opinião, quais os principais conflitos na comunidade cabo-verdiana?**

**R.** Pois é lá está, é...depois tem aquela coisa inter-ilha é... há um povo que é mais calmo e outro que não é. Isto em Cabo-verde também já se começa a notar, aquela rivalidade.

**35.1. E da comunidade cabo-verdiana em Portugal, também sente isso?**

**R.** Sim, há uns que pensam que são melhores e às tantas nem têm um bom trabalho, ou nem têm um trabalho honesto, mas tentam sempre passar que são muito melhor do que os outros, ao passo que não é assim. E eu tenho observado certas coisas que fico mesmo triste, como é que é possível as pessoas chegarem a tanto?! Acho que podiam-se unir mais e mostrarem ser mais amigos uns dos outros e não estarem a espezinhar, porque são todos povo de Cabo-Verde. (...) São muito exagerados, querem ter tudo rapidamente, não querem batalhar pelas coisas, coisas que não é necessário e eles tentam logo no início ter essas coisas.

**36. Que tipo de desacordos, desentendimentos ou conflitos costuma haver entre si e o seu companheiro?**

**R.** É assim, os meus pais são de São Vicente, os dele são da Ilha do Fogo, houve um bocado de conflito porque eu sempre fui muito dada à família e ele não gostava muito disso. Queria que eu estivesse sempre em casa e por vezes ficava muito zangado quando eu tinha de ir visitar os meus pais e isso já era motivo para uma zangadinha. As vezes que eu ia passar o Natal

com os meus pais, ele nunca se quis juntar. Eles é só o povo do fogo e não se misturam com os outros.

**37. E pensa em algum tipo de apoio, ou alguma vez pensou, para resolver esses problemas?**

**R.** Sim acho que era importante.

**38. Quando vai ao médico ou algum serviço público, sente que é tratado de forma diferente devido a sua origem?**

**R.** Sim já senti mas eu não me calo nesse tipo de coisas. Na altura da escola por exemplo, os meus pais vieram para cá, já têm muitos mais anos de Portugal do que de Cabo-verde, já têm aqui 38 anos. Nessa altura, quando eu fui para a escola primária, foi muito complicado, porque ainda havia muito poucos cabo-verdianos aqui a estudarem, crianças e nessa altura foi complicado porque havia mesmo um racismo fora de série. Nós éramos tratados por olha os pretos, olha os pretos da Guiné, era sempre assim. Vai-te embora, vai para a tua terra, era assim, era uma constante mesmo. Depois na escola, mesmo os professores (eu não compreendia o que se estava a passar, depois de algum tempo é que eu comecei a perceber o que é que se estava a passar), porque a professora, eu sempre fui uma aluna que me portei bem, sempre tive respeito, e a professora não havia um dia que ela não me batesse e eram sempre grandes estaladões na cara.

**39. E o(s) seu(s) filho(s) já refiram isso?**

**R.** Se calhar ainda não sentiram porque agora as coisas já estão bem melhores, agora não tem nada a ver com aquilo que foi há 30 anos a traz. Tem vindo a mudar imenso. Mas por acaso no jardim já houve assim um bocado, elas não notaram, mas eu ouvi, a senhora pediu-me desculpas.

**39.1. Mas da parte de outras crianças?**

**R.** Sim de outras crianças, disseram “ah mas aquela preta está ali e ela não sai do baloiço.” A mãe dela ficou mesmo... se houvesse ali um buraco acho que ela se enfiava.

**40. Gostaria que se tivesse em conta e que se respeitasse, a sua cultura de origem (língua materna, hábitos alimentares, rituais familiares), quando se dirige a um serviço público (hospitais, escolas, etc.), ou até mesmo no seu trabalho?**

**R.** Sim era bom ser respeitado, não digo toda a gente, mas falo por mi, eu respeito também para ser respeitada. Acho que falta muito para ambas as partes aprenderem, não digo que é só os portugueses, mas também há muito cabo-verdiano que precisa de aprender, não têm um comportamento decente ainda, há muita gente que não aprendeu ainda, ainda estão muito longe de respeitarem o próximo.

**41. Quer acrescentar alguma questão?**

**R.** Não.

**E.** Obrigada.



## **Entrevista - 08**

- 1. Quando está fora de Portugal e alguém lhe pergunta de onde é, o que responde?**

**R.** Eu digo sempre que sou portuguesa, eu nasci cá, sou portuguesa, apesar de ser filha de cabo-verdianos.

- 2. E o(s) seu(s) filho(s) o que acha que responderia(m)?**

**R.** Também a mesma coisa, portuguesa.

- 3. Se houver um jogo de futebol, Portugal vrs Cabo-Verde, vai torcer por quem?**

**R.** Eu identifico-me com Portugal, não me identifico com Cabo-verde.

- 4. E por quem acha que torceria(m) o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Portugal.

- 5. Quando os seus pais lhe falavam do país de origem, que características lhe apontavam?**

**R.** Sinceramente não me recordo, não havia assim grandes conversas sobre Cabo-verde, não me recordo.

- 6. Conhece Cabo-Verde?**

**R.** Não.

- 7. Gostava de conhecer?**

**R.** Sim, agora sim. A uns anos atrás não sentia necessidade nenhuma, mas agora sim. Tenho muitas amigas que vão e dizem “Ah Cabo-Verde é excelente, tu vens de lá maravilhada, aquilo é muito giro.” Pronto agora sim, despertou-me assim um bichinho.

- 6. Acha que o(s) seu(s) filho(s) gostaria(m) de conhecer ou conhecem?**

**R.** Acho que sim, também pelas mesmas razões, por ouvir o que os outros dizem.

**7. Quando pensa em Cabo-Verde, o que lhe vem à cabeça?**

**R.** Praia.

**8. Fala das suas origens ao(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Não. Para mi Cabo-Verde é um país distante, não tenho nada para dizer, nem de bom, nem de mau.

**9. E então não fala crioulo, não percebe?**

**R.** Não, só quando estamos no gozo. Ela também não fala crioulo e eu só aprendi quando tinha 16 anos.

**10. Entende crioulo?**

**R.** Percebo e falo.

**11. O seu filho também não?**

**R.** Ela também percebe mas não fala.

**11.1. E aqui em casa só fala português?**

**R.** Só português.

**12. Que tipo de música se ouve em casa?**

**R.** Eu gosto de ouvir kizomba agora, mas antes não gostava.

**12.1. E o que é que lhe fez mudar?**

**R.** Foi a separação, depois de me separar comecei a ouvir mais música africana.

**12.2. E porquê que associa à sua separação?**

**R.** Porque foi logo após a minha separação, foi quando também comecei a frequentar discotecas africanas, que também nunca tinha ido. Levaram-me uma, duas, três vezes e eu passei a gostar. Antes disso não tinha ido e não ouvia, preferia ouvir a Marisa.

**13. Que programas de TV costumam ver?**

**R.** Eu basicamente só vejo a Fox e notícias, fora isso não.

**14. Está ligado a alguma Associação cultural?**

**R.** Não.

**15. Que atividades de tempos livres tem o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Neste momento ela faz futsal na escola e hip hop num ginásio em Massamá.

**16. Com que objeto da sua casa mais ela mais se identifica?**

**R.** Sinceramente não sei se é a TV ou o computador.

**17. Se houvesse um incêndio em sua casa, o que levaria?**

**R.** Não sei, mas talvez a carteira. Mas acho que nessa altura só me preocuparia em sair.

**18. Vê alguma vantagem em transmitir os valores da sua cultura de origem ao seu filho?**

**R.** Quer dizer, eu não direi que haja desvantagens, mas também não vejo vantagens nenhuma, porque lá está, eu não criei raízes, tenho aquela coisa de ah Cabo-verde, os nossos entes queridos estão lá e são de lá, não tenho esse bichinho.

**19. Como é que festejou o nascimento do seu(s) filho(s)?**

**R.** Como é que festejei? Na altura não festejei nada porque eu estava com tantas dores. Mas é o momento mais importante da vida de uma mulher.

**19.1. Mas não fez nenhuma festa?**

**R.** Não, apesar de que na tradição africana faz-se a festa do sétimo dia, não fiz nada. A minha filha nem batizada é.

**19.2. Não fez nada, mas por sua opção ou também a família não quis?**

**R.** Não, lá está, eu não tenho raízes, eu sou...eu costumo dizer que eu sou preta, mas sou mais branca do que qualquer branco que haja. Porque nada que tenha a ver com a tradição de Cabo-verde eu sou adepta e até há coisas que a mi me fazem confusão.

**19.3. O quê por exemplo?**

**R.** Ah essa história de quando morre alguém, de se fazer comer e depois tarem uma semana a rezarem o terço se a pessoa não é enterrada, vestirem de luto durante x tempo e não poderem ouvir música, não ver TV. Portanto há assim essas coisitas que para mi não dá.

**20. Costuma fazer festas?**

**R.** Não. Juntamos aqui uns dois ou três, também não dá para juntar muitos porque a casa é muito pequena, mas não, festas não.

**21. Conte-me uma festa que tenha feito, quem convidou, o que comeram, se dançaram?**

**R.** A última que fiz foi no aniversário dela, chamou-se uns amiguinhos dela e também alguns adultos e fez-se assim uma festinha.

**21.1. E o que é que costumam comer nessas festas?**

**R.** Basicamente são uns salgadinhos, a minha mãe faz croquetes, empadas, essas coisas todas, faz-se uns bolinhos, umas batatas fritas e lá está, não há nada de tradicional de Cabo-verde.

**22. E sua filha gosta de dançar?**

**R.** Gosta, agora gosta mais.

**22.1. E que tipo de música?**

**R.** Hip Hop. Só o Hip Hop mesmo porque eu ainda agora estou a aprender a dançar kizomba, agora imagina.

**23. O que costumam comer na Ceia de Natal?**

**R.** O tradicional bacalhau, Peru a minha mãe já não faz porque já ninguém come, eu vou sempre para a minha mãe.

**23.1. E em termos de doces?**

**R.** Doces, a minha mãe faz a mousse de manga, mousse de chocolate, pudim.

**24. O que é para si um bom jantar?**

**R.** Um salmão grelhado, com muitos legumes e uma boa garrafinha de vinho.

**25. E o(s) seu(s) filho(s) o que gosta(m) mais de comer?**

**R.** Ela come de tudo, mas se lhe derem um feijão pedra ou congo não.

**26. Alguma vez usou trajes tradicionais?**

**R.** Não.

**27. E o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Também não.

**28. Os seus amigos, são maioritariamente portugueses ou de outra origem?**

**R.** Acho que é ela por ela. Tenho de Cabo-Verde, tenho de são Tomé, da Guiné, mas são poucos, a maioria é mesmo português.

**29. E os amigos do(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Ah dela são mesmo todos portugueses.

**30. Que contacto é que tem com Cabo-Verde?**

**R.** Nenhum. Tenho lá os meus avós e os meus tios mas não tenho contacto com eles.

**31. E o teu filho não tem contacto?**

**R.** Também não.

**32. Ponha por ordem de importância os seus familiares, incluindo você.**

**R.** Primeiro eu, a minha filha, a minha mãe e os meus irmãos.

**33. Fale-me de uma figura Histórica. Alguém que, na sua opinião, fez algo de muito importante?**

**R.** Talvez aquele que inventou aquela vacina... agora não me lembro do nome.

**34. Acha que existem diferenças entre uma família de origem cabo-verdiana e uma família portuguesa?**

**R.** Existem sempre diferenças.

**35. Se respondeu sim, para si, quais são as principais diferenças?**

**R.** Para já, acho que a mentalidade é muito diferente, se bem que agora já se evoluiu bastante, a maneira de agir é diferente, a postura é diferente. Numa família africana encaram de uma maneira muito diferente o facto de os filhos começarem a namorar, o africano è mais reservado e não tolera certas atitudes. È um povo mais festivo, gosta muito de festas...

**36. Quando vai ao médico ou algum serviço público, sente que é tratado de forma diferente devido a sua origem?**

**R.** Não é pelas origens, é pela cor, mas não, não tenho sentido, ultimamente não tenho sentido. Antigamente se estivéssemos na rua e estivéssemos a brincar, se aparecesse uma criança, ela tinha tendência a fugir quando visse uma pessoa mais escura.

**37. E a sua filha já verbalizou ter sido tratada de maneira diferente?**

**R.** Eu acho que não.

**38. Gostaria que se tivesse em conta e que se respeitasse, a sua cultura de origem (língua materna, hábitos alimentares, rituais familiares), quando se dirige a um serviço público (hospitais, escolas, etc.), ou até mesmo no seu trabalho?**

**R.** Isso, eu acho que sim, implantar isso é que é mais complicado, porque Portugal hoje é multicultural, mas acho que sim.

**39. Na sua opinião, quais os principais conflitos na comunidade cabo-verdiana?**

**R.** Eu diria que sim a terceira geração, os garotos cometem assim alguns... são malcriados, por exemplo fazem distúrbios, assaltos nos comboios, só por fazer, não é por não terem tido educação, é só por fazer, só por gosto ou para poder mostrar ao outro que é capaz de fazer.

**40. Que tipo de desacordos, desentendimentos ou conflitos costuma haver entre si e a sua companheiro?**

**R.** Com o meu ex-marido, sei lá, a minha mania de queria mandar em tudo, basicamente.

**41. E pensa em algum tipo de apoio, ou alguma vez pensou, para resolver esses problemas?**

**R.** Eu achar, acho, mas nunca procuraria.

**41.1.E porquê?**

**R.** Porque acho que não vale a pena, está nos genes: eu sou assim, a minha mãe é assim, a minha filha assim está, por isso não vale a pena.

## **Entrevista - 09**

- 1. Quando está fora de Portugal e alguém lhe pergunta de onde é, o que responde?**

**R.** Portugal.

- 2. E o(s) seu(s) filho(s) o que acha que responderia(m)?**

**R.** De Portugal também.

- 3. Se houver um jogo de futebol, Portugal vrs Cabo-Verde, vai torcer por quem?**

**R.** Pelos dois.

- 4. E por quem acha que torceria(m) o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Por Portugal.

- 5. Quando os seus pais lhe falavam do país de origem, que características lhe apontavam?**

**R.** Que é uma terra bonita, que tem muita riqueza...que é uma terra gira, que vamos gostar de conhecer.

- 6. Conhece Cabo-Verde?**

**R.** Não.

- 7. Gostava de conhecer?**

**R.** Sim.

- 7.1. E porquê?**

**R.** Porque é a terra dos meus pais.

- 6. Acha que o(s) seu(s) filho(s) gostaria(m) de conhecer ou conhecem?**

**R.** Sim.

- 7. Quando pensa em Cabo-Verde, o que lhe vem à cabeça?**

**R.** As praias, dizem que lá há praias bonitas.



**8. Fala das suas origens ao(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Sim.

**9. E o que costuma dizer?**

**R.** Digo que os meus pais são descendentes de Cabo-Verde, que é uma terra bonita e que um dia vamos conhecer.

**10. Em que língua fala com o seu filho?**

**R.** Português e crioulo.

**11. Também fala crioulo com ele?**

**R.** Sim.

**12. Ele percebe e fala?**

**R.** Sim, percebe e fala crioulo.

**13. Que tipo de música se ouve em casa?**

**R.** Cabo-verdiana.

**14. Que programas de TV costumam ver?**

**R.** Um bocadinho de tudo. Portugueses, telenovelas, cabo-verdianos, um bocadinho de tudo.

**15. Está ligado a alguma Associação Cultural?**

**R.** Não.

**16. Que atividades de tempos livres tem o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Andar de bicicleta, Jogar à bola, ele gosta de brincar no parque.

**17. Com que objeto da sua casa o seu filho mais se identifica?**

**R.** Nunca pensei nisso.

**18. Se houvesse um incêndio em sua casa, o que levaria?**

**R.** Levaria os meus bens licenciais, os meus documentos, os dos meus filhos, o que tivesse em mãos.

**19. Vê alguma vantagem em transmitir os valores da sua cultura de origem ao seu filho?**

**R.** Sim.

**19.1. Que vantagens?**

**R.** Ele conhece as origens, a tradição e vai crescendo nesse ambiente, é bom.

**20. Como é que festejou o nascimento do seu(s) filho(s)?**

**R.** Com muita felicidade, alegria.

**20.1. E fez alguma festa?**

**R.** Não.

**21. Costuma fazer muitas festas?**

**R.** Sim.

**22. Conte-me uma festa que tenha feito, quem convidou, o que comeram, se dançaram?**

**R.** Convidamos, familiares e amigos; dançamos; havia comida típica de Cabo-verde (feijoadada, catchupa).

**23. O seu filho sabe dançar?**

**R.** Sabe.

**23.1. Que tipo de dança?**

**R.** Dança funaná, que é música tradicional da nossa terra.

**24. O que costumam comer na Ceia de Natal?**

**R.** Bacalhau, normalmente é como os portugueses. Comemos bacalhau, catchupa, arroz.

**25. O que é para si um bom jantar?**

**R.** É tudo, desde que haja comida, não tenho uma comida preferida.

**26. E o(s) seu(s) filho(s) o que gosta(m) mais de comer?**

**R.** O meu filho gosta muito de batata frita.

**27. Alguma vez usou trajes tradicionais?**

**R.** Não.

**28. E o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Não.

**29. Os seus amigos, são maioritariamente portugueses ou de outra origem?**

**R.** Não, são mais da raça negra cabo-verdiana.

**30. E os amigos do(s) seu(s) filho(s)?**

**31. R.** São um bocadinho de tudo, porque ele frequenta a escola, por isso são de todas as raças.

**32. Que contacto é que tem com Cabo-Verde?**

**R.** Muito pouco.

**32.1. Tem lá familiares?**

**R.** Tenho.

**32.2. Não costumam ligar?**

**R.** Não.

**33. E o teu filho não tem contacto?**

**R.** Não.

**34. Ponha por ordem de importância os seus familiares, incluindo você.**

**R.** A minha mãe, os meus filhos, eu, o meu companheiro, as minhas irmãs.

**35. Fale-me de uma figura Histórica. Alguém que, na sua opinião, fez algo de muito importante?**

**R.** Não me passa nenhum pela cabeça.

**36. Acha que existem diferenças entre uma família de origem cabo-verdiana e uma família portuguesa?**

**R.** Acho.

**37. Se respondeu sim, para si, quais são as principais diferenças?**

**R.** Os costumes, o comer, a tradição é tudo diferente.

**37.1. E em termos familiares?**

**R.** Eu acho que os Cabo-verdianos mais unidos, são mais apegados à família do que os portugueses, talvez.

**38. Quando vai ao médico ou algum serviço público, sente que é tratado de forma diferente devido a sua origem?**

**R.** Nunca, não.

**39. E o seu filho, já verbalizou ter sido tratado de maneira diferente?**

**R.** Também não.

**40. Gostaria que se tivesse em conta e que se respeitasse, a sua cultura de origem (língua materna, hábitos alimentares, rituais familiares), quando se dirige a um serviço público (hospitais, escolas, etc.), ou até mesmo no seu trabalho?**

**R.** Sim.

**41. Na sua opinião, quais os principais conflitos na comunidade cabo-verdiana?**

**R.** Não estou a ver nenhum.

**42. Que tipo de desacordos, desentendimentos ou conflitos costuma haver entre si e a sua companheira?**

**R.** São muitos, no momento não estou a ver assim nenhum.

## **Entrevista – 10 (Masculino)**

- 1. Quando está fora de Portugal e alguém lhe pergunta de onde é, o que responde?**

**R.** Á primeira digo logo que sou cabo-verdiano. Nasci em Portugal mas a tendência è sempre dizer “sou cabo-verdiano”. Agora normalmente digo que sou português, porque tenho que afirmar que nasci cá. Digo que sou português epá porque nasci cá, mas orgulho-me por ser filho de cabo-verdianos. Mas a tendência é sempre dizer que sou cabo-verdiano.

- 2. E o(s) seu(s) filho(s) o que acha que responderia(m)?**

**R.** Ela diz que é portuguesa. Também incuti-lhe a dizer que é portuguesa.

**2.1. Então foi algo que o senhor é lhe ensinou?**

**R.** Sim também ela pergunta, e eu digo: “nasceste cá, és portuguesa. E o pai? Ah mas o pai é pronto...” Eu na adolescência, afirmava-me cabo-verdiano, agora, pronto, digo que sou português por questão de afirmação.

- 3. Se houver um jogo de futebol, Portugal vrs Cabo-Verde, vai torcer por quem?**

**R.** Já aconteceu, já aconteceu. É assim, eu cumpri serviço militar aqui, nasci cá, cumpri serviço militar, em termos de ouvir o hino de Cabo-verde e o de Portugal. Nunca ouvi o hino de Cabo-Verde, não sinto nada, não me diz nada. Ouvindo o hino português, arrepio-me e já ouvi entre os meus amigos dizerem: “Tu és bué nacionalista!” Não eu sou patriota. Mas já houve, jogo Portugal Cabo-verde e eu fiquei no meio.

- 4. E por quem acha que torceria(m) o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Portugal.

**5. Quando os seus pais lhe falavam do país de origem, que características lhe apontavam?**

**R.** Olhe, eu nasci num bairro aqui de Lisboa, nos arredores de Lisboa, aqui nas Portas de Benfica, como é que eu de dizer, era tipo Cabo-Verde. O pouco, a cultura que havia em Cabo-Verde, no meu bairro vivia-se. Quando fui passar férias, agora aos 30 anos, na me foi anormal, nada foi novo. Só que lá é mais...

**5.1. Mas o que é que os seus país lhe diziam?**

**R.** Os meus pais saíram crianças de Cabo-Verde para São Tomé. O meu pai nasceu em Cabo-verde, a minha mãe é filha de cabo-verdianos, nasceu em Angola foi com 8 anos para São Tomé e depois foi para Cabo-Verde. Portanto cresceu em São Tomé, os laços com Cabo-Verde, tenho poucos, mesmo de infância até aos 12 anos, praticamente. A minha mãe conhece mais Cabo-Verde, porque depois voltou para lá. Mas pronto, de Cabo-Verde falam pouco, até se calhar falam mais de São Tomé do que de Cabo-Verde. Porque na época do cacau em São Tomé, muitos cabo-verdianos foram convidados para “trabalhar”, em São Tomé.

**6. Conhece Cabo-Verde?**

**R.** Sim.

**7. Gostava de conhecer?**

**R.** \_\_\_\_\_

**6. A sua filha mais velha conhece?**

**R.** Sim.

**7. Quando pensa em Cabo-Verde, o que lhe vem à cabeça?**

**R.** Uma grande nostalgia. Quando fui e voltei, fiquei uma semana doente, com o pensamento assim... a pairar. Muitas coisas mudaram com aquela viagem. Se eu soubesse ia mais cedo, essas perguntas. Pequenas coisas que não dão valor em Cabo-verde, que se calhar...

### **7.1. Por exemplo?**

**R.** Ir pescar. Se calhar muitos jovens lá em Cabo-Verde não acham assim uma coisa, porque... não sei, mas para mi aquilo era uma aventura, uma coisa gira. Ir pescar e depois comer o peixe fresquinho, pescado por mi, assim o mais natural possível, senti-me bem.

## **8. Fala das suas origens ao(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Sempre.

### **8.1. E o que é que lhe costuma dizer?**

**R.** Ela também vive aqui, aqui também o seio é cabo-verdiano. Bisavó cabo-verdiana, avó cabo-verdiana, pai e pronto. E também incuti-la, ela está em Portugal em primeiro lugar, para estar integrada na sociedade, mas ela não esquece também.

## **9. Em que língua fala com o seu filho?**

**R.** Português.

## **10. Mas entende crioulo?**

**R.** Sim, mas falo português. Há coisas no momento que é em crioulo, mas se for para falar com ela, falo português. Mas se for “*Tais bem, li hum mesti fala cu bo. Tais bá busca keli.*” *Keli hum ta fala crioulo*, isso eu falo em crioulo.

## **11. E fala crioulo ou só percebe?**

**R.** Não, ela fala, mas fala arranhado. E brinca com o crioulo, acha engraçado, ver as pessoas falarem crioulo. Mas quando foi a Cabo-Verde nas férias, veio depois daqueles 22 dias e o crioulo passou a ser normal para ela. Quando veio para Portugal outra vez, começou a misturar o português com o crioulo.

## **12. Que tipo de música se ouve em casa?**

**R.** Cabo-verdiana, antilhana, música africana.

**13. Que programas de TV costumam ver?**

**R.** Afro. Há um canal de música africana, RTP África e SIC pronto.

**14. Está ligado a alguma Associação cultural?**

**R.** Eu, dès de criança, fiz parte da Associação Luz Cabo-Verde. Cantei no grupo Estrelas de África, dancei nas Estrelas cabo-verdianas que era da Loja Jovem, andei num grupo que é o MAC (Movimento Apostolar das Crianças), que angariava jovens filhos de cabo-verdianos para atividades.

**14.1. E Hoje em dia participa em alguma atividade?**

**R.** Não, depois foi o Hip Hop e depois fui à tropa e quando fui à tropa desliguei-me e preocupei-me com outras coisas. Mas estou sempre aqui, na associação com a Maria João, com o pessoal dos Unidos de Cabo-verde, a tentar cativar os jovens, mas ultimamente está parado. O espírito associativo que havia no bairro onde nascemos, mudando para aqui, estagnou. Mas já está a começar, vamos lá ver.

**15. Com que objeto, da sua casa, acha que a sua filha mais se identifica?**

**R.** Com que objeto? Não, ela gosta muito de ver o canal Panda, portanto é a TV ou o computador didático, pois gosta de fazer rascunhos.

**16. Se houvesse um incêndio em sua casa, o que levaria?**

**R.** Logo os meus filhos e a minha mulher.

**16.1. E em termos materiais?**

**R.** Acho que naquele momento não me preocupava com isso.

**17. Como é que festejou o nascimento do seu(s) filho(s)?**

**R.** A primeira, estava a trabalhar, às 6 da manhã, quando ela nasceu eu estava a trabalhar, saí às 8h e fui para o hospital, tranquilo. Os segundos, estava a dormir, telefonaram-me e disseram-me que fui pai de gémeos. Tinha ido ao hospital com ela e depois vim para casa, para fazer um tempinho. Normalmente festejo mais por dentro assim. E dos miúdos, por acaso estava de folga, naquele dia quando os miúdos nasceram, fui divertir-me numa noite africana, dancei a noite toda.



**18. Costuma fazer festas?**

**R.** Sim, aqui em casa sim.

**19. Conte-me uma festa que tenha feito, quem convidou, o que comeram, se dançaram?**

**R.** O batizado da minha filha. É assim, fui um batizado de cinco crianças. Cinco irmãos (eu e os meus quatro irmãos), cada um batizou um filho. E foi num salão de uma escola, um pavilhão. Convidados umas 500 pessoas, eram amigos, conhecidos, amigos dos amigos. É assim, na nossa festa não há praticamente convidados é assim: o Zé, aqui da zona, batizou os filhos, eu trago os meus amigos, a minha irmã chama os dela e é assim. Foi uma festa grande, com 12 tipos de pratos: catchupa, muamba, calunu, massa enrolada, bacalhau com natas, bacalhau com grão.

**19.1. E doces?**

**R.** Doces foram, pudim, gelatina, foram variados.

**19.2. E dançaram?**

**R.** Até à meia-noite.

**20. A sua filha sabe dançar?**

**R.** Sabe.

**20.1. E o que ela sabe dançar?**

**R.** Tudo, mas agora dança mais o Tchuco (Kuduro). Aqui na zona vão-se descobrindo as novidades da música e as crianças são as primeiras a estar por dentro.

**21. Como costuma festejar o aniversário da sua filha?**

**R.** Uma festa, aqui em casa da minha mãe. Quando ela estava na creche todos os anos ela levava um bolo para a creche e depois fazíamos aqui na minha mãe, uma festa para a família e amigos.

**22. O que costumam comer na Ceia de Natal?**

**R.** Aqui em casa é bacalhau, são aqueles pratos de comida tradicional portuguesa. Mas a minha mãe também é capaz de fazer um Congo, uma catchupa, ali à parte.

**23. O que é para si um bom jantar?**

**R.** Um bom feijão Congo acompanhado com frango.

**24. E o(s) seu(s) filho(s) o que gosta(m) mais de comer?**

**R.** Ela come de tudo um pouco, não nega qualquer comida, seja comida africana que a avó faz, quer comida portuguesa.

**25. Alguma vez usou trajes tradicionais?**

**R.** Sim, foi agora no carnaval. E em casa também tenho, um fato que a minha sogra trouxe-me da Guiné, que é tipo o que o cabo-verdiano também usa, que é calça e camisa, eu adoro aquelas camisas, tenho umas cinco e uso muito no verão. Eu se me perguntar se eu sou português ou cabo-verdiano, dá vontade de dizer, eu sou africano ou cidadão do mundo. Acho que não se devia dizer eu sou o quê.

**26. E o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Sim, da Guiné.

**26.1. No carnaval também?**

**R.** Não, no dia-a-dia mesmo. Ela tem uns fatos que a avó trouxe também.

**27. Que atividades de tempos livres tem o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Bem o que é que ela faz... ela estuda e vai entrar na Geração Boba, que é uma orquestra que há aqui, com a colaboração da Fundação Carlos Gulbenkian, a Associação Unidos de Cabo-Verde e várias entidades, em que há um grupo de crianças que pertencem a uma orquestra aqui no bairro. E a minha filha se calhar vai entrar este ano, já vieram falar comigo.

**28. Os seus amigos, são maioritariamente portugueses ou de outra origem?**

**R.** Os meus amigos mesmo, são como eu, filhos de cabo-verdianos. Tenho colegas de trabalho portugueses também. Mas os meus amigos são maioritariamente descendentes de cabo-verdianos.

**29. E os amigos do(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Os amigos lá na escola são mais ou menos na mesma direção do pai, são os filhos dos próprios amigos aqui da zona e os colegas da escola. Mas ela também tem uma colega brasileira e portuguesa.

**30. Que contacto é que tem com Cabo-verde?**

**R.** Desde que fui daquela vez, agora nada, só fico a pensar.

**30.1. Mas não tem familiares lá, não costuma telefonar?**

**R.** Tenho lá a minha tia, mas desde que vim para cá, não lhe telefonei, mas não porque não queira, a minha tia percebe, sinto-me nostálgico, fico a pensar que se calhar era melhor estar lá. E também foi uma viagem... eu fui para lá e passado 5 dias o meu avô morreu. Eu fui para ver o meu avô e passado 5 dias, ele morreu. E morrer alguém em Cabo-verde, a cultura é diferente.

**30.2. E o que fizeram, explique-me o que aconteceu?**

**R.** Durante sete dias há aquela cerimónia. Vêm familiares de todos os sítios e ficam lá a apoiar aquela família. É uma cena de louvar também e é tudo muito rápido, o corpo tem de ser enterrado no máximo, depois de 24h. Para mi foi uma coisa difícil, aquilo abalou-me.

**31. E o teu filho não tem contacto?**

**R.** Não. Mas ela fala sempre, lembra-se das pessoas que deixou lá.

**32. Ponha por ordem de importância os seus familiares, incluindo você.**

**R.** Neste momento ponho os meus 3 filhos, a minha mãe e a minha mulher e depois eu.

**33. Fale-me de uma figura Histórica. Alguém que, na sua opinião, fez algo de muito importante?**

**R.** Olhe, acabei agora de ler Nelson Mandela.

**33.1. E porquê que para si ele é importante?**

**R.** Em primeiro lugar de um mero cidadão, que ele era, para depois ser o que ele foi. Tudo o que ele passou e depois não pagar na mesma moeda. Deu a volta a uma segregação racial de muitos anos, para que as pessoas fosem iguais. Mas temos muitos outros, temos Amílcar Cabral.

**33.2. O que é que A.C. fez?**

**R.** Também foi idêntico ao Nelson Mandela, até onde sei, ele ajudou na independência da Guiné, de Cabo-verde, era formado, um cabo-verdiano formado.

**34. Quando vai ao médico ou algum serviço público, sente que é tratado de forma diferente devido a sua origem?**

**R. Não.** Nem por isso, há outras maneiras não dá nem para sentir, está muito camuflado. Há tempos fui ao Amadora Sintra o médico era guineense.

**35. A sua filha já sentiu?**

**R.** Não, ainda é muito pequena para sentir isso.

**36. Na sua opinião, quais os principais conflitos na comunidade cabo-verdiana?**

**R.** Não me está a ocorrer, o que é que eu de dizer? Para mi, de todos os PALOP's é a comunidade que teve menos apoios em Portugal e é uma daquelas que deu mais a Portugal, a nível de mão-de-obra (estou a falar dos nossos pais que estão aqui desde 1972). Os nossos pais não tiveram as oportunidades que deveriam ter, se o sistema português fuisse como o da França ou outros países, hoje nós teríamos outras oportunidades. E por isso, a minha geração teve muita dificuldade de integração. Os nossos pais tiveram de morar em barracas, fizeram "n" coisas e ainda cuidaram de nós e eu sei o que a minha mãe e o meu pai passaram. E vendo bem a minha família foi forte, unida e conseguimos ultrapassar, mas há muitos jovens que se perderam e não é porque não querem trabalhar, ou querem ser bandidos é porque houve uma falha. Mas apanhou, não só a comunidade cabo-verdiana, apanhou muitos jovens dos subúrbios, o problema aqui são os subúrbios, tentaram sempre afastar-nos.

**37. Acha que existem diferenças entre uma família de origem cabo-verdiana e uma família portuguesa?**

**R.** Epá, em termos de valores, acho que ficam para trás.

**38. Se respondeu sim, para si, quais são as principais diferenças?**

**R.** Ex.: a minha avó está aqui comigo, mas se calhar se for numa família portuguesa, está num lar, de certeza.

**38.1. Acha que a família cabo-verdiana é mais unida.**

**R.** Sim muito e se tiverem condições são ainda mais. Não há comparação, até os meus amigos brancos referem isso, a nossa união. Às vezes são unidos pela negativa, mas principalmente pela positiva, em relação à família.

**39. Que tipo de desacordos, desentendimentos ou conflitos costuma haver entre si e a sua companheira?**

**R.** Quando saiu se calhar ela fica chateada, mas nós resolvemos.

**40. E pensa em algum tipo de apoio, ou alguma vez pensou, para resolver esses problemas?**

**R.** Não, não, isso não é problema para chegar a esse ponto.

## **Entrevista - 11**

- 1. Quando está fora de Portugal e alguém lhe pergunta de onde é, o que responde?**

**R.** Sou de Lisboa, foi aqui que eu nasci.

- 2. E o(s) seu(s) filho(s) o que acha que responderia(m)?**

**R.** Portuguesas também.

- 3. Se houver um jogo de futebol, Portugal vrs Cabo-Verde, vai torcer por quem?**

**R.** Cabo-Verde.

**3.1. Porquê?**

**R.** Porque é a terra dos meus pais.

**3.2. Mas acabou de me dizer que é portuguesa?**

**R.** Sou portuguesa porque nasci aqui, mas em termos de escolhas, é Cabo-Verde é sempre assim.

- 4. E por quem acha que torceria(m) o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Epá não sei...por Cabo-Verde também.

- 5. Quando os seus pais lhe falavam do país de origem, que características lhe apontavam?**

**R.** Muito trabalho, epá... uma terra que tinha de ser cultivada, tinha de se ir buscar o leite à vaca, não é como aqui que se tem o leitinho todo no pacotinho, basicamente isso.

- 6. Conhece Cabo-Verde?**

**R.** Conheço, estive lá 2 vezes de férias e gostei.

- 7. Acha que o(s) seu(s) filho(s) gostaria(m) de conhecer ou conhecem?**

**R.** Sim.

**8. Quando pensa em Cabo-verde, o que lhe vem à cabeça?**

**R.** Calor, praia, “quel ponchinho”.

**9. Fala das suas origens ao(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Não, nunca tive necessidade, a avó é que fala dessas coisas de Cabo-Verde.

**10. Em que língua fala com o seu filho?**

**R.** Português.

**11. Entende crioulo?**

**R.** Sim e falo.

**12. E elas?**

**R.** Elas percebem, falar é que está escasso.

**13. Que tipo de música se ouve em casa?**

**R.** Música africana no geral.

**14. Que programas de TV costumam ver?**

**R.** Novelas, telejornal.

**15. Está ligado a alguma Associação cultural?**

**R.** Não.

**16. Que atividades de tempos livres tem o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Não têm, brincam em casa uma com a outra.

**17. Com que objeto da sua casa elas mais se identifica?**

**R.** TV.

**18. Se houvesse um incêndio em sua casa, o que levaria?**

**R.** As minhas filhas.

**18.1. Mas material, se tivesse tempo de levar alguma coisa?**

**R.** O meu portátil.

**19. Vê alguma vantagem em transmitir os valores da sua cultura de origem ao seu filho?**

**R.** Vejo.

**19.1. Que vantagens é que vê?**

**R.** Passam a conhecer a cultura da terra dos avós.

**19.2. E acha que isso é bom?**

**R.** Acho.

**20. Como é que festejou o nascimento do seu(s) filho(s)?**

**R.** Nem houve tempo para festejos. Mas é o habitual: ao sétimo dia, faz-se aquele almocinho, com a família e os amigos mais próximo.

**20.1. E fez das três?**

**R.** Lembro-me de ter feito da mais nova, das outras não estava em condições físicas.

**21. Costuma fazer festas?**

**R.** Não, não dá para fazer festas assim a torto e a direito.

**22. Conte-me uma festa que tenha feito, quem convidou, o que comeram, se dançaram?**

**R.** Foi o primeiro aniversário da Nicole, foi só gente mais chegada, cantar os parabéns com um bolinho e essas coisas assim.

**22.1. E dançaram?**

**R.** Não.

**22.2. E tinha só os bolos?**

**R.** Não, tinha a comida normal das festas: os bolinhos, aquelas bolachinhas, essas coisas assim.

**23. As suas filhas sabem dançar?**

**R.** Acho que mais ou menos.



**23.1. E que tipo de dança?**

**R.** É os funaná, as kizombas, Kuduro.

**24. O que costumam comer na Ceia de Natal?**

**R.** É o peru, o bacalhau.

**25. O que é para si um bom jantar?**

**R.** Algo saudável de preferência: uma saladinha com uma car ninhã sem gordura.

**26. E o(s) seu(s) filho(s) o que gosta(m) mais de comer?**

**R.** Batata frita com hambúrguer.

**27. Alguma vez usou trajes tradicionais?**

**R.** Não.

**28. E o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Elas também não.

**29. Os seus amigos, são maioritariamente portugueses ou de outra origem?**

**R.** Se está a dizer portugueses sim. São descendentes de cabo-verdianos.

**30. E os amigos do(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** É a mesma coisa também. Como elas estão sempre aqui no bairro é o que se arranja.

**31. Que contacto é que tem com Cabo-Verde?**

**R.** Tenho familiares que costumam telefonar: avós maternos, primos, sobrinhos.

**32. E o teu filho não tem contacto?**

**R.** Às vezes.

**33. Ponha por ordem de importância os seus familiares, incluindo você.**

**R.** As minhas filhas, a minha mãe, os meus irmãos e o meu companheiro. Eu fico por último.

**34. Acha que existem diferenças entre uma família de origem cabo-verdiana e uma família portuguesa?**

**R.** Acho.

**35. Se respondeu sim, para si, quais são as principais diferenças?**

**R.** O tipo de comportamento. Uns são mais civilizados, têm maneiras mais civilizadas, a família portuguesa. Nós somos um bocado brutos, mas somos mais unidos, ao contrário deles. Somos muito afetivos mas não demonstramos da maneira certa. Mas nós somos mais unidos, por exemplo nos funerais vê-se isso: no funeral de um cabo-verdiano, tem muita gente e de um português não.

**34. Fale-me de uma figura Histórica. Alguém que, na sua opinião, fez algo de muito importante?**

**R.** Amílcar Cabral. Ele ajudou, os cabo-verdiano, na tomada da independência.

**36. Quando vai ao médico ou algum serviço público, sente que é tratado de forma diferente devido a sua origem?**

**R.** Devido às minhas origens não, mas devido à minha cor sim.

**36.1. O que é que aconteceu.**

**R.** É melhor não falar disso, não gosto.

**36.2. Foi muito mau?**

**R.** Sim, tive de andar à porrada.

**36.3. Numa repartição pública?**

**R.** Sim.

**37. E as suas filhas já verbalizaram ter sido tratadas de forma diferente?**

**R.** Ah, elas defendem-se. Mas não me dizem nada.

**38. Na sua opinião, quais os principais conflitos na comunidade cabo-verdiana?**

**R.** Não sei explicar, também não gosto de estar muito misturada é cada um no seu lugar. Há uns que gostam de se preocupar com a vida dos outros e depois isso dá confusão. Há muito disso, em vez de se preocuparem com a vidinha deles, preocupam-se com a vida dos outros e isso traz conflitos.

**38.1. Já lhe aconteceu isso?**

**R.** Sim.

**38.2. E como é que resolveu?**

**R.** À porrada, levou uma coça e pronto.

**39. Que tipo de desacordos, desentendimentos ou conflitos costuma haver entre si e a sua companheira?**

**R.** Esses são muito! Ele gosta de passear de mais, e depois está sempre na rua. Ele tem de saber que è pai e tem de me ajudar com a menina e depois vem ai mais outro e tenho de ser eu sempre a tratar das coisas sozinhas, ele ainda é um miúdo.

**40. E pensa em algum tipo de apoio, ou alguma vez pensou, para resolver esses problemas?**

**R.** Não, isso resolvo eu aqui em casa, não faço o jantar.

**41. Gostaria que se tivesse em conta e que se respeitasse, a sua cultura de origem (língua materna, hábitos alimentares, rituais familiares), quando se dirige a um serviço público (hospitais, escolas, etc.), ou até mesmo no seu trabalho?**

**R.** Claro. As pessoas têm de saber tratar as pessoas. Eles de certeza que quando saem daqui e vão para Cabo-Verde, de certeza que são melhor tratados do que nós aqui.

**41.1. Sente-se um pouco como um peixe fora de água?**

**R.** Não, não é bem isso. A pessoa ouve e cala, é uma coisa, mas eu não oiço e calo, só quando for para debaixo do chão, ai hei de me calar, mas enquanto tiver viva, não.

## **Entrevista - 12**

**1. Quando está fora de Portugal e alguém lhe pergunta de onde é, o que responde?**

**R.** Sou de Portugal mas de origem cabo-verdiana.

**2. E o(s) seu(s) filho(s) o que acha que responderia(m)?**

**R.** Ele agora diz que é de Portugal.

**3. Se houver um jogo de futebol, Portugal vrs Cabo-Verde, vai torcer por quem?**

**R.** Por Cabo-Verde.

**3.1. Porque que torce por Cabo-verde se diz que é de Portugal?**

**R.** Porque gosto de futebol e gosto da seleção cabo-verdiana. Mas se for outro país contra Portugal é claro que torço por Portugal.

**4. E por quem acha que torceria(m) o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Portugal.

**5. Quando os seus pais lhe falavam do país de origem, que características lhe apontavam?**

**R.** Falavam do modo de vida deles fazem comparações das casas, do trabalho, da comida é totalmente diferente. Preferem a comida de Cabo-Verde do que a daqui, por isso é que lá em casa só se faz comida cabo-verdiana praticamente. O ambiente, o clima.

**6. Conhece Cabo-Verde?**

**R.** Não.

**7. Gostava de conhecer?**

**R.** Sim é um dos meus projetos, não para este ano mas para o próximo, eu e o meu filho.

**6. Acha que o(s) seu(s) filho(s) gostaria(m) de conhecer ou conhecem?**

**R.** Sim.

**7. Quais são as expetativas que tem?**

**R.** Tenho muitas, nós somos sete irmãos e todos já conhecem Cabo-Verde. Eu não fui conhecer porque na altura estava grávida, e pelo que me contam aquilo é um espetáculo é lindo e tenho muita curiosidade.

**8. Quando pensa em Cabo-Verde, o que lhe vem à cabeça?**

**R.** Sol, praia, a família toda que tenho lá e que gostaria muito de conhecer, o país em si.

**9. Fala das suas origens ao(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Sim.

**9.1. E o que é que lhe diz?**

**R.** Ele está a crescer no meio de dois mundos. Os meus pais são de Cabo-Verde e lá em casa só falamos crioulo, embora ele só fale português.

**9.2. Mas ele fala com ele crioulo?**

**R.** Falo com ele português e crioulo.

**9.3. Mas ele percebe?**

**R.** Sim, percebe mas não fala. Ele está em fase de crescimento e está a aprender um pouco dos dois mundos.

**10. O que lhe costuma dizer sobre Cabo-Verde?**

**R.** Bem, eu não posso dizer muita coisa porque não sei, os meus irmãos é que dizem e ele também tem muita curiosidade de conhecer. Quando ligamos para os familiares que estão lá, ele também fala com os primos que estão lá. Temos sempre contacto com as pessoas que estão lá, temos tios que vivem lá e que vieram de férias e o conheceram.

**11. Que tipo de música se ouve em casa?**

**R.** Ouve-se um pouco de tudo: kizombas, funaná, hip hop, baladas, um pouco de tudo mesmo.

**12. Que programas de TV costumam ver?**

**R.** Bem ultimamente é só Disney Channel, ou programas de informação. RTP África também.

**13. Está ligado a alguma Associação cultural?**

**R.** Sim à ACAS.

**13.1. E que atividades é que desenvolviam?**

**R.** Organização de festas, danças, as crianças iam para o ATL.

**14. Com que objeto da sua casa o seu filho mais se identifica?**

**R.** Ele tem um peluche que não larga, dorme com ele e tudo.

**15. Se houvesse um incêndio em sua casa, o que levaria?**

**R.** O meu filho claro.

**15.1. E em termos de objetos?**

**R.** Tentava levar roupa, para sobreviver aos dias seguintes.

**16. Vê alguma vantagem em transmitir os valores da sua cultura de origem ao seu filho?**

**R.** Penso que sim.

**16.1. Que tipo de vantagens?**

**R.** Eu cresci sobre a cultura cabo-verdiana, comecei a apreender a cultura portuguesa quando fui para a escola primária. Acho que é vantajoso, ele conhecer a cultura da mãe e do pai.

**17. Como é que festejou o nascimento do seu(s) filho(s)?**

**R.** Bem não fui eu que festejei, não é? No dia em que ele nasceu, eu tinha o Hospital cheio de gente e assim que souberam que o menino nasceu, foram todos para casa fazer churrasco e ninguém quis saber de mi. Quando fui para casa, fizemos o Sete, ou o cristão, que é o primeiro batismo.

**17.1. E como é a festa, o que comem, etc.?**

**R.** Normalmente são os pratos tradicionais de Cabo-Verde, ou é catchupa, ou é gizado de mandioca e normalmente vão os familiares mais chegados.

**18. Costuma fazer festas?**

**R.** Sim, os cabo-verdianos fazem muitas festas.

**19. O seu filho sabe dançar?**

**R.** Não, não tem jeito nenhum.

**20. E como costuma festejar o aniversário dele?**

**R.** Todos os anos no aniversário dele faço uma festa temática.

**20.1. E quem costumam convidar?**

**R.** Os amiguinhos dele, a família, os meus amigos.

**21. O que costumam comer na Ceia de Natal?**

**R.** Bacalhau, peru, fazemos também gizado de mandioca.

**22. O que é para si um bom jantar?**

**R.** Arroz à valenciana.

**23. E o(s) seu(s) filho(s) o que gosta(m) mais de comer?**

**R.** É muito difícil dizer porque ele gosta de tudo.

**24. Fale-me de uma figura Histórica. Alguém que, na sua opinião, fez algo de muito importante?**

**R.** O meu pai, para mi é mesmo uma figura histórica, tem feito muito por mi.

**25. Alguma vez usou trajes tradicionais?**

**R.** Trajes, trajes, não. Tenho aquelas roupas que trazem de Cabo-Verde, feitos de panos tradicionais. Costumo usar no verão.

**26. E o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Já, ele tem também.

**27. Que atividades de tempos livres tem o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Faz natação.

**28. Os seus amigos são maioritariamente portugueses ou de outra origem?**

**R.** Posso dizer que sim.

**29. E os amigos do(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Dele também, na maioria são os miúdos que cresceram com ele.

**30. Ponha por ordem de importância os seus familiares, incluindo você.**

**R.** O meu filho, eu, a minha irmã Sandra, a minha irmã gemia, o meu pai, a minha mãe, os meus irmãos, os meus sobrinhos.

**31. Acha que existem diferenças entre uma família de origem cabo-verdiana e uma família portuguesa?**

**R.** Isso é que eu não sei bem dizer. É provável que sim.

**32. Se respondeu sim, para si, quais são as principais diferenças?**

**R.** A união. A família cabo-verdiana é mais unida, acho que sim.

**33. Quando vai ao médico ou algum serviço público, sente que é tratado de forma diferente devido a sua origem?**

**R.** Não, nunca.

**34. E o seu filho já verbalizou ter sido tratado de maneira diferente?**

**R.** Não, ele normalmente é o centro das atenções.

**35. Na sua opinião, quais os principais conflitos na comunidade cabo-verdiana?**

**R.** Não sei, mas penso que isso não seja só da comunidade cabo-verdiana, fala-se muito na vida dos outros.



**36. Que tipo de desacordos, desentendimentos ou conflitos costuma haver entre si e a sua companheira?**

**R.** O único conflito que nós tivemos, foi porque eu queria levar a gravidez a vante e ele não queria, mas depois resolvemos isso, eu venci. De resto sempre nos demos bem, apesar de já não estarmos juntos damo-nos bem.

**37. E pensa em algum tipo de apoio, ou alguma vez pensou, para resolver esses problemas?**

**R.** Não, até agora na minha família não. Porque se ouve conflitos foi porque conseguimos resolver.

**38. Gostaria que se tivesse em conta e que se respeitasse, a sua cultura de origem (língua materna, hábitos alimentares, rituais familiares), quando se dirige a um serviço público (hospitais, escolas, etc.), ou até mesmo no seu trabalho?**

**R.** Sim gostaria, porque uma vez que muitos cabo-verdianos vivem em Portugal. Se bem que há sítios que existem pessoas para nos ajudar, muitas associações que dão apoio, acho que sim.

## Entrevista – 13

**1. Quando está fora de Portugal e alguém lhe pergunta de onde é, o que responde?**

**R.** Portugal.

**2. E o(s) seu(s) filho(s) o que acha que responderia(m)?**

**R.** Que são portugueses.

**3. Se houver um jogo de futebol, Portugal vrs Cabo-Verde, vai torcer por quem?**

**R.** É complicado, se calhar torceria pelos dois ao mesmo tempo.

**3.1. E porquê?**

**R.** Porque Cabo-verde é a terra dos meus pais e tem um significado para nós. E Portugal, porque é aqui que nós nascemos e vivemos.

**4. E por quem acha que torceria(m) o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Portugal.

**5. Quando os seus pais lhe falavam do país de origem, que características lhe apontavam?**

**R.** Falavam que Santo Antão, que é a ilha deles, tem muito sol, muita vegetação, muito verde.

**6. Conhece Cabo-Verde?**

**R.** Não.

**7. Gostava de conhecer?**

**R.** Sim.

**6. Acha que o(s) seu(s) filho(s) gostaria(m) de conhecer ou conhecem?**

**R.** Acho que sim, porque assim como eu tenho curiosidade de conhecer a terra dos meus pais, eles também têm curiosidade de conhecer a terra dos avós.

**7. Quando pensa em Cabo-Verde, o que lhe vem à cabeça?**

**R.** O verde e a praia e o cuscuz, que eu adoro.

**8. Fala das suas origens ao(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Falo. Costumo dizer que Cabo-Verde tem muitas ilhas e que os avós são de Santo Antão, os avós paternos e maternos; e que também tem praias muito bonitas e muitas montanhas.

**9. Em que língua fala com o seu filho?**

**R.** Português.

**10. Entende crioulo?**

**R.** Percebo mas não falo.

**11. O seu filho também não?**

**R.** Percebem mais ou menos, falar não falam.

**12. Que tipo de música se ouve em casa?**

**R.** Cabo-verdiana, música africana, pop, rock, um bocadinho de tudo.

**13. Que programas de TV costumam ver?**

**R.** Novelas, telejornais e programas de entretenimento.

**14. Está ligado a alguma Associação cultural?**

**R.** Não.

**15. Com que objeto da sua casa os seus filhos mais se identifica?**

**R.** Não sei.

**16. Se houvesse um incêndio em sua casa, o que levaria?**

**R.** A minha tartaruga, só, não ia ter tempo para levar mais nada.

**17. Vê alguma vantagem em transmitir os valores da sua cultura de origem ao seu filho?**

**R.** Sim, vejo, vejo porque é sempre importante conhecerem as origens deles. Porque apesar de serem portugueses e eu e o pai sermos portugueses, os avós como os avós são de Cabo-verde, acho importante eles conhecerem um bocadinho de Cabo-Verde.

**17.1. E que vantagens acha que isso pode ter?**

**R.** Se calhar não há assim tantas vantagens, mas é sempre bom eles conhecerem a origem da família.

**18. Como é que festejou o nascimento do seu(s) filho(s)?**

**R.** Ficamos muito felizes, todos muito contentes, mas não fizemos nenhuma festa.

**19. Costuma fazer festas?**

**R.** De nascimento não. Mas sim.

**20. Conte-me uma festa que tenha feito, quem convidou, o que comeram, se dançaram?**

**R.** Por exemplo, o primeiro aniversário da minha filha, éramos umas 30 pessoas, jantamos aqui e fizemos assim a festinha dela. Veio a família e os amigos.

Dançaram um bocadinho, mas mais as crianças, os adultos nem por isso. Havia catchupa ou feijoadada, já não me recordo bem.

**21. O seu filho sabe dançar?**

**R.** Sabem.

**21.1. Que tipo de música?**

**R.** Sabem dançar funaná, que é o mais fácil. E depois dançam essas músicas Pop.

**22. O que costumam comer na Ceia de Natal?**

**R.** É bacalhau com natas e peru assado no forno.

**23. O que é para si um bom jantar?**

**R.** Uma boa comida: um bacalhau, uns camarões, boa companhia e um bom ambiente.

**24. E o(s) seu(s) filho(s) o que gosta(m) mais de comer?**

**R.** Gostam de bacalhau espiritual, bacalhau com natas, catchupa e feijoadada.

**25. Alguma vez usou trajes tradicionais?**

**R.** Não.

**26. E o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Também não.

**27. Que atividades de tempos livres tem o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Praticam BTT, isto é: têm uma bicicleta bem equipada e vão andar para o meio do mato e sobem e descem lá pelo meio das rochas. E têm que transpor obstáculos, é basicamente isso.

**28. Fale-me de uma figura Histórica. Alguém que, na sua opinião, fez algo de muito importante?**

**R.** Princesa Diana, eu acho que ela fez muitas coisas, fez aquelas missões em África para ajudar, foi uma princesa que quis sempre ajudar.

**29. Os seus amigos, são maioritariamente portugueses ou de outra origem?**

**R.** Portugueses de origem cabo-verdiana.

**30. E os amigos do(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Também. São os filhos dos meus amigos.

**31. Que contacto é que tem com Cabo-Verde?**

**R.** Só com os meus avós. Falamos de vez em quando.

**32. E o teu filho não tem contacto?**

**R.** Não, eu é que costumo falar com eles.

**33. Ponha por ordem de importância os seus familiares, incluindo você.**

**R.** Eu, os meus filhos, a minha mãe e o meu marido.

**34. Acha que existem diferenças entre uma família de origem cabo-verdiana e uma família portuguesa?**

**R.** Oh claro que existe.

**35. Se respondeu sim, para si, quais são as principais diferenças?**

**R.** Os cabo-verdianos adoram festa, estão sempre a ouvir música, sempre muito animados. Quando acontece alguma coisa é logo motivo para se juntarem. Os portugueses acho que são mais recatados, a família é num canto e só se houver alguma cerimónia especial é que se juntam.

**36. Quando vai ao médico ou algum serviço público, sente que é tratado de forma diferente devido a sua origem?**

**R.** Não.

**37. E os seus filhos já verbalizaram terem sido tratados de maneira diferente?**

**R.** Também não.

**38. Na sua opinião, quais os principais conflitos na comunidade cabo-verdiana?**

**R.** Só se for nas questões de legalização, problemas com o SEF.

**38.1. E na comunidade em si?**

**R.** Na comunidade é assim, às vezes quando vêm que são pretos e depois põem-se a falar crioulo, começam a falar mal, ou “este vai para a terra

dele”. Quando não são bem-educados, são descriminados. E os portugueses têm tendência de generalizar.

**39. Que tipo de desacordos, desentendimentos ou conflitos costuma haver entre si e o sue companheiro?**

**R.** É só quando falta dinheiro, que a gente se desorienta.

**40. E pensa em algum tipo de apoio, ou alguma vez pensou, para resolver esses problemas?**

**R.** Não, acho que não, isto é uma questão de organização.

**41. Gostaria que se tivesse em conta e que se respeitasse, a sua cultura de origem (língua materna, hábitos alimentares, rituais familiares), quando se dirige a um serviço público (hospitais, escolas, etc.), ou até mesmo no seu trabalho?**

**R.** Eu acho que eles também não nos desrespeitam, tratam-nos bem, falam em condições. Por vezes, podem é perguntar só por curiosidade, mas acho que não afeta o atendimento e o respeito que têm por nós.

**Entrevista – 14 (marido da 13)**

**1. Quando está fora de Portugal e alguém lhe pergunta de onde é, o que responde?**

**R.** Portugal.

**2. E o(s) seu(s) filho(s) o que acha que responderia(m)?**

**R.** Portugal também.

**3. Se houver um jogo de futebol, Portugal vrs Cabo-Verde, vai torcer por quem?**

**R.** Portugal.

**4. E por quem acha que torceria(m) o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Portugal.

**5. Quando os seus pais lhe falavam do país de origem, que características lhe apontavam?**

**R.** Muito bonito, muito bom, muito quente, boas praias, belas mulheres, só isso.

**6. Conhece Cabo-Verde?**

**R.** Conheço.

**7. O que achou quando foi lá?**

**R.** O paraíso na terra, muito bom.

**6. Acha que o(s) seu(s) filho(s) gostaria(m) de conhecer ou conhecem?**

**R.** Acho que sim, porque são muito aventureiros e iriam adorar.

**7. Quando pensa em Cabo-Verde, o que lhe vem à cabeça?**

**R.** Calor, praia, verde, Couço, gajas.



**8. Fala das suas origens ao(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Claro que falo.

**9. O que lhes diz?**

**R.** Que aquilo é muito bom, há pessoas que ainda andam descalças, há pessoas que levantam-se com o sol e deitam-se com o sol, há casas sem eletricidade ainda, e as pessoas são felizes, casas sem água e as pessoas são limpas.

**10. Em que língua fala com o seu filho?**

**R.** Português.

**11. Entende crioulo?**

**R.** Eu falo e entendo crioulo, mas em casa só falamos português.

**12. E eles não percebem?**

**R.** A mais velha já começa a perceber, o mais novo é que não.

**13. Que tipo de música se ouve em casa?**

**R.** De tudo um pouco, musica pop, rock, música africana, música clássica, de tudo um pouco.

**14. Que programas de TV costumam ver?**

**R.** O Panda, FOX, AXN, a SIC por causa das novelas e Spot TV.

**15. Está ligado a alguma Associação cultural?**

**R.** Não.

**16. Com que objeto da sua casa os seus filhos mais se identifica?**

**R.** Aqui em casa? Com a PSP e o papel e a caneta.

**17. Se houvesse um incêndio em sua casa, o que levaria?**

**R.** O portátil.

**18. Vê alguma vantagem em transmitir os valores da sua cultura de origem ao seu filho?**

**R.** Imensa, apesar de, hoje em dia em Portugal já não existir cultura.

**18.1. Explique-me?**

**R.** Mesmo os cabo-verdianos já não têm cultura, imitam, gostam de imitar os filmes americanos, acham que a vida é um filme.

**18.2. E qual é a vantagem de transmitir aos seus filhos a cultura de origem?**

**R.** Serem humildes, pensarem que nem tudo é consumo e pensarem que às vezes fazer o bem compensa, às vezes.

**19. Como é que festejou o nascimento do seu(s) filho(s)?**

**R.** A mais velha festejei a dormir, o mais novo, nasceu amarelo, não deu para festejar, recebi a notícia que ele ia ficar mais uns dias no Hospital. Depois de passar por isso tudo, tive outro problema, atender todas as pessoas que vieram cá a casa visitá-los.

**20. Costuma fazer festas?**

**R.** Todos os anos há festa de aniversário dos miúdos.

**21. Conte-me uma festa que tenha feito, quem convidou, o que comeram, se dançaram?**

**R.** No primeiro aniversário da mais velha, metemos aqui em casa 50 pessoas. A minha mulher pediu uma máquina de encher balões e encheu-me a casa de balões! Comemos cuscuz, bolos, funguin (doce tradicional cabo-verdiano que é feito com batata doce que é comido na Páscoa). Convidamos os familiares, os meus colegas do futebol, todos os meus amigos que tinham filhos.

**21.1. E dançaram?**

**R.** Nesse dia dançamos, ainda havia aquela maluqueira do Batatune, então era Batatune para toda a gente. Era só música para crianças.

**22. O seu filho sabe dançar?**

**R.** Sabem. Dançam essas músicas brasileiras, como ninguém, eles já tiveram aulas de dança. A mais velha agora está a ganhar mais gosto pelas músicas africanas, funaná, passadas.

**23. O que costumam comer na Ceia de Natal?**

**R.** Normalmente ela faz sempre o peru assado e depois fazemos... às vezes ela faz uns donuts que eu adoro, mousse de chocolate nunca falta, às vezes faz o doce de bolacha, basicamente é isso. Mas nós variamos porque raramente passamos dois natais em casa.

**24. O que é para si um bom jantar?**

**R.** Um prato de sopa, de agrião; o prato, um bom bacalhau com natas e sobremesa, uma mousse de chocolate caseira.

**25. E o(s) seu(s) filho(s) o que gosta(m) mais de comer?**

**R.** Os meus filhos: o mais novo, não sei porquê ele agora gosta imenso de feijoada, a mais velha gosta de bacalhau com natas.

**26. Fale-me de uma figura Histórica. Alguém que, na sua opinião, fez algo de muito importante?**

**R.** O Homem que inventou a eletricidade, a lâmpada, agora não me lembro do nome dele. Agora é só computadores.

**27. Alguma vez usou trajes tradicionais?**

**R.** Não.

**28. E o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Também não, nenhum de nós, só a minha mulher.

**29. Que atividades de tempos livres tem o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Fazem BTT agora aos sábados andam de patins e às vezes, quando estou em casa, vão à natação e às vezes o meu filho consegue arrastar-me para jogar à bola.

**30. Os seus amigos, são maioritariamente portugueses ou de outra origem?**

**R.** Epá, eles são tantos, mas deve ser ela por ela, não costumo contar, mas são muitos.

**31. E os amigos do(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Maioritariamente portugueses.

**32. Que contacto é que tem com Cabo-Verde?**

**R.** Tenho os meus tios da parte da minha mãe e costumamos falar sempre. Tenho um tio que tem uma empresa e eu costumo tratar das coisas para ele, cá em Portugal.

**33. E o teu filho não tem contacto?**

**R.** Sim, falam com eles, a minha filha então, acha imensa piada.

**34. Ponha por ordem de importância os seus familiares, incluindo você.**

**R.** Primeiro a minha mãe, infelizmente já só tenho a minha mãe, depois a minha irmã, depois a Vera e depois os meus filhos. Eu, se eles tiverem contentes eu fico contente.

**35. Acha que existem diferenças entre uma família de origem cabo-verdiana e uma família portuguesa?**

**R.** Existem muitas.

**36. Se respondeu sim, para si, quais são as principais diferenças?**

**R.** Na família cabo-verdiana, a família é um posto: a inteligência, a moderação. Na família portuguesa não se dá valor aos mais velhos. E por isso mantém-se a cultura em Cabo-Verde e em Portugal não há cultura. Para os portugueses a cultura deles é o dinheiro, se há dinheiro vive-se, se não há dinheiro não se vive, há que se roubar a alguém.

**37. Quando vai ao médico ou algum serviço público, sente que é tratado de forma diferente devido a sua origem?**

**R.** Não.

**38. E os seus filhos já verbalizaram terem sido tratados de maneira diferente?**

**R.** Não, nenhum dos dois, por acaso têm muita sorte, são muito bem aceites.

**39. Na sua opinião, quais os principais conflitos na comunidade cabo-verdiana?**

**R.** Há uma grande rivalidade entre os sampadjudos e badios. Há uma parte do povo que são mais pacatos e outra parte que são um pouco mais conflituosos e querem impor-se a toda a força.

**39.1. Mesmo aqui em Portugal?**

**R.** Aqui ainda é pior, aqui em Portugal é muito pior que lá. Já têm as ideias europeias e querem disputar o domínio territorial.

**40. Que tipo de desacordos, desentendimentos ou conflitos costuma haver entre si e a sua companheira?**

**R.** Só dinheiro, mais nada. Ela parte-me o juízo por causa do dinheiro, eu vivo bem sem dinheiro.

**41. E pensa em algum tipo de apoio, ou alguma vez pensou, para resolver esses problemas?**

**R.** Não, atualmente temos 12 anos de casados e 16 de juntos e acho que não seria uma pessoa de fora que iria ajudar-nos. Isso acontece quando algum de nós resolve comprar alguma coisa a mais e depois falta em outro lado, nada mais. Sendo que para ela é pior não ter dinheiro, do que para mi.

**42. Gostaria que se tivesse em conta e que se respeitasse, a sua cultura de origem (língua materna, hábitos alimentares, rituais familiares), quando se dirige a um serviço público (hospitais, escolas, etc.), ou até mesmo no seu trabalho?**

**R.** Acho que isto também vai um pouco da nossa inteligência, nós estamos em Portugal, não estamos em Cabo-Verde, por isso temos é de falar português. Se me disseram que essa sensibilidade é importante, penso que é irrelevante, porque depende de cada um. Mas que às vezes há atitudes dos próprios nativos portugueses, em relação às pessoas, quando estão a falar na sua própria língua, existe, existe e são cenas feias.

## **Entrevista - 15**

**1. Quando está fora de Portugal e alguém lhe pergunta de onde é, o que responde?**

**R.** Que sou portuguesa.

**2. E o(s) seu(s) filho(s) o que acha que responderia(m)?**

**R.** A mesma coisa.

**3. Se houver um jogo de futebol, Portugal vrs Cabo-Verde, vai torcer por quem?**

**R.** Por Portugal.

**4. E por quem acha que torceria(m) o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Portugal também.

**5. Quando os seus pais lhe falavam do país de origem, que características lhe apontavam?**

**R.** Que era bonito, calmo e que a maneira de conviver é diferente, são mais unidos.

**6. Conhece Cabo-Verde?**

**R.** Não.

**7. Gostava de conhecer?**

**R.** Não.

**7.1. Porquê?**

**R.** Porque é complicado por causa dos meus documentos, não consigo tratar e por isso, apanhei, como é que se diz...receio, fico com um pé a traz.

**7.2. Mas não consegue os documentos por causa dos cabo-verdianos, ou por causa das leis portuguesas?**

**R.** É isso, por causa das leis portuguesas é por causa da minha mãe não ter tratado dos documentos é isso.

**7.3. Então por causa disso não quer conhecer Cabo-Verde?**

**R.** Sim.

**6. Acha que o(s) seu(s) filho(s) gostaria(m) de conhecer ou conhecem?**

**R.** Acho que não porque não é o ambiente que eles estão habituados. Por causa do pai deles que é português e convivem mais com a família dele e é diferente.

**7. Quando pensa em Cabo-verde, o que lhe vem à cabeça?**

**R.** Que deve ser bonito.

**8. Fala das suas origens ao(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Não, não falo. Como nunca fui lá.

**9. Em que língua fala com o seu filho?**

**R.** Português.

**10. Entende crioulo?**

**R.** Entendo mas não falo.

**11. E os seus filhos?**

**R.** Eles não percebem e nem falam.

**12. Que tipo de música se ouve em casa?**

**R.** É mais o meu marido que ouve funaná e kizomba.

**13. Que programas de TV costumam ver?**

**R.** Os normais.



**14. Está ligado a alguma Associação cultural?**

**R.** Não.

**15. Com que objeto da sua casa os seus filhos mais se identifica?**

**R.** Eles gostam de cantar e de ouvir musica, não têm assim nenhum objeto preferido.

**16. Se houvesse um incêndio em sua casa, o que levaria?**

**R.** A única coisa que eu levava era os meus filhos.

**17. Vê alguma vantagem em transmitir os valores da sua cultura de origem ao seu filho?**

**R.** Sim, acho que é importante, por ser a cultura dos avós deles.

**18. Como é que festejou o nascimento do seu(s) filho(s)?**

**R.** Em casa com o bebé, normal.

**19. Costuma fazer festas?**

**R.** Não.

**20. Conte-me uma festa que tenha feito, quem convidou, o que comeram, se dançaram?**

**R.** Um dos aniversários dos meus filhos, convidamos os familiares, tinha bolo, champanhe e aquelas coisinhas básicas das festas dos miúdos, só, não dançamos.

**21. O seu filho sabe dançar?**

**R.** Sabem. Dançam Kuduro é o que sabem dançar mais.

**22. O que costumam comer na Ceia de Natal?**

**R.** Cozido de Bacalhau.

**23. O que é para si um bom jantar?**

**R.** Desde que haja comida eu não tenho preferência.

**24. E o(s) seu(s) filho(s) o que gosta(m) mais de comer?**

**R.** Eles gostam muito de peixe.

**25. Alguma vez usou trajes tradicionais?**

**R.** Eu não.

**26. E o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Eles às vezes inventam, quando estão na brincadeira, põem um lenço na cabeça e isso... Estão sempre a fazer isso.

**27. Que atividades de tempos livres tem o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Agora estão na “Colónia”. É uma organização da Igreja, onde vão à praia, vão ver filmes, etc.

**28. Os seus amigos, são maioritariamente portugueses ou de outra origem?**

**R.** São portugueses.

**29. E os amigos do(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Também portugueses.

**30. Que contacto é que tem com Cabo-Verde?**

**R.** Nenhum.

**31. E o teu filho não tem contacto?**

**R.** Também não.

**32. Ponha por ordem de importância os seus familiares, incluindo você.**

**R.** Os meus filhos, o meu companheiro, a minha mãe e eu, no fim.

**33. Fale-me de uma figura Histórica. Alguém que, na sua opinião, fez algo de muito importante?**

**R.** \_\_\_\_\_

**34. Acha que existem diferenças entre uma família de origem cabo-verdiana e uma família portuguesa?**

**R.** A meu ver, acho que é igual, mas igual mesmo não é igual, os portugueses têm a sua maneira de ser e os cabo-verdianos têm outra.

**35. Se respondeu sim, para si, quais são as principais diferenças?**

**R.** Os cabo-verdianos são mais alegres, os portugueses são um bocado cínicos, mas é que são mesmo cínicos.

**36. Na sua opinião, quais os principais conflitos na comunidade cabo-verdiana?**

**R.** São conflituosos.

**37. Que tipo de desacordos, desentendimentos ou conflitos costuma haver entre si e a sua companheira?**

**R.** O normal por vezes não estamos de acordo em alguma coisa, por exemplo na educação dos miúdos, eu ponho de castigo e ele tira.

**38. E pensa em algum tipo de apoio, ou alguma vez pensou, para resolver esses problemas?**

**R.** Não, nós resolvemos sozinhos.

**39. Quando vai ao médico ou algum serviço público, sente que é tratado de forma diferente devido a sua origem?**

**R.** Não, nunca.

**40. E os seus filhos?**

**R.** Também não.

**41. Gostaria que se tivesse em conta e que se respeitasse, a sua cultura de origem (língua materna, hábitos alimentares, rituais familiares), quando se dirige a um serviço público (hospitais, escolas, etc.), ou até mesmo no seu trabalho?**

**R.** Também é importante, porque às vezes não compreendem e gostaria que houvesse alguém que explicasse.

## **Entrevista - 16**

**1. Quando está fora de Portugal e alguém lhe pergunta de onde é, o que responde?**

**R.** Portugal.

**2. E o(s) seu(s) filho(s) o que acha que responderia(m)?**

**R.** são portugueses, nasceram cá.

**3. Se houver um jogo de futebol, Portugal vrs Cabo-Verde, vai torcer por quem?**

**R.** Nenhum deles, não gosto de futebol.

**4. E por quem acha que torceria(m) o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Não sei, eu não gosto de futebol.

**5. Quando os seus pais lhe falavam do país de origem, que características lhe apontavam?**

**R.** Falavam que Cabo-Verde era bonito, tem praias lindas.

**6. Conhece Cabo-Verde?**

**R.** Não.

**7. Gostava de conhecer?**

**R.** Um dia, quem sabe?

**6. Acha que o(s) seu(s) filho(s) gostaria(m) de conhecer ou conhecem?**

**R.** Acho que sim.

**7. Quando pensa em Cabo-verde, o que lhe vem à cabeça?**

**R.** Para mi é um país normal como qualquer outro.

**8. Fala das suas origens ao(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Como eu nasci cá, só posso falar de Cabo-verde porque não nasci lá.

**9. Em que língua fala com o seu filho?**

**R.** Português.

**10. Entende crioulo?**

**R.** Sim.

**11. E fala crioulo?**

**R.** Falo pouco, mas não estou habituada a falar.

**12. O seu filho também não?**

**R.** Eles percebem mas não falam.

**13. Que tipo de música se ouve em casa?**

**R.** Kizomba, batuque, kuduro.

**14. Que programas de TV costumam ver?**

**R.** RTP África, TVI.

**15. Está ligado a alguma Associação cultural?**

**R.** Estava mas já não estou. Era a Associação Kizomba.

**15.1. Que atividades tinha nessa Associação?**

**R.** Inscrevi as minhas filhas na música, no inglês e acho que é futebol. E já não fazemos parte porque não há tempo.

**16. Com que objeto da sua casa os seus filhos mais se identifica?**

**R.** Com música.

**17. Se houvesse um incêndio em sua casa, o que levaria?**

**R.** As minhas filhas, porque objeto compra-se outro.

**18. Vê alguma vantagem em transmitir os valores da sua cultura de origem ao seu filho?**

**R.** Não. Deve ser importante mas não estou a ver as vantagens.

**19. Como é que festejou o nascimento do seu(s) filho(s)?**

**R.** Olhe, no Hospital. Só quando elas fizeram um ano é que eu fiz uma festa.

**20. Costuma fazer festas?**

**R.** Não, não sou de fazer muitas festas.

**21. Conte-me uma festa que tenha feito, quem convidou, o que comeram, se dançaram?**

**R.** O aniversário da minha filha de quando ela fez um ano. Tinha tudo: catchupa, canja, bacalhau com natas. Foram os familiares, os vizinhos amigos

**21.1. E dançaram?**

**R.** Sim.

**22. Os seus filhos sabem dançar?**

**R.** Sim.

**22.1. E o que costumam dançar?**

**R.** Tarraxinha e kizomba.

**23. O que costumam comer na Ceia de Natal?**

**R.** Bacalhau a chefe porque já estou farta de bacalhau cozido.

**24. O que é para si um bom jantar?**

**R.** Desde que tenha um prato de comida, para mi já é um bom jantar.

**25. E o(s) seu(s) filho(s) o que gosta(m) mais de comer?**

**R.** Batata frita, ovo estrelado e um bom bife.

**26. Alguma vez usou trajes tradicionais?**

**R.** Que me lembre não.

**27. E o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Também não.

**28. Que atividades de tempos livres tem o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Uma delas está no “Mega Ativo”(uma espécie de ATL).

**29. Os seus amigos, são maioritariamente portugueses ou de outra origem?**

**R.** Portugueses.

**30. E os amigos do(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Dos meus filhos são cabo-verdianos e também alguns portugueses.

**31. Que contacto é que tem com Cabo-Verde?**

**R.** Nenhum.

**32. E o teu filho não tem contacto?**

**R.** Também não.

**33. Ponha por ordem de importância os seus familiares, incluindo você.**

**R.** As minhas filhas, eu, a minha mãe, os meus irmãos e o meu pai.

**34. R. Fale-me de uma figura Histórica. Alguém que, na sua opinião, fez algo de muito importante?**

**R.** Não me recordo de nenhuma importante.

**35. Acha que existem diferenças entre uma família de origem cabo-verdiana e uma família portuguesa?**

**R.** Acho que sim.

**36. Se respondeu sim, para si, quais são as principais diferenças?**

**R.** Os portugueses são mais calmos e os cabo-verdianos são mais contentes.

**37. Na sua opinião, quais os principais conflitos na comunidade cabo-verdiana?**

**R.** Nunca pensei nisso.



**38. Que tipo de desacordos, desentendimentos ou conflitos costuma haver entre si e a sua companheira?**

**R.** Não tenho companheiro, mas a primeira vez que o pai das minhas filhas, quis dar-me uma chapada, mandei-o embora.

**38.1. Ele era um pouco violento?**

**R.** Era.

**39. E pensa em algum tipo de apoio, ou alguma vez pensou, para resolver esses problemas?**

**R.** Apoio até há, mas é preciso a pessoa ter força de vontade e ligar para o 112.

**39.1. O apoio que está a sugerir é da Polícia?**

**R.** Sim, mas a polícia também não ajuda muito.

**39.2. E não conhece outro tipo de apoio?**

**R.** Sim, aqueles que apoiam as vítimas de violência doméstica.

**40. Quando vai ao médico ou algum serviço público, sente que é tratado de forma diferente devido a sua origem?**

**R.** Não.

**40.1. E os seus filhos, já verbalizaram terem sido tratados de maneira diferente?**

**R.** Também não.

**41. Gostaria que se tivesse em conta e que se respeitasse, a sua cultura de origem (língua materna, hábitos alimentares, rituais familiares), quando se dirige a um serviço público (hospitais, escolas, etc.), ou até mesmo no seu trabalho?**

**R.** Sim, porque assim as pessoas seriam melhor compreendidas.

## **Entrevista - 17**

**1. Quando está fora de Portugal e alguém lhe pergunta de onde é, o que responde?**

**R.** Sou Portuguesa.

**2. E o(s) seu(s) filho(s) o que acha que responderia(m)?**

**R.** Portugueses também.

**3. Se houver um jogo de futebol, Portugal vrs Cabo-Verde, vai torcer por quem?**

**R.** Um bocado complicado, mas talvez por Portugal, como nasci cá.

**4. E por quem acha que torceria(m) o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Portugal.

**5. Quando os seus pais lhe falavam do país de origem, que características lhe apontavam?**

**R.** De onde nasceram, o que faziam, onde cresceu. Falavam de como faziam o Grogó, os fins-de-semana em que se juntavam todos; da comida tradicional de Cabo-Verde.

**6. Conhece Cabo-Verde?**

**R.** Não.

**7. Gostava de conhecer?**

**R.** Tenho uma vontade uma vontade imensa de conhecer.

**6. Acha que o(s) seu(s) filho(s) gostaria(m) de conhecer ou conhecem?**

**R.** Têm também muita vontade de conhecer, falamos muitas vezes disso.

**7. Quando pensa em Cabo-verde, o que lhe vem à cabeça?**

**R.** Conhecer a casa que o meu pai construiu. O meu pai construiu lá uma casa, entretanto veio para cá, constituiu família e voltou nos anos 80,

depois acabou por falecer em 89 e não levou os filhos para conhecer, com muita pena e tenho vontade de conhecer.

**8. Fala das suas origens ao(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Falo. Falo dos avós, da terra e que um dia temos de ir lá conhecer.

**9. Em que língua fala com o seu filho?**

**R.** Crioulo. Falo o crioulo e português.

**10. Eles entendem crioulo?**

**R.** Sim, em casa falamos crioulo.

**11. Que tipo de música se ouve em casa?**

**R.** Todo o tipo de música, portuguesa e africana.

**12. Que programas de TV costumam ver?**

**R.** Canal África, todos os canais.

**13. Está ligado a alguma Associação cultural?**

**R.** Já estive ligada a uma Associação. Era um Centro Comunitário, tinha lá um grupo de dança. Era o Centro Comunitário do Pendão, mas já acabou.

**14. Que atividades é que tinham?**

**R.** Era dança tradicional cabo-verdiana.

**15. Com que objeto da sua casa os seus filhos mais se identificam?**

**R.** A minha filha, que já tem 18 anos, gosta muito de música, então tem lá uma viola e um microfone. O pequenito também acompanha.

**16. Se houvesse um incêndio em sua casa, o que levaria?**

**R.** Primeiramente levaria os meus filhos e depois talvez a roupa.

**17. Vê alguma vantagem em transmitir os valores da sua cultura de origem ao seu filho?**

**R.** Sim, eu tento passar um bocadinho da tradição cabo-verdiana, fale-los entender como é que fomos criados, como é que os meus pais foram criados em Cabo-Verde.

**18. Como é que festejou o nascimento do seu(s) filho(s)?**

**R.** Fiz um jantar em casa e convidei alguns amigos.

**19. Costuma fazer festas?**

**R.** Costumo fazer mais festas de anos, dou um jantar ou um almoço.

**20. Conte-me uma festa que tenha feito, quem convidou, o que comeram, se dançaram?**

**R.** Fiz a festa de anos da minha filha quando ela fez 18 anos. Convidei os amigos dela, familiares. Juntamo-nos todos e dançamos até ao amanhecer. Dançamos kuduro, funaná (adoramos funaná), dançamos de tudo um pouco.

**20.1. E o que é que comeram?**

**R.** Catchupa, bacalhau com natas, frango assado a acompanhar com arroz.

**21. O seu filho sabe dançar?**

**R.** Dançam até dizer que chega, dançam música africana.

**22. O que costumam comer na Ceia de Natal?**

**R.** É variável, tanto podemos comer polvo como o bacalhau cozido. Outras vezes fazemos o borrego à moda africana que é borrego com batata, mandioca e massa, outras vezes fazemos o cherem para acompanhar.

**23. O que é para si um bom jantar?**

**R.** Gosto de borrego assado no forno com batata e mandioca.

**24. E o(s) seu(s) filho(s) o que gosta(m) mais de comer?**

**R.** Gostam de batata frita, com bife, salsichas, hambúrgueres.

**25. Alguma vez usou trajes tradicionais?**

**R.** Não, mas gostava.

**26. E o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Também não.

**27. Que atividades de tempos livres tem o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Agora não têm, a mais velha já teve aulas de música, mas agora já não tem.

**28. Os seus amigos, são maioritariamente portugueses ou de outra origem?**

**R.** Tenho amigos portugueses e cabo-verdianos, mas a maioria são de origem cabo-verdiana e cabo-verdianos mesmo.

**29. E os amigos do(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Maioritariamente de origem cabo-verdiana.

**30. Que contacto é que tem com Cabo-Verde?**

**R.** Tenho familiares ainda em Cabo-verde e costumo contactar com um irmão.

**31. E o teu filho não tem contacto?**

**R.** Sim, também costumam contactar com ele.

**32. Ponha por ordem de importância os seus familiares, incluindo você.**

**R.** Os meus filhos, eu, a minha mãe e alguns irmãos.

**33. Fale-me de uma figura Histórica. Alguém que, na sua opinião, fez algo de muito importante?**

**R.** Amílcar Cabral, porque na altura da revolução ele lutou pela pátria.

**34. Acha que existem diferenças entre uma família de origem cabo-verdiana e uma família portuguesa?**

**R.** Sim acho que existem diferenças.

**35. Se respondeu sim, para si, quais são as principais diferenças?**

**R.** Acho que existem diferenças, as tradições são diferentes.

**36. Na sua opinião, quais os principais conflitos na comunidade cabo-verdiana?**

**R.** Rivalidade entre bairros.

**37. Que tipo de desacordos, desentendimentos ou conflitos costuma haver entre si e a sua companheira?**

**R.** Tínhamos vários desentendimentos, ele bebia e havia agressões, ele é um pouco agressivo quando bebe e tivemos de nos separar.

**38. E pensa em algum tipo de apoio, ou alguma vez pensou, para resolver esses problemas?**

**R.** Eu pedi apoio à APAV, mas não tive grande resposta e tive de me dirigir à judicciária e foi encaminhado para o Tribunal e ainda estamos em Tribunal.

**39. Quando vai ao médico ou algum serviço público, sente que é tratado de forma diferente devido a sua origem?**

**R.** Não, sou sempre bem tratada.

**40. E os seus filhos?**

**R.** Também não.

**41. Gostaria que se tivesse em conta e que se respeitasse, a sua cultura de origem (língua materna, hábitos alimentares, rituais familiares), quando se dirige a um serviço público (hospitais, escolas, etc.), ou até mesmo no seu trabalho?**

**R.** Sim, acho importante para ambas as partes, porque é importante saberem falar com as pessoas e nós também temos que ser bem atendidos, bem tratados.

## **Entrevista - 18**

- 1. Quando está fora de Portugal e alguém lhe pergunta de onde é, o que responde?**

**R.** Digo que sou portuguesa filha de cabo-verdianos.

- 2. E o(s) seu(s) filho(s) o que acha que responderia(m)?**

**R.** Portugueses.

- 3. Se houver um jogo de futebol, Portugal vrs Cabo-Verde, vai torcer por quem?**

**R.** Nenhuma, não percebo de futebol. Mas se tiver que torcer torço por Cabo-verde, porque Portugal não me diz nada.

- 4. E por quem acha que torceria(m) o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Não sei, não te posso responder porque nunca lhes fiz essa pergunta.

- 5. Quando os seus pais lhe falavam do país de origem, que características lhe apontavam?**

**R.** Falavam das pessoas, a maneira como elas cativam, do país em si. Eu pensava que era totalmente ao contrário, eu nunca queria lá ir, eu cresci aqui e dizia epá países africanos não. E quando fui a Cabo-Verde foi totalmente diferente e o que os meus pais me diziam era tudo verdade.

### **5.1. Mas ao que se refere?**

**R.** Tudo, a cultura, o país (aquilo é lindo), as pessoas parece que já te conhecem, cativam-te mesmo, sentes-te à vontade.

- 6. Acha que o(s) seu(s) filho(s) gostaria(m) de conhecer ou conhecem?**

**R.** Sim, eles têm vontade.

- 7. Quando pensa em Cabo-verde, o que lhe vem à cabeça?**

**R.** O clima, a comida, mais a comida: o peixe, o marisco.



**8. Fala das suas origens ao(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Sim, sim claro.

**9. O que costuma dizer-lhes?**

**R.** Falo-lhes de Cabo-Verde, eles sabem que sou filha de cabo-verdianos, eles são netos de cabo-verdianos. Acho que eu com a idade deles não tinha tanta ligação com Cabo-Verde como eles têm.

**9.1. Que tipo de ligação?**

**R.** Música, a comida.

**9.2. Mas têm ligação com pessoas de lá também**

**R.** Sim, têm com a família, têm amigos também.

**10. Em que língua fala com o seu filho?**

**R.** Português e crioulo.

**11. Eles percebem?**

**R.** Percebem tudo.

**12. E falam crioulo?**

**R.** Falam um bocadinho, nós não gostamos que eles falem por causa da Escola.

**13. Que tipo de música se ouve em casa?**

**R.** Cabo-verdiana, africana em si, mas mais cabo-verdiana.

**14. Que programas de TV costumam ver?**

**R.** Eu vejo mais novelas, mas eles vêem filmes, documentários.

**15. Está ligado a alguma Associação cultural?**

**R.** Não.

**16. Com que objeto da sua casa os seus filhos mais se identifica?**

**R.** TV e jogos.

**17. Se houvesse um incêndio em sua casa, o que levaria?**

**R.** Os documentos, basicamente era isso.

**18. Vê alguma vantagem em transmitir os valores da sua cultura de origem ao seu filho?**

**R.** Sim, tanto eu fico a ganhar como eles ficam a ganhar, conhecendo a cultura dos avós. Eu cresci no meio da cultura cabo-verdiana, o meu pai é músico, e eu gosto de ouvir uma Cesária Évora, já a minha irmã não, parece que aquela cultura não lhe tocou. E eu tento fazer que os meus filhos cresçam mesmo no meio da cultura dos avós.

**19. Como é que festejou o nascimento do seu(s) filho(s)?**

**R.** Não fiz nada do que fazem em Cabo-verde (7º dia, guarda cabeça). Eu cresci cá e essa parte não me passaram. Apesar de ter havido muita coisa que a minha mãe fez aos meus filhos (o tratamento do umbigo), tal e qual de como faziam lá em Cabo-verde.

**20. Costuma fazer festas?**

**R.** Adoro festas, não costumo fazer muitas mas adoro conviver.

**21. Conte-me uma festa que tenha feito, quem convidou, o que comeram, se dançaram?**

**R.** Eu estou sempre a organizar festas, quando fazemos anos, ou os miúdos fazem anos. E comemos muita coisa: comemos o polvo guisado, que é de Cabo-verde; às vezes fazemos assadas, com os meus pais e toda a família e amigos também.

**21.1. E costumam dançar?**

**R.** Dança-se tudo o que tenha a ver com música africana a gente dança.

**22. O seu filho sabe dançar?**

**R.** Sabem dançar, cantar em crioulo, tudo.

**23. O que costumam comer na Ceia de Natal?**

**R.** Bacalhau cozido e um guisado típico cabo-verdiano.

**24. O que é para si um bom jantar?**

**R.** Um bom bife com batatas fritas.

**25. E o(s) seu(s) filho(s) o que gosta(m) mais de comer?**

**R.** Catchupa, feijoadada, não têm nada a ver com a mãe.

**26. Alguma vez usou trajes tradicionais?**

**R.** Já, para fazer um espetáculo.

**27. E o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** A menina já, no carnaval. Ela gosta muito dessas coisas.

**28. Que atividades de tempos livres tem o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Futebol, só o mais velho.

**29. Os seus amigos, são maioritariamente portugueses ou de outra origem?**

**R.** Não, são mais africanos.

**30. E os amigos do(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Também.

**31. Ponha por ordem de importância os seus familiares, incluindo você.**

**R.** Os meus filhos, eu, pai, mãe, marido, irmão, sobrinhos.

**32. Fale-me de uma figura Histórica. Alguém que, na sua opinião, fez algo de muito importante?**

**R.** Camões, por ter crescido a ouvir falar de Camões, das poesias de Camões.

**33. Acha que existem diferenças entre uma família de origem cabo-verdiana e uma família portuguesa?**

**R.** Existem em muitos aspetos.

**34. Se respondeu sim, para si, quais são as principais diferenças?**

**R.** Os hábitos, eles vivem mais para o trabalho e não pensam tanto na cultura como os cabo-verdianos. Os cabo-verdianos tentam passar para os filhos a cultura, a honestidade, a maneira de comer. Eu acho que é totalmente diferente, eu vejo pelos meus filhos e outras crianças que conheço, pela minha educação também, o cabo-verdiano é mais em cima dos filhos. Acho que o português é mais permissivo.

**35. Na sua opinião, quais os principais conflitos na comunidade cabo-verdiana?**

**R.** A nova geração é terrível. Já na minha geração eram assim, mas agora estão piores: é vandalismo, a maneira de estar. Mas para mi também é culpa do Estado, porque sejam cabo-verdianos, angolanos, o que for, as senhoras saem de casa às 5h da manhã, trabalham o dia inteiro e não têm tempo para educar os filhos por mais que tentem.

**36. Que tipo de desacordos, desentendimentos ou conflitos costuma haver entre si e a sua companheira?**

**R.** Eu e ele às vezes entramos em debates, porque ele cresceu em Cabo-Verde e eu não, e temos maneiras de pensar diferentes. Se calhar é mais por causa do dinheiro, eu gasto muito, é aquele pensamento “gasta que amanhã logo se vê” e ele tem outra maneira de pensar, “há que pensar no amanhã”.

**37. E pensa em algum tipo de apoio, ou alguma vez pensou, para resolver esses problemas?**

**R.** Não, nós resolvemos entre nós.

**38. Quando vai ao médico ou algum serviço público, sente que é tratado de forma diferente devido a sua origem?**

**R.** Já, não da minha origem porque quando olham para mi não sabem a minha origem mas derivado à minha cor. Sabes quando entras numa loja e olham-se assim de lado, será que aquela vem roubar, ou tem dinheiro para pagar isto, ou então entras num sítio qualquer e disserem-te: “olha isto é muito caro”, e eu não perguntem o preço a ninguém.

**39. E os seus filhos já verbalizaram terem sido tratados de maneira diferente?**

**R.** O mais velho já me falou de estar no autocarro e chamarem-lhe preto. Mas isso a gente já sabe que é normal aqui.

**40. Gostaria que se tivesse em conta e que se respeitasse, a sua cultura de origem (língua materna, hábitos alimentares, rituais familiares), quando se dirige a um serviço público (hospitais, escolas, etc.), ou até mesmo no seu trabalho?**

**R.** Era fantástico não é? Eu não digo por mi, porque eu nasci cá, mas por muita gente que veio de África e tem outros hábitos que deveriam ser respeitados, o que não acontece.

## **Entrevista - 19**

**1. Quando está fora de Portugal e alguém lhe pergunta de onde é, o que responde?**

**R.** Cabo-Verde.

**2. E o(s) seu(s) filho(s) o que acha que responderia(m)?**

**R.** Portugueses.

**3. Se houver um jogo de futebol, Portugal vrs Cabo-Verde, vai torcer por quem?**

**R.** Depende, Cabo-Verde, Portugal, os dois, fico dividida.

**4. E por quem acha que torceria(m) o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Também os dois, se for Cabo-verde com outro país é Cabo-verde.

**5. Quando os seus pais lhe falavam do país de origem, que características lhe apontavam?**

**R.** Que aquilo era bonito, sossegado, que tem praias bonitas, falavam das festas.

**6. Conhece Cabo-Verde?**

**R.** Não, mas gostaria de conhecer, um dia quem sabe.

**7. Acha que o(s) seu(s) filho(s) gostaria(m) de conhecer ou conhecem?**

**R.** Gostariam, a minha mais velha costuma falar disso.

**8. Quando pensa em Cabo-Verde, o que lhe vem à cabeça?**

**R.** Não penso muito, nunca fui, não conheço, não tenho ligação nenhuma com a família de lá.

**9. Os seus filhos também não têm nenhuma ligação a Cabo-Verde?**

**R.** Não.

**10. Fala das suas origens ao(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Sim, falo.

**11. O que costuma dizer-lhes?**

**R.** Eu nasci cá mas a minha mãe é de lá e falo disso.

**12. Em que língua fala com o seu filho?**

**R.** Crioulo, português.

**13. Eles percebem?**

**R.** Percebem.

**14. E falam crioulo?**

**R.** Sim falam.

**15. Que tipo de música se ouve em casa?**

**R.** Música crioula.

**16. Que programas de TV costumam ver?**

**R.** RTP África, TPA. Tudo o que é de Cabo-Verde, eles gostam, músicas, tudo. Portuguesas não, eles não gostam.

**17. Está ligado a alguma Associação cultural?**

**R.** Estávamos mas como fechou. Era a Associação Kizomba.

**18. E que tipo de atividades é que tinham?**

**R.** Era dança (batuque), moda, aprendiam a dançar e a tocar danças africanas.

**19. Com que objeto da sua casa os seus filhos mais se identifica?**

**R.** Música, porque gostam muito de dançar.

**20. Se houvesse um incêndio em sua casa, o que levaria?**

**R.** Só os meus filhos e os meus sobrinhos de resto mais nada.

**21. Vê alguma vantagem em transmitir os valores da sua cultura de origem ao seu filho?**

**R.** Sim. Porque nós somos cabo-verdianos, eu não nasci lá mas considero-me cabo-verdiana, é onde a minha mãe nasceu. Acho que é bom conhecerem outra cultura e não só a portuguesa.

**22. Como é que festejou o nascimento do seu(s) filho(s)?**

**R.** Normal, sem euforias.

**23. Costuma fazer festas?**

**R.** Sim, nos aniversários. Na nossa cultura quando fazemos festas é tudo na casa dos pais, nós já temos a nossa casa mas as festas são sempre na casa da minha mãe, juntamo-nos lá todos.

**24. Conte-me uma festa que tenha feito, quem convidou, o que comeram, se dançaram?**

**R.** Tinha catchupa e outras comidas cabo-verdianas; a família, nós somos tantos! Dançamos música africana, um pouco de tudo.

**25. O seu filho sabe dançar?**

**R.** Sim.

**26. O que costumam comer na Ceia de Natal?**

**R.** Fazemos conforme a tradição portuguesa: cozido de bacalhau.



**27. O que é para si um bom jantar?**

**R.** Eu como qualquer coisa, não sou esquisita.

**28. E o(s) seu(s) filho(s) o que gosta(m) mais de comer?**

**R.** Eles adoram bacalhau com natas, não são esquisitos.

**29. Alguma vez usou trajes tradicionais?**

**R.** Não.

**30. E os seus filhos?**

**R.** A minha filha já usou, para dançar numa festa de rua que a Associação Kizomba organizou.

**31. Que atividades de tempos livres tem o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Têm o ATL e quando saem da Escola vão para o Meg@ Atico onde têm informática e jogam à bola.

**32. Os seus amigos, são maioritariamente portugueses ou de outra origem?**

**R.** Não, são cabo-verdianos.

**33. E os amigos do(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Também não, são africanos.

**34. Ponha por ordem de importância os seus familiares, incluindo você.**

**R.** Os meus filhos, a minha mãe, as minhas irmãs, os meus sobrinhos e depois o resto da minha família, eu fico no fim.

**35. Fale-me de uma figura Histórica. Alguém que, na sua opinião, fez algo de muito importante?**

**R.** Não estou a ver ninguém.

**36. Acha que existem diferenças entre uma família de origem cabo-verdiana e uma família portuguesa?**

**R.** Tem, muitas.

**37. Se respondeu sim, para si, quais são as principais diferenças?**

**R.** Os portugueses são mais recatados e pensão que são mais do que os outros. São mais meigos, dão mais mimos, os cabo-verdianos são mais brutos, não ligam tanto. A minha mãe ia trabalhar e deixava-nos em casa sozinhos, com os brancos isso não acontece, para saírem de casa levam os filhos para a creche.

**38. Na sua opinião, quais os principais conflitos na comunidade cabo-verdiana?**

**R.** Os cabo-verdianos são muito conflituosos, não têm paciência, enervam-se muito rápido.

**39. Que tipo de desacordos, desentendimentos ou conflitos costuma haver entre si e a sua companheira?**

**R.** Tínhamos pensamentos diferentes mas sempre lidamos bem com isso.

**40. E pensa em algum tipo de apoio, ou alguma vez pensou, para resolver esses problemas?**

**R.** Eu não, ele é que quando nos chateávamos ia falar com as pessoas mais velhas da família, eu não sou assim.

**41. Quando vai ao médico ou algum serviço público, sente que é tratado de forma diferente devido a sua origem?**

**R.** Não e os meus filhos também não.

**42. Gostaria que se tivesse em conta e que se respeitasse, a sua cultura de origem (língua materna, hábitos alimentares, rituais familiares), quando se dirige a um serviço público (hospitais, escolas, etc.), ou até mesmo no seu trabalho?**

**R.** Sim, porque era uma maneira de mostrar a nossa cultura.

## Entrevista - 20

- 1. Quando está fora de Portugal e alguém lhe pergunta de onde é, o que responde?**

**R.** Portuguesa.

- 2. E o(s) seu(s) filho(s) o que acha que responderia(m)?**

**R.** Portugueses filhos de cabo-verdianos, normalmente é o que eles respondem.

- 3. Se houver um jogo de futebol, Portugal vrs Cabo-Verde, vai torcer por quem?**

**R.** Por Portugal porque nasci cá.

- 4. E por quem acha que torceria(m) o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Normalmente torcemos todos por Portugal.

- 5. Quando os seus pais lhe falavam do país de origem, que características lhe apontavam?**

**R.** Da alimentação, o peixinho que vinha do mar fresco e das cachoeiras de S<sup>o</sup>Antão, que eu estou doida para conhecer.

- 6. Conhece Cabo-verde?**

**R.** Não.

- 6.1. E gostaria de conhecer?**

**R.** Sim.

- 7. Acha que o(s) seu(s) filho(s) gostaria(m) de conhecer ou conhecem?**

**R.** Eles já conhecem eu é que não, eles foram primeiro do que eu.

- 8. Quando pensa em Cabo-Verde, o que lhe vem à cabeça?**

**R.** Miséria, dificuldades.

**9. Fala das suas origens ao(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Eles conhecem as minhas origens porque o meu pai falava-lhes de Cabo-verde. Eu não falo porque normalmente não falo do que não conheço e Cabo-Verde para mi é incógnito, só conheço mesmo da TV.

**10. Em que língua fala com o seu filho?**

**R.** Português.

**11. Eles percebem?**

**R.** Percebemos e falamos todos, mas não é que usem muito. Com os amigos.

**12. Que tipo de música se ouve em casa?**

**R. De** tudo um pouco.

**13. Que programas de TV costumam ver?**

**R.** Gostamos de RTP África, gostamos do programa “Nha terra, nha gente”, que é um programa sobre Cabo-Verde. E vemos os canais da TVCabo.

**14. Está ligado a alguma Associação cultural?**

**R.** Não.

**15. Com que objeto da sua casa os seus filhos mais se identifica?**

**R.** O computador.

**16. Se houvesse um incêndio em sua casa, o que levaria?**

**R.** Os meus filhos, mas de objetos não sei.

**17. Vê alguma vantagem em transmitir os valores da sua cultura de origem ao seu filho?**

**R.** Eu não tenho grande conhecimento da minha cultura de origem, mas o que sei eles estão a par. Um pouco da educação cabo-verdiana, o “não

seres preguiçoso”, tanto que eles têm mesmo o lema de “levantar cedo e cedo erguer, dá saúde e faz crescer”.

**18. Como é que festejou o nascimento do seu(s) filho(s)?**

**R.** Fiz o 7 da criança, a primeira bênção de Deus. Convidei os familiares e amigos mais próximos, comemos comida da terra, canjinha. Dançamos música de Cabo-verde.

**19. Costuma fazer festas?**

**R.** Faço poucas festas, só mesmo minis convívios.

**20. Os seus filhos sabem dançar?**

**R.** Sim.

**21. Que atividades de tempos livres tem o(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** A minha filha fazia parte de um grupo de danças africanas, mas agora saiu por causa da escola e o meu filho anda no futebol.

**22. O que costumam comer na Ceia de Natal?**

**R.** Bacalhau.

**23. O que é para si um bom jantar?**

**R.** Um guisado de galinha.

**24. E o(s) seu(s) filho(s) o que gosta(m) mais de comer?**

**R.** Batata frita, ovo.

**25. Alguma vez usou trajes tradicionais?**

**R.** Poucas, costumávamos vestir no verão.

**26. Os seus amigos, são maioritariamente portugueses ou de outra origem?**

**R.** Portugueses de origem cabo-verdiana.

**27. E os amigos do(s) seu(s) filho(s)?**

**R.** Portugueses mesmo.

**28. Que contacto é que tem com Cabo-Verde?**

**R.** Tenho uma tia que ainda reside lá e falamos por internet.

**29. E o teu filho não tem contacto?**

**R.** Têm com os amigos que lá fizeram.

**30. Ponha por ordem de importância os seus familiares, incluindo você.**

**R.** Eu, os meus filhos e o meu marido.

**31. Fale-me de uma figura Histórica. Alguém que, na sua opinião, fez algo de muito importante?**

**R.** Amália Rodrigues, acho que ela fez muito pela música.

**32. Acha que existem diferenças entre uma família de origem cabo-verdiana e uma família portuguesa?**

**R.** Às vezes na educação sim.

**33. Se respondeu sim, para si, quais são as principais diferenças?**

**R.** O português ficou um pouco liberal e os filhos abusaram um pouco e o cabo-verdiano com a rédea curta, o respeito predomina.

**34. Na sua opinião, quais os principais conflitos na comunidade cabo-verdiana?**

**R.** O cabo-verdiano é um pouco eufórico e quando estão todos juntos por vezes os ânimos sobem, o cabo-verdiano tem tudo a ver com vulcão, mas nada que não se resolva.

**35. Que tipo de desacordos, desentendimentos ou conflitos costuma haver entre si e a seu companheiro?**

**R.** Visto que eu já tinha dois filhos crescidos, é o fato dele não querer interferir na educação dos meus filhos.

**36. E pensa em algum tipo de apoio, ou alguma vez pensou, para resolver esses problemas?**

**R.** Não, porque acho que a comunicação resolve tudo e nós somos bastante comunicativos.

**37. Quando vai ao médico ou algum serviço público, sente que é tratado de forma diferente devido a sua origem?**

**R.** Muito sinceramente não, mas já vi pessoas a serem excluídas, não crio que seja pela origem mas pela forma de abordar.

**38. Gostaria que se tivesse em conta e que se respeitasse, a sua cultura de origem (língua materna, hábitos alimentares, rituais familiares), quando se dirige a um serviço público (hospitais, escolas, etc.), ou até mesmo no seu trabalho?**

**R.** Lógico, em qualquer lado, porque eu sou humana apesar de tudo, porque se respeito tenho de ser respeitada independentemente das minhas origens.



**ANEXO F – DADOS DO NVIVO  
NODE SUMMARY REPORT**

# Node Summary Report

## Project:

02-12-2011 18:00

### Identidade Cultural

### Tree Node

**Description** Se os entrevistados dizem ser cabo-verdianos ou portugueses.

**Created On** 25-03-2011 15:10 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:43 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 20

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	750	15192	751			0

### Identidade Cultural\Portuguesa

### Tree Node

**Description** Se os entrevistados se identificam como portugueses.

**Created On** 25-03-2011 15:11 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:43 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 20

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	219	3149	219			0

### Identidade Cultural\Cabo-verdiana

### Tree Node

**Description** Se os entrevistados se identificam como cabo-verdianos.

**Created On** 25-03-2011 15:15 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:43 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 20

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	376	9658	377			0

**Identidade Cultural\Indecisão ou outros** **Tree Node**

**Description** Quando os entrevistados não se definem 100% como cabo-verdianos, nem como portugueses.

**Created On** 05-06-2011 22:00 **By** SH

**Modified On** 19-11-2011 20:48 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 16

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	16	74	1715	74			0

**Identidade Cultural\Nenhum** **Tree Node**

**Description** Quando os entrevistados, no que diz respeito ao futebol, dizem que não torceriam nem por Portugal e nem por Cabo-verde.

**Created On** 16-10-2011 17:18 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:43 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 20

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	129	1669	129			0

**Valores associados à cultura cabo-verdiana** **Tree Node**

**Description** Valores associados à cultura cabo-verdiana.

**Created On** 25-03-2011 15:27 **By** SH

**Modified On** 23-10-2011 20:45 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 3

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	3	6	214	6			0

**Valores associados à cultura cabo-verdiana\Simpatia - Morabeza** **Tree Node**

**Description** Se vêem os cabo-verdianos como um povo simpático.

**Created On** 25-03-2011 15:18 **By** SH

**Modified On** 23-10-2011 15:30 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 1

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	1	2	24	2			0



**Valores associados à cultura cabo-verdiana\Respeito pela família** Tree Node

**Description** Respeito que o povo cabo-verdiano tem pela família.

**Created On** 25-03-2011 15:34 **By** SH

**Modified On** 23-10-2011 20:18 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 1

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	1	1	69	1			0

**Valores associados à cultura cabo-verdiana\Respeito pelas raízes** Tree Node

**Description** A importância dada à cultura de origem.

**Created On** 25-03-2011 16:00 **By** SH

**Modified On** 23-10-2011 15:30 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 1

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	1	1	26	1			0

**Valores associados à cultura cabo-verdiana\Humildade e bondade** Tree Node

**Description** Quando a humildade e a bondade aparecem associados a valores da cultura cabo-verdiana.

**Created On** 16-10-2011 16:02 **By** SH

**Modified On** 23-10-2011 20:32 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 2

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	2	2	95	2			0

**C.de Cabo-verde** Tree Node

**Description** Como é que os entrevistados caracterizam o país.

**Created On** 25-03-2011 15:31 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 18

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	18	47	660	47			0



**C.de Cabo-verde\Pobreza** **Tree Node**

**Description** Se identificam Cabo-verde como um país pobre.

**Created On** 25-03-2011 15:20 **By** SH

**Modified On** 23-10-2011 16:14 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 4

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	4	5	54	5			0

**C.de Cabo-verde\Características geográficas** **Tree Node**

**Description** Referências dos participantes a diferentes características geográficas de Cabo-verde, ex: mar, etc.

**Created On** 25-03-2011 15:44 **By** SH

**Modified On** 23-10-2011 20:32 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 15

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	15	22	233	22			0

**C.de Cabo-verde\Características do Povo Cabo-verdiano** **Tree Node**

**Description** Quando o entrevistado identifica o povo cabo-verdiano como sendo um povo simpático.

**Created On** 29-04-2011 15:53 **By** SH

**Modified On** 23-10-2011 18:00 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 7

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	7	13	251	13			0

**C.de Cabo-verde\Paraíso - paz** **Tree Node**

**Description** Quando os entrevistados referem Cabo-verde como um país de paz, um paraíso.

**Created On** 25-09-2011 16:45 **By** SH

**Modified On** 23-10-2011 17:29 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 3

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	3	3	21	3			0





**C.de Cabo-verde\Alegria - diversão** **Tree Node**

**Description** Quando os entrevistados pensão em Cabo-verde como sendo um país alegre onde há muita diversão.

**Created On** 25-09-2011 19:43 **By** SH

**Modified On** 23-10-2011 20:36 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 3

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	3	3	52	3			0

**C.de Cabo-verde\Comida e bebida** **Tree Node**

**Description** Quando os entrevistados referem que quando pensão em Cabo-verde lembram-se das comidas e bebidas.

**Created On** 16-10-2011 18:09 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 10

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	10	10	223	10			0

**Referente a...** **Tree Node**

**Description** Respostas do entrevistado referindo-se a si próprio, aos filhos ou à sua família.

**Created On** 25-03-2011 16:26 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:43 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 20

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	917	17919	920			0

**Referente a...\Próprio** **Tree Node**

**Description** Respostas referentes ao próprio.

**Created On** 25-03-2011 16:27 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:43 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 20

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	587	13238	588			0



Referente a... \Aos filhos					Tree Node		
Description		Respostas dadas pelo entrevistado, referindo-se aos filhos.					
Created On		25-03-2011 16:27		By	SH		
Modified On		20-11-2011 13:43		By	SH		
Users		1					
Cases		20					
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	248	3143	249			0

Referente a... \Família						Tree Node	
Description		Respostas que se referem à família dos entrevistados.					
Created On		05-06-2011 17:49		By	SH		
Modified On		20-11-2011 13:10		By	SH		
Users		1					
Cases		20					
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	106	1894	107			0

Vínculos a Cabo-verde						Tree Node	
Description		Diferentes formas de ligação a Cabo-verde.					
Created On		25-03-2011 16:42		By	SH		
Modified On		20-11-2011 13:10		By	SH		
Users		1					
Cases		20					
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	186	2618	187			0

Vínculos a Cabo-verde\Férias							Tree Node
Description		Se estiveram em Cabo-Verde de férias.					
Created On		29-04-2011 15:36		By	SH		
Modified On		28-10-2011 19:30		By	SH		
Users		1					
Cases		8					
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	8	10	109	11			0



**Vínculos a Cabo-verde\Referências às origens** Tree Node

**Description** Se os entrevistados fazem referencias às suas origens na relação com os filhos.

**Created On** 29-04-2011 16:06 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 17

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	17	20	474	20			0

**Vínculos a Cabo-verde\Referências às origens\Falar das origens aos filhos** Tree Node

**Description** Se os entrevistados falam, ou não, das suas origens aos filhos.

**Created On** 24-05-2011 21:48 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 17

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	17	18	466	18			0

**Vínculos a Cabo-verde\Referências às origens\Falar das origens aos filhos\Sim** Tree Node

**Description** Quando os entrevistados dizem falar das suas origens aos seus filhos.

**Created On** 24-05-2011 21:50 **By** SH

**Modified On** 28-10-2011 19:30 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 10

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	10	10	288	10			0

**Vínculos a Cabo-verde\Referências às origens\Falar das origens aos filhos\Não** Tree Node

**Description** Os entrevistados declaram não falar das suas aos filhos.

**Created On** 24-05-2011 21:51 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 7

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	7	8	178	8			0



**Vínculos a Cabo-verde\Língua - crioulo** **Tree Node**

**Description** Se os entrevistados e os filhos, percebem e ou falam o crioulo, língua materna.

**Created On** 29-04-2011 16:09 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 20

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	57	794	57			0

**Vínculos a Cabo-verde\Língua - crioulo\Entendimento** **Tree Node**

**Description** Se os entrevistados entendem e/ou falam o crioulo.

**Created On** 29-04-2011 16:21 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 20

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	37	542	37			0

**Vínculos a Cabo-verde\Língua - crioulo\Entendimento\Entendo e falo** **Tree Node**

**Description** Se os entrevistados entendem e falam crioulo.

**Created On** 29-04-2011 16:13 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 15

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	15	20	323	20			0

**Vínculos a Cabo-verde\Língua - crioulo\Entendimento\Entendo mas não falo.** **Tree Node**

**Description** Quando os entrevistados entendem a língua materna mas não falam.

**Created On** 29-04-2011 16:14 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 12

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	12	17	221	17			0





**Vínculos a Cabo-verde\Língua - crioulo\Entendimento\Não falo e não entendo.** **Tree Node**

**Description** No caso dos entrevistados não entenderem e nem falarem o crioulo.

**Created On** 29-04-2011 16:15 **By** SH

**Modified On** 16-10-2011 17:01 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 2

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	2	2	21	2			0

**Vínculos a Cabo-verde\Língua - crioulo\Utilização da língua na relação com os filhos** **Tree Node**

**Description** Se os entrevistados falam crioulo com os filhos.

**Created On** 29-04-2011 16:22 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 20

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	20	174	20			0

**Vínculos a Cabo-verde\Língua - crioulo\Utilização da língua na relação com os filhos\Sim** **Tree Node**

**Description** Quando os entrevistados falam crioulo com os filhos.

**Created On** 29-04-2011 16:23 **By** SH

**Modified On** 28-10-2011 19:30 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 9

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	9	9	127	9			0

**Vínculos a Cabo-verde\Língua - crioulo\Utilização da língua na relação com os filhos\Não** **Tree Node**

**Description** Quando os entrevistados não falam crioulo com os filhos.

**Created On** 29-04-2011 16:24 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 12

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	12	12	49	12			0



**Vínculos a Cabo-verde\Trajes tradicionais africanos** **Tree Node**

**Description** Se os entrevistados e/ou os filhos já usaram trajes e/ou adereços tradicionais africanos.

**Created On** 30-04-2011 20:21 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 20

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	39	456	39			0

**Vínculos a Cabo-verde\Trajes tradicionais africanos\Sim** **Tree Node**

**Description** Quando os entrevistados e/ou os filhos já usaram trajes tradicionais cabo-verdianos.

**Created On** 30-04-2011 20:22 **By** SH

**Modified On** 28-10-2011 19:30 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 12

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	12	19	373	19			0

**Vínculos a Cabo-verde\Trajes tradicionais africanos\Sim\Em que ocasião** **Tree Node**

**Description** Em que ocasião é que vestiram trajes tradicionais cabo-verdianos.

**Created On** 30-04-2011 20:24 **By** SH

**Modified On** 28-10-2011 19:30 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 10

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	10	16	327	16			0

**Vínculos a Cabo-verde\Trajes tradicionais africanos\Sim\Em que ocasião\No Verão** **Tree Node**

**Description** Quando os entrevistados referem ter vestido trajes tradicionais africanos na época do Verão.

**Created On** 25-09-2011 18:54 **By** SH

**Modified On** 28-10-2011 19:30 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 4

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	4	5	108	5			0



**Vínculos a Cabo-verde\Trajes tradicionais africanos\Sim\Em que ocasião\Nas festas e** **Tree Node**

**Description** Quando os entrevistados referem ter vestido trajes tradicionais africanos em festas e espetáculos.

**Created On** 25-09-2011 18:56 **By** SH

**Modified On** 28-10-2011 19:30 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 6

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	6	8	205	8			0

**Vínculos a Cabo-verde\Trajes tradicionais africanos\Sim\Em que ocasião\No dia-à-dia** **Tree Node**

**Description** Quando os entrevistados referem ter vestido trajes tradicionais africanos no dia-à-dia.

**Created On** 25-09-2011 18:57 **By** SH

**Modified On** 28-10-2011 19:30 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 3

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	3	3	66	3			0

**Vínculos a Cabo-verde\Trajes tradicionais africanos\Não** **Tree Node**

**Description** Quando os entrevistados e/ou os filhos nunca usaram trajes tradicionais cabo-verdianos.

**Created On** 30-04-2011 20:23 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 12

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	12	20	83	20			0

**Vínculos a Cabo-verde\Contacto com Cabo-verde** **Tree Node**

**Description** Se os entrevistados e/ou os seus filhos têm algum contacto com Cabo-verde, com familiares e/ou amigos.

**Created On** 30-04-2011 21:05 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 20

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	38	421	38			0



**Vínculos a Cabo-verde\Contacto com Cabo-verde\Sim** **Tree Node**

**Description** Sim têm contacto com familiares e/ou amigos que estão em Cabo-verde.

**Created On** 30-04-2011 21:06 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 13

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	13	19	270	19			0

**Vínculos a Cabo-verde\Contacto com Cabo-verde\Não** **Tree Node**

**Description** Não têm qualquer contacto.

**Created On** 30-04-2011 21:07 **By** SH

**Modified On** 28-10-2011 19:30 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 12

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	12	19	151	19			0

**Vínculos a Cabo-verde\Gostaria de conhecer** **Tree Node**

**Description** Quando os entrevistados não conhecem Cabo-verde mas dizem que gostariam de conhecer.

**Created On** 24-05-2011 21:26 **By** SH

**Modified On** 28-10-2011 19:03 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 17

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	17	29	400	29			0

**Vínculos a Cabo-verde\Não gostaria de conhecer** **Tree Node**

**Description** Quando o entrevistado declara não ter vontade de conhecer Cabo-verde.

**Created On** 16-10-2011 16:55 **By** SH

**Modified On** 16-10-2011 16:58 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 1

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	1	2	80	2			0





## Hábitos e gostos familiares Tree Node

**Description** Tudo o que faz parte da rotina da família, gostos e hábitos.

**Created On** 30-04-2011 17:22 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:43 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 20

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	221	3708	222			0

## Hábitos e gostos familiares\Tipo de música Tree Node

**Description** As músicas que os entrevistados e a família gostam de ouvir.

**Created On** 30-04-2011 17:24 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 20

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	27	368	27			0

## Hábitos e gostos familiares\Tipo de música\Vários estilos de música Tree Node

**Description** Quando os entrevistados referem ouvir vários estilos de música.

**Created On** 30-04-2011 18:07 **By** SH

**Modified On** 23-10-2011 17:46 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 8

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	8	9	162	9			0

## Hábitos e gostos familiares\Tipo de música\Música Cabo-verdiana e ou africana Tree Node

**Description** Vários estilos de música cabo-verdiana como: o funaná, batuque e estilos africanos no geral.

**Created On** 30-04-2011 18:19 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 15

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	15	17	181	17			0



**Hábitos e gostos familiares\Tipo de música\Música portuguesa** **Tree Node**

**Description** Quando os entrevistados declaram ouvir música portuguesa.

**Created On** 05-05-2011 12:46 **By** SH

**Modified On** 28-10-2011 19:11 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 2

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	2	2	28	2			0

**Hábitos e gostos familiares\Programas de TV** **Tree Node**

**Description** Quais os programas de TV que costumam ver em casa.

**Created On** 30-04-2011 17:25 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 20

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	23	305	23			0

**Hábitos e gostos familiares\Programas de TV\Programas relacionados com Cabo-verde ou** **Tree Node**

**Description** Programas informativos, musicais ou de entretenimento, relacionados não só com Cabo-verde mas também com África no geral.

**Created On** 30-04-2011 18:34 **By** SH

**Modified On** 28-10-2011 19:30 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 10

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	10	10	166	10			0

**Hábitos e gostos familiares\Programas de TV\Outros programas** **Tree Node**

**Description** Novelas e outros programas mencionados pelos entrevistados.

**Created On** 30-04-2011 18:36 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 18

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	18	18	201	18			0



Hábitos e gostos familiares\Alimentação							Tree Node
Description		O que estas famílias gostam e costumam comer.					
Created On		30-04-2011 17:26	By	SH			
Modified On		20-11-2011 13:10	By	SH			
Users		1					
Cases		20					
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	85	1465	85			0

Hábitos e gostos familiares\Alimentação\Ceia de Natal							Tree Node
Description		O que a família costuma comer na ceia de Natal.					
Created On		30-04-2011 20:08	By	SH			
Modified On		20-11-2011 13:10	By	SH			
Users		1					
Cases		20					
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	22	430	22			0

Hábitos e gostos familiares\Alimentação\Ceia de Natal\Comida portuguesa							Tree Node
Description		Se na ceia de Natal comem comida portuguesa.					
Created On		30-04-2011 20:08	By	SH			
Modified On		20-11-2011 13:10	By	SH			
Users		1					
Cases		19					
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	19	19	371	19			0

Hábitos e gostos familiares\Alimentação\Ceia de Natal\Comida cabo-verdiana							Tree Node
Description		Se na Ceia de Natal comem comida tradicional cabo-verdiana.					
Created On		30-04-2011 20:09		By	SH		
Modified On		06-11-2011 16:08		By	SH		
Users		1					
Cases		7					
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	7	7	142	7			0



**Hábitos e gostos familiares\Alimentação\Ceia de Natal\Geral** **Tree Node**

**Description** Quando os entrevistados identificam uma comida que não é típica nem de Cabo-verde, nem de Portugal.

**Created On** 22-05-2011 21:17 **By** SH

**Modified On** 22-05-2011 21:17 **By** SH

**Users** 0

**Cases** 0

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total			0	0		00:00:00	0

**Hábitos e gostos familiares\Alimentação\Comidas preferidas** **Tree Node**

**Description** As comidas que os entrevistados e os filhos mais gostam de comer.

**Created On** 30-04-2011 20:11 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 20

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	40	530	40			0

**Hábitos e gostos familiares\Alimentação\Comidas preferidas\Comida portuguesa** **Tree Node**

**Description** Se referem gostar mais de algum prato típico português.

**Created On** 30-04-2011 20:13 **By** SH

**Modified On** 28-10-2011 19:03 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 7

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	7	9	105	9			0

**Hábitos e gostos familiares\Alimentação\Comidas preferidas\Comida cabo-verdiana** **Tree Node**

**Description** Se referem preferir algum prato típico cabo-verdiano.

**Created On** 30-04-2011 20:15 **By** SH

**Modified On** 28-10-2011 19:30 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 4

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	4	5	53	5			0





## Hábitos e gostos familiares\Alimentação\Comidas preferidas\Geral Tree Node

**Description** Quando não se faz referência a nenhuma comida em especial.

**Created On** 30-04-2011 20:16 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 18

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	18	28	403	28			0

## Hábitos e gostos familiares\Alimentação\Festividades Tree Node

**Description** Relativamente ao que é habito comer nas festas.

**Created On** 05-06-2011 17:50 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 18

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	18	23	505	23			0

## Hábitos e gostos familiares\Alimentação\Festividades\Comida cabo-verdiana Tree Node

**Description** Quando se faz referencia às comidas tipicamente cabo-verdianas.

**Created On** 05-06-2011 19:29 **By** SH

**Modified On** 28-10-2011 19:30 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 11

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	11	13	287	13			0

## Hábitos e gostos familiares\Alimentação\Festividades\Comida típica portuguesa Tree Node

**Description** Quando fazem referência a comidas tipicamente portuguesas.

**Created On** 05-06-2011 19:30 **By** SH

**Modified On** 28-10-2011 19:30 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 5

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	5	5	75	5			0



## Hábitos e gostos familiares\Alimentação\Festividades\Geral Tree Node

**Description** Quando as comidas referenciadas não são tipicamente cabo-verdianas e nem portuguesas.

**Created On** 05-06-2011 19:31 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 9

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	9	9	269	9			0

## Hábitos e gostos familiares\Festas Tree Node

**Description** Se os entrevistados costumam fazer muitas festas ou não. E tudo relacionado com essas festas.

**Created On** 30-04-2011 19:28 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 20

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	79	1428	80			0

## Hábitos e gostos familiares\Festas\Muitas festas Tree Node

**Description** Se costumam fazer muitas festas.

**Created On** 30-04-2011 19:29 **By** SH

**Modified On** 28-10-2011 19:30 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 10

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	10	13	173	13			0

## Hábitos e gostos familiares\Festas\Poucas festas Tree Node

**Description** Quando os entrevistados referem não fazer muitas festas.

**Created On** 30-04-2011 19:29 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 10

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	10	10	97	10			0



**Hábitos e gostos familiares\Festas\Aniversário dos filhos** Tree Node

**Description** Como festejam os aniversários

**Created On** 30-04-2011 19:46 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 17

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	17	32	780	33			0

**Hábitos e gostos familiares\Festas\Danças** Tree Node

**Description** Se costumam dançar e que tipo de danças.

**Created On** 30-04-2011 19:51 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 20

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	32	480	32			0

**Hábitos e gostos familiares\Festas\Danças\Sabem danças relacionadas com CV ou África** Tree Node

**Description** Quando fazem referência a danças tradicionais cabo-verdianas e ou africanas no geral.

**Created On** 30-04-2011 19:53 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 15

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	15	16	215	16			0

**Hábitos e gostos familiares\Festas\Danças\Sabem outros estilos** Tree Node

**Description** Quando referem dançar outros estilos de dança.

**Created On** 30-04-2011 19:54 **By** SH

**Modified On** 28-10-2011 19:30 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 8

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	8	10	169	10			0



**Hábitos e gostos familiares\Festas\Danças\Não sabem dançar** **Tree Node**

**Description** Se os entrevistados referem que os filhos não sabem dançar.

**Created On** 30-04-2011 20:04 **By** SH

**Modified On** 23-10-2011 20:06 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 2

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	2	2	57	2			0

**Hábitos e gostos familiares\Festas\Convidados** **Tree Node**

**Description** Quem é que costuma ser convidado para as festas.

**Created On** 25-05-2011 19:34 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 18

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	18	21	632	21			0

**Hábitos e gostos familiares\Festas\Convidados\Familiares** **Tree Node**

**Description** As festas são só entre família.

**Created On** 25-05-2011 19:35 **By** SH

**Modified On** 28-10-2011 19:03 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 4

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	4	4	70	4			0

**Hábitos e gostos familiares\Festas\Convidados\Familiares e amigos** **Tree Node**

**Description** Quando as festas são compostas por familiares e amigos.

**Created On** 25-05-2011 19:36 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 15

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	15	17	562	17			0





Hábitos e gostos familiares\Actividades de tempos livres							Tree Node
Description		Quais as actividades de tempos livres, dos filhos.					
Created On		30-04-2011 20:30	By	SH			
Modified On		20-11-2011 13:43	By	SH			
Users		1					
Cases		20					
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	20	431	20			0

Hábitos e gostos familiares\Actividades de tempos livres\Nenhuma							Tree Node
Description		Os filhos não têm actividades de tempos livres.					
Created On		30-04-2011 20:31		By	SH		
Modified On		20-11-2011 13:10		By	SH		
Users		1					
Cases		5					
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	5	5	143	5			0

Hábitos e gostos familiares\Actividades de tempos livres\Desporto							Tree Node
Description		Quando os filhos praticam alguma actividade desportiva nos tempos livres.					
Created On		30-04-2011 20:34	By	SH			
Modified On		20-11-2011 13:43	By	SH			
Users		1					
Cases		10					
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	10	10	203	10			0

Hábitos e gostos familiares\Actividades de tempos livres\Escolares							Tree Node
Description		Quando os filhos apenas têm actividades na escola.					
Created On		30-04-2011 20:39		By	SH		
Modified On		20-11-2011 13:43		By	SH		
Users		1					
Cases		5					
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	5	5	122	5			0



**Hábitos e gostos familiares\Actividades de tempos livres\Passear ao ar livre. Tree Node**

**Description** Quando referem que os filhos gostam essencialmente de passear ao ar livre.

**Created On** 30-04-2011 20:40 **By** SH

**Modified On** 28-10-2011 18:56 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 2

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	2	2	66	2			0

**Hábitos e gostos familiares\Actividades de tempos livres\Actividades ligadas a CV ou a África Tree Node**

**Description** Quando os entrevistados declaram que os filhos têm actividades de tempos livres, relacionadas com Cabo-verde ou África no geral, por exemplo, dança africana, etc.

**Created On** 15-10-2011 14:26 **By** SH

**Modified On** 23-10-2011 18:02 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 2

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	2	2	40	2			0

**Ligação a alguma Associação Cultural Tree Node**

**Description** Se os entrevistados estão ou já estiveram ligados a alguma Associação Cultural cabo-verdiana.

**Created On** 30-04-2011 18:40 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 20

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	24	578	24			0

**Ligação a alguma Associação Cultural\Faz parte ou já fez Tree Node**

**Description** Quando os entrevistados estão ligados a alguma Associação Cultural cabo-verdiana, ou já estiveram.

**Created On** 30-04-2011 18:41 **By** SH

**Modified On** 28-10-2011 19:30 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 11

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	11	11	316	11			0



**Ligação a alguma Associação Cultural\Não** **Tree Node**

**Description** Se os entrevistados não fazem e nunca fizeram parte de alguma Associação Cultural cabo-verdiana.

**Created On** 30-04-2011 18:42 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 9

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	9	9	38	9			0

**Ligação a alguma Associação Cultural\Actividades desenvolvidas na Associação** **Tree Node**

**Description** As actividades em que os entrevistados participam ou participavam na Associação Cultural cabo-verdiana.

**Created On** 30-04-2011 18:45 **By** SH

**Modified On** 28-10-2011 19:30 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 11

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	11	11	420	11			0

**Caso de Incêndio** **Tree Node**

**Description** O que os entrevistados levariam em caso de um incêndio em casa.

**Created On** 30-04-2011 18:56 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 20

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	23	328	23			0

**Caso de Incêndio\Os filhos** **Tree Node**

**Description** Quando os entrevistados referem que levariam apenas os filhos.

**Created On** 30-04-2011 19:00 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 12

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	12	12	150	12			0



**Caso de Incêndio\Os documentos pessoais** Tree Node

**Description** Quando os entrevistados referem que levariam os documentos pessoais.

**Created On** 30-04-2011 19:00 **By** SH

**Modified On** 23-10-2011 20:32 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 4

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	4	4	69	4			0

**Caso de Incêndio\Animais domésticos** Tree Node

**Description** Quando os entrevistados referem levar os animais domésticos.

**Created On** 30-04-2011 19:01 **By** SH

**Modified On** 16-10-2011 15:27 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 1

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	1	1	13	1			0

**Caso de Incêndio\Nada** Tree Node

**Description** Quando referem não levar nada.

**Created On** 30-04-2011 19:02 **By** SH

**Modified On** 23-10-2011 15:36 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 1

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	1	1	21	1			0

**Caso de Incêndio\Objectos relacionados como país de origem ou com África** Tree Node

**Description** Quando os entrevistados referem levar algum objecto de decoração, relacionados com Cabo-verde ou artesanato africano.

**Created On** 30-04-2011 19:03 **By** SH

**Modified On** 23-10-2011 18:02 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 1

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	1	1	35	1			0





Caso de Incêndio\Outros objectos	Tree Node
----------------------------------	-----------

**Description** Quando os entrevistados referem que levariam objectos como: TV, Roupas e etc.

**Created On** 30-04-2011 19:04 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 9

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	9	9	131	9			0

Transmissão da cultura do país de origem	Tree Node
--	-----------

**Description** Se os entrevistados acham importante transmitir a cultura e os valores do país de origem, aos seus filhos.

**Created On** 30-04-2011 19:09 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 19

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	19	22	836	22			0

Transmissão da cultura do país de origem\Sim	Tree Node
--	-----------

**Description** Quando os entrevistados acham importante transmitir a cultura e os valores do país de origem, aos seus filhos.

**Created On** 30-04-2011 19:10 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 16

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	16	19	779	19			0

Transmissão da cultura do país de origem\Não	Tree Node
--	-----------

**Description** Quando os entrevistados não acham importante transmitir a cultura e os valores do país de origem, aos seus filhos.

**Created On** 30-04-2011 19:11 **By** SH

**Modified On** 28-10-2011 19:03 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 3

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	3	4	131	4			0



Figuras Históricas						Tree Node	
Description		As pessoas importantes que os entrevistados referem como sendo históricas.					
Created On		30-04-2011 19:15		By	SH		
Modified On		20-11-2011 13:43		By	SH		
Users		1					
Cases		20					
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	26	609	26			0

Figuras Históricas\Ligada a CV e ou à cultura Áfro							Tree Node
Description		Quando os entrevistados fazem referencia a figuras históricas ligadas a Cabo-verde A cultura Áfro.					
Created On		30-04-2011 19:17	By	SH			
Modified On		20-11-2011 13:10	By	SH			
Users		1					
Cases		9					
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	9	15	417	15			0

Figuras Históricas\Outras							Tree Node
Description		Outros nomes referenciados pelos entrevistados como sendo figuras históricas.					
Created On		30-04-2011 19:23		By	SH		
Modified On		23-10-2011 20:06		By	SH		
Users		1					
Cases		5					
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	5	5	145	5			0

Figuras Históricas\Nenhuma							Tree Node
Description		Quando os entrevistados não referiram nenhuma figura histórica.					
Created On		30-04-2011 19:24	By	SH			
Modified On		20-11-2011 13:43	By	SH			
Users		1					
Cases		4					
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	4	4	23	4			0



**Figuras Históricas\Ligada a Portugal****Tree Node****Description** Quando os entrevistados falam de uma figura Histórica portuguesa.**Created On** 22-05-2011 21:03 **By** SH**Modified On** 23-10-2011 20:32 **By** SH**Users** 1**Cases** 2

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	2	2	24	2			0

**Nascimento dos filhos****Tree Node****Description** De que forma festejaram o nascimento dos filhos, segundo a tradição cabo-verdiana ou não.**Created On** 30-04-2011 19:35 **By** SH**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH**Users** 1**Cases** 20

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	21	757	21			0

**Nascimento dos filhos\Tradicionalmente CV****Tree Node****Description** Com uma festa tradicional cabo-verdiana que se faz ao sete dia do nascimento da criança "Sete" ou primeiro baptismo.**Created On** 30-04-2011 19:35 **By** SH**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH**Users** 1**Cases** 5

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	5	5	241	5			0

**Nascimento dos filhos\De forma n tradicional CV****Tree Node****Description** Quando referem ter ficado muito felizes mas não fizeram nenhuma festa.**Created On** 30-04-2011 19:38 **By** SH**Modified On** 28-10-2011 19:30 **By** SH**Users** 1**Cases** 15

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	15	16	516	16			0



Amigos				Tree Node			
Description		Qual a origem dos amigos dos entrevistados e dos filhos destes.					
Created On		30-04-2011 20:49		By	SH		
Modified On		20-11-2011 13:43		By	SH		
Users		1					
Cases		20					
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	40	430	40			0

Amigos\Origem portuguesa							Tree Node
Description		Os amigos são maioritariamente portugueses.					
Created On		30-04-2011 20:49	By	SH			
Modified On		28-10-2011 18:56	By	SH			
Users		1					
Cases		6					
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	6	8	55	8			0

Amigos\Origem cabo-verdiana							Tree Node
Description		Os amigos são maioritariamente de origem cabo-verdiana.					
Created On		30-04-2011 20:50		By	SH		
Modified On		20-11-2011 13:43		By	SH		
Users		1					
Cases		13					
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	13	21	236	21			0

Amigos\Outras origens							Tree Node
Description		Os amigos são de outras origens.					
Created On		30-04-2011 20:50		By	SH		
Modified On		05-06-2011 18:53		By	SH		
Users		0					
Cases		0					
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total			0	0		00:00:00	0





## Amigos\Mistos Tree Node

**Description** Quando os amigos são de várias origens diferentes, para além da portuguesa e da cabo-verdiana.

**Created On** 25-05-2011 20:14 **By** SH

**Modified On** 23-10-2011 19:44 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 7

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	7	11	139	11			0

## Famílias Tree Node

**Description** Referências às famílias portuguesas e cabo-verdianas.

**Created On** 30-04-2011 21:31 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:43 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 20

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	54	1591	54			0

## Famílias\C. famílias cabo-verdianas Tree Node

**Description** Como os entrevistados caracterizam as famílias cabo-verdianas.

**Created On** 25-03-2011 15:40 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 17

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	17	24	889	24			0

## Famílias\C. famílias cabo-verdianas\Proximidade e afectividade Tree Node

**Description** Proximidade nas relações familiares.

**Created On** 25-03-2011 15:43 **By** SH

**Modified On** 19-11-2011 18:43 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 7

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	7	8	307	8			0



**Famílias\C. famílias cabo-verdianas\Comunicação** **Tree Node**

**Description** Estas famílias são referenciadas como sendo mais comunicativas.

**Created On** 30-04-2011 21:38 **By** SH

**Modified On** 28-10-2011 18:56 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 1

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	1	1	49	1			0

**Famílias\C. famílias cabo-verdianas\Humildade** **Tree Node**

**Description** Quando as famílias cabo-verdianas são caracterizadas pela sua humildade e falta de materialismo.

**Created On** 26-05-2011 17:39 **By** SH

**Modified On** 23-10-2011 14:56 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 1

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	1	1	28	1			0

**Famílias\C. famílias cabo-verdianas\União - Entre-ajuda** **Tree Node**

**Description** Quando as famílias cabo-verdianas são referenciadas como sendo mais unidas.

**Created On** 07-06-2011 22:36 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 8

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	8	8	332	8			0

**Famílias\C. famílias cabo-verdianas\Festivos** **Tree Node**

**Description** Quando o entrevistado caracteriza as famílias/ o povo cabo-verdiano é muito festivo.

**Created On** 23-09-2011 18:48 **By** SH

**Modified On** 28-10-2011 19:03 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 6

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	6	6	153	6			0



**Famílias\C. famílias cabo-verdianas\Reservados e menos tolerantes** **Tree Node**

**Description** Quando os entrevistados identificam a família cabo-verdiana como sendo mais reservada e menos tolerante em relação à educação dos filhos e etc.

**Created On** 15-10-2011 15:24 **By** SH

**Modified On** 23-10-2011 19:41 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 1

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	1	1	58	1			0

**Famílias\C. famílias cabo-verdianas\Valores culturais e familiares** **Tree Node**

**Description** Quando os entrevistado referem que umas das diferenças entre as família cabo-verdianas e portuguesas é a preservação dos valores por parte dos cabo-verdianos.

**Created On** 15-10-2011 17:46 **By** SH

**Modified On** 19-11-2011 18:43 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 4

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	4	4	254	4			0

**Famílias\C. famílias portuguesas** **Tree Node**

**Description** Como os entrevistados caracterizam as famílias portuguesas.

**Created On** 25-03-2011 15:42 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:43 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 13

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	13	14	529	14			0

**Famílias\C. famílias portuguesas\Materialistas** **Tree Node**

**Description** Quando os portugueses são caracterizados como sendo materialista.

**Created On** 26-05-2011 17:37 **By** SH

**Modified On** 23-10-2011 20:32 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 3

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	3	3	172	3			0



**Famílias\C. famílias portuguesas\Frios- pouco afectuosos** **Tree Node**

**Description** Quando os entrevistados caracterizam os português como sendo pouco afectuosos, mais frios.

**Created On** 23-09-2011 18:50 **By** SH

**Modified On** 06-11-2011 16:13 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 5

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	5	5	130	5			0

**Famílias\C. famílias portuguesas\Comportamento cívico** **Tree Node**

**Description** Quando os entrevistado referem que umas das diferenças entre as família cabo-verdianas e portuguesas é a preservação dos valores por parte dos cabo-verdianos.

**Created On** 15-10-2011 18:45 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 2

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	2	2	38	2			0

**Famílias\C. famílias portuguesas\Mais afectuosos** **Tree Node**

**Description** Quando os entrevistados declaram que a família portuguesa é mais afectuosa.

**Created On** 16-10-2011 19:19 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:43 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 1

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	1	1	59	1			0

**Famílias\C. famílias portuguesas\Permissivos** **Tree Node**

**Description** Quando os entrevistados referem que a família portuguesa é mais permissiva no que se refere à educação dos filhos.

**Created On** 16-10-2011 19:53 **By** SH

**Modified On** 23-10-2011 20:43 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 1

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	1	1	29	1			0





**Famílias\C. famílias portuguesas\Não cuidam dos seus idosos** **Tree Node**

**Description** Quando os entrevistados referem que as famílias portuguesas põem os idosos no Lar e os cabo-verdianos não.

**Created On** 23-10-2011 15:00 **By** SH

**Modified On** 19-11-2011 18:44 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 2

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	2	2	101	2			0

**Famílias\Existem diferenças** **Tree Node**

**Description** Se na opinião dos entrevistados, existem diferenças entre as famílias portuguesas e as famílias cabo-verdianas.

**Created On** 30-04-2011 21:33 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:43 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 19

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	19	21	743	21			0

**Famílias\Existem diferenças\Sim** **Tree Node**

**Description** Na opinião dos entrevistados existem diferenças entre as famílias portuguesas e as cabo-verdianas.

**Created On** 30-04-2011 21:34 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:43 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 19

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	19	21	743	21			0

**Famílias\Existem diferenças\Não** **Tree Node**

**Description** Na opinião dos entrevistados não existem diferenças entre as famílias portuguesas e as cabo-verdianas.

**Created On** 30-04-2011 21:35 **By** SH

**Modified On** 05-06-2011 19:16 **By** SH

**Users** 0

**Cases** 0

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total			0	0		00:00:00	0



**Famílias\Familiars por ordem de importância.** **Tree Node**

**Description** Como é que os entrevistados classificam as pessoas da sua família tendo em conta a importância destas nas suas vidas.

**Created On** 30-04-2011 21:24 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:43 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 20

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	20	434	20			0

**Famílias\Familiars por ordem de importância.\Filhos em primeiro lugar** **Tree Node**

**Description** Quando colocam os filhos em primeiro lugar.

**Created On** 30-04-2011 21:27 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:43 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 12

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	12	12	256	12			0

**Famílias\Familiars por ordem de importância.\A mãe em primeiro lugar** **Tree Node**

**Description** Quando colocam a mãe em primeiro lugar.

**Created On** 30-04-2011 21:28 **By** SH

**Modified On** 28-10-2011 18:56 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 3

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	3	3	76	3			0

**Famílias\Familiars por ordem de importância.\O próprio** **Tree Node**

**Description** Quando se colocam em primeiro lugar.

**Created On** 30-04-2011 21:28 **By** SH

**Modified On** 23-10-2011 19:41 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 5

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	5	5	102	5			0



<b>Conflitos</b>	<b>Tree Node</b>
------------------	------------------

**Description** Conflitos, desacordos ou desentendimentos que possam existir na comunidade e entre os casais entrevistados.

**Created On** 05-05-2011 12:03 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:43 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 20

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	65	1952	65			0

<b>Conflitos\Conflitos da comunidade</b>	<b>Tree Node</b>
--	------------------

**Description** Na opinião dos entrevistados, quais são os principais conflitos da comunidade cabo-verdiana.

**Created On** 30-04-2011 21:40 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:43 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 19

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	19	24	1012	24			0

<b>Conflitos\Conflitos da comunidade\Social - habitacional</b>	<b>Tree Node</b>
--	------------------

**Description** Quando os problemas a nível social, como a habitação, são indicados como sendo os principais conflitos da comunidade.

**Created On** 30-04-2011 21:41 **By** SH

**Modified On** 19-11-2011 18:43 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 5

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	5	5	220	5			0

<b>Conflitos\Conflitos da comunidade\Nenhum</b>	<b>Tree Node</b>
---	------------------

**Description** Quando os entrevistados não conseguem identificar nenhum conflito.

**Created On** 30-04-2011 21:42 **By** SH

**Modified On** 28-10-2011 18:56 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 3

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	3	3	19	3			0



### Conflitos\Conflitos da comunidade\Integração e língua Tree Node

**Description** Quando a integração ou a falta desta, é apontada como o principal problema.

**Created On** 30-04-2011 21:46 **By** SH

**Modified On** 28-10-2011 19:30 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 7

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	7	7	444	7			0

### Conflitos\Conflitos da comunidade\Intolerância - Rivalidade Tree Node

**Description** Quando a intolerância e a rivalidade são apontadas como os principais conflitos existentes na comunidade cabo-verdiana.

**Created On** 07-06-2011 22:33 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:43 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 6

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	6	7	222	7			0

### Conflitos\Conflitos da comunidade\Inveja e coscuvilhice Tree Node

**Description** Quando os entrevistados identificam a inveja e a coscuvilhice como sendo os principais conflitos da comunidade cabo-verdiana.

**Created On** 25-09-2011 19:17 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:10 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 3

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	3	3	135	3			0

### Conflitos\Conflitos da comunidade\Documentação - nacionalidade portuguesa Tree Node

**Description** Quando os utentes referem os problemas com a documentaç

**Created On** 25-09-2011 20:45 **By** SH

**Modified On** 23-10-2011 17:53 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 2

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	2	2	88	2			0





**Conflitos\Conflitos entre o casal** **Tree Node**

**Description** Os principais conflitos, desacordos ou desentendimentos existentes entre os casais.

**Created On** 05-05-2011 12:07 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:43 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 20

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	35	894	35			0

**Conflitos\Conflitos entre o casal\Educação dos filhos** **Tree Node**

**Description** Quando as questões relacionadas com a educação dos filhos é o principal motivo de conflito.

**Created On** 05-05-2011 12:12 **By** SH

**Modified On** 28-10-2011 18:56 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 3

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	3	3	73	3			0

**Conflitos\Conflitos entre o casal\Ciúmes** **Tree Node**

**Description** Quando os ciúmes são o principal motivo de conflito.

**Created On** 05-05-2011 12:28 **By** SH

**Modified On** 19-11-2011 18:43 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 5

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	5	6	113	6			0

**Conflitos\Conflitos entre o casal\Dinheiro** **Tree Node**

**Description** Quando os entrevistados apontam o dinheiro ou a falta deste, como o principal motivo de conflito.

**Created On** 05-05-2011 12:29 **By** SH

**Modified On** 23-10-2011 20:32 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 3

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	3	3	86	3			0



**Conflitos\Conflitos entre o casal\Educação e culturas diferentes**
**Tree Node**

**Description** Quando os entrevistados dizem que o principal conflito entre o casal é o facto de terem tido educações diferentes.

**Created On** 25-09-2011 20:57 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:43 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 6

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	6	6	314	6			0

**Conflitos\Conflitos entre o casal\Resolução de conflitos - mediação**
**Tree Node**

**Description** Como é que os entrevistados resolvem os seus conflitos e se vêm necessidade de apoio externo, profissional.

**Created On** 05-05-2011 12:09 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:43 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 19

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	19	20	347	20			0

**Conflitos\Conflitos entre o casal\Resolução de conflitos - mediação\Sim**
**Tree Node**

**Description** Quando acham importante o apoio externo, apoio profissional.

**Created On** 05-05-2011 12:11 **By** SH

**Modified On** 28-10-2011 19:43 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 5

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	5	5	107	5			0

**Conflitos\Conflitos entre o casal\Resolução de conflitos - mediação\Não**
**Tree Node**

**Description** Quando acham que não é necessário nem um tipo de apoio extra-familiar, profissional.

**Created On** 05-05-2011 12:11 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:43 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 14

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	14	15	240	15			0



Conflitos\Conflitos entre o casal\Outros							Tree Node
Description		Quando os entrevistados apontam outro tipo de conflitos existentes entre o casal.					
Created On		16-10-2011 15:08	By	SH			
Modified On		28-10-2011 19:43	By	SH			
Users		1					
Cases		5					
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	5	6	131	6			0

Discriminação						Tree Node	
Description		Se os entrevistados ou os filhos já se sentiram discriminados devido às suas origens.					
Created On		05-05-2011 12:16		By	SH		
Modified On		20-11-2011 13:43		By	SH		
Users		1					
Cases		20					
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	40	826	40			0

Discriminação\Sim							Tree Node
Description		Quando verbalizam já se terem sentido discriminados.					
Created On		05-05-2011 12:17	By	SH			
Modified On		20-11-2011 13:10	By	SH			
Users		1					
Cases		4					
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	4	9	546	9			0

Discriminação\Não							Tree Node
Description		Quando declaram nunca terem sido discriminados.					
Created On		05-05-2011 12:18		By	SH		
Modified On		20-11-2011 13:43		By	SH		
Users		1					
Cases		17					
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	17	31	280	31			0



Objectos de referência.						Tree Node	
Description		Os objectos com que os entrevistados e seus filhos mais se identificam.					
Created On		05-05-2011 12:53		By	SH		
Modified On		20-11-2011 13:10		By	SH		
Users		1					
Cases		20					
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	21	231	21			0

Objectos de referência. \Ligados a África							Tree Node
Description		Quando os entrevistados fazem referência a objectos que estão ligados a África.					
Created On		22-05-2011 21:42	By	SH			
Modified On		23-10-2011 18:02	By	SH			
Users		1					
Cases		3					
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	3	3	52	3			0

Objectos de referência. \Geral							Tree Node
Description		Quando os entrevistados fazem referência a objectos banais do dia-a-dia.					
Created On		22-05-2011 21:45	By	SH			
Modified On		20-11-2011 13:10	By	SH			
Users		1					
Cases		13					
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	13	13	148	13			0

Objectos de referência.\Nenhum							Tree Node
Description		Quando os entrevistados não identificam nenhum objecto quando questionados sobre o objecto com que os filhos mais se identificam.					
Created On		15-10-2011 15:46		By	SH		
Modified On		23-10-2011 16:29		By	SH		
Users		1					
Cases		5					
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	5	5	31	5			0





## Necessidade de respeito pela cultura de origem Tree Node

**Description** Se os entrevistados consideram importante ou não, o respeito pela cultura Cabo-verdiana, por parte da sociedade em geral.

**Created On** 05-05-2011 19:49 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:43 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 18

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	18	18	647	18			0

## Necessidade de respeito pela cultura de origem\Sim Tree Node

**Description** Quando os entrevistados declaram ser importante que a sociedade respeite a sua cultura de origem.

**Created On** 05-05-2011 19:50 **By** SH

**Modified On** 20-11-2011 13:43 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 16

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	16	16	595	16			0

## Necessidade de respeito pela cultura de origem\Não Tree Node

**Description** Quando os entrevistados acham que não é importante.

**Created On** 05-05-2011 19:52 **By** SH

**Modified On** 28-10-2011 19:03 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 2

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	2	2	52	2			0

## Afirmações Gerais sobre Cabo-verde Tree Node

**Description** Tudo que for dito sobre Cabo-verde, que não estiver especificamente identificado numa outra categoria.

**Created On** 22-05-2011 21:50 **By** SH

**Modified On** 28-10-2011 19:30 **By** SH

**Users** 1

**Cases** 12

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	12	27	994	27			0



**Características gerais do povo português.****Tree Node****Description** De que forma os entrevistados caracterizam o povo português.**Created On** 17-09-2011 14:36 **By** SH**Modified On** 23-10-2011 17:58 **By** SH**Users** 1**Cases** 3

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	3	3	73	3			0

**Rituais e Rotinas****Tree Node****Description** Referência a Rituais Culturais e Familiares.**Created On** 19-11-2011 20:56 **By** SH**Modified On** 20-11-2011 13:45 **By** SH**Users** 1**Cases** 20

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	161	3670	161			0

**Rituais e Rotinas\Rituais e Rotinas Familiares****Tree Node****Description** Tudo que diga respeito a Rituais Familiares.**Created On** 19-11-2011 20:58 **By** SH**Modified On** 20-11-2011 13:45 **By** SH**Users** 1**Cases** 20

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	136	2729	136			0

**Rituais e Rotinas\Rituais Culturais****Tree Node****Description** Tudo o que diga respeito a Rituais Culturais.**Created On** 19-11-2011 20:58 **By** SH**Modified On** 20-11-2011 13:45 **By** SH**Users** 1**Cases** 20

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	20	64	1748	64			0

